



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UFJF/UFV**

WALBER COSTA DA SILVA

**MULHERES NA LIDERANÇA:
cenário, desafios e oportunidades para treinadoras no voleibol brasileiro**

JUIZ DE FORA

2022

WALBER COSTA DA SILVA

MULHERES NA LIDERANÇA:

cenário, desafios e oportunidades para treinadoras no voleibol brasileiro

Dissertação apresentada ao PPGEF – Mestrado em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Exercício e Esporte.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ludmila Nunes Mourão

JUIZ DE FORA

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Walber Costa da .

Mulheres na liderança: : cenário, desafios e oportunidades para treinadoras no voleibol brasileiro / Walber Costa da Silva. -- 2022. 300 f. : il.

Orientadora: Ludmila Nunes Mourão

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2022.

1. Mulher. 2. Treinadora. 3. Gênero. 4. Voleibol. I. Mourão, Ludmila Nunes, orient. II. Título.

WALBER COSTA DA SILVA

MULHERES NA LIDERANÇA:

cenário, desafios e oportunidades para treinadoras no voleibol brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Exercício e Esporte.

Aprovada em 27 de abril de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ludmila Nunes Mourão - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. João Paulo Fernandes Soares
Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares

Profª Drª Yara Lucy Fidelix
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Juiz de Fora, 31/03/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Ludmila Nunes Mourao, Professor(a)**, em 28/04/2022, às 19:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Yara Lucy Fidelix, Usuário Externo**, em 28/04/2022, às 20:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joao Paulo Fernandes Soares, Professor(a)**, em 29/04/2022, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.uffj.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0728645** e o código CRC **BE069C60**.

Dedico este trabalho à minha família, por sempre apoiarem minha trajetória com o voleibol.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me dar força e sabedoria ao longo de todo o processo de desenvolvimento do Mestrado, período de grande importância e aprendizado em minha trajetória acadêmica.

Aos meus familiares, por serem referências em minha vida, por tudo o que me ensinaram e por tudo o que sempre fizeram por mim, permitindo que eu chegasse até aqui.

À professora Ludmila Mourão, que desde a Graduação sempre me encorajou e orientou as minhas pesquisas com excelência, contribuindo imensamente na minha formação acadêmica.

Aos professores João Paulo Fernandes, Yara Lucy Fidelix, Gabriela Aragão Souza de Oliveira e Maria Elisa Caputo Ferreira pela oportunidade de parceria nesta dissertação, marcada por inúmeros aprendizados e que serão levados ao longo da minha vida profissional.

Aos professores Daniela Auad, Igor Chagas Monteiro e Claudia Condé pelo apoio ao longo das diferentes etapas relacionadas ao desenvolvimento desta dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em parceria com a Universidade Federal de Viçosa por tudo o que me ensinaram ao longo de todo o período em que estive inserido no Programa.

Aos colegas do grupo de pesquisa GEFSS/CNPq, pelas leituras e discussões desenvolvidas no decorrer deste estudo, as quais acarretaram em importantes contribuições para as ideias e a escrita deste estudo.

Às treinadoras que participaram do estudo, Irma Conrado, Helga Sasso, Vandelina Ribeiro, Agnes Rodrigues, Shirley Munch, Denize Diniz, Ieda Cervasio, Glauimar Abedanti, Mirtes Benko, Tatiana Silva, Francini Bravo, Nathália Fraga, Patricia Cremasco e Laila Silva, por terem doado seu tempo para a realização das entrevistas deste estudo, momento único e muito rico da pesquisa.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos, no qual pude completar mais uma importante etapa de minha formação acadêmica, e à CAPES e à Universidade Federal de Juiz de Fora pelo apoio financeiro.

“A maior recompensa para o trabalho do homem não é o que se ganha, mas o que ele nos torna.”
(John Ruskin)

SILVA, W. C. Mulheres na liderança: cenário, desafios e oportunidades para treinadoras no voleibol brasileiro. 2022. 300 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física, Exercício e Esporte) – Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa e Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

RESUMO

Este estudo busca analisar a participação das treinadoras no voleibol brasileiro e os desafios na construção de suas carreiras, descrevendo suas trajetórias e as experiências dessas mulheres que ocupam ou ocuparam o cargo de treinadora nas comissões técnicas, bem como reconhecer de que formas suas trajetórias se entrelaçam na construção do esporte nacional.

Este estudo de caráter qualitativo e descritivo utilizou como metodologia os referenciais e pressupostos da História Oral Temática. Mediante a utilização da técnica de *snowball* chegou-se ao número de 14 treinadoras, as quais participaram de uma entrevista individual semiestruturada e que consistiu na técnica de coleta de dados, realizada em formato *online*, no período de 17 de novembro a 17 de dezembro de 2020.

A partir das narrativas desse conjunto de entrevistas, percebemos que, em relação às práticas corporais e esportivas na infância e juventude, as brincadeiras de rua e as aulas de educação física foram importantes vias de acesso que demarcam o início dessa relação. As participantes do estudo se inseriram nas comissões técnicas de voleibol a partir de estágios realizados, os quais culminaram em convites posteriores para que elas dirigissem equipes em diferentes categorias de base. As treinadoras conseguiram se inserir nas categorias de base por apresentarem capacitação e demonstrarem competência para assumir cargos de liderança no voleibol, entretanto, para se inserirem na categoria adulta, enfrentam barreiras associadas a questões culturais e estruturais.

Concluimos que as treinadoras de voleibol que participaram deste estudo, ao se inserirem nas comissões técnicas do voleibol, quebraram barreiras, superaram dificuldades ao longo da carreira e contribuíram para ampliar a possibilidade de inserção das mulheres nesse campo profissional.

Palavras-chave: Mulher. Treinadora. Gênero. Voleibol.

SILVA, W. C. Women in leadership: scenario, challenges and opportunities for head coaches in Brazilian volleyball. 2022. 300 pages. Dissertation (Master of Physical Education, Exercise and Sport) – Department of Physical Education, Federal University of Viçosa and Faculty of Physical Education and Sports of the Federal University of Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

ABSTRACT

This study seeks to analyze the participation of female head coaches in Brazilian volleyball and the challenges in building their careers, describing their trajectories and the experiences of these women who occupy or have occupied the position of head coach in technical committees, as well as to recognize how their trajectories are intertwined in the construction of national sport.

This qualitative and descriptive study used as a methodology the references and criteria of Thematic Oral History. Through the use of the snowball technique, 14 coaches were used, as part of the use of an individual semi-structured interview, which consists of the data collection technique carried out in online format, from November 17 to December 17, 2020.

From the narratives of this set of interviews, we noticed that in relation to physical and sports practices in childhood and youth, street games and physical education classes were important access routes that marked the beginning of this relationship. The participants in this study joined volleyball coaching staffs through internships, which culminated in later invitations for them to lead teams in different base categories. The female head coaches were able to enter the youth volleyball coaching categories because they were trained and demonstrated competence to take on leadership positions in volleyball. However, in order to enter the adult category, they face barriers associated with cultural and structural issues.

We conclude that the female volleyball head coaches who participated in this study, by joining the volleyball coaching staff, have broken down barriers, overcome difficulties throughout their careers and contributed to expanding the possibility of inserting women in this professional field.

Keywords: Woman. Head coache. Gender. Volleyball.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Técnicos por regiões do Brasil - CBV.....	22
Figura 2 - Irma Conrado em arquivo pessoal no ano de 2018.....	108
Figura 3 - Helga Sasso em atuação pela Sogipa em 2016.....	114
Figura 4 - Vandelina Ribeiro em atuação pelo Voleibol Nova Trento em 2008.....	129
Figura 5 - Agnes Rodrigues em atuação pelo Esporte Clube Pinheiros em 2019.....	140
Figura 6 - Shirley Munch em atuação pelo São Paulo Futebol Clube em 2014.....	158
Figura 7 - Denize Diniz em atuação pelo Club Athletico Paulistano em 2019.....	167
Figura 8 - Ieda Cervasio em atuação pelo São Caetano em 2019.....	193
Figura 9 - Glaucimar Abedanti em atuação pelo São Caetano em 2018.....	202
Figura 10 - Mirtes Benko em atuação pelo Corinthians em 2019.....	212
Figura 11 - Tatiana Silva em atuação pelo Curitiba Vôlei em 2019.....	222
Figura 12 - Francini Bravo em atuação pelo São Caetano em 2017.....	241
Figura 13 - Nathália Fraga em atuação pelo ADC Bradesco em 2019.....	255
Figura 14 - Patricia Cremasco em atuação pelo Vôlei Renata em 2018.....	263
Figura 15 - Laila Silva em atuação pelo Vôlei Fátima em 2019.....	286

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil das treinadoras entrevistadas	22
---	----

LISTA DE SIGLAS

CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
CEME	Centro de Memória do Esporte
CEP	Comitê de Ética e Pesquisas
CND	Conselho Nacional do Desporto
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONAT	Comissão Nacional de Treinadores
CT	Comissão Técnica
EAD	Ensino à Distância
FIVB	Federação Internacional de Voleibol
FMU	Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas
FMV	Federação Mineira de Voleibol
GEFSS	Grupo de Estudos de Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGEF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UCV	Universidade Corporativa do Voleibol
UFV	Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PERCURSO METODOLÓGICO	19
2.1	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	19
2.2	PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	22
2.3	TÉCNICAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	23
3	ANALISANDO AS ENTREVISTAS	24
3.1	AS PRÁTICAS CORPORAIS NA INFÂNCIA E JUVENTUDE: da rua, dos clubes e da escola para as quadras e as questões de gênero.....	28
3.2	TRAJETÓRIA NA LIDERANÇA: cenário, desafios e oportunidades na carreira...	36
3.2.1	Inserção ao cargo de treinadora: as vias de acesso e objeções	53
3.3	RELAÇÕES DE GÊNERO NO VOLEIBOL: as treinadoras rompendo resistências e se tornando referências.....	63
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	94
	ANEXO I – Parecer CEP	103
	ANEXO II – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	105
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista	106
	APÊNDICE B – Entrevista Irma Conrado	108
	APÊNDICE C – Entrevista Helga Sasso	114
	APÊNDICE D – Entrevista Vandelina Ribeiro	129
	APÊNDICE E – Entrevista Agnes Rodrigues	140
	APÊNDICE F – Entrevista Shirley Munch	158
	APÊNDICE G – Entrevista Denize Diniz	167
	APÊNDICE H – Entrevista Ieda Cervasio	193
	APÊNDICE I – Entrevista Glaucimar Abedanti	202
	APÊNDICE J – Entrevista Mirtes Benko	212
	APÊNDICE K – Entrevista Tatiana Silva	222
	APÊNDICE L – Entrevista Francini Bravo	241
	APÊNDICE M – Entrevista Nathália Fraga	255
	APÊNDICE N – Entrevista Patricia Cremasco	263
	APÊNDICE O – Entrevista Laila Silva	286

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem a intenção de problematizar a posição da mulher em sociedade, adentrando o campo das práticas corporais e esportivas, observando que a manifestação das representações hierárquicas é marcada pela desigualdade de oportunidades, haja vista que, historicamente, às mulheres não foram concedidas as mesmas condições de acesso e participação que aos homens (COELHO, 2009; GOELLNER, 2005).

Analisando os processos históricos contemporâneos, verifica-se que a inserção, permanência e ampliação da participação das mulheres no campo esportivo brasileiro até meados do século XIX era interdita sob vários argumentos. É a partir das primeiras décadas do século XX que a participação delas se amplia, adquirindo maior visibilidade, porém, ainda com restrições impostas e diversos cuidados a serem seguidos¹ (GOELLNER, 2005).

Na década de 1980, a partir da forte contestação e percepção de que no entorno das práticas corporais e esportivas existiam muitas desigualdades de acesso entre meninos/homens e meninas/mulheres, o conceito de equidade de gênero entrou no debate e ganhou relevância. Nesse sentido, Xavier Filha (2009, p. 12) destaca “a condição de igualdade de direitos para os sujeitos, independente de gênero feminino ou masculino”. A equidade de gênero refere-se à tentativa de reparação histórica acerca de qualquer tipo de discriminação contra a mulher, estabelecendo a igualdade entre homens e mulheres com base no reconhecimento das necessidades e características próprias de cada gênero, especialmente se considerarmos as desvantagens e vulnerabilidade que as mulheres enfrentaram ao longo de sua história no esporte.

Nessa linha, os estudos atuais sobre as mulheres no esporte vêm mostrando que ao longo do tempo a falta de equidade na prática esportiva pelas atletas vem sendo enfrentada e até superada, através da observação de uma maior participação das mulheres em esportes, inclusive naqueles que antes eram proibidos a elas (ROMARIZ; VOTRE; MOURÃO, 2012; GOELLNER, 2013).

Essas interdições à participação esportiva feminina podem ser observadas a partir do Decreto-Lei nº 3.199/41 do Conselho Nacional do Desporto (CND), o qual apresenta em seu artigo 54: “Às mulheres não se permitirá prática de desportos incompatíveis com as condições

¹ Até meados do século XIX, a estrutura extremamente conservadora da sociedade não permitia às mulheres significativa participação no ambiente esportivo por considerá-las de natureza frágil. Com isso, alertavam para possíveis perigos atrelados a essa prática esportiva, como o da masculinização dos seus corpos e a possibilidade de tais práticas interferirem de algum modo na reprodução.

de sua natureza, devendo para este efeito o CND baixar as necessidades de instruções às entidades desportivas do País” (BRASIL, 1941).

No ano de 1965, através da deliberação número 7 do CND, ratifica-se a proibição esportiva às mulheres: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, *rugby*, halterofilismo e *baseball*” (BRASIL, 1965). Foi somente em 1979, com a revogação do Decreto-Lei número 3.199, que as mulheres realmente ganharam o direito de competir em todas as modalidades (MOURÃO, 2000).

Contudo, segundo o relatório “Movimento é Vida”, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), apesar dos avanços que a luta pela equidade de gênero tem conquistado, as mulheres ainda vivenciam dificuldades de acesso e oportunidade no que se refere às práticas corporais e esportivas.

Isso pode ser observado por meio dos dados da PNAD² 2015 contidos nesse relatório, os quais mostraram que, no público adulto, a probabilidade de os homens praticarem atividades físicas e esportivas é 28,4% maior do que das mulheres. Ainda segundo o relatório, caso fosse considerado o parâmetro da Organização Mundial da Saúde (OMS), composto por critérios mais rígidos, a diferença relativa de envolvimento nas práticas de atividades físicas e esportivas entre homens e mulheres aumentaria para 47,2%. No público de jovens escolares, essa diferença também foi observada: a proporção de mulheres jovens que praticam atividades físicas e esportivas pelo menos uma vez por semana é 30% menor que a dos homens jovens. Considerando os critérios mais rígidos adotados pela OMS, esse índice aumentaria para 44,1%.

Se a igualdade de gênero ainda não foi alcançada no campo da prática, conforme os dados apresentados pelos relatórios, também é possível observar que ainda há uma grande lacuna entre homens e mulheres na ocupação de espaços públicos, principalmente em relação aos cargos de liderança. Segundo a ONU Mulheres, organização dedicada à igualdade de gênero, somente 6,6% dos chefes de Estado no mundo são mulheres³.

Adentrando a gestão do esporte brasileiro, Mourão e Gomes (2004) apresentam que no Brasil apenas 14% do efetivo dos principais órgãos esportivos é formado por mulheres e somente 7% das federações esportivas são compostas por mulher na presidência. Pfister e Radtke (2007), ao tratarem das federações, destacam que 96% das presidências dessas

² Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

³ Disponível em: [women-in-politics-map-2020-en.pdf](https://www.unwomen.org/en/news/stories/2020/08/women-in-politics-map-2020) (unwomen.org). Acesso em: 15 ago. 2021.

instituições são conduzidas por homens, os quais também ocupam mais de 80% das posições importantes no esporte de alto nível e na estrutura financeira.

Permanecendo na análise dos cargos de liderança, mas analisando a presença das mulheres nas comissões técnicas, segundo o Comitê Olímpico Brasileiro (2011), a proporção de mulheres integrantes da comissão técnica brasileira nos Jogos Pan-americanos de 2011 foi de apenas 13%. Essa baixa representação evidencia que, assim como no campo da prática de atividades corporais e esportivas e na gestão do esporte brasileiro, as comissões técnicas também apresentam diferenças em relação à participação das mulheres comparativamente aos homens.

Todos os dados reforçam a importância de estudos que discutam a equidade de gênero no âmbito das mulheres na prática de atividades corporais e esportivas, portanto constitui o interesse deste estudo analisar a liderança/trajetória das mulheres como treinadoras no voleibol brasileiro.

A respeito das motivações que resultaram neste estudo, o ponto de partida corresponde à minha atuação com o voleibol. Desde o ano de 2016, atuo como treinador de voleibol em algumas das Associações Atléticas Universitárias⁴ na Universidade Federal de Juiz de Fora⁵. Em todo esse período de trabalho, ao participar de competições tanto em Juiz de Fora quanto em outras cidades no interior de Minas Gerais, observei poucas equipes de voleibol lideradas/treinadas por mulheres, fato que sempre me inquietou.

Paralelo aos trabalhos realizados como treinador do voleibol de mulheres, tive a oportunidade de realizar estágios em equipes profissionais⁶ em diferentes períodos e, na temporada 2020/21, atuei como analista de desempenho na equipe do Caramuru Vôlei, equipe masculina de voleibol do Paraná em disputa da Superliga A masculina. A experiência possibilitou a constatação, no nível adulto, da mesma realidade que é vista no desporto universitário: ausência ou baixo número de mulheres em cargos de liderança em equipes de voleibol⁷.

Adentrando na iniciação científica, desenvolvi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado: Trajetória de Mulheres no Voleibol Juiz-forano: narrativas da década de

⁴ Atléticas universitárias são associações formadas de maneira independente por estudantes de cursos ou áreas de formação específicas que tratam sobre assuntos esportivos.

⁵ Na UFJF, já trabalhei com as associações atléticas dos cursos: Artes e Design; Faculdade de Educação Física e Desportos; Instituto de Ciências Humanas; Instituto de Ciências Exatas; Economia; e Engenharia.

⁶ Realizei estágio na equipe do JF Vôlei, em disputa da Superliga A masculina – temporada 2012/13 e 2016/17; e Sada Cruzeiro Vôlei, em disputa da Superliga A masculina – temporada 2019/20.

⁷ A discrepância entre a ocupação dos cargos de liderança em equipes esportivas pode ser constatada em trabalhos de Gomes (2006); Pfister e Radtke, (2007); Oliveira e Teixeira (2009); e Reade *et al.* (2009).

1980, para obtenção do título de Bacharel em educação física pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Na perspectiva histórica, adotei a História Oral Temática como metodologia de coleta de dados. Todo o caminho metodológico percorrido para a elaboração desse trabalho me colocou diante de experiências ligadas às narrativas de mulheres atletas, experiência valiosa que gerou meu interesse por novos objetos de estudo nessa linha.

Essa oportunidade surgiu através da minha aproximação com o Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS/CNPq), liderado pela professora doutora Ludmila Mourão. Ao participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, associado entre a Universidade Federal de Juiz de Fora e a Universidade Federal de Viçosa, e ingressar no mestrado dentro da linha de pesquisa de Exercício e Esporte, pude mergulhar na leitura de textos e participar de discussões em nosso grupo, as quais me possibilitaram uma maior compreensão sobre o voleibol brasileiro e sobre os desafios que as mulheres enfrentam ao serem treinadoras de voleibol e outros esportes no Brasil.

Nessa ocasião, curiosamente, uma das leituras mais inquietantes e desafiadoras foi a de uma matéria publicada pelo Jornal Estado de Minas no dia 12 de novembro de 2019, data de estreia da Superliga Feminina na temporada 2019/20, intitulada: “Superliga Feminina começa com treinadoras ‘excluídas’ da competição; CBV ‘culpa’ as mulheres; especialistas rebatem”⁸. Uma das especialistas entrevistadas foi a coordenadora do nosso grupo de estudos, professora Ludmila Mourão, com a qual mantive conversas sobre essa matéria, o que acabou por despertar meu interesse pelo tema de estudo no voleibol de mulheres, com vistas ao desenvolvimento de um estudo que tratasse da temática da exclusão de mulheres nos cargos de liderança das equipes no voleibol nacional.

Nessa matéria, é apresentado o cenário de desigualdade de gênero vivenciado no voleibol brasileiro, no qual os cargos de comando e liderança das equipes profissionais são ocupados majoritariamente por homens, relegando as poucas treinadoras à atuação nas categorias de base. A constituição do esporte como ambiente machista; o estereótipo de que a produtividade feminina é menor que a capacidade de produção dos homens; e o receio dos patrocinadores em investir nas equipes comandadas por mulheres – a análise de tais elementos presentes na matéria jornalística ajudou na compreensão acerca das dificuldades enfrentadas pelas treinadoras na constituição de suas carreiras no esporte.

⁸ A matéria foi publicada em versão reduzida no Jornal Estado de Minas e publicado na íntegra na internet. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/volei/2019/11/12/noticiavolei_3131493/superliga-feminina-comeca-com-treinadoras-excluidas-da-competicao.shtml. Acesso em: 30 nov. 2019.

Corroborando com essa matéria, o Globo Esporte de São Paulo exibiu, no dia 07 de março de 2020, uma reportagem intitulada: “Dia da Mulher, capítulo 2: por que não há técnicas nos times de vôlei no Brasil?”⁹, na qual eram entrevistadas Tatiana Ribas (assistente técnica do Curitiba Vôlei), Sandra Mara Leão (ex-técnica do Araraquara), Isabel Salgado (ex-jogadora e técnica) e Ana Moser (medalhista olímpica). A família (maternidade), bem como a falta de referências (haver outras treinadoras além delas no meio esportivo), o desgaste emocional (cobrança por resultados) e o mercado restrito (poucas equipes e difícil inserção) foram aspectos tratados pelas entrevistadas que contribuem para a discussão acerca da ausência das treinadoras nas equipes profissionais e da inserção delas nas categorias de base.

Por fim, no dia 05 de junho de 2020, o Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) realizou um Webinar intitulado: “A mulher como técnica de voleibol”, com a participação das treinadoras: Cilene Drewnick, Denize Diniz, Mirtes Benko, Martha Cervi e Simone Fernandes. Cada participante fez uma apresentação sobre sua carreira e, em seguida, procedeu-se a um debate cujo tema versava sobre as mulheres em cargos de liderança no esporte, levantando e debatendo aspectos que foram ao encontro das duas matérias anteriormente destacadas, o que me desafiou ainda mais a estudar o tema.

Diante disso, neste estudo busca-se como objetivo primário analisar a participação das treinadoras no voleibol brasileiro e os desafios na construção de suas carreiras; e, como objetivos secundários busca-se descrever a trajetória e as experiências dessas mulheres que ocupam ou ocuparam o cargo de treinadora nas comissões técnicas, bem como investigar de que forma as trajetórias se entrelaçam na construção do esporte nacional.

É interessante destacar que, mesmo no voleibol, que historicamente é considerado um esporte “adequado às mulheres” por não ter contato físico e manter sua graciosidade afastando-as do rótulo de “masculinizadas”, elas não aparecem ocupando cargos de liderança. Ou seja, esse aumento quantitativo ou de visibilidade observado no campo da prática não é igualmente notado em cargos de liderança¹⁰ administrativa, como na posição de treinadora (ROMARIZ; MOURÃO, 2006; MARQUES JUNIOR, 2012; DAMO, 2007).

Assim sendo, a investigação se justifica pelo intuito de conhecer para reconhecer¹¹ a atuação de treinadoras de voleibol no Brasil, como forma de contribuição e ampliação da

⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8381114/?fbclid=IwAR3oSVTm5Jhd7J1adzuFgcpyP4SU4s5R1MB8-fyGxx8vEgAemTKJNtOd7tQ>. Acesso em: 12 mar. 2020.

¹⁰ Um dado que ratifica essa reflexão é apontado no estudo de Derós e Goellner (2009), segundo os quais, embora as mulheres constituam metade da população, suas representantes equivalem a 5% dos líderes mundiais.

¹¹ Conhecer histórias e trajetórias de mulheres é fundamental para reconhecer seu protagonismo nas modalidades (GOELLNER; KESSLER, 2018).

discussão na literatura específica dos estudos de gênero no esporte, conferindo visibilidade às mulheres que subvertem e resistem no campo da liderança esportiva.

O estudo organiza-se em capítulos. Na introdução, exponho a problematização, as minhas motivações, as questões norteadoras, os objetivos e a justificativa do estudo.

Em seguida, é apresentado o percurso metodológico, em que descrevo o tipo de abordagem do estudo, o processo de busca e identificação das treinadoras, bem como da utilização dos instrumentos e técnicas de coleta e análise das entrevistas.

No terceiro capítulo são apresentadas as análises das entrevistas, iniciando pela identificação da vivência das treinadoras com as práticas corporais e esportivas durante o período da infância e juventude; passando pela inserção delas nas comissões técnicas de voleibol, momento em que já são observadas as primeiras objeções na carreira; e finalizando com a exposição de reflexões sobre elementos que configuram a carreira de treinadora de voleibol, buscando interpretá-los com base nas relações de gênero identificadas.

Por fim, o quarto e último capítulo corresponde às considerações finais, em que se recapitulam as partes mais importantes do estudo e se expõem as conclusões, estabelecendo um diálogo entre os objetivos propostos e os resultados encontrados.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

O presente estudo apresenta abordagem qualitativa e caráter descritivo. Segundo Trivinõs (1987), a abordagem qualitativa de forma geral segue as etapas de escolha de um assunto ou problema, coleta de dados e análise das informações, na qual não há um sequenciamento rígido das etapas assinaladas e o pesquisador deve estar preparado para as possibilidades de mudança no caminho metodológico percorrido.

Neste estudo elencaram-se, como temática central, as trajetórias das treinadoras no voleibol brasileiro, com a finalidade de analisar a inserção e permanência das treinadoras nas comissões técnicas de voleibol, com atenção especial para as desigualdades de gênero. Diante dessa proposta investigativa, optou-se pelos pressupostos da História Oral Temática, uma modalidade da História Oral. Conforme Meihy e Holanda (2011) e Ichikawa e Santos (2003), a História Oral tem privilegiado a participação de uma diversidade de grupos, criando um canal de comunicação e ouvindo esses segmentos. Com esses grupos, objetiva-se apreender e registrar experiências e vivências de pessoas que estão dispostas a testemunhar ou que são convidados para, através da fala, transformar sua experiência em documentos escritos. Por sua vez, a História Oral Temática, segundo Branco (2020), centra-se no tratamento de um assunto específico e preestabelecido, objetivando a narrativa dos sujeitos vinculada a esses acontecimentos. No caso do presente estudo, tratar-se-á da trajetória esportiva das treinadoras e da construção de suas carreiras no campo do voleibol brasileiro.

As entrevistas constituem a base da História Oral Temática, e, dotadas de um caráter de objetividade, buscam, a partir de um assunto específico e preestabelecido, a opinião do/a entrevistado/a (MEIHY, 1996). Contudo, segundo Alberti (2002, p. 2), “uma entrevista contém não apenas histórias dentro dela, mas também análises e avaliações do passado e do presente, silêncios, interditos e toda uma série de elementos que podem informar sobre visões de mundo e elaborações subjetivas”. Cabe, portanto, ao pesquisador e ao entrevistado, acessar a subjetividade tanto para narrar, quanto para interpretar e se apropriar daquilo que foi narrado, ouvido e sentido no campo da pesquisa (SALGADO; FRANCISCATTI, 2014).

Ao oportunizar a manifestação das treinadoras que compõem o cenário atual no voleibol no Brasil, passaremos por suas trajetórias construídas na modalidade. Bourdieu (1996) preconiza que toda trajetória deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer

o espaço social, onde se exprimem as disposições do habitus e reconstitui-se a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos. Dessa forma, elucidar de forma fiel as experiências vivenciadas nas trajetórias das colaboradoras a partir dos discursos apresentados e suas interpretações possibilita maior conhecimento sobre determinados grupos e seus agentes sociais, permitindo um olhar mais apurado sobre os processos históricos e sociais nos quais essas mulheres/treinadoras estão inseridas (BECKER, 1993).

A realização das entrevistas foi iniciada em novembro de 2020, logo após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob o parecer nº 4.255.634 (Anexo I), e finalizada em dezembro de 2020. Todas as participantes foram previamente esclarecidas da natureza do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo II).

Após a definição da temática central em torno da trajetória das treinadoras de voleibol, elegemos a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada pode ser definida através dos seguintes aspectos:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

O roteiro de entrevista (Apêndice A), construído em conjunto com a orientadora do estudo para responder aos objetivos propostos pelo estudo, foi avaliado pelos membros do Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade da Faculdade de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal de Juiz de Fora (GEFSS-UFJF/CNPq).

O roteiro foi dividido em três blocos: o primeiro abordou as experiências com práticas corporais e esportivas na infância e juventude, caracterizando as vias de acesso e os locais onde ocorreram tais vivências, sendo estes elementos permeados por questões de gênero; o segundo versou sobre a inserção das treinadoras nas comissões técnicas de voleibol, momento em que já são observadas as primeiras objeções na carreira, sendo apresentados os desafios e as oportunidades construídas em sua trajetória no cargo de treinadora; e o terceiro tratou da exposição de reflexões sobre elementos que configuram a carreira de treinadora de voleibol, buscando interpretá-las com base nas relações de gênero identificadas.

A aproximação das treinadoras se deu por meio do envio de mensagem pelas redes sociais e via aplicativo de mensagem WhatsApp¹², convidando-as a participarem do estudo e explicitando os objetivos. A partir da concordância delas, foram enviadas novas mensagens consultando-as sobre o melhor dia e horário para a realização da entrevista. Todos os agendamentos foram efetivados sem necessidade de remarcação.

Uma vez que o período de realização da pesquisa ocorreu durante a pandemia do COVID-19, todas as entrevistas foram realizadas de maneira *online*, através da plataforma Google Meet¹³. As participantes receberam o link da sala virtual onde seria realizada a entrevista via e-mail e WhatsApp. Todas as narrativas foram gravadas através da própria plataforma. Segundo Flick (2013), as entrevistas *online* não comprometem a coleta de dados, portanto são reconhecidas e amplamente utilizadas no campo das pesquisas qualitativas, possibilitando ao pesquisador economia de tempo e custos e facilitando o alcance de pessoas que estão a grandes distâncias.

Para participar da reunião *online* pela plataforma do Google Meet, era necessário fazer login com uma conta do Google¹⁴. Todas as participantes do estudo possuíam essa conta, o que possibilitou o acesso delas à plataforma, e todas relataram que sabiam utilizar o Google Meet, fato que facilitou a realização das entrevistas. Outro ponto importante a se destacar é que pesquisador e treinadoras habilitaram o microfone e a câmera de seus dispositivos, possibilitando a interação de voz e imagem durante a entrevista. Quanto ao tempo de duração, a entrevista de menor duração ocorreu durante trinta minutos, e a realizada durante mais tempo teve duas horas de duração.

Após a finalização de cada entrevista, foi realizado o processo de transcrição dos áudios, seguindo as orientações do Manual Básico de Transcrição do Centro de Memória do Esporte (CEME)¹⁵. As entrevistas foram transcritas na íntegra, respeitando todas as formas discursivas apresentadas, entretanto houve a necessidade de uma adequação linguística e a transcrição de alguns termos de linguagem coloquial para a norma culta da língua portuguesa. Após o processo de transcrição, as entrevistas foram devolvidas às treinadoras por e-mail, para que pudessem avaliar seu conteúdo e reavaliar suas falas, com o objetivo de modificá-las ou de retificarem o

¹² WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com>>. Acesso em: 5 nov 2020.

¹³ Plataforma de videoconferências do Google.

¹⁴ Empresa multinacional que oferece serviços *online* e *softwares* para *download*.

¹⁵ O manual do CEME pode ser consultado na página do projeto “Garimpendo Memórias”, disponível em: https://www.ufrgs.br/ceme/site/projetos/pesquisa/1_Garimpendo_Memorias__esporte__educacao_fisica__lazer__e_danca_no_Brasil. Acesso em: 20 mar. 2020.

que julgassem necessário em seus depoimentos. Todas as treinadoras aprovaram suas entrevistas bem como autorizaram sua identificação nominal ao longo de todo o trabalho.

2.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Todas as participantes do estudo foram contatadas pelo pesquisador através de redes sociais e pelo WhatsApp. As quatorze treinadoras entrevistadas atenderam ao critério de terem trabalhado no passado recente ou de trabalharem atualmente com o voleibol no Brasil. A apresentação das treinadoras no Quadro 1 segue a ordem de idade das entrevistadas.

Quadro 1: Perfil das treinadoras entrevistadas

Participante	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Categoria Atual	Naípe
Irma Conrado	67 anos	Viúva	Especialização	Coordenadora	Categoria de Base	Feminino
Helga Sasso	59 anos	Casada	Especialização	Treinadora	Categoria de Base	Feminino
Vandelina Ribeiro	58 anos	Casada	Ensino Médio Completo	Coordenadora	Categoria de Base	Feminino
Agnes Rodrigues	55 anos	Divorciada	Especialização	Treinadora	Categoria de Base	Feminino
Shirley Munch	55 anos	Solteira	Ensino Sup. Incompleto	Coordenadora	Categoria de Base	Feminino
Denize Diniz	54 anos	Casada	Especialização	Treinadora	Categoria de Base	Feminino
Ieda Cervasio	53 anos	Casada	Especialização	Treinadora	Categoria de Base	Feminino
Glauçimar Abedanti	52 anos	Divorciada	Especialização	Treinadora	Categoria de Base	Feminino
Mirtes Benko	47 anos	Solteira	Especialização	Treinadora	Categoria de Base	Feminino
Tatiana Silva	44 anos	Solteira	Especialização	Treinadora	Adulta	Feminino
Francini Bravo	41 anos	Casada	Mestrado	Treinadora	Categoria de Base	Feminino
Nathália Fraga	40 anos	Solteira	Especialização	Treinadora	Categoria de Base	Feminino
Patricia Cremasco	32 anos	Casada	Especialização	Treinadora	Categoria de Base	Masculino
Laila Silva	26 anos	Solteira	Ensino Sup. Completo	Treinadora	Categoria de Base	Feminino

Fonte: dados do estudo.

Para a seleção das participantes do estudo foi utilizada a técnica de *snowball*. Segundo Coleman (1958) e Godman (1961), nesse tipo de técnica os/as participantes vão indicando outros/as amigos/as ou conhecidos/as para fazerem parte do estudo. Ao chegarmos ao número de quatorze entrevistas realizadas, identificamos que os discursos convergiam e estavam se tornando repetitivos, como iremos demonstrar nos capítulos de análise das entrevistas subsequentes, fato que fez com que definíssemos quatorze treinadoras como o número de participantes do estudo.

2.3 TÉCNICAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para analisar os dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo Qualitativa, definida por Bardin (2009) como um conjunto de técnicas que visam obter, por meio de procedimentos sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, as vivências e percepções dos sujeitos sobre determinado objeto e seus fenômenos.

Minayo (2007) sistematiza a Análise Temática de Conteúdo em três etapas: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/interpretação.

Inicialmente, foi realizada uma leitura flutuante das entrevistas transcritas. Em seguida, foi elaborado pelo pesquisador um quadro de análise em que se agruparam as respostas das entrevistadas de acordo com os temas, categorizados posteriormente em razão das características comuns desses elementos (BARDIN, 2011).

A partir dessa categorização, buscamos estabelecer relações entre as falas das treinadoras e fontes bibliográficas. A análise das entrevistas foi realizada considerando três categorias: i) as práticas corporais na infância e juventude: da rua, dos clubes e da escola para as quadras e as questões de gênero; ii) trajetória na liderança: cenário, desafios e oportunidades na carreira; e iii) relações de gênero no voleibol: as treinadoras rompendo resistências e se tornando referências.

3 ANALISANDO AS ENTREVISTAS

Iniciamos este capítulo apresentando os resultados encontrados no estudo a partir das entrevistas realizadas. Das quatorze treinadoras, sete não possuem filhos; duas possuem um filho; três possuem dois filhos; e duas possuem três filhos. Cinco são solteiras; seis são casadas; duas são divorciadas; e uma é viúva. A média de idade das treinadoras é de 49 anos: a mais velha tem 67, e a mais nova, 26 anos. É interessante destacar que a média de idade encontrada nas participantes do estudo representa uma certa experiência na carreira profissional delas com o voleibol, na medida em que apresentam uma média de idade elevada. Oliveira (2002), ao avaliar as representações sociais no comando de equipes esportivas em estudo realizado com dez técnicas esportivas de equipes de alto nível, das modalidades de natação, atletismo, ginástica olímpica, futebol, basquete, voleibol de quadra e de praia, encontrou uma média de idade de 47 anos, o que muito se assemelha a este estudo. Já no estudo de Ferreira *et al.* (2015) realizado com treze treinadoras brasileiras dentre as modalidades de natação, saltos ornamentais, ginástica aeróbica, judô, futsal, futebol, handebol e basquetebol, encontrou-se a média de idade de 45 anos das treinadoras, resultado que também se aproxima do encontrado neste estudo.

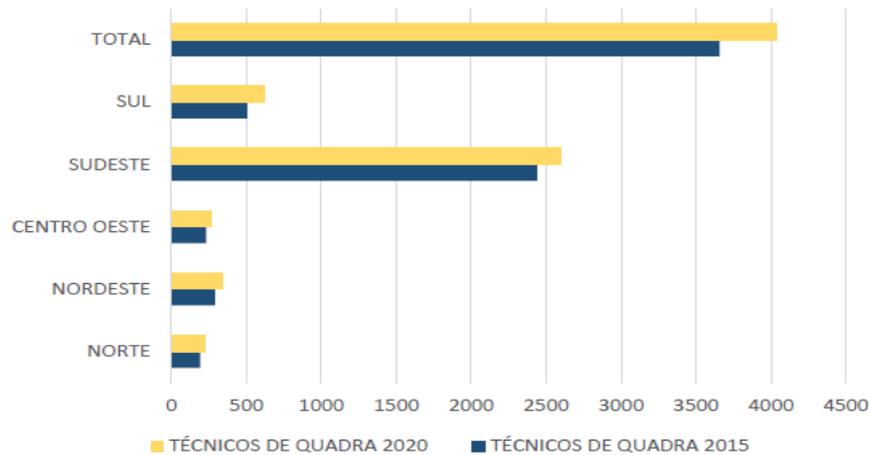
Dados quanto ao estado civil, aliados ao fato de metade das entrevistadas neste estudo possuírem filhos, contrapõem-se ao cenário encontrado em estudos recentes sobre as mulheres na função de técnicas esportivas de equipes de alto rendimento, carreiras que apresentam elevada carga horária de trabalho, em que é normal se passar muitas horas fora de casa, devido aos treinamentos, competições e viagens (FERREIRA *et al.*, 2013; NOVAIS, 2018). Por estarem em sua maioria inseridas nas categorias de base, as entrevistadas neste estudo apresentaram demandas de trabalho menores e mais flexíveis do que as treinadoras que atuam em equipes adultas e profissionais (GUIMARÃES *et al.*, 2009), possibilitando, portanto, mais tempo disponível para suas famílias.

Em relação à nacionalidade, treze treinadoras são brasileiras e apenas uma é estrangeira, nascida no Chile. Dado semelhante foi encontrado no estudo de Novais (2018), no qual, das nove treinadoras atuantes no futebol de mulheres brasileiro entrevistadas, oito eram brasileiras e uma era estrangeira, nascida também no Chile.

Em relação à naturalidade, dez treinadoras são de São Paulo, uma de Santa Catarina, uma do Rio Grande do Sul e uma de Brasília. Treze das quatorze treinadoras são naturais das

duas regiões que concentram o maior número de treinadores registrados no País, conforme os dados do sistema de registro da CBV apresentados na Figura 1, abaixo.

Figura 1 - Técnicos por regiões do Brasil - CBV¹⁶



Fonte: dados do estudo.

Quanto à escolaridade, observou-se um elevado grau de formação das participantes deste estudo: doze treinadoras possuem ensino superior completo, das quais dez possuem pós-graduação em nível de especialização e uma possui mestrado; uma possui ensino superior incompleto; e uma possui ensino médio completo.

Das doze treinadoras com ensino superior completo em educação física, duas relataram a realização de outra graduação além da educação física: uma em administração e a outra em pedagogia. Das dez treinadoras com pós-graduação, oito relataram o vínculo do curso ao voleibol, e duas vincularam a pós-graduação à Educação. A treinadora que está cursando a pós-graduação atualmente vincula a temática do curso à psicologia do esporte e a treinadora que concluiu mestrado teve o curso relacionado ao voleibol. Todas as treinadoras relatam a realização de cursos voltados ao voleibol.

O perfil de formação¹⁷ das treinadoras corrobora estudo de Ferreira *et al.* (2013), no qual, das treze treinadoras participantes, quatro apresentam ensino superior; seis apresentam especialização; duas, mestrado; e uma, doutorado. Em estudo desenvolvido com treinadoras de futebol, Novais (2018) também sinaliza para o alto nível de escolaridade das participantes, uma

¹⁶ Estes dados da CBV não fazem a distinção entre homens e mulheres.

¹⁷ No estudo de Torga (2019), desenvolvido com gestoras de futebol, também foi identificado alto nível de escolaridade nas participantes, as quais apresentaram diferentes formações: graduações e pós-graduações, ratificando os achados dos artigos citados, os quais destacam a escolaridade das treinadoras.

vez que todas apresentaram o nível superior em educação física. Outro estudo que apresenta alto nível de escolaridade das participantes é o de Braga (2021), realizado com dezenove profissionais do futebol feminino nas séries A-1 e A-2 no ano de 2019, em que todas as participantes tinham ensino superior; nove, especialização; quatro, mestrado; e uma, doutorado.

Ao descrever a trajetória de árbitras de futebol profissional no Brasil, Monteiro (2016) identificou alta escolaridade dentre as dez participantes do estudo, uma vez que oito possuíam ensino superior e uma possuía especialização. Ao descrever as trajetórias profissionais de mulheres que atuam em cargos de gestão no futebol profissional masculino brasileiro, Torga (2019) também identificou alto nível de escolaridade entre as participantes do estudo: dentre as quatro entrevistadas, todas possuíam ensino superior e três possuíam especialização.

Com base nesses estudos, é possível verificar que as mulheres que ocupam os cargos de liderança e na gestão esportiva apresentam alto nível de escolaridade, o que evidencia a importância da capacitação na construção de suas carreiras profissionais. Contudo, apesar da formação que apresentam, a remuneração proveniente de seus trabalhos na base do esporte nacional não faz jus à sua capacitação, sendo necessário por vezes que elas trabalhem em mais de um local (FERREIRA, 2012).

Quanto à atuação profissional, identificamos que onze atuam como treinadoras de voleibol e três como coordenadoras de voleibol. Sete treinadoras relataram também atuação profissional como professoras de educação física; duas, como personal trainer; e uma, em uma importadora. Ou seja, dez treinadoras acumulam outra atividade profissional junto com o voleibol. Em relação à baixa remuneração, a fala de Ieda ilustra a dificuldade enfrentada em viver apenas do salário recebido pelo trabalho com o esporte de base, no caso o voleibol:

Eu acho que não é possível viver só com o salário de técnica não, você tem que ter outra renda [...] um técnico muito famoso lógico ganha muito dinheiro, mas nas categorias de base o salário é baixo. (Ieda Cervasio)

A fala de Ieda vai ao encontro da menção de Mirtes à dificuldade salarial relacionada ao voleibol:

A base é muito mal remunerada. Eu acho que ainda muito pouca gente ganha dinheiro com esta carreira”, “a maioria dos técnicos possuem outro emprego, são pessoais ou trabalham em escola como eu. Eu digo que eu não consigo viver só do salário de técnica, não dá. (Mirtes Benko)

Os achados no estudo de Ferreira *et al.* (2015), que trata sobre a inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, ratificam os dados encontrados no presente

estudo. Quanto ao fato de a maioria das treinadoras deste estudo exercerem outra atividade profissional além do voleibol, Ferreira *et al.* (2015) também identificou em seu estudo que nove das treze treinadoras possuíam outra profissão¹⁸. Já em relação às falas sobre a desvalorização salarial, Ferreira identificou apenas quatro treinadoras satisfeitas, enquanto duas declararam ter dúvida e seis relataram insatisfação com a remuneração recebida.

Quanto à categoria em que atuam, das quatorze treinadoras de nosso estudo, treze trabalham na categoria de base. A única que trabalha na categoria adulta relatou atuar como assistente técnica na sua equipe. Tatiana menciona os desafios encontrados em seu trabalho nessa categoria:

Já conversei com algumas mulheres que trabalharam no profissional como estou hoje, já tive relatos de mulheres que não passaram por situações que eu passei, por exemplo atitudes machistas, porém teve mulheres que passaram por situações bem piores que a minha [...] eu me sinto como uma sobrevivente no meio, e sei que a hora que eu sair, vai demorar para vir outra e quando vier passará pelos mesmos problemas que eu passei e que outras passaram, e o ciclo vai se repetindo ano após ano, ciclo tão difícil de se quebrar. (Tatiana Silva)

Ampliando a discussão a respeito da exceção da inserção de treinadoras na categoria adulta e fazendo uma relação com a inserção na categoria de base, Helga relata:

Na categoria adulta, a gente realmente não tem espaço para poder trabalhar em alto nível. A gente briga, que nem você viu, fui dois anos campeã estadual e quando fomos para a Liga B eu fui tirada; é uma coisa que dói sabe, ver que suas oportunidades não são iguais, independente da tua qualidade como treinadora ou da sua capacidade, as oportunidades não são iguais em alto nível. Em categorias de base há muitas treinadoras, acho que é bem bacana, ter mais mulheres pela questão da paciência talvez, não que os homens não tenham; eu também não vou muito por este lado de ser homem ou ser mulher, de julgar se as mulheres são melhores ou se os homens são melhores, acho que não se tem as mesmas oportunidades. (Helga Sasso)

Para Kanter (1993), as treinadoras brasileiras possuem um status simbólico no comando esportivo nacional, o que pode ser visualizado através de dados trazidos por Oliveira (2002), a qual apontou que, no Brasil, em nove grandes clubes do Rio de Janeiro que contam com centenas de técnicos atuando, apenas 34 são mulheres, sendo que 22 delas atuam nas categorias de base. Dialogando com esse dado, em estudo mais recente, Guimarães *et al.* (2009) apresentam que as mulheres cresceram no campo da prática, embora não no comando de

¹⁸ No estudo de Silva *et al.* (2020), com 37 treinadoras de Portugal, 89% das entrevistadas informaram possuir outra profissão.

equipes de voleibol de rendimento, situação observada nas equipes nacionais e também nas do Estado do Rio de Janeiro.

Outros estudos mostram que essa realidade é observada não apenas no Brasil. Em estudo de Fernández e Ventura (2007), realizado na Espanha, do total de 777 técnicos, em 2002, 103 eram mulheres, o que corresponde a 13,26% do total, subindo para 22,12% em 2006. Na França, o estudo realizado por Chimot (2003 *apud* PINTO, 2009), com 143 federações, identificou que as mulheres correspondiam a 18,8% dos ocupantes de cargo de treinador nacional. E em estudo realizado o Reino Unido, foi verificado que elas representam somente 4% do total de técnicos nacionais de equipes femininas (NORMAN, 2010).

No que concerne à etnia, doze treinadoras se autodeclararam brancas e duas, pardas. A ausência de treinadoras negras no comando de equipes não reflete a miscigenação do País, e mostra uma realidade ainda marcada pela desigualdade, na qual as técnicas negras, ainda que sua capacidade seja incontestável, passam por muitas dificuldades no processo de inserção e permanência no comando de equipes (MAMEDE, 2018).

Após essa descrição do perfil das treinadoras entrevistadas, seguiremos com a análise do primeiro bloco de questões da entrevista, que retrata as experiências com práticas corporais e esportivas na infância e juventude, caracterizando as vias de acesso e os locais onde ocorreram tais vivências, sendo estes elementos permeados por questões de gênero. Na sequência, prosseguiremos analisando o bloco II, que aborda a inserção das treinadoras nas comissões técnicas de voleibol, momento em que já são observadas as primeiras objeções na carreira, sendo apresentados os desafios e as oportunidades construídas em sua trajetória no cargo de treinadora. Por fim, o bloco final de questões trará reflexões sobre elementos que configuram a carreira de treinadora de voleibol, buscando interpretá-las com base nas relações de gênero identificadas.

3.1 AS PRÁTICAS CORPORAIS NA INFÂNCIA E JUVENTUDE: DA RUA, DOS CLUBES E DA ESCOLA PARA AS QUADRAS E AS QUESTÕES DE GÊNERO

No tema das experiências com práticas corporais e esportivas na infância e juventude está contida a forma com que as treinadoras iniciaram suas vivências lúdicas na infância, as lembranças das aulas de educação física e, por fim, uma análise geral do seu período da juventude e adolescência.

Sobre o início das experiências com práticas corporais e esportivas, seis treinadoras relataram que suas vivências ocorreram através das brincadeiras na rua. Vandelina relata:

Sou da época que a gente brincava muito na rua, éramos muito ativos, brincadeiras como pega-pega, mata-mata, esconde-esconde, barra cinquenta e uma [riso], muita brincadeira a gente improvisava, nossa coordenação motora era adquirida de forma natural, escalando morros, árvores. (Vandelina Ribeiro)

As falas de Ieda e Irma ratificam os relatos de Vandelina, ao tratarem da relação entre o início de suas vivências com práticas corporais e as brincadeiras de rua:

Na minha infância a gente ainda podia ficar na rua, subia no morro, ia empinar pipa, andar de carrinho de rolimã entre outros, então assim, a minha mãe me proporcionou uma infância bem saudável, de subir em galho de árvore e tudo que as crianças não fazem mais hoje. (Ieda Cervasio)

Meu acervo motor foi desenvolvido naturalmente com as brincadeiras da infância. O início das minhas experiências com práticas corporais foi na infância com as brincadeiras de rua. Meu acervo motor foi desenvolvido naturalmente. (Irma Conrado)

No estudo de Melo e Rubio (2017), realizado com 444 atletas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos até a edição de Londres em 2012, observou-se que o início das práticas corporais e esportivas delas se associavam às brincadeiras de rua e às atividades da educação física escolar.

Corroborando os relatos das autoras mencionadas, no presente estudo as aulas de educação física escolar se destacaram como responsáveis pelas vivências com práticas corporais e esportivas na infância e juventude, o qual se constatou na fala de oito treinadoras, em cujos discursos é possível verificar a valorização da educação física e dos/as professores/as que tiveram:

Eu sempre gostei muito da educação física: sempre a hora da aula de educação física era a hora mais esperada do dia e da semana. Sabe, eu não sei te explicar até hoje o porquê é que eu gostava tanto, mas eu adorava esse contato com as habilidades motoras, com correr, brincar, saltar, não sei se é porque eu tinha muita facilidade com qualquer coisa relacionada a esporte, então eu me sentia bem, me sentia à vontade, era um lugar onde eu podia ser simplesmente eu mesma. (Denize Diniz)

Eu sempre gostei muito de esporte, gostava muito das aulas de educação física, então que eu me lembro desde a escola eu sempre gostei muito de jogar: jogava todos os esportes, participava de muitos campeonatos e com o tempo eu fui mostrando o talento um pouquinho mais apurado para o voleibol, e foi

quando a professora de educação física da minha escola – eu tinha dez anos – ela me encaminhou para um clube para eu treinar, e foi aí que eu comecei a jogar vôlei, e joguei até meus vinte e dois anos, vinte e três anos. (Agnes Rodrigues)

Dalsin e Goellner (2006), em estudo histórico que discorre sobre o voleibol gaúcho dos anos 1950 e 1960 e contou com a participação de mulheres praticantes dessa modalidade no período em questão, também encontraram relação das entrevistadas com a prática do voleibol nas aulas de educação física, a qual foi apontada como um dos fatores que as aproximaram da modalidade.

Outro ambiente que registra a prática corporal e esportiva das treinadoras em sua infância e juventude foram os clubes, e as práticas vivenciadas neste ambiente associam-se também a outras modalidades, conforme pode ser identificado na fala de Patricia:

[...] Desde pequenininha eu comecei com ginástica artística, depois eu saí da ginástica artística e fui fazer natação; fiz um bom período de natação, me inscreveram no basquete, mas no basquete eu não acertava a cesta por nada, não me identifiquei nem um pouco. Fiz uma semana de basquete, e surgiu uma vaga no vôlei, aí eu fiz a prática de vôlei neste mês de férias e foi onde eu me identifiquei, achei muito legal, muito desafiador, e a treinadora na época já me chamou para compor a equipe: eu me senti super importante, e nem voltei mais para a natação. Fiquei no vôlei mesmo. (Patricia Cremasco).

No estudo de Jaeger *et al.* (2010) com 21 mulheres que atuavam no esporte em Portugal, nas funções de treinadora, coordenadora esportiva, árbitra, oficial de mesa, dirigente e diretora técnica, todas mencionaram a inserção nas práticas corporais e esportivas associada a alguma modalidade, apontando a escola e os clubes como os locais dessas práticas, o que vai ao encontro do que apontamos e destacamos na fala de nossas treinadoras entrevistadas.

Em relação às brincadeiras, todas as treinadoras relataram que, durante sua infância, tiveram a oportunidade de vivenciar diferentes brincadeiras na rua, também conhecidas como brincadeiras tradicionais, as quais, conforme Friedmann (1995), servem como instrumento para o desenvolvimento das capacidades físicas, motoras, sociais, afetivas, cognitivas e linguísticas nas crianças.

Minha infância foi baseada nas brincadeiras de rua: amarelinha, cobra cega, polícia e ladrão, mãe da rua, entre outras. Jogava futebol, andava de carrinho de rolimã, jogava bolinha de gude, subia em árvore e brincava muito com meninos e meninas. (Irma Conrado)

Adorava brincadeira de rua [riso], coisa que a juventude de hoje não sabe o que é jogar taco, queimada, mãe da rua, jogar pião, soltar pipa, carrinho de

rolimã, velotrol, correr, brincar de esconde-esconde, de pega-pega, subir na árvore, coisas que hoje em dia não se tem. (Glaucimar Abedanti)

Conforme Pereira (2015), os brinquedos que as crianças possuíam antigamente eram mais escassos e menos diversos do que os atuais; além disso, o repertório de brincadeiras na atualidade vem sofrendo influência das novas tecnologias, uma vez que as crianças passaram a ter um “foco” de consumo, o que permite compreender o abandono – em parte – das brincadeiras tradicionais. Correlacionando tal dado com os relatos das treinadoras, é possível observar que, em suas infâncias, as tecnologias não se fizeram tão presentes em relação aos brinquedos e brincadeiras que vivenciaram:

Sempre brinquei bastante com “n” brinquedos; não tinha aqueles brinquedos que a gente vê hoje, mirabolantes; as bonecas que possuem mil e uma roupas, os brinquedos super tecnológicos [...] mas era bem divertido. (Patricia Cremasco)

A gente só ganhava brinquedos no Natal, e muitas vezes não era nem brinquedo, lembro de ter ganhado guarda-chuva, bolas, bonecas, bem diferentes dos atuais [riso] [...] mas o nosso brinquedo a gente muitas vezes fazia e aquilo virava nossas brincadeiras. Rolar morro abaixo com as cascas de palmeiras, balanços em árvores, banhos de rio, junto com os irmãos, vizinhos e parentes. E era assim que a gente se divertia: infância feliz. (Vandelina Ribeiro)

Em estudo de Wenz (2012) que problematiza como são atribuídos significados de gênero nas práticas corporais vivenciadas pelas meninas e pelos meninos, a autora identifica que há uma vinculação da brincadeira com o gênero. Entretanto, no presente estudo, nossas treinadoras desconstruem essa generificação atribuída às brincadeiras na infância e juventude, ao brincarem com brinquedos “ditos” de modo estereotipado de meninos e meninas. A fala de Laila ilustra essa enunciação:

Na minha infância eu não tinha muito disto de brinquedo de gênero, eu brincava de tudo: boneca, carrinho, pipa, biloca chamada na época. (Laila Silva).

A fala de Ieda sobre as brincadeiras que praticava também reforça o contexto apresentado:

Eu brincava sim com brinquedo, eu acho que tanto com boneca que era as minhas e carrinhos do meu irmão, a gente brincava de casinha e na rua a gente brincava com os vizinhos de pega-pega, esconde-esconde, queimada e voleibol. (Ieda Cervasio)

As brincadeiras registradas foram vivenciadas em conjunto com a participação de familiares, vizinhos, colegas de escola e de clube, conforme ilustrado pela fala de Denize:

Eu brincava muito com as minhas colegas de bairro, que eram as minhas vizinhas, pessoal que a gente conhecia, com o pessoal da escola, porque era o pessoal que jogava comigo [...] parentes também. (Denize Diniz)

Sobrinho *et al.* (2019), em estudo que avaliou o desenvolvimento profissional de treinadores brasileiros medalhistas olímpicos, verificaram a destacada participação da família no processo de inserção das práticas corporais. De acordo com os autores, as aprendizagens através desse tipo de relação são capazes de proporcionar ao indivíduo os primeiros contatos com a cultura do esporte, através principalmente da construção de conhecimentos, crenças e valores. As participantes de nosso estudo seguiram nessa esteira e tiveram uma aprendizagem diferenciada em suas famílias que valorizara a experiência de vida ativa e esportiva entre as treinadoras.

Ratificando os achados de Sobrinho *et al.* (2019), outros estudos também têm evidenciado que familiares e amigos influenciam positivamente as crianças e jovens a ingressarem nas práticas corporais, sendo a família o maior responsável em proporcionar as primeiras experiências positivas, bem como as condições e recursos necessários para a manutenção da prática sistematizada (CAVICHIOILLI *et al.*, 2011; JOWETT; TIMSON-KATCHIS, 2005; CÔTÉ, 1999).

Outro apontamento que pode ser registrado a partir do relato das treinadoras em relação às vivências com práticas corporais que tiveram durante a infância refere-se às práticas esportivas. Sobre essa questão, Tatiana menciona:

Eu brincava com brinquedos dentro de casa, mas o meu maior brinquedo era bola, sempre foi bola, jogava bete, a criançada agora nem brinca muito, adorava caçador, então sempre estava envolvido uma bola de certa maneira, bolas de tamanhos diferentes fazia a minha alegria. Desde muito pequena por volta de nove, dez anos, eu já jogava voleibol no portão da minha casa que era bem baixo, então eu jogava com as minhas primas e os meus amigos. Essas eram as brincadeiras que eu lembro que mais gostava. Hoje é o mini vôlei que conhecemos e trabalhamos. (Tatiana Silva)

Shirley faz registro semelhante:

Era a época de brincar na rua: era bola, bola, bola. Eu joguei muito futebol na rua e as brincadeiras eram todas aquelas que hoje fazem falta: alerta, mãe da rua, pique-esconde, tudo o que você possa imaginar, mas o objeto de brinquedo era a bola. (Shirley Munch)

As vivências com práticas corporais e esportivas ocorridas na infância e juventude das treinadoras se assemelham aos achados de estudo realizado por Novais (2018) com treinadoras de futebol, segundo o qual a relação estabelecida com as práticas esportivas, seja de forma apenas recreativa ou através das aulas de educação física, data da infância de todas elas.

Em estudo de Monteiro (2016) realizado com dez árbitras de futebol, verificou-se que nove das dez árbitras tiveram experiências ligadas a práticas esportivas na infância, compreendendo as modalidades de futebol, futsal, voleibol, handebol e ginástica artística. Tais dados ratificam o que Tavares (2015) encontrou em estudo desenvolvido com onze jogadoras de voleibol, em que a maioria das atletas, antes de escolher o voleibol, teve contato com alguma prática esportiva na infância, como o tênis, o atletismo, o basquete ou a natação.

Outros estudos – como o de Ferreira (2012), ao estudar técnicas de variadas modalidades; o de Fernandes (2014), realizado com lutadoras; e o de Braga (2021), que analisou mulheres que ocupam diferentes cargos nas comissões técnicas de clubes de futebol profissional de mulheres – também evidenciaram forte envolvimento das mulheres com a prática esportiva desde a infância.

Os registros das práticas corporais e esportivas durante a infância e juventude, vivenciadas nas ruas, clubes e na escola, mostram que essas treinadoras contrariam a lógica da passividade¹⁹ com a qual se rotulam meninas e mulheres. Desconstruindo-se essa representação nesse grupo, conseqüentemente desafia-se a subordinação presente na sociedade brasileira, manifestada através dos ideais patriarcais²¹, que encontram lugares fixos para as mulheres ocuparem. Sua inserção no campo da prática, ao mesmo tempo que torna mais igualitárias as relações de gênero, demonstra serem esses espaços também ocupados por elas, além de superarem o mito da fragilidade feminina (MOURÃO, 2000).

Diante de questionamentos especificamente sobre as lembranças relacionadas às aulas de educação física, os relatos das treinadoras revelaram o gosto pelas aulas e a valorização do

¹⁹ A passividade está representada no sentido de o lar ser concebido como espaço natural adequado às mulheres. Esta concepção pode ser encontrada em autores como Jacques Rousseau, que acreditava que o espaço público era dedicado aos homens e o espaço privado e doméstico às mulheres (GUIMARÃES, 2005). De acordo com Perrot (1988) o sexo XIX levou a divisão de tarefas e a segregação sexual dos espaços, definindo-se que o lugar da mulher era o espaço da vida privada.

²⁰ De acordo com Whitaker (1993), as mulheres ainda não se libertaram da imagem de “rainha do lar”, e muito menos os homens se ofereceram para a divisão das tarefas domésticas, o que as leva a assumirem para si vários papéis, como, por exemplo, os de trabalhadora, dona-de-casa, esposa e mãe.

²¹ Autores como Jacques Rousseau acreditava que o espaço público era dedicado aos homens e o espaço privado e doméstico, às mulheres (GUIMARÃES, 2005). De acordo com Perrot (1988) o sexo XIX levou a divisão de tarefas e a segregação sexual dos espaços, definindo-se que o lugar da mulher era o espaço da vida privada.

trabalho realizado por seus professores, o que se traduziu em falas que destacaram o envolvimento que tiveram durante as aulas:

Eu amava ir para a escola nos dias que tinham aulas de educação física [riso], eu era muito apaixonada. Meu Deus, se eu chegasse na escola e por acaso faltava o professor e não tinha educação física, era uma frustração, para mim podia ter educação física todos os dias e olha que naquela época, muito diferente de hoje, era quadra de cimento, era no sol, era na chuva, era no sereno, mas sabe, não lembro de algo que me desestimulasse, eu sempre fui muito determinada, comprometida e disciplina na educação física. (Vandelina Ribeiro)

Eu sou apaixonada pela área da educação física justamente pelo o que a gente sempre fala: é o professor, ele é o diferencial para despertar esta paixão por fazer atividade física, por fazer a modalidade seja ela qual for. Os meus professores de educação física da escola foram muito bons e especificamente eu tive um que eu lembro o nome dele até hoje que é o professor Rubens, ele era uma pessoa que além de explicar muito bem sobre as modalidades que a gente estava aprendendo dentro da escola, ele fazia as coisas de modo que a gente se motivasse a estar ali. (Tatiana Silva)

Em estudo de Andres e Goellner (2018) com 15 atletas da equipe adulta de handebol de Caxias do Sul, verificou-se que o início da prática de todas elas com a modalidade se deu através do contexto educacional, nas aulas de educação física e escolinhas esportivas. Em consonância com esses achados, Novais (2018) identificou, em mais da metade das treinadoras entrevistadas de seu estudo, relatos de experiências de prática esportiva nas aulas de educação física.

A importância destacada em relação às aulas de educação física se estende também ao voleibol vivenciado durante a juventude, o qual foi considerado pelas treinadoras como um esporte importante em sua educação, conforme expresso na fala de Laila:

Eu iniciei na modalidade do voleibol aos onze anos e a partir daí eu nunca mais larguei, então o esporte a partir deste momento ele foi fundamental para minha vida principalmente em relação a educação, respeito aos mais velhos, pai e mãe, ser boa aluna, tirar boas notas, respeitar os mais velhos, os amigos de prática, enfim, da escola também, então eu acho que como criança e adolescente a prática esportiva foi fundamental na minha educação. (Laila Silva)

A fala de Laila dialoga com estudo de Sanches e Rubio (2011) que trata da prática esportiva como ferramenta educacional. Segundo as autoras, o esporte constitui uma das ferramentas mais eficazes para trabalhar com crianças e jovens, pois, além de ser uma atividade prazerosa e que traz diversos benefícios para a saúde, desenvolve diversos valores que podem ser transladados para outras esferas da vida.

Outro ponto importante a se destacar em relação às aulas de educação física é a construção de corpos fortes, que são corajosos, disputam a jogada, valores que se desenvolvem junto às meninas também, quando estas subvertem as normas da sociedade tão identificadas com o menino/masculino.

O voleibol foi praticado na juventude por todas as treinadoras, e, através de seus relatos é possível perceber uma rotina demarcada por grande envolvimento de tempo com as sessões de treinamento, o qual impactava na redução de tempo disponível para a vivência de outras atividades, como as escolares e de lazer, por exemplo:

Nesta parte da minha juventude, eu já comecei a jogar em São Caetano, aí eu não tinha muito tempo, porque eu saía da escola de manhã, trabalhava na loja do meu tio à tarde e ia jogar/treinar à noite, e depois do treino e o clube me levava para casa. Então eu não tive muito tempo, fiquei acho que uns três ou quatro anos assim. Depois eu comecei a jogar fora, então assim: juventude eu não curti muito; essas meninas vão para barzinho, balada, e isto eu não tive muito tempo para me divertir, porque eu já trabalhava, já jogava e estudava. (Ieda Cervasio)

Fui muito cedo para o esporte com sete anos, com nove anos eu já estava federada, então a minha adolescência e juventude foram dentro de ginásio: treinava muito, as vezes treinava em duas categorias; lógico que ia para alguma festa, alguma coisa, mas foi muito mais desenvolvida dentro do esporte mesmo, tinha muitos jogos, jogava duas categorias, era sábado e domingo sempre com muito jogo, era competição, então foi bem dentro da quadra mesmo. (Mirtes Benko)

Estudos recentes que tratam da dupla carreira de jovens atletas buscam compreender como eles conseguem conciliar as obrigações educacionais com as rotinas de treinamento, competições e viagens. O fato de as instituições esportivas acarretarem uma série de exigências a esses jovens implica dilemas para as instituições escolares. Diante disso, estudos como os de Rocha *et al.* (2019) e de Miranda, Loreno e Costa (2020) trazem importantes contribuições ao tema, ao não tratarem o esporte e a escola como instituições concorrentes, além de não colocar o esporte como obstáculo à dedicação à escola, evidenciando que é possível conciliar ambas as atividades, o que foi observado através dos relatos das treinadoras.

A familiaridade e o gosto pela prática esportiva foram elementos decisivos que mantiveram a ligação com o esporte das participantes do estudo de Jaeger *et al.* (2010). Dialogando com esses achados e com os apontamentos feitos pelas treinadoras participantes deste estudo, outros estudos como os de Ramos *et al.* (2011), Lemyre, Trudel e Durand-Bush (2007) e Wrigh, Trudel e Culver (2007) evidenciam haver uma relação entre a carreira de

treinador e experiências prévias de prática no esporte, o que vai ao encontro das trajetórias feitas por nossas treinadoras.

É interessante destacar que a família aparece como via de acesso, fortalecendo a relação das treinadoras com o esporte. A fala de Vandelina traz suas experiências esportivas na família:

Por ser de família (em) que gostavam de esporte eu fui me identificando. Desde criança eu via meu pai ouvir esporte pelo rádio, que na época era o meio de ficar por dentro das notícias, então aquilo foi me envolvendo e fui amando tudo que se referia para o lado esportivo. (Vandelina Ribeiro)

Patricia também corrobora esse discurso:

Eu tenho contato com o esporte, atividade física desde pequenininha. Meu pai gostava muito de futebol e ele sempre me incentivou à prática esportiva. (Patricia Cremasco)

Souza e Mourão (2011), no livro “Mulheres do Tatame: o judô feminino no Brasil”, mostram que os pais e irmãos foram responsáveis pelas primeiras experiências de meninas no Judô. No estudo de Tavares (2015), com jogadoras de voleibol, também se destaca o apoio das famílias às carreiras das atletas da Seleção Brasileira da década de 1980.

Relação semelhante também foi encontrada nos estudos de Monteiro (2016) e de Ramos *et al.* (2014), os quais identificaram que a família das árbitras favoreceu o início das experiências delas na arbitragem, e que, por influência direta dos familiares, os treinadores de surfe tiveram o primeiro contato com a modalidade, respectivamente.

3.2 TRAJETÓRIA NA LIDERANÇA: CENÁRIO, DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA CARREIRA

Partindo do princípio de que as treinadoras de nosso estudo apresentam sólida formação para atuar no voleibol e, em sua maioria, têm curso superior, com pós-graduação e mestrado, passamos agora a apresentar e discutir acerca da trajetória de liderança de nossas entrevistadas.

Adentrando a análise da trajetória como treinadora de voleibol, abordaremos o tema a partir de alguns itens considerados subtemas, os quais contêm a formação para o exercício da profissão através do curso de treinadores promovido pela CBV e de outros cursos de capacitação; a rotina, os episódios mais marcantes, as dificuldades encontradas na trajetória profissional e os objetivos profissionais.

Associações, federações e confederações ao longo dos últimos anos têm elaborado seus próprios programas de formação profissional (NORDMANN; SANDER, 2009; TRUDEL; GILBERT, 2006; WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007). Segundo Milistetd *et al.* (2017), as federações esportivas oferecem cursos de certificação para profissionais de educação física e desenvolvem conteúdos específicos direcionados à intervenção do treinador de rendimento em diferentes níveis de atuação.

Sobre os cursos de formação de treinadores promovidos pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), estudos mostram que, na segunda metade dos anos 1970, mais precisamente no ano de 1975, a CBV, em colaboração com as federações estaduais, passou a investir na formação de técnicos brasileiros através da organização de cursos ministrados por técnicos estrangeiros de renome no Brasil (BOJIKIAN, 1999; ROMARIZ; MOURÃO, 2006). Assim, foi fundada a Comissão Nacional de Treinadores (CONAT), departamento da CBV responsável por organizar os cursos de treinadores de voleibol de quadra e de praia, definindo suas normas e programas.

Desde o ano de 1975, a CONAT organiza os cursos de treinadores de forma ininterrupta, certificando os aprovados com o título de Treinador Nacional referente ao nível habilitado e registrando-os em sua Federação e na CBV, mediante o atendimento das normas legais estabelecidas para o exercício da profissão.

Os Cursos Nacionais de Treinadores de Voleibol de Quadra são divididos em quatro níveis (I, II, III e IV) e os alunos não podem cursar diferentes níveis com intervalo menor que seis meses, exceto por interesse explícito da Federação organizadora. O curso de treinador nível I apresenta uma única condição para participação, que é o aluno possuir no mínimo 18 anos de idade. Esse nível habilita o candidato aprovado a trabalhar na iniciação ao voleibol e na formação de jovens atletas.

O curso de treinador nível II possui três condições para participação, contudo o candidato precisa atender a apenas uma: possuir o nível I nacional ou internacional da FIVB; ter Licenciatura Plena ou ser Bacharel com aprovação na disciplina voleibol e com carga horária mínima de 40 horas; ou ser provisionado com especificidade em voleibol com 2º grau completo. Este nível habilita o candidato aprovado a dirigir equipes até o sub-20 no naipe masculino e até o sub-19 no naipe feminino.

O curso de treinador nível III apresenta duas condições para participação, das quais o candidato precisará atender a apenas uma: possuir o nível II nacional ou internacional da FIVB;

ou ser pós-graduado *lato sensu* em voleibol. Este nível habilita o candidato aprovado a dirigir equipe de qualquer nível em competições oficiais da CBV.

O curso de treinador nível IV apresenta uma única condição para participação: possuir o nível III nacional ou internacional da FIVB. O candidato aprovado é habilitado a dirigir equipe em competição estadual, nacional ou internacional, bem como a planejar, executar e avaliar programas para o voleibol nacional.

Além dos quatro níveis citados²², a CBV oferece anualmente, através da CONAT²³, cursos de atualização nos diversos níveis, realizados através de seminários e clínicas, que objetivam atualizar os treinadores nas áreas de treinamento, preparação física, técnica e tática, de acordo com o nível dos participantes.

Treze treinadoras que participaram deste estudo cursaram pelo menos um dos níveis do curso de formação de treinadores promovidos pela CBV. Delas, onze possuem o nível III, uma treinadora possui o nível IV e uma possui o nível II. A treinadora que relatou não ter cursado nenhum desses níveis ganhou um certificado de honra ao mérito por serviços prestados à CBV.

Além dos cursos de treinadores promovidos pela CBV através dos quatro níveis citados, uma treinadora relatou a participação em encontros de treinadores de base do Brasil, e outra treinadora mencionou a participação em um grupo de técnicos de referência, ambos também organizados pela própria Confederação. Ainda com base nos cursos de formação, houve o apontamento de uma treinadora em relação à realização de curso pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB).

De acordo com Mielke (2007), o percurso de aprendizagem do treinador se configura de maneira híbrida, marcado por diversas interações sociais, que podem ocorrer tanto em um contexto mais formal quanto em um contexto mais informal, em que prevalecem os interesses do próprio indivíduo. Ainda segundo a autora, os treinadores têm vislumbrado seus próprios caminhos para se tornarem e consolidarem como treinadores, resultando em um tipo de “currículo individual” ou “currículo personalizado” de aprendizagem em longo prazo.

Isso se evidencia pelo fato de que as treinadoras, além dos cursos oferecidos pela CBV, têm buscado²⁴ variados cursos e que abordam diferentes temáticas relacionadas ao trabalho com

²² De acordo com Whitaker (1993), as mulheres ainda não se libertaram da imagem de “rainha do lar”, e muito menos os homens se ofereceram para a divisão das tarefas domésticas, o que as leva a assumirem para si vários papéis, como os de trabalhadora, dona-de-casa, esposa e mãe.

e a carga horária prática é obtida através de encontro presencial, realizado durante um único final de semana.

²³ Apenas uma treinadora relatou não ter participado de outros cursos além dos promovidos pela CBV.

o voleibol, os quais são ofertados por diferentes instituições e em formatos variados. Sete treinadoras relataram terem feito cursos acadêmicos:

Fiz a pós-graduação em voleibol pela FMU e meu mestrado foi voltado para o voleibol. No decorrer também desta trajetória fiz alguns cursos: treinamento a longo prazo, por exemplo, até estatística no voleibol, então fiz alguns outros cursos que pudessem me auxiliar nestas áreas que a gente sabe que o voleibol ou o esporte mundial permeia. (Francini Bravo)

Fiz dez cursos de pós-graduação: voleibol, administração esportiva, MBA em marketing esportivo, treinamento na infância e adolescência, dentre outros. (Irma Conrado)

Essas informações trazidas acima vão ao encontro do estudo de Sobrinho *et al.* (2019). Os autores, ao revisarem sistematicamente a literatura brasileira sobre as fontes de aprendizagem dos treinadores brasileiros, encontraram que os cursos de formação acadêmica e os cursos de curta duração foram as situações de aprendizagem mais valorizadas pelos treinadores brasileiros nos estudos analisados.

O dado encontrado pelo autor vai ao encontro do estudo de Santos e Mesquita (2010), com 343 treinadores portugueses de diferentes modalidades, em que havia 142 treinadores (42,1%) com o ensino médio completo, 154 treinadores (45,7%) com ensino superior em educação física e 41 treinadores (12,2%) com outras formações superiores. Facundo *et al.* (2019), em estudo que contou com a participação de 34 treinadores e uma treinadora, encontraram que 97,1% possuíam graduação em educação física, 65,7% concluíram cursos de especialização, 22,9% finalizaram cursos de mestrado e 85% realizaram curso de formação complementar. Diante desses dados, evidencia-se que a formação tem contribuído para a qualificação da atuação no comando de equipes esportivas por homens e mulheres.

Outro ponto de destaque na fala das treinadoras se deu em relação à participação em cursos internacionais. Patricia comenta:

Realizei um curso internacional de voleibol, o ciclo de palestras internacional que promoveram agora de Portugal; o ano passado teve o curso internacional também lá no Paraná. (Patricia Cremasco).

Denize também apresenta os cursos internacionais que teve a oportunidade de cursar:

São inúmeros cursos. Eu fiz alguns cursos internacionais. São inúmeros cursos relacionados não só ao voleibol, como a psicologia do esporte, a fisiologia.

Fora isto, outras coisas relacionadas, como correção postural, pilates. (Denize Diniz)

A fala de Denize também sinaliza que as treinadoras têm possibilidade de cursar outras temáticas que complementam o trabalho da treinadora de voleibol:

Tudo o que me relacionava ao esporte, ao exercício e que eu pudesse aplicar dentro do voleibol eu tento fazer e eu tento me atualizar. Então estou sempre fazendo alguma coisa, até parte de condicionamento físico: tudo isto estou sempre tentando me atualizar para eu poder inclusive acompanhar aquilo que é feito com as meninas. Hoje tenho procurado estudar muito sobre inteligência emocional, gestão esportiva e atualizações principalmente em voleibol de alto rendimento. Uma das coisas que jamais se deve parar de fazer é de se reciclar. (Denize Diniz)

Shirley também apresenta uma diversificação em relação às temáticas que teve a oportunidade de cursar:

Foram vários. Ao longo do tempo eu fiz vários. Tudo o que aparecia eu tinha esta curiosidade e esta necessidade de completar, sempre achando que estava me faltando alguma coisa. (Shirley Munch).

A diversidade de temas e de cursos se traduz em oportunidades disponíveis no processo de formação e capacitação das treinadoras, as quais se tornam sujeitos ativos na construção do próprio conhecimento (MILISTETD, 2015). Isso vai de encontro ao estudo de Mielke (2007), segundo o qual a aprendizagem do treinador parece não estar necessariamente ligada a determinada estrutura de conhecimentos e estratégias de ensino previamente definidas do que se deve aprender para se tornar um treinador.

Outro registro identificado na fala de uma treinadora indica a importância das plataformas *online* para os profissionais que buscam se capacitar. Patricia relata:

Essa pandemia, vamos ver pelo lado positivo, está cheio de curso “online”, porque talvez a gente não tivesse acesso, por exemplo, eu acho que seria muito difícil eu ir para Portugal fazer o curso, então eles divulgaram, e pelo lado positivo também as “lives”, estão sendo extremamente de um crescimento e de agregar muito, pelo menos para mim agrega demais: você assiste um pouquinho de uma, assiste um pouquinho de outra, e aí você vai conduzindo legal a forma que você gostaria de trabalhar. Estes cursos, estas “lives” que vão aparecendo a gente vai aproveitando a oportunidade. (Patricia Cremasco)

Sobre o recurso das plataformas *online*, Silva *et al.* (2014) destacam que a *internet* apresenta grande capacidade e velocidade na atualização dos mais variados assuntos, com a vantagem de nela poder-se ler, escutar e assistir a vídeos disponibilizados instantaneamente de

qualquer lugar do mundo. Diante desses fatores apresentados, estudos como os de Jarvis (2007) e de Trudel, Culver e Werthner (2013) afirmam que a busca por conhecimentos através da *internet* tem ganhado cada vez mais força. Contudo, cabe aos treinadores exercer senso crítico em relação aos conteúdos que visualizam no ambiente virtual (TOZETTO; GALATTI; MILISTEDT, 2018).

Sobre suas trajetórias na carreira como treinadoras de voleibol, estas informaram os clubes em que já atuaram na comissão técnica, os cargos e as categorias. Em relação aos clubes trabalhados, houve apontamentos para um único clube, dois clubes e mais de dois clubes na carreira. Dentre os apontamentos que destacam um único clube trabalhado, Mirtes relata: “*estou no Corinthians desde que eu comecei: estou no Corinthians desde 1994, então são vinte e seis anos lá*” (Mirtes Benko). Ieda também apresenta o vínculo extenso que possui com o mesmo clube na carreira: “*Eu só trabalhei em São Caetano como técnica, então eu já estou lá faz vinte e sete anos*” (Ieda Cervasio).

Em relação às treinadoras que sinalizaram para a atuação em dois ou mais clubes na carreira, destacam-se as oportunidades de transitarem por diferentes categorias. Agnes comenta:

Eu tenho praticamente vinte e cinco anos de profissão, então eu já trabalhei em todas as categorias, acho que eu só não trabalhei no juvenil. Geralmente a gente sempre começa por baixo, eu já trabalhei com escolinha que envolvia criança de nove, dez, onze anos, isto foi no Ypiranga; trabalhei com a categoria iniciantes que são crianças de doze anos, trabalhei por vários anos aí, uns dois, três anos, depois eu fui para o pré-mirim que são crianças de treze anos, fui para o mirim que são crianças de quatorze anos também trabalhando acho que por dois anos, isto tudo no Ypiranga. Aí eu fui para o Bradesco, trabalhei com o infantil e infante, infantil eu era a técnica e infante eu era assistente. No São Paulo eu voltei a trabalhar com o mirim e o infantil. Quando eu fui para o Pinheiros, foi aí que eu peguei o infante, que foi a primeira vez que eu trabalhei com o infante, então eu fiquei com o infantil, infante, e virei coordenadora desde a escolinha, de nove até os dezoito anos. Então eu já trabalhei com todas as idades, menos juvenil e adulto. (Agnes Rodrigues)

As categorias mencionadas pelas treinadoras em seus relatos evidenciam que a elas se oportuniza trabalhar desde as escolinhas – cuja faixa etária inicia por volta dos nove anos de idade – até o sub-21. Das participantes do estudo, apenas Tatiana está inserida atualmente em equipe adulta, participando da Superliga que constitui a principal competição de voleibol do País. Sua trajetória também é permeada por diferentes categorias:

Trabalhei em todas as categorias de base e equipes master. Iniciei na AABB24²⁵ com uma escolinha, no outro ano já conquistei minha primeira categoria, que participava de competições regionais e estaduais, fiquei nesse clube por oito anos. Depois que eu saí da AABB fui para o Círculo Militar, onde além de trabalhar com a base, iniciei um trabalho com o adulto feminino [...] porém mesmo trilhando esse caminho, acabei saindo do clube em 2012, por algumas desilusões profissionais. Acabei retornando às quadras em 2016, onde fui convidada para ser assistente técnica de uma equipe que participou da Superliga B - que dá acesso a Superliga principal de voleibol feminino - ficamos dois anos tentando a vaga, então em 2018 conquistamos a vaga tão sonhada e atualmente trabalho na comissão técnica da equipe Curitiba Vôlei que joga a principal competição do País, no voleibol feminino. (Tatiana Silva)

Apesar das dificuldades enfrentadas por essas treinadoras ao ingressarem e/ou permanecerem na categoria adulta, constatou-se que, através dos resultados obtidos nos trabalhos com as categorias de base, quatro treinadoras foram convocadas para atuarem como treinadoras ou assistentes técnicas nas seleções dos seus Estados e duas treinadoras tiveram experiência de trabalhar com jovens atletas²⁶ nos Estados Unidos.

De acordo com Clopton e Sagas (2009), a baixa representação de treinadoras nos níveis mais elevados de competição limita as possibilidades de carreira no esporte e reforça estereótipos sobre as capacidades de liderança das mulheres. Dialogando com os autores, para Shaw (2007), as treinadoras ocupam posições secundárias, ficando responsabilizadas pelas equipes infantis e/ou juvenis, em um contexto que se caracteriza de tal forma que o trabalho vinculado ao treinamento para a competição está associado à masculinidade, enquanto o ensino de habilidades esportivas voltadas para um caráter mais pedagógico vincula-se à feminilidade. Observa-se uma discriminação de gênero no modo como a sociedade e suas instituições tratam homens e mulheres e suas profissões, no caso de liderança no esporte.

Quanto ao naipe das equipes com as quais trabalham, das treze treinadoras que atuam em categorias de base, doze atuam com equipes femininas e uma atua com equipe masculina. A treinadora que atua com equipe adulta também atua com equipe feminina. Laila contextualiza seu trabalho com equipe feminina:

Sei muitas vezes da dificuldade que é para meninas conversarem com técnicos homens e alguns problemas inerentes deste relacionamento – e me chamava muito a atenção a questão do porquê tem tantos homens mexendo com o voleibol feminino sendo que é muito mais fácil para nós mulheres que sabemos o que acontece com elas, o que elas passam, é muito mais tranquilo para a gente lidar com isto e para elas também. (Laila Silva)

²⁵ Associação Atlética Banco do Brasil.

²⁶ As falas das treinadoras também apontam para a atuação como treinadoras universitárias e de equipes na categoria master.

A etapa da adolescência, de acordo com Fragoso e Vieira (2000), caracteriza-se por ser um período de profundas modificações biofísicas, as quais podem sofrer danos caso os treinamentos realizados não sejam adequados aos praticantes (FRÖHNER, 2001; MALINA, 2002). Nesse sentido, Guimarães *et al.* (2009), em estudo que teve como objetivo mapear a concepção dos treinadores sobre a formação das atletas no Estado do Rio de Janeiro, demonstrou que o comportamento deles, na maioria das vezes, não está associado a uma análise da etapa psicossocial vivenciada por suas atletas, e, sim, pelo fato de serem mulheres; ademais, os autores demonstraram que os treinadores também apresentam lacunas no conhecimento sobre os diferentes estágios de maturação humana. Diante disso, é possível compreender, de forma ampliada, a problematização realizada por Laila Silva.

Sobre a sua atuação profissional atualmente, os discursos apontam para uma rotina com muita demanda. Vandelina evidencia as inúmeras responsabilidades do trabalho que realiza:

Minha rotina é sempre muito intensa e corrida, sei da minha responsabilidade diante do projeto e tudo que envolve. Cuidar e manter a Associação, projetos, financeiro, patrocinadores, atletas, competições e tudo, mas não tem sido tarefa fácil; preciso muito tempo e muita dedicação. (Vandelina Ribeiro).

A fala de Laila reitera o discurso de rotina intensa:

De manhã aula na escola como professora de educação física e aí meus treinamentos iniciam a partir de treze horas e trinta minutos e a gente vai até as dezessete horas no treino para categorias diferentes e em dias alternados: geralmente segunda, terça, quinta e sexta é a categoria de quinze a dezessete anos, terça, quinta e sexta-feira a categoria de doze a quatorze anos. Geralmente tem alguns jogos durante a semana, mas os jogos são geralmente à noite, aí quando tem jogo a gente trabalha de manhã, dá treino à tarde e joga à noite, e aí vai a semana inteira. Final de semana também tem campeonato, aqui em Brasília a gente tem o que a nossa federação participa também, e na época antes da pandemia a nossa rotina era bem puxada²⁷, não ficava em casa não. (Laila Silva)

A caracterização da rotina do trabalho como intensa influencia diretamente na limitação de tempo disponível para a realização de alguma atividade acadêmica²⁸ paralela ao cargo de treinadora. Dez treinadoras admitiram não realizarem, no momento, qualquer atividade acadêmica; dentre elas, quatro apontaram que, em dado momento da carreira, conseguiram essa conciliação:

²⁷ Nos apêndices, é possível visualizar como os treinos são organizados ao longo das semanas (quantidade de treinos, carga horária, dentre outros elementos).

²⁸ Por atividade acadêmica, compreende-se aqui a realização de cursos como alunas ou como professoras.

O período em que conciliei o meu trabalho de treinadora com a faculdade foi um período bem legal, porque, por exemplo, na parte de treinadora no clube eu trabalhava de tarde e à noite, de manhã eu trabalhava na parte de estudar; foi aula EAD²⁹ mas se você não tiver um compromisso de estudar todo dia você não dá conta. Algumas coisas me ajudaram nos treinos, algumas visões, acho que a faculdade para mim de administração até na parte de gerenciamento dos atletas foi bem bacana, fortaleceu algumas crenças e abriu os meus olhos para outras coisas. (Helga Sasso)

Outras três treinadoras relataram a realização de cursos de formação relacionados à carreira de treinadora neste momento, e uma treinadora informou que irá iniciar um trabalho como professora em um programa de pós-graduação no curso sobre voleibol. Denize diz:

Eu não trabalho com a parte acadêmica, mas eu vou começar a trabalhar, que é aquilo que eu falei para você: eu fui convidada para dar aula na pós graduação do curso de voleibol da FMU³⁰. (Denize Diniz)

Lave e Wenger (1991) entendem a aprendizagem dos treinadores esportivos como uma prática social complexa e dinâmica em que o “aprender” é uma de suas características fundamentais, estabelecida no decorrer da vida. A formação dos treinadores permitirá de maneira ampla, portanto, a construção e a aquisição de conhecimentos, o que irá proporcionar aportes importantes e significativos para sua qualificação na intervenção do processo de treinamento e competição (DEMERS; WOODBURN; SAVARD, 2006).

Os episódios mais marcantes das carreiras das treinadoras são relatados em relação a diferentes acontecimentos que vivenciaram. Nove delas apresentaram as conquistas que obtiveram em competições como um episódio que marcaram suas carreiras:

Quando eu ganhei o primeiro título no Pinheiros, minha categoria infantil ela é tetracampeã, mas para você ver, eu demorei quase oito anos para fazer um trabalho sólido, um trabalho que desse um resultado, porque o que tem de bom lá no Pinheiros é que as meninas começam e elas prosseguem, então a gente consegue manter o mesmo grupo sabe, então a gente vai vendo uma evolução até que uma hora o resultado aparece, então são quatro anos que eu sou campeã na categoria infantil e isto também foi uma coisa marcante para mim porque mostrou o resultado de um trabalho que eu comecei sabe. (Agnes Rodrigues)

Depois quando eu tive a geração de 1984, 1985 e 1986 que tinham atletas muito habilidosas a gente ganhou tudo: ganhei campeonato Estadual, ganhei Taça Paraná, e eu fui treinadora dessas meninas de mirim até o infante. (Helga Sasso)

²⁹ Ensino a Distância.

³⁰ Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas.

A convocação dos atletas para as seleções estaduais e a seleção brasileira também caracterizou episódios que marcaram as treinadoras ao longo de suas carreiras, conforme se depreende da fala de Helga:

[...] ver o crescimento delas e ver que a gente conseguiu levar algumas jogadoras à seleção brasileira. (Helga Sasso)

Patricia também registra a ida de seus atletas para a seleção como episódio marcante na carreira:

Em 2015 foi um ano muito bacana também que os meninos começaram a ser chamados novamente para as seleções estaduais que há muitos anos a gente não estava mandando ninguém para a seleção estadual; e quando a gente teve um escopo do projeto, do que eu queria, eu tinha muito isto na ideia, de mandar os meninos para a seleção estadual, e dando um passo de cada vez a gente conseguiu inserir os meninos de novo na seleção estadual e isto é muito importante para a visibilidade do clube, para a visibilidade de nosso trabalho; em 2016 a gente foi coroado mandando um menino para a seleção de base, então querendo ou não o trabalho teve uma continuidade que para mim é muito gratificante. Muitas vezes a gente fala só de conseguir resultado, de alcançar resultados, mas o trabalho a longo prazo que a gente faz com estes meninos para mim é extremamente gratificante e o que coroa realmente é ver eles alcançando os sonhos deles, que é estar em uma seleção brasileira mesmo que de base. (Patricia Cremasco)

Além dos títulos em competições e de contribuir na formação de atletas de modo que despontassem a nível estadual e nacional e fossem convocados para seleções estaduais ou para a seleção brasileira, o fato de terem recebido a oportunidade para estarem a frente de uma equipe foi mencionado como um episódio marcante:

Teve a primeira equipe que trabalhei que era do time masculino da faculdade. Foi muito marcante por ter sido a primeira experiência e por ter sido com homens. Mas foi *muito legal*. Eles foram super bacanas comigo. Aí teve o Ibirapuera e que marcou por ter sido o primeiro emprego formal, com salário e no voleibol que eu tanto queria, além dos resultados muito bons que obtivemos para uma equipe que estava começando. (Francini Bravo)

Quando eu comecei a trabalhar, quando me foi dada a responsabilidade de trabalhar como técnica, de acompanhar o feminino para jogos foi para mim muito importante, eu acho que é um marco que a gente tem que você está conseguindo depois de tanto esforço. (Patricia Cremasco)

Os episódios apresentados pelas treinadoras dialogam com Hjälml *et al.* (2007) ao mostrarem que a profissão de técnica pode ser muito recompensadora. Contudo, os autores

também alertam para o fato de que a atuação como treinadora pode demandar muito da mulher e se caracterizar como frustrante. A esse respeito, Laila aborda um episódio negativo que vivenciou em sua trajetória:

Uma vez eu estava em um jogo e acabou que a gente perdeu o jogo, e o pai da menina desceu da arquibancada e começou a me agredir verbalmente, ficou bem exaltado e quase partiu para violência física, mas como a gente estava na escola inibiram a ação dele. (Laila Silva)

Episódios negativos como esse se somam a outras dificuldades encontradas na carreira e que foram apresentadas pelas treinadoras, evidenciando que suas trajetórias se construíram também por meio de muitos obstáculos. Uma delas, que influencia diretamente na realização do trabalho, refere-se a investimentos recebidos pelos projetos nos quais elas atuam:

A dificuldade é sempre assim, a gente ter patrocínio, porque categorias menores nunca tem patrocínio, depende muito de prefeitura [...] Gostamos de participar de vários eventos, inclusive fomos para Portugal e Estados Unidos, e nós não tínhamos era dinheiro. A parte monetária fica sempre complicada, e a gente vai atrás de patrocínio, faz bingo, rifa e tudo mais que precisar para arrecadar verba para a viagem. (Ieda Cervasio)

Dificuldade para a gente dar continuidade ao trabalho por falta de investimento, por falta de poder aquisitivo; esta foi uma dificuldade e querendo ou não está tudo interligado: se eu quero continuar trabalhando a gente precisa ter um suporte, então esta dificuldade algumas vezes a gente enfrentou. (Patricia Cremasco)

Ainda no âmbito de problemas em relação aos clubes em que atuam, houve menção à dificuldade em se formarem atletas para a modalidade. Nesse aspecto, Glaucimar assim se pronuncia:

Falta de mais crianças e adolescentes quererem participar de esportes, hoje competimos muito com a tecnologia, tira as crianças das vivências corporais, das brincadeiras, os pais às vezes preferem seus filhos dentro de casa para não correrem risco na rua e acabam incentivando muito mais celular, videogame, computador e o sedentarismo e a falta de incentivo está atrapalhando muito a busca de pessoas interessadas pela prática dos esportes. (Glaucimar Abedanti).

Agnes também percebe essa dificuldade no clube em que atua:

Enfrento um outro tipo de dificuldade que é lidar com uma situação assim de lidar com crianças com um nível cultural muito alto, então nenhuma menina lá pensa em virar jogadora de voleibol, que é uma coisa que me frustra muito, porque você está trabalhando para formar esta jogadora. (Agnes Rodrigues)

O início da carreira também foi apontado como uma dificuldade enfrentada pelas treinadoras. Shirley explicita sua percepção nesse sentido:

Dificuldade eu encontrei no começo quando eu comecei a trabalhar com a equipe, onde eu não tinha muita experiência, eu tinha a minha vivência de jogadora, e ao mesmo tempo precisava também provar que eu tinha condições de praticar aquilo, de desenvolver aquele trabalho. Então no começo era mais uma afirmação, aonde eu tinha que buscar muito para poder me firmar. (Shirley Munch).

Patricia também se manifesta nesse sentido, explicitando sua experiência:

Algumas vezes até de dúvida mesmo, de entender da capacidade, como eu disse anteriormente: “Mas uma técnica jovem?”. Depois em 2016, eu lembro até os anos, minha cabeça ainda está boa [riso], em 2016 fui questionada: “Mas como que pode uma técnica dirigir uma equipe masculina?”, até hoje eu não consigo entender qual que seria o empecilho, o impedimento, mas fui questionada e meu nome foi levado para a diretoria do clube, e ainda bem que dentro da diretoria do clube tem todo um suporte, então eles nem cogitaram a possibilidade de mudança. (Patricia Cremasco)

Apesar de Jaeger *et al.* (2010), em estudo que avaliou a trajetória de mulheres no esporte em Portugal, afirmarem que os percursos não são construídos apenas por vitórias e sucessos, identificou-se no presente estudo que a cobrança por resultados representa uma dificuldade vivenciada pelas treinadoras ao longo de suas carreiras. Nesse aspecto, Tatiana comenta:

Tive que gerenciar resultados, pois somos cobrados para ter resultado. (Tatiana Silva)

Mirtes também faz menção à cobrança por resultados, contudo admite que, não raro, essa atitude parte das próprias atletas:

A dificuldade que às vezes todo mundo tem é de passar um ano ou dois em uma fase ruim, que eu falo é que o esporte exige investimento, e tem anos que são muito apertados e a gente não consegue, aí você passa um ano ou dois com resultados piores, e aquela cobrança que parte da gente mesmo pelo primeiro lugar, de não virem, por mais que falem: “Não, não se pode pensar em competição”, ninguém quer um técnico perdedor”. (Mirtes Benko)

Outra dificuldade destacada pelas treinadoras diz respeito aos preconceitos sofridos. Laila comenta sobre situações que vivenciou em competições:

A primeira vez que eu participei de uma reunião técnica, por exemplo,³ e só tinha eu de mulher; já ouvi comentários ao ganhar um jogo, por exemplo, um

professor falar que não vai me cumprimentar porque eu sou uma mulher e ele não perde para mulher; já ouvi comentários de que era um cargo muito melhor executado por um homem, que uma mulher nunca vai ser tão excelente quanto um homem, e acho que basicamente a questão de ser minoria é uma coisa que sempre a gente tem que se acostumar em tudo o que a gente fizer, seja curso, palestra, enfim, congresso técnico, nós sempre vamos ser minoria; hoje em dia eu já acostumei, isto para mim é tranquilo, mas quando a gente está chegando no ambiente esse início dá um baque. (Laila Silva)

A fala de Tatiana também alude a situações de preconceito e discriminação com as quais teve de lidar:

A maior dificuldade que eu encontro é que o meio do voleibol é bem machista e eu já tive que enfrentar esse machismo [...] quando você se depara com situações por você ser mulher é muito difícil de lidar. Já enfrentei pessoas que falavam de uma forma comigo e tenho certeza que jamais falaria com um outro homem da mesma forma. Isso infelizmente é algo que mais me afeta. (Tatiana Silva)

Pode-se dizer que as percepções de Laila e de Tatiana respaldam o estudo de Mourão e Gomes (2004), segundo o qual o acesso aos cargos técnicos e diretivos ainda representa um dos maiores desafios para as mulheres dentro do cenário esportivo. Além disso, quando conquistam esses cargos, precisam enfrentar uma série de barreiras, sobretudo pela forma como as relações de gênero estão instituídas no mundo esportivo.

Embora não existam impedimentos escritos ou legislações que impeçam as mulheres de ascenderem na carreira esportiva, haja vista o Decreto-Lei 3.199, que vigorou de 1941 a 1979, algumas barreiras, ainda que invisíveis, dificultam tal transposição (PFISTER; RADTKE, 2007). Apesar disso, essas treinadoras permanecem na carreira e se atualizam através de cursos para aperfeiçoarem suas práticas, o que tem representado um diferencial no esporte e oportunizado a atletas a possibilidade de chegarem às seleções estaduais, assim como à seleção brasileira. Além dos resultados obtidos, seus relatos evidenciam que possuem novos objetivos na carreira, apesar de se sentirem realizadas pessoal e profissionalmente.

Duas treinadoras que tiveram a experiência de trabalhar nos Estados Unidos mencionaram seu desejo de retornar para atuarem novamente no País. Helga é uma delas:

Ter ido para os Estados Unidos foi uma coisa bem diferente para mim e foi uma experiência bacana, então eu gostaria de voltar porque eu não considero ter terminado o trabalho lá. (Helga Sasso).

Duas outras treinadoras admitiram atrelar seus objetivos na carreira à gestão no voleibol. Nesse sentido, Vandelina assim se manifesta:

Os meus objetivos como treinadora já alcancei, até porque hoje estou focando mais na gestão e administrar o projeto, esse é um sonho que eu ainda tenho muitos planos para o projeto: quero ter o meu centro de treinamento, com alojamento e toda estrutura para formação de atletas, buscar estes atletas com perfil para o voleibol, oportunizar estas meninas de cidades que não tem o voleibol para a gente trazer e formar. Este é o meu sonho ainda, é o que eu quero, mas eu quero ainda quem sabe um dia ter uma equipe na Superliga B primeiro, e assim por diante, sonho grande, tem muita coisa ainda para fazer, mas quero transformar o meu projeto em uma referência cada vez maior para que ele sirva de exemplo para outros projetos, outras iniciativas. (Vandelina Ribeiro).

A possibilidade de atuar com a seleção, seja do seu Estado ou a seleção brasileira, está explícita na fala de três treinadoras. Patricia comenta sobre esse objetivo:

Ser convocada para a seleção paulista e jogar um campeonato brasileiro foi uma das coisas que eu queria muito; e quem sabe ter a oportunidade de voltar. Em 2019 tive a oportunidade de ser convidada novamente, só que eu já estava grávida, então eu optei pela vida pessoal, mas quem sabe retomar, voltar para fazer o trabalho, fazer um bom trabalho e as portas se abram novamente. (Patricia Cremasco).

A formação de atletas é destacada por duas treinadoras. No entender de Shirley:

Os objetivos sempre foram a formação do atleta, os títulos foram consequência, mas hoje ver que foram atletas, algumas até chegaram nas seleções paulistas, brasileiras de base, e ter este reconhecimento delas, a gratidão que elas têm pelo quanto foi passado, pelo quanto foi ensinado, é a grande conquista. Meu objetivo maior hoje é continuar fazendo isto, sendo técnica ou coordenando profissionais para continuar este tipo de trabalho. (Shirley Munch).

Irma também relata esse objetivo profissional em sua carreira:

Mesmo tendo quarenta e sete anos de profissão continuo tendo objetivos profissionais e pessoais. O conhecimento é dinâmico, não para e a atualização tem que ser constante. O profissional precisa estar em contato com todas as inovações e atualidades que possam contribuir para a melhoria e aprimoramento de seu trabalho. Quero continuar contribuindo na formação de atletas e profissionais no voleibol. (Irma Conrado).

Na percepção de Lyle (2002), assim como de Trudel & Gilbert (2006), o trabalho com jovens apresenta variados contextos, os quais incluem desde o ensino para uma prática esportiva

recreativa até o desenvolvimento ou formação de jovens esportistas para a participação em condições formais na fase adulta. Assim, reforça-se a necessidade de a treinadora estar atualizada e em contato com todas as inovações que possam contribuir em seu trabalho, conforme destacado na fala de Irma Conrado.

Apenas duas treinadoras fizeram menção ao trabalho com equipe adulta como objetivo profissional. Nathália realiza atualmente trabalho com categoria de base, mas não descarta atuar na categoria adulta futuramente:

[...] me sinto realizada, mas sempre querendo mais. A questão é, todo mundo me pergunta se eu quero trabalhar com o adulto, este tipo de coisas, mas não é este o objetivo principal da minha carreira. Eu quero continuar trabalhando com categorias de base, ensinando, porque acho que essa é a minha função, é ensinar, mas me sinto bastante feliz com o que eu já conquistei, o que não quer dizer que eu não sonhe ainda, não queira mais, e mais, e mais, então ainda tem bastante tempo para viver isso aí. (Nathália Fraga).

Tatiana está inserida na categoria adulta e, ao comentar sobre seus objetivos profissionais na carreira, menciona a sua permanência na categoria:

Eu tenho orgulho e estou feliz pelo momento que estou vivendo, porque olho lá para trás e falo que estou onde gostaria de estar, porém não da forma como eu quero ainda. Eu sei que tenho que galgar muita coisa, tenho que trabalhar muito duro para me manter onde estou. Eu dei só o primeiro passo nesse universo do esporte onde tem muita gente boa, excelentes profissionais, mas estou batalhando para conquistar meu espaço e crescer profissionalmente. Tenho como objetivo também no alto rendimento, manter meus valores e os meus princípios, pois o ambiente propicia desvio de conduta e de caráter, por isso é muito importante manter os “pés no chão” para atingir as metas de uma forma saudável. Faço essa colocação de não perder meus valores, pois esse meio competitivo, onde se busca o resultado e se tem um mercado profissional muito restrito, você se depara com pessoas que ultrapassam alguns limites para conquistar o que querem. Penso que para conquistar seu espaço, seus objetivos, devemos fazer com honestidade esperando nossa hora chegar. (Tatiana Silva)

Fasting (2001) avalia que a existência de mais homens do que mulheres na função técnica está atrelada ao fato de o sistema das relações sociais tradicionalmente construído ainda discriminar os trabalhos como “adequados aos homens” ou “destinados às mulheres”. Além disso, a representação do esporte como um território onde os homens produzem e demonstram a sua masculinidade favorece a percepção, facilmente identificada em nível de senso comum, de que treinadores geralmente são homens, o que acaba por produzir certos questionamentos acerca das competências das mulheres nessa posição.

Esse desequilíbrio no número de treinadoras e treinadores também se reflete na ocupação de cargos nas comissões técnicas em diferentes categorias. Nesse contexto, Read *et al.* (2009) evidenciaram que a proporção de mulheres e homens como treinadores é semelhante em nível competitivo mais baixo, porém, a presença feminina vai declinando à medida que se aproxima do alto rendimento. Esse achado se relaciona aos dados encontrados no presente estudo, como o fato de apenas duas treinadoras destacarem a categoria adulta como objetivo na carreira.

Cinco treinadoras relataram não realizar outra atividade profissional além do trabalho como treinadora de voleibol. Duas treinadoras citaram desempenhar o trabalho como treinadoras de voleibol em outras instituições; uma treinadora mencionou atuação com outra modalidade esportiva, também como treinadora; três treinadoras relataram a atuação como professoras de educação física, tendo duas o vínculo com o Estado; uma treinadora atua como *personal trainer* nos horários vagos dos treinos de vôlei; e uma treinadora atua no segmento de vendas em uma importadora.

Agnes menciona o trabalho doméstico como uma atividade realizada paralelamente ao trabalho de treinadora:

Faxineira, passadeira, cozinheira [riso], eu faço tudo em casa, então acho que além do trabalho você tem este outro trabalho que ninguém valoriza que é o trabalho da sua casa, de você cuidar da sua casa, de cuidar da sua família. (Agnes Rodrigues).

Essa conciliação entre a atuação profissional e os afazeres domésticos é descrita por Whitaker (1993) da seguinte forma: “Cabe somente à mulher conciliar o inconciliável: ser mãe, esposa, governanta, administradora da comida, serviçal dos filhos e, ao mesmo tempo, profissional” (p. 80). Problematizando tais demandas, Lazear e Rosen (1990) alegam que a simples suposição de que as mulheres possuem tarefas maiores do que os homens em atividades domésticas amplia a desvantagem da mulher no mercado de trabalho, acarretando a contratação de um maior número de homens pelas empresas.

Cabe ainda outra problematização quanto ao salário recebido por essas treinadoras no exercício da profissão, o que de certo modo justifica as outras atividades profissionais que realizam paralelamente. Apenas quatro treinadoras relataram que o valor recebido lhes possibilita viver apenas do voleibol, apesar de seus discursos admitirem não ser essa uma realidade de todas as treinadoras. Shirley diz:

No meu caso eu vou dizer que eu ganho relativamente bem, e dentro de um processo que eu pude permanecer apenas de voleibol e apenas no São Paulo, então eu consigo levar esta profissão somente, porque eu vejo que tem muitos profissionais que precisam trabalhar em três, quatro lugares, então vai depender também do nível de vida que cada um necessita levar. Alguns eu sei que ganham muito mal e alguns ganham bem por conta das instituições que estão, mas eu tive uma trajetória de início boa que foi constantemente valorizada me permitindo continuar só desta forma. (Shirley Munch)

Duas treinadoras mencionaram que o salário necessário para viver do voleibol depende do estilo de vida adotado. Agnes relata:

Essa coisa de dar para viver do vôlei eu acho que depende, eu consigo viver embora eu tenha a minha profissão como “personal trainer” [...] acho que se eu tivesse que viver só do vôlei hoje eu viveria, porque como eu te falei, eu não tenho filhos, tenho uma vida mais simples, mas se você for pensar em uma mãe com dois filhos, depende, que talvez tenha gastos que eu tenho, talvez seria mais difícil” (Francini Bravo). Agnes corrobora com a fala da Francini: “para viver do voleibol depende de quantos filhos você quer ter, dentro da vida que você quiser levar dá para viver, mas não é uma vida de luxo, é uma vida sem viagens, é uma vida assim com o dinheirinho contado, bem contado”. (Agnes Rodrigues)

Já para oito treinadoras o salário recebido pelo trabalho como treinadora não possibilita a elas viverem apenas do voleibol. A seguir, o relato de uma delas:

Não dá para viver só de professora de voleibol, não dá, não tem como, você tem que conciliar com outra profissão porque mulher daqui a pouco a gente tem mais gasto, tem filho, tem casa, tem outras coisas e hoje com o salário que eu tenho não dá para viver como técnica de voleibol, eu tenho que agregar outras funções, mas não sei como vai ser futuramente, por enquanto ainda não. (Laila Silva)

O baixo salário proveniente da atuação como treinadora corresponde a um dado encontrado em estudos presentes na literatura. Braga (2021) identificou que apresentavam salários baixos todas as dezenove mulheres que atuam no futebol de mulheres profissional e que participaram de seu estudo. Na pesquisa realizada por Novais (2018), com treinadoras de futebol, a maioria das participantes relatou considerar a remuneração proveniente de sua função como aquém do ideal. Já o estudo que Ferreira (2012) realizou com treze treinadoras de diferentes modalidades revelou que seis delas estavam insatisfeitas e duas ficaram em dúvida em relação à sua satisfação quanto ao salário recebido.

O baixo salário e a consequente necessidade de atuar em mais de um local é um dado sobre o qual o presente estudo e os achados de Novais (2018) e Ferreira (2012) dialogam. Este

estudo verificou que oito dentre as quatorze treinadoras desempenham outra atuação profissional. Já em Novais (2018), percebe-se que, de um grupo de nove treinadoras entrevistadas, apenas duas atuavam exclusivamente na função de treinadoras; as demais relataram acumular dupla ou tripla função para subsistirem. E, no estudo de Ferreira (2012), das treze entrevistas, nove possuíam outra ocupação, inclusive havia treinadoras que eram técnicas de seleções brasileiras.

3.2.1 Inserção ao cargo de treinadora: as vias de acesso e objeções

Após a análise sobre as experiências com práticas corporais e esportivas na infância e na juventude, passamos para o bloco II, que versa sobre a inserção e trajetória como treinadora de voleibol. Adentrando inicialmente a análise da inserção como treinadora de voleibol, o tema contém a maneira pela qual se deu a aproximação e os motivos que as levaram a dedicar-se profissionalmente a essa função; as inspirações e o apoio de familiares e amigos contidos nesse processo; além de sua percepção sobre preconceito e discriminação ao ser feita essa escolha de carreira profissional.

Sobre a forma como se deu a aproximação com o voleibol e a função de treinadora, oito treinadoras relataram que o início de sua atuação profissional na modalidade ocorreu através da oportunidade que receberam de estagiar em clubes e escolas, sendo posteriormente feito a elas o convite para estarem à frente das equipes:

Quando eu estava com dezenove anos mais ou menos, na época do terceiro ano de faculdade, eu fiz a minha faculdade em quatro anos, a minha irmã já era técnica e estava sendo montado um projeto no clube em que ela trabalhava, aí eu comecei a ir lá para fazer um estágio e ajudava no início do projeto. Começou a surgir a oportunidade de dar algumas aulas e aí começou a minha carreira ali: foi substituindo professor na escolinha de esportes, e aí como estagiária. (Mirtes Benko)

Fui chamada no Colégio Marista Nossa Senhora da Glória para trabalhar com educação física e ser estagiária, ser assistente técnica de voleibol. Comecei a trabalhar, daí o professor foi mandado embora e eu assumi as turmas de voleibol, comecei a aparecer dentro de campeonatos escolares com equipes boas, aí o clube me chamou para trabalhar. (Agnes Rodrigues)

Segundo Schinke, Bloom e Salmela (1995), através das primeiras experiências como instrutor, auxiliar técnico, estagiário ou monitor, o profissional define ou aprimora sua capacidade para assumir o papel de treinador. Ratificando a percepção desses autores, Braga

(2021) identificou a inserção profissional nas carreiras dentro das comissões técnicas através da realização de estágio pelas treinadoras participantes de seu estudo.

Outros autores também destacam a importância dessas experiências iniciais: Cassidy, Jones e Potrac (2004), ao tratarem dos fundamentos sociais e culturais que envolvem a carreira de treinadores; Cushion (2006), ao avaliar treinadores esportivos escolares; Gilbert & Trudel (2001), em estudo com treinadores da categoria juvenil; e Cushion, Armour e Jones (2003), ao examinarem a formação de treinadores. Segundo esses pesquisadores, ao observar o treinador experiente (mentor), o treinador mais jovem é influenciado, aceita e aprende, voluntaria ou involuntariamente, modelos de intervenção mais elaborados, principalmente quando ainda está ingressando na carreira profissional.

Outro apontamento realizado pelas treinadoras sobre o início da atuação profissional com o voleibol destaca a carreira como atletas da modalidade. Tal registro se observa na fala de seis treinadoras.

Me desenvolvi como atleta de alto rendimento e ingressei na faculdade de educação física. Quando estava no primeiro ano ainda fui convidada para assumir uma equipe mirim do Esporte Clube Pinheiros. Aceitei o desafio e iniciei minha carreira como técnica. (Irma Conrado)

A fala de Nathália também expressa a transição com a carreira de atleta:

Eu joguei vôlei até entrar na faculdade, até o meu segundo ano de faculdade, e aí dentro desta equipe que eu estava jogando que era aqui no Ibirapuera, quando eu terminei a categoria juvenil na época, o próprio técnico já me chamou para trabalhar com a mesma equipe, então eu já estava na faculdade. [...] então eu já parei de jogar, continuei na equipe sendo a assistente técnica e trabalhando com a preparação física [...] e desde lá não parei. (Nathália Fraga)

Apesar de não se configurar como pré-requitito, a relação entre a experiência de prática pessoal no esporte e o posterior ingresso na carreira de treinadora está presente na literatura, a qual destaca esta relação. Consoante, Gilbert, Côté e Malett (2006), apresentaram em seu estudo treinadores de *softball*, futebol e voleibol dos Estados Unidos, com milhares de horas de envolvimento como atletas no contexto esportivo antes de se tornarem treinadores. Mielke (2007), em estudo que avaliou esportes de alto rendimento nos Estados Unidos e Inglaterra, identificou que a maioria dos treinadores profissionais de *baseball*, basquetebol e futebol foram jogadores desses esportes antes de se tornarem treinadores.

Em estudos que tratam sobre treinadoras esportivas no Brasil, essa relação também foi identificada. Brasil *et al.* (2018), em estudo que avaliou a trajetória de treinadoras de Ginástica Artística, encontrou o dado de que todas as treinadoras participantes foram atletas da modalidade. Já Ferreira *et al.* (2015), no estudo que avaliou a inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, identificaram que a maioria das treinadoras entrevistadas considera a vivência como atleta como fator de grande importância na profissão.

Os motivos que chamaram a atenção no cargo de treinadora foram associados a diferentes fatores. A retribuição ao esporte foi sinalizada por duas treinadoras.

O que me faz me manter nesta profissão é devolver ao esporte aquilo que ele me ensinou, então eu também quero ensinar outras pessoas tudo aquilo que eu aprendi com o voleibol. (Nathália Fraga)

Irma também aborda a questão da retribuição, acrescentando o aspecto formativo em sua atuação:

O que mais me encantou no cargo de técnica foi a possibilidade de transmissão de valores e como utilizar o esporte como ferramenta para a transformação de vidas. O voleibol me trouxe muitos benefícios e transformou minha vida, e eu sempre tive como objetivo retribuir o que eu recebi da vida. Fiz a opção de dedicar-me profissionalmente quando senti prazer em estar contribuindo na formação das jovens atletas. (Irma Conrado)

O aspecto formativo presente na fala de Irma Conrado também se destaca na fala de outra treinadora:

A gente ajuda atletas com coisas que não tem nada a ver com o voleibol, mas que elas precisam desta ajuda para continuar no voleibol, ou para continuar buscando o sonho delas dentro do voleibol, eu acho que este é o nosso trabalho como formadora, nós nunca podemos esquecer que antes de sermos técnica ou treinadora, nós somos formadoras, então nós não formamos só atletas, nós formamos o caráter, formamos o cidadão, nós formamos o ser humano. (Denize Diniz)

Dialogando com a fala de Irma e Denize, conforme estudo de Ramos *et al.* (2014), as ações realizadas por treinadores e professores ultrapassam as responsabilidades formais de ensinar conteúdos, sendo transmitidos, voluntária ou involuntariamente, modos de pensar e agir que influenciam as decisões de vida de seus atletas/alunos/as. Outro apontamento importante a se destacar é a transmissão de valores que podem ser aprendidos através do esporte, como honestidade, cooperação, autocontrole, dentre outros, e que desempenharão papel importante

na convivência social ao longo da vida desses jovens (FORNERIS; CAMIRÉ; TRUDEL, 2012; HOLT; NEELY, 2011).

Outro fator que chamou a atenção em relação ao cargo de treinadora e que foi destacado no relato de uma das entrevistadas foi a facilidade de relacionamento com as atletas; entretanto, a fala problematiza a questão do baixo número de mulheres no comando de equipes femininas.

Laila diz:

Eu mexo com o feminino e eu fui atleta, e eu sei muitas vezes da dificuldade que é para meninas conversarem com técnicos homens e alguns problemas inerentes deste relacionamento – e me chamava muito a atenção a questão do porquê tem tantos homens mexendo com o voleibol feminino sendo que é muito mais fácil para nós mulheres que sabemos o que acontece com elas, o que elas passam, é muito mais tranquilo para a gente lidar com isto e para elas também; eu tenho relato das minhas atletas de que elas possuem mais abertura e se sentem mais confortáveis, e eu nunca tive esta experiência de trabalhar com homem, eu comecei com mulher, então para mim é muito tranquilo esta troca de relação, e a partir do momento que eu lidei com técnicos homens aí eu notei esta diferença, realmente é bem acentuada, e isto me chamou muito a atenção, dentro do voleibol foi exatamente nesta área. (Laila Silva)

Guimarães *et al.* (2009) alegam que, nas categorias de base, a grande maioria das equipes não possui profissionais especializados, como psicóloga, nutricionista, assistente social, dentre outros, para auxiliar as atletas; por conseguinte, e acrescido do fato de o treinamento esportivo ser um processo pedagógico complexo, os treinadores que atuam dentro desse contexto relatam dificuldades para trabalhar com adolescentes púberes femininas, sobretudo no tocante a temáticas específicas da puberdade das atletas. Assim, os autores sugerem a formação de uma comissão técnica interdisciplinar como uma alternativa para superar tais dificuldades no processo de treinamento de voleibol de jovens atletas femininas.

De acordo com Coelho (2009), o ambiente esportivo configura-se como um lugar de afirmação da identidade masculina e continua a ser um dos espaços sociais em que é visível a preservação de uma clara fronteira entre os gêneros. Especificamente em relação à atuação como técnica, para Staurowsky (1990), a pouca representatividade de mulheres nessa categoria reflete a força do elo entre esporte e gênero. Para a autora, ainda se resiste à noção patriarcal de que a masculinidade é pré-requisito para o treinamento e está intimamente ligada à liderança esportiva, desenvolvendo-se a ideia de que treinar atletas é tarefa para homens e não para mulheres.

Uma treinadora relatou que sempre sonhou em atuar profissionalmente como treinadora de voleibol, e o desafio da profissão foi o que a motivou à obtenção do cargo. Contudo, em

relação aos fatores que levaram as entrevistadas neste estudo a se dedicarem profissionalmente ao cargo, três treinadoras admitiram não terem almejado desempenhar tal profissão inicialmente:

Tem coisas na nossa vida que a gente não escolhe, elas acontecem e comigo foi mais ou menos isso que aconteceu: eu encontrei o voleibol e ele me encontrou. Quis o destino, ou seria essa minha missão e comecei sem me dar conta de onde poderia chegar. (Vandelina Ribeiro)

Não era a minha intenção ser técnica de voleibol, mas aí a instituição precisou e aí estou até hoje; gosto do que faço, mas gosto desta fase de base mesmo. Eu entrei mais porque me puxaram, não era a minha intenção ser a técnica, para mim só a escolinha, só estar ensinando para mim já estava bom, mas eu amo o que faço também; experimentei e gostei. (Glaucimar Abedanti)

A fala de Francini reforça as falas da Vandelina e Glaucimar, porém a treinadora também comenta a respeito do gosto pelo ensinar:

Se eu falar para você que eu escolhi, se falasse: “Olha, você tem estas opções, qual você escolhe?”, não é verdade. Tive algumas frustrações enquanto atleta perante os técnicos, então quando fui tendo as oportunidades de trabalho, fui gostando de tentar passar experiências diferentes das que eu tive e acho que também passa pelo gosto por ensinar: você começa com um time que as vezes você não imagina o potencial que as meninas têm de desenvolvimento, quando você vê este desenvolvimento, esta coisa acontecendo que teve o seu trabalho ali envolvido, com o trabalho delas também claro, é gratificante. (Francini Bravo)

O gosto por ensinar, que corresponde ao outro fator apresentado pelas treinadoras como responsável por levá-las a se dedicarem profissionalmente ao cargo, é mencionado por seis treinadoras, dentre elas:

Isto já foi uma ideia que eu tive enquanto jogadora, que eu adorava e me via ensinando. Uma vez me perguntaram o que eu gostaria de fazer quando adulta, eu falei: “ser técnica de vôlei”, então foi esta transição natural que me levou, e eu gosto de ensinar, eu gosto da prática bem feita. Eu fui uma jogadora muito técnica então isso agora eu tento passar para elas, o quanto importante é a fundamentação, aquela coisa plástica bonita do voleibol; aí é um prazer. (Shirley Munch).

Gosto muito de lidar com isto, esta parte da competição, da emoção, de ensinar, de cobrar, eu gosto muito desta parte, por isso a dedicação. (Ieda Cervasio).

Segundo Elias (1995), as escolhas dos indivíduos resultam das diferentes configurações em que estão inseridos e de acordo com seu convívio social, as ideias, vontades e desejos

modelados a partir de todas as suas experiências, principalmente daquelas que se apresentam no interior dos grupos em que conviveram ao longo de sua vida. Em decorrência daquilo que fazem, pensam e dizem, a família e os amigos acabam contribuindo para a estruturação de um ambiente favorável, configurando-se, muitas vezes, em um alicerce a partir do qual despontam e se desenvolvem os indivíduos para o esporte (COUTINHO, 2014). Nessa linha, cabe aqui a premissa de que, na trajetória das treinadoras de voleibol, desenrolaram-se o sonho, o desejo e o envolvimento com o cargo.

Treze treinadoras relataram que a família apoiou a escolha delas por atuarem no comando de equipes de voleibol, o que vai ao encontro do pensamento dos autores anteriormente mencionados. Sobre essa questão, Denize comenta:

Minha família sempre me deu apoio, mas assim um apoio absurdo, um apoio absurdo desde quando eu jogava, e eles nunca me perguntaram, nunca falaram, nunca cogitaram, eles abraçaram junto comigo aquilo que eu queria fazer e o tempo todo atrás de mim: “Sensacional, vai atrás”. (Denize Diniz)

Mirtes também destaca o apoio recebido de sua família:

A minha irmã já era treinadora muito conhecida e a minha família sempre quis que eu fosse para este lado; eles sempre me apoiaram muito no esporte, mesmo quando atleta, e aí quando houve uma dúvida sobre se iria dar certo para mim também, aí todo mundo: “Vai, tenta, arrisca”, e aí eu tive um apoio assim da família, todo mundo incentivou bastante. (Mirtes Benko)

Além do apoio recebido dos familiares, os treinadores e professores de educação física foram mencionados por sete treinadoras como fonte de inspiração para que elas tomassem a decisão de se tornarem treinadoras de voleibol.

Em relação aos professores, Denize relata:

O que me inspirou muito foram os meus professores de educação física, esses me inspiraram demais. (Denize Diniz)

Já em relação ao apoio dos treinadores, Shirley comenta:

A inspiração veio dos meus técnicos, meus técnicos foram grandes inspiradores tanto como técnicos como amigos, em apoiar em momentos difíceis, todos, e eu via aquilo como gostaria de fazer isto também. (Shirley Munch)

As influências sofridas por essas treinadoras se assemelham aos achados do estudo de Côté e Hay (2002), segundo o qual a inserção dos treinadores no contexto esportivo geralmente está associada a episódios ou situações de convívio ligados a contextos de relações sociais mais imediatos, com familiares, amigos ou professores.

A maior parte dos profissionais citados pelas treinadoras foram homens, sejam professores de educação física ou treinadores. Tatiana problematizou o fato de os homens serem mais lembrados do que as mulheres:

Tive uma técnica mulher, quando joguei minha primeira Superliga que também me inspirou a estar onde estou hoje, pena que cito mais homens e fico muito triste de falar isso, sempre me vem na cabeça na maioria das vezes, homens. (Tatiana Silva)

Laila também caracteriza o cenário da liderança esportiva como composto em sua maioria por homens, mas diz buscar a inspiração em mulheres que rompem essa barreira:

Inspiração eu tenho algumas, como eu disse a minha primeira professora, a Marli Paiva para mim ela sempre vai ser uma inspiração não só de profissional mas como pessoa e como mulher, a Estela também, foi ex-jogadora profissional e como profissional os times que eu participei com ela eu vi absurdamente a capacidade e a competência; e na minha época de universitária eu joguei contra uma professora em Uniara, eu não vou lembrar o nome dela, acho que o nome dela é Sandra³¹, que é uma das poucas equipes que disputou a Superliga com técnicas femininas. Hoje em dia já procurei mais, a gente sabe que a Isabel³² foi técnica do Botafogo há um tempo atrás, mas a gente não tem muitos relatos nesta questão, então eu procuro me espelhar nestas mulheres que vencem esta barreira, de lidar com um ambiente literalmente masculino. (Laila Silva)

O campo de atuação em cargos de liderança, no qual se insere o cargo de treinadora, é caracterizado como de reserva masculina, o que remete ao fato de muitos homens terem sido indicados como referências para essas mulheres. De acordo com Mourão (2000), é o homem, em sua maioria absoluta, que comanda federações, confederações, clubes e ligas como dirigente, técnico e árbitro. Esse achado é ratificado em estudo de Ferreira *et al.* (2015), segundo o qual as mulheres representam uma minoria nos cargos de comando esportivo, em atuações como treinadoras esportivas, auxiliares técnicas, árbitras, coordenadoras, diretoras, chefes e presidentes de órgãos da administração esportiva.

³¹ Sandra Mara Leão, treinadora da equipe de voleibol feminino de Araraquara, campeã da Superliga B em 2016.

³² Maria Isabel Barroso Salgado, ex-atleta e ex-treinadora de voleibol.

Entretanto, essa realidade vem se transformando lentamente, motivada por agendas de instituições internacionais e nacionais, as quais apontam para mudanças. Dentre as iniciativas que buscam contribuir para isso, destaca-se a aprovação, em agosto de 2021, pela Comissão de Esportes da Câmara dos Deputados, de uma proposta³³ que torna obrigatória a presença mínima de 25% de mulheres nos cargos de direção das entidades esportivas beneficiadas por incentivos do governo.

Barreiras também podem ser representadas através de preconceitos e discriminações. Cinco treinadoras relataram não ter sofrido qualquer tipo de preconceito ou discriminação por terem escolhido ser treinadoras de voleibol. Quatro disseram que a discriminação e o preconceito se deram em virtude da escolha da área da educação física:

É o preconceito que as pessoas olham e falam: “Nossa, por que você vai para isto?”, as pessoas fazem aquelas brincadeiras, do tipo: “Você não estudou? Precisa estudar para trabalhar?” ninguém faz ideia do quanto que a gente precisa estudar, se a gente quer realmente chegar em algum lugar o quanto é importante o conhecimento na nossa área, a gente trabalha com pessoas, a gente trabalha com a gestão de pessoas, a gente trabalha com o corpo humano, a gente trabalha extra quadra com a parte comportamental, então quão diverso é este universo, e algumas piadas que acabam jogando para baixo: “Precisa estudar? Mas para soltar bola você não precisa” então foi este tipo de discriminação no início. (Patricia Cremasco)

Já sofri o preconceito de fazer a escolha na carreira de educação física, o que algumas pessoas falavam é que essa área é para quem não estuda, as pessoas relacionam a aula curricular e para que não sabe o que fazer. (Tatiana Silva)

Além do questionamento acerca da educação física, outro fator apontado ainda em relação à educação física foi a remuneração recebida:

Você vai fazer a faculdade de educação física ganha pouco. Por que você não escolhe uma outra faculdade? Você não quer sair do esporte, mas escolhe outra área: medicina esportiva, faz fisioterapia que dá para ganhar mais, sempre ouvi este tipo de coisa quando escolhi a faculdade, mas de resto não. (Nathália Fraga)

Quando indagadas se sofreram algum tipo de preconceito ou discriminação com o voleibol, duas treinadoras relataram episódios vivenciados durante competições. Denize apresenta um episódio em relação à arbitragem:

³³ Esta informação pode ser acessada em: <https://www.camara.leg.br/noticias/799423-comissao-aprova-projeto-que-garante-25-de-mulheres-na-direcao-de-entidades-esportivas/>. Acesso em 10 set. 2021.

Foi com muito pesar que percebi como era diferente o tratamento dos árbitros novos que não nos conheciam, quando arbitravam nossos jogos do Sindi Clube, querendo nos ensinar regras entre outras coisas, e os que já nos conheciam há tanto tempo, olhavam para esses árbitros perplexos dizendo: “Por favor, não fala nada, você não faz ideia com quem você está falando”. Enfim, eu não ligava, mas às vezes me chateava. (Denize Diniz)

Já a fala da Laila aborda a relação com treinadores durante as competições:

Quando eu me vi inserida na modalidade, em campeonatos, eu vivi situações que eu nunca esperava viver na minha vida; o fato de eu ser a mais jovem que o habitual também foi um certo preconceito, as pessoas associam a juventude à falta de experiência, enfim, e a questão de ser mulher também foi uma coisa que influenciou, nesta questão de campeonatos me vi diversas vezes na situação de reunião técnica ser só eu de mulher, e as vezes quando você é pedida para manifestar uma opinião não é levada em conta porque o senso comum masculino geralmente fala mais alto, e esta questão de ser mais jovem que a maioria é uma questão que pega muito também, as pessoas geralmente não param para olhar o que você tem para falar, ou as expertises que você já viveu. Ainda existe sim o preconceito de você estar dentro deste meio; é um meio excludente, quando você se vê reunida nos meios dos técnicos você vê que a maioria esmagadora é homem, de certa forma você fica mais de lado mesmo, e isto é uma coisa que nós mulheres temos que lidar. (Laila Silva)

Essas narrativas das treinadoras demonstram um tensionamento na relação estabelecida com os homens, o qual se encontra em outros estudos que tratam sobre treinadoras. O estudo realizado por Norman (2010) com treinadoras de esportes de alto rendimento nos Estados Unidos apontou que mulheres não são levadas a sério e são consideradas pelos demais técnicos como fracas e com nível inferior de conhecimento por serem mulheres. Nesse aspecto, o estudo de Kamphoff, Armentrout e Driska (2010) também encontrou que, entre as maiores dificuldades enfrentadas pelas treinadoras, está a relação profissional com outros técnicos/treinadores.

Outra questão também surgiu a partir dos relatos das treinadoras de nosso estudo o preconceito e a discriminação sofridos em relação ao trabalho que realizaram com equipes masculinas. Sobre isso, Denize comenta:

Acho que talvez eu tenha sentido quando no Paulistano fui assistente técnica do masculino, pois na época era muito difícil você ver uma técnica atuando no masculino. Eu acho que eu sofri um pouquinho no começo. (Denize Diniz).

A fala de Mirtes também segue na mesma linha:

Eu tinha de dezenove para vinte anos e meus atletas tinham treze, e aí foi minha primeira equipe e era justo no masculino, e aí sabe quando você vai fazer reunião de pais, todo mundo: “Ela vai ser a técnica? Nossa, mas ela é tão

nova. É menina e vai dar treino para os meninos?”. E aí você tinha que matar um leão por dia. (Mirtes Benko)

De acordo com Staurowsky (1990), ainda é resistente a noção patriarcal, segundo a qual a masculinidade é pré-requisito para o treinamento e está intimamente ligada à liderança esportiva, desenvolvendo, portanto, a ideia de que treinar atletas é tarefa para homens e não para mulheres. Essa noção que estabelece relação de causa e efeito entre a natureza da mulher e sua aptidão para o exercício da função de treinadora acaba por restringir sua atuação a determinadas modalidades, faixas etárias e níveis competitivos.

O esporte constitui um produto cultural, traduzindo-se em diferentes sentidos e significados que são atribuídos em espaços e tempos diversos. Se, em determinado momento da história, o esporte foi considerado como um campo de reserva masculina, devido a aspectos sociais, culturais e históricos, atualmente o esporte é analisado como um espaço político, lugar de resistência e transformação das relações de gênero (GOELLNER, 2012). Portanto, por mais que a mulher sofra uma série de interdições ao exercer a função de treinadora, sua inserção nesse cargo performatiza resistências e tensiona o campo, mostrando potencial para a ampliação da sua representação profissional.

Ao final de sua fala, Mirtes menciona o fato de ter que provar a qualidade de seu trabalho diariamente, situação esta que também é apresentada por Denize:

A sensação que eu tenho é que a gente como técnica, como mulher sendo técnica a gente tem que a toda hora estar provando o nosso valor, provando que sabemos o que estamos fazendo, provando que temos a mesma ou mais capacidade que um homem para conquistarmos o respeito das pessoas e dos nossos superiores. Não deveria ser assim, mas são situações que temos que enfrentar pois vem muito da nossa cultura. E podemos falar até de uma cultura mundial aonde a mulher é subjugada. (Denize Diniz)

Derós e Goellner (2009) argumentam que as mulheres precisam diariamente provar a sua competência, já que seu trabalho é visto com certa desconfiança, fundamentalmente entre os gestores, os quais, em geral, são os responsáveis pela contratação de novos profissionais para as comissões técnicas das equipes.

Diante dos relatos das treinadoras, concluímos que os estágios realizados foram importantes vias de acesso para que as mulheres posteriormente se inserissem nas comissões técnicas das equipes, mediante convite recebido de gestores ou de outros profissionais que estavam inseridos nessas instituições e que tinham poder para efetuar a contratação de novos

profissionais. Além dos estágios, a experiência que tiveram como atletas da modalidade também foi destacada como importante para o desenvolvimento de suas carreiras.

Por ser um campo considerado de reserva masculina, a trajetória dessas mulheres é marcada por tensões quanto à escolha da educação física como área de atuação profissional e o desafio de enfrentar preconceitos e discriminações provenientes da relação com treinadores em jogos e competições. Contudo, essas mulheres superaram todos esses percalços e constroem as suas carreiras nas comissões técnicas de equipes de voleibol.

3.3 RELAÇÕES DE GÊNERO NO VOLEIBOL: AS TREINADORAS ROMPENDO RESISTÊNCIAS E SE TORNANDO REFERÊNCIAS

O tema das relações de gênero dentro de comissões técnicas a partir da representação das trajetórias das treinadoras deste estudo está contido nas referências profissionais que elas possuem no voleibol; a relação estabelecida com treinadores e outras treinadoras; apontamentos sobre a diferença salarial entre treinadores e treinadoras; a inserção das treinadoras nas categorias de base e na categoria adulta; e os maiores desafios para a popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres no Brasil. Por fim, as treinadoras puderam deixar algum comentário ou depoimento sobre os temas abordados.

Quanto às referências profissionais que possuem no voleibol, cinco treinadoras citaram profissionais com as quais puderam trabalhar ao longo da carreira.

Meus técnicos anteriores, Dagoberto Camargo de Almeida foi um técnico que eu peguei muito o modo dele trabalhar, a cobrança dele, então ele seria um. Outro técnico que me espelhei também foi João Crisóstomo Bojikian, técnico da equipe do São Caetano adulto, a categoria que as atletas mais novas almejam chegar. E Irma Conrado Agulha, que foi minha técnica na Lufkin³⁴ no juvenil e adulto, que tenho muita admiração. (Ieda Cervasio)

Helga também faz menção aos treinadores com os quais teve a oportunidade de trabalhar:

Meus treinadores, pois eu tive treinadores homens, lá na Sogipa foi o Carlos Alberto Costa, depois foi treinador de seleção brasileira também; o meu técnico da seleção que foi o Ênio Figueiredo³⁵ foi super importante para mim também. Acho que com todas as pessoas com quem eu trabalhei, porque eu nunca me considerei uma pessoa pronta para ser a maior, de considerar que

³⁴ Lufkin Esporte Clube.

³⁵ Ênio Figueiredo foi jogador e técnico de voleibol brasileiro.

não precisaria aprender nada. Então todas as pessoas com quem eu convivi e que eu trabalhei me ajudaram a procurar ser melhor do que eu sou. Eu sou muito amiga do Bernardinho, ele me ajudou, o Marco Aurélio Motta³⁶ me ajudou, o Rizola me ajudou, os técnicos daqui, como o Rodrigo Rother que é treinador no Rio Grande do Sul. (Helga Sasso)

O técnico Bernardinho foi citado por nove treinadoras como referência profissional no voleibol:

Me espelho bastante no trabalho realizado pelo Bernardinho: muita energia, determinação, vontade de vencer, muito conhecimento e estratégias fazem dele um dos melhores técnicos do mundo. Me espelho muito nessa forma de conduzir suas equipes, muita disciplina técnica e tática. (Vandelina Ribeiro)

Além de Vandelina, Agnes também valoriza o trabalho realizado por Bernardinho:

Um outro técnico que eu admiro demais pelo trabalho é o Bernardinho, eu acho até que muitas pessoas podem ter esta referência: eu gosto muito do jeito que ele sabe gritar mas ao mesmo tempo ele sabe ter aquele lado de carinhoso, de atencioso com as pessoas, a forma de trabalhar, eu escuto ele falar às vezes em cursos, em “lives”, principalmente em “lives” que eu vi a forma como ele organiza o trabalho eu também admiro demais, ver os times dele jogando, então é uma referência, que eu não conheço pessoalmente, mas na televisão. (Agnes Rodrigues)

José Roberto Guimarães foi citado como referência para três treinadoras; João Crisóstomo e Josenildo Carvalho foram citados por duas treinadoras; Marcelo Mendez, Horácio Dileo, Newton Conrado, Roberley Leonaldo, Luizomar de Moura, Antonio Fiasch Teixeira, Murilo Amazonas, Ariovaldo Rabello e Javier Weber foram citados por uma treinadora como profissionais no voleibol.

Romariz, Votre e Mourão (2012) apresentaram em seu estudo que a ex-atleta Isabel Barroso atuou como primeira técnica de uma equipe feminina de voleibol profissional na temporada 2000/2001. Entretanto, depois que encerrou sua passagem na Superliga, nenhuma outra mulher chegou a dirigir equipes profissionais de voleibol no Brasil. De acordo com os autores, elas atuam em outras funções, como na avaliação técnica, equipe estatística, compoendo a comissão técnica de equipes, entre outras funções, o que vai ao encontro da afirmação contida no estudo de Ferreira (2017), segundo a qual, no comando esportivo, seja como treinadores ou dirigentes, os homens constituem a grande maioria do efetivo. Diante disso, entende-se o

³⁶ Treinador da Seleção Nacional Adulta de voleibol da Turquia de 2010 a 2016.

motivo pelo qual os homens foram indicados pelas treinadoras como suas principais referências no cargo.

Já em relação às mulheres citadas pelas treinadoras como referência no voleibol, a participante deste estudo Irma Conrado foi citada por três treinadoras. Agnes relata a experiência de ter trabalhado com Irma:

Me identifico muito com a coordenadora do Bradesco que é a Irma – quando eu fui atleta no Pinheiros ela era uma das profissionais do Pinheiros e foi aí que eu conheci a Irma, e é uma profissional que eu me identifico muito com ela, pela seriedade, pela dedicação, pela determinação, tem muita coisa dela que eu tenho e aprendi com ela, e o ano que eu fui para o Finasa e eu trabalhei com ela, foi um ano que eu aprendi muito: ela é uma pessoa muito dura, muito brava, muito exigente, mas é uma pessoa que te faz andar, que te faz crescer, então ela é uma das minhas referências. (Agnes Rodrigues)

Nathália trabalha com Irma atualmente, e também a considera como referência profissional:

A referência mais próxima que eu tenho é a minha chefe hoje: ela trabalha com o vôlei e já trabalhava quando eu jogava; aqui em São Paulo ela é uma referência: o nome dela é Irma Conrado. Então ela é uma referência para o voleibol das categorias de base principalmente; ela já trabalhava no Pinheiros quando eu jogava; trabalha a vinte anos no Bradesco, Finasa, BCN: foram mudando os nomes. Ela é uma referência assim, já foi técnica de voleibol, revelou um monte de jogadora de seleção brasileira, passaram muitas jogadoras da seleção pelas mãos dela, e ela toca este projeto do Bradesco com muito amor assim, ela vive isto e passa isto para a gente que trabalha lá, então para mim ela é uma referência no cargo de treinadora e de supervisora, gestora deste projeto. (Nathália Fraga)

Sandra Mara Leão, que atuou pela Superliga, foi outra treinadora brasileira mencionada e cujo nome citado na fala de duas treinadoras. Uma dessas falas é a da Patricia, a qual comenta:

Eu gosto, vendo há muito tempo atrás e aonde que eu batia na tecla: “Eu quero, eu posso tentar chegar” tem uma técnica que trabalhava em Araraquara, era técnica de vôlei, uma das poucas técnicas de vôlei que eu via, e ela tinha um cabelo bem curtinho, se não me engano era Sandra o nome dela e eu falava: “Caraca, ela tem um poder de controlar a equipe dela muito bacana” então eu ia analisando estas características. (Patricia Cremasco)

Outra treinadora que também foi mencionada³⁷ por duas treinadoras foi a Chinesa Lang Ping. Tatiana Silva relata:

³⁷ Gisele Miró, Marli Paiva, Maria Estela e Cleide Pereira foram citadas como referência por uma treinadora.

Minha outra referência é a treinadora Lang Ping (técnica de voleibol da China), tanto pela história dela como atleta e os resultados que conquistou para seu País, como também pelo trabalho que tem feito como técnica da equipe chinesa. Sabendo da cultura, da política chinesa, como funcionam, ela se torna um grande exemplo de profissional, ela é uma líder mulher que é reverenciada em todo o País, então na minha concepção isso é digno de muito respeito. (Tatiana Silva)

Estudo de Oliveira (2002) apresentou que algumas treinadoras identificaram as influências de gênero em seu cotidiano profissional, cujo meio foi demarcado como de reserva masculina, no qual conseqüentemente a inserção delas contribuía para incentivar outras mulheres a ingressarem nessa carreira. Diante da baixa representatividade de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, a indicação de outras mulheres como referências das treinadoras, além da própria referência que essas treinadoras exercem sobre outras mulheres, contribui para aumentar a visibilidade das mulheres no comando de equipes de voleibol. Nesse sentido, Goellner e Kessler (2018) alegam que registrar o protagonismo das mulheres é uma questão política, uma forma de visibilidade e de empoderamento.

Adentrando a forma como se estabelece a relação dessas treinadoras com outras treinadoras e também com treinadores, os discursos apresentados por dez delas apontam que a relação com treinadores e outras treinadoras é boa. Agnes relata:

Nunca tive problema, me dou bem e tenho muitas amigas treinadoras de vários clubes, treinadores também, acho que a gente tem um ambiente muito amigável, de muito respeito, então eu acho que é um ambiente muito sadio. Tenho amigas de verdade que frequentam a minha casa e que são treinadoras, e amigos também, então eu posso dizer que é um ambiente saudável, tem um convívio bem agradável. (Agnes Rodrigues)

A fala de Glaucimar também ilustra esse contexto de bom relacionamento entre treinadores e treinadoras:

Aqui a gente tem um bom relacionamento com todos, tanto com as meninas e com os meninos, a gente se dá bem, a gente trabalha muito tempo junto. (Glaucimar Abedanti)

A construção do conhecimento do treinador é influenciada pelo contexto sociocultural no qual está inserido, sendo fundamentais as interações estabelecidas com os demais membros desse grupo social (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). Nessa mesma linha, Gilbert, Côté e Mallet (2006) concordam que a aprendizagem por meio da experiência em contextos informais é de vital importância pela quantidade relativamente pequena de tempo que um

treinador pode gastar em um determinado ambiente de aprendizagem formal, comparada ao número de horas que ele passa no ambiente esportivo treinando e interagindo com os atletas e outros treinadores. Diante disso, pode-se concluir que a maioria das treinadoras, por possuírem bom relacionamento com os treinadores e com as outras treinadoras, adquirem, trocam e ampliam seus conhecimentos por meio desse relacionamento.

Duas treinadoras mencionaram ter boa relação com os treinadores, mas destacaram pontos que poderiam melhorar na relação com outras treinadoras. Francini aborda o distanciamento com outras treinadoras na carreira e a criação de um grupo no WhatsApp para discutirem voleibol:

Com as meninas acho que a gente tem uma relação bastante distante, a gente só se encontra nos jogos. Com esta aproximação das “lives”, eu criei um grupo para conversar sobre voleibol, só as meninas, porque eu via grupos só de homens, aí fui chamada em um grupo só de homens em que só estava eu de mulher, falei: “Vou criar um grupo só de mulheres” [riso], com isto criei um grupo só de mulheres. A gente conversa toda semana sobre algum tema específico, mas se eu te disser que durante a minha carreira, eu não sinto que aqui em São Paulo, ou pelo menos comigo, esta proximidade com alguém. (Francini Bravo).

Grupos como esse citado por Francini são classificados como comunidades de prática por Wenger (1998), as quais correspondem a grupos ou redes de pessoas e/ou profissionais (treinadores) ou próximas (dirigentes, atletas), ligados formal ou informalmente, que interagem regularmente para aprender mais a respeito de um domínio especializado comum ao grupo.

Ainda segundo o autor, os membros dessas comunidades compartilham experiências e conhecimentos com liberdade e criatividade, incentivando novas abordagens para a solução dos problemas da prática, regulando sua própria prática em conformidade com normas de conduta e proficiência, consensuadas pela comunidade (WENGER, 1998).

Essas interações e as experiências dos treinadores dentro de uma comunidade de prática desencadeiam em seus participantes o sentimento de “pertencimento”, o que de fato influencia no engajamento e na disponibilidade para a aprendizagem (LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007). Além disso, o compartilhamento de informações através dessa rede de relacionamentos possibilita a troca de experiências e conhecimentos entre os profissionais, principalmente em eventos sociais vinculados à modalidade esportiva e na relação com outros treinadores durante as competições (WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007).

Uma situação também identificada pelas treinadoras foi uma espécie de “competição” entre elas. Ieda relata:

É muita competição das equipes e acho que é muita, não é ciúmes, mas como eu vou falar? assim: algumas querem mostrar ser mais do que as outras, então assim, não se tem muita amizade com técnica mulher, se tem mais amizade com técnico homem, que é onde você pode trocar alguma experiência a mais; mulher parece que tem ciúmes, alguma coisa assim, aí fica mais complicado [riso]. (Ieda Cervasio)

Outras duas treinadoras afirmaram possuir boa relação com outras treinadoras, mas destacaram pontos que poderiam melhorar na relação com os treinadores. Mirtes relata a dificuldade de trocar informações com outros treinadores:

Eu acho que as mulheres costumam trocar mais informações do que os homens, e informações mesmo que eu digo de parte técnica, tática, os homens eu acho que as vezes parecem que eles não querem compartilhar coisas técnicas [riso] e isto eu falo até na minha comissão, já trabalhei com meninas e com meninos, e parece que os meninos são mais difíceis de compartilhar o jeito da forma de dar treino. (Mirtes Benko)

Conforme Culver e Trudel (2006), as trocas de informação entre os pares são importantes na construção dos conhecimentos do treinador esportivo, ainda que em diversos estudos realizados com treinadores brasileiros tenha-se discutido a resistência de alguns treinadores em compartilharem informações, o que leva ao senso de isolamento profissional (RODRIGUES *et al.*, 2017; BARROS *et al.*, 2013; CUSHION, 2016).

Além do isolamento profissional, outra identificação através da relação entre treinadoras e treinadores foi a mudança de comportamento entre os pares. Nesse contexto, Tatiana relata:

Com os homens, quando eu comecei a minha carreira, por alguns me conhecerem como atleta, demonstravam respeito, são colegas que tenho grande admiração e consideração. Outros ao longo do tempo acabaram mudando o comportamento comigo e conseqüentemente eu também comecei perceber que isso se dava aos resultados que o trabalho começou a apresentar, então faz parte do processo. Mas de uma maneira geral na categoria de base eu não tinha grandes problemas, porém no profissional agora como eu sou nova no meio eu passei por alguns “apertos”, situações que considerei bem machistas que são difíceis de se lidar. (Tatiana Silva)

Poucas treinadoras estão inseridas nas equipes adultas do naipe masculino e feminino do voleibol brasileiro e, dentre as treinadoras participantes deste estudo, conforme já anunciado, apenas Tatiana atua na Superliga. Sobre a baixa relação com outras treinadoras, ela relata:

Hoje eu não tenho muita relação com treinadoras mulheres no profissional, na Superliga são doze equipes, a primeira temporada que eu trabalhei como assistente técnica, tinha outra mulher também atuando no cargo de assistente

técnica. Porém, Brasília caiu de divisão, ficando na atualidade em cargo de comissão técnica apenas eu como mulher. Quando eu trabalhei na base tive mais contato com técnicas mulheres, porém ainda não eram muitas na minha região. (Tatiana Silva)

Everhart e Chelladurai (1998) alegam que, se o ambiente de quem exerce a função de treinador/a é dominado por homens e estruturado por suas normas e valores, as mulheres dificilmente serão indicadas ou aceitas, constatando-se, nesse domínio, a prática da discriminação como uma barreira à entrada de mulheres na carreira de treinadoras.

Respalhando as falas de Tatiana e dos autores acima mencionados, pesquisa de Almeida e Cruz realizada em 2010 constatou um número expressivamente maior de treinadores do que de treinadoras no alto rendimento, sugerindo uma tendência: quanto mais elevado (ou visível) é o nível de competição de equipes/atletas, maior é a supremacia masculina. Em estudo mais recente, Silva *et al.* (2020) também apontam que as mulheres continuam sendo mais habilitadas a treinar equipes em nível de formação do que equipes adultas.

Nas categorias de base, esse contato entre as treinadoras é mais próximo, uma vez que elas estão inseridas nos clubes, observando-se também uma proximidade maior delas através da atuação na seleção de seus estados. Natália comenta a esse respeito:

Na sub-15 e sub-16 feminino eles sugeriram que se colocassem mulheres nas comissões técnicas de todas as seleções dos Estados, e aqui em São Paulo a gente mantém isto: a comissão técnica inteira é formada por mulheres, então foi eu e a Francini, eu e a Ieda³⁸ um ano, agora eu e a Mirtes estamos juntas, e a federação paulista mantém esse incentivo que tem que ser a comissão técnica inteira formada por mulheres. Nos outros Estados já estou vendo que está meio que se perdendo esta sugestão da CBV, então tem o técnico homem, mas a assistente é mulher, então já está se perdendo, não está muito fixado isto ainda. (Nathália Fraga)

Faz-se necessária a sugestão da CBV às federações em relação à composição das comissões técnicas das seleções dos estados de terem sua composição com treinadoras, pois, conforme dados apresentados por Romariz, Votre e Mourão (2012), as mulheres permanecem por muito mais tempo do que os homens trabalhando com equipes de base; estes, por outro lado, mesmo com menos tempo de atuação no mercado esportivo, já ocupam cargo de técnicos de equipes adultas e de seleções de voleibol de seus Estados.

Tatiana revela uma situação vivenciada em competição, quando atuava pela categoria de base, a qual evidencia tratamento diferente dado a treinadores e treinadoras:

³⁸ Ieda Bendzius Cervasio, treinadora de voleibol em São Caetano.

Quando viajávamos com a base para as competições, e não tinha espaço para as mulheres ficarem no alojamento, sempre teve para homens, tinha uma ou duas salas para homens e nós mulheres tínhamos que ficar com as atletas, até porque a concepção das pessoas que estão gerindo a competição é a de que como é mulher, então é como se fosse uma mãe e deve ficar com as atletas, para que possa cuidar delas, então quer dizer que o homem não precisa cuidar da equipe dele isso era algo que nos deixava frustradas. (Tatiana Silva)

Com base em Goellner (2005), pode ser compreendida a ideia do cuidado/distração em oposição, segundo a qual masculino e feminino constelam hábitos, atitudes e formas de ser pouco maleáveis e que possibilitam poucas interseções entre si. Masculinidade e feminilidade, além de opostas, são vistas como divergentes, pois, para cada lado dessa construção, são conferidos atributos e qualidades que exprimem mais diferenças do que similitudes e complementaridade: homem/mulher, masculino/feminino, potência/fragilidade, virilidade/fecundidade, produção/reprodução, público/privado, cultura/natureza. O acontecimento narrado por Tatiana dialoga com essa passagem no estudo de Silava Goellner, ao mostrar concepções diferentes dos gestores em relação aos treinadores e treinadoras.

A maioria das treinadoras analisa que a chegada de outras mulheres ao cargo de treinadoras contribuiu e vai contribuir ainda mais para modificar a relação com os colegas treinadores. Denize relata que, apesar dos avanços identificados, ainda faltam mais oportunidades para as mulheres:

Eu acho que contribuiu, apesar de faltar muito ainda, porque nós não temos tantas mulheres assim trabalhando dentro do voleibol [...] acho que é a falta de oportunidade, é o que eu falei para você: eu tive essa oportunidade porque já tinha uma técnica trabalhando no Paulistano, então eu acho que existe essa falta de oportunidade para as mulheres poderem iniciar isto. E foi o que o eu disse também na “live” que a gente fez na FMU: eu acho que a gente tem muito mais capacidade porque a gente engloba tanta coisa junta, você cuida de casa, você cuida do filho, você cuida do seu trabalho, você cuida de tudo, se bobear você faz uma pós-graduação e você dá conta de tudo, então eu acho que o que falta realmente é oportunidade para as mulheres hoje. (Denize Diniz)

Ainda em relação à falta de oportunidades, Denize complementa sua fala problematizando a ausência de treinadoras em determinados contextos:

Você não vê uma mulher tendo a oportunidade de ser técnica de Superliga, uma mulher sendo técnica de uma seleção brasileira. Por quê? O que que há de diferente? O que que o pessoal pensa? Pensa que: “Ela é mulher, ela vai ter a casa para cuidar, ela não vai ter tanto comprometimento que nem o homem teria”, não, não tem sentido isto. (Denize Diniz)

Kanter (1993) apresenta em seu estudo que, no momento de contratação por uma equipe, existe uma tendência para a aplicação do princípio de similaridade denominado “reprodução homóloga”. Por esse princípio entende-se que dirigentes e técnicos perpetuam a profissão como masculina ao contratarem apenas similares a eles mesmos; ou seja: homens tendem a optar por homens. Como a maioria dos cargos de poder de decisão e de contratação é ocupada por homens, a profissão de treinador esportivo se constituiu como um reduto masculino.

Ainda segundo a autora, esses determinantes de oportunidade e proporção interagem em forma de retroalimentação, ou seja, a falta de oportunidades limita a proporção do grupo feminino, e, conseqüentemente, elas não adquirem poder de influência para facilitar a criação de oportunidades para outras mulheres. Essa inter-relação produz um ciclo de vantagens para o grupo dominante e um ciclo de desvantagens para o grupo minoritário (KANTER, 1993).

Esses estereótipos representam construções históricas e culturais, no entanto, de acordo com a avaliação de Francini, essa situação vem mudando:

Acho que culturalmente como tudo na sociedade aconteceu do homem lá atrás que era o provedor da família e a mulher era submissa, estas coisas vieram mudando a partir do momento que mais mulheres foram mudando a sua conduta, creio que da mesma forma isso possa contribuir. Mas sou a favor da inclusão feminina, independente da área, desde que esta tenha competência para isso, e não apenas por ser mulher. (Francini Bravo)

Já Patricia relata que a chegada de mais mulheres vai contribuir para que elas possam mostrar o seu trabalho e evidenciar que a competência independe de gênero:

Eu acho muito, tenho quase certeza que isso sim. Como eu disse, lá em 2014 quando eu cheguei era um pezinho atrás, porque ninguém conversava comigo, até ver realmente que a competência independe do gênero, e viram o trabalho e você começa a trocar informação, e eu acho que a gente pode ganhar as pessoas realmente mostrando o nosso trabalho, mostrando a nossa competência dentro de quadra. (Patricia Cremasco)

Para Romero (2009), a diferença de gênero ainda é apresentada como um elemento para a relação de poder, revelando a existência de um paradigma pré-estabelecido a partir do qual se espera que as mulheres se envolvam com atividades que demonstrem cuidado, receptividade e acolhida, enquanto aos homens caberia o exercício da liderança e tomada de decisões, reforçando ainda mais a desigualdade de gênero.

Essa desigualdade de oportunidades entre gêneros na atuação como treinadores também pode ser visualizada através de dados contidos no estudo de Ferreira *et al.* (2013). Os autores destacam que apenas 7% dos técnicos esportivos brasileiros são mulheres, em um total de 259 federações esportivas de 22 modalidades; e, entre as federações pesquisadas, 71,4% não possuíam mulheres cadastradas como técnicas. Segundo os autores, isso sugere não apenas a discriminação e o preconceito, mas, acima de tudo, uma reserva de mercado apoiada na atitude de dirigentes quanto à contratação de mulheres, a qual, segundo os relatos das treinadoras no presente estudo, pode ser alterada através da chegada de mais mulheres.

Em relação ao trabalho com a categoria adulta especificamente, Tatiana ressalta que a chegada de mais mulheres contribuirá para as decisões do meio, uma vez que será possível buscar soluções em conjunto. Contudo, a treinadora destaca que, após a sua saída, vai demorar para vir outra:

Na minha concepção vai contribuir, pois quando tem mais de nós é mais fácil para compartilhar as dificuldades e tentar achar algumas soluções em conjunto. Já conversei com algumas mulheres que trabalharam no profissional como estou hoje, já tive relatos de mulheres que não passaram por situações que eu passei, por exemplo, atitudes machistas, porém, teve mulheres que passaram por situações bem piores que a minha. Esses tipos de depoimentos para mim são importantes, pois aprendo com elas, vejo a forma que lidaram, o que deu certo para elas e o que não deu e, assim procuro resolver os meus problemas. Se tivermos mais mulheres nas comissões técnica de qualquer modalidade, facilitará até em contratações e mais poder de decisões no meio. Eu me sinto como uma sobrevivente no meio, e sei que a hora que eu sair, vai demorar para vir outra e quando vier passará pelos mesmos problemas que eu passei e que outras passaram, e o ciclo vai se repetindo ano após ano, ciclo tão difícil de se quebrar. (Tatiana Silva)

Quando se observa no Brasil o número de mulheres que ocupam a função de treinadora em equipes de nível nacional, constata-se que essa posição cabe somente às modalidades chamadas “femininas”, ou seja, na ginástica rítmica e no nado sincronizado, por exemplo (RUBIO; VELOSO, 2019). No voleibol, devido à dominância de homens nos cargos de direção das organizações e estruturas do esporte, as mulheres dificilmente são indicadas para treinar atletas/equipes, mesmo sendo detentoras de currículo e formação superiores; e, quando indicadas, as situações que enfrentam exigem que apresentem constantemente provas da sua competência e responsabilidade para o exercício do cargo (SILVA *et al.*, 2020).

Para que as treinadoras consigam quebrar esse ciclo, é necessário que elas se unam e se façam presentes nos contextos que atualmente são caracterizados principalmente pela presença dos homens. Nesse sentido, Patricia assim se manifesta:

Acho que a chegada de mais mulheres contribui, mas é muito complicado, porque a gente fala sobre a mulher, e nos cursos da CBV que eu fiz se não me engano eram vinte e cinco pessoas, sendo que vinte e dois homens e três mulheres, então se a gente ficar quietinha no nosso canto, com certeza a maioria, não digo nem pela diferença de gênero, mas a grande maioria vai fazer a força, vai ter um pouco mais de palavra, e as mulheres talvez se a gente se unir um pouco mais e ter coragem; hoje eu vejo muitas técnicas aqui na região e isto com certeza auxilia na relação” (Patricia Cremasco). Laila corrobora com Patricia ao visualizar a necessidade das mulheres irem em busca dos seus objetivos na carreira: “no Brasil só se vê técnicos homens, mas acho que falta um pouco das mulheres acreditar um pouco mais, buscar um pouco mais da melhora profissional. (Laila Silva)

Em um estudo desenvolvido com treinadoras portuguesas, Silva *et al.* (2020) identificaram, no discurso das treinadoras, o modo como algumas se acomodam à ideia de que o esporte é masculino e continuará a ser, interiorizando a ideia de que elas precisam ser muito melhores do que seus pares homens para poderem ter o seu trabalho igualmente reconhecido. Contudo, apesar do apontamento realizado no estudo de Silva e da observação de que, mesmo apresentando competência técnica, experiência e autonomia semelhantes às dos homens, elas possuem pouca representação no comando de equipes de voleibol de alto rendimento, por exemplo, é importante que continuem se capacitando e se inserindo nos contextos em que os treinadores se fazem presentes.

A esse respeito, Norman (2010) alega que a dificuldade de acesso das mulheres ao comando esportivo se fundamenta no capital social e humano delas. Segundo o autor, o capital social é medido pela rede de contatos que elas possuem; já o capital humano refere-se ao treinamento, educação e experiências que a pessoa acumula para sua qualificação profissional.

Em consonância com Norman, estudo de Kamphoff, Armentrout e Driska (2010) realizado com treinadoras canadenses de equipes masculinas, evidenciou a importância de se estabelecer uma rede de contatos para mulheres com a presença de mais tutores como uma das estratégias necessárias para aumentar a atuação feminina no comando de equipes.

Seis das treinadoras entrevistadas neste estudo avaliam que a chegada de mais mulheres não contribuiu para modificar as relações com os colegas treinadores. Irma relata que as mulheres conseguem chegar apenas até determinada categoria, e que as categorias seguintes são alcançadas ainda apenas pelos homens:

Não percebo esta relação de contribuição. Vejo a realidade. Mulheres atuando até a categoria sub-17 e homens do sub-19 em diante. (Irma Conrado)

Em consonância com Irma, Mirtes apresenta a proporção de treinadoras e treinadores nas diferentes categorias:

Eu vejo assim: na base tem muita técnica mulher, e base eu digo até o sub-14. Se você pôr no papel a quantidade de equipes e se o técnico é homem ou mulher, vai dar 80% mulher. Quando chega no sub-15 para cima isto inverte, vai ficar uns 25% mulher e o restante homens, então eu não sei se existe esta troca tão grande; parece que as mulheres vão até um certo estágio e dali elas não passam, e as vezes eu tento até entender: muitas que eu converso falam que queriam sim ser técnica do sub-17, sub-19 mas não acontece, e não acontece nem como assistente técnica, isto que eu acho esquisito, porque se houvesse eu acho que seria uma troca muito legal. Quando tem um casal no banco: tem coisas que você vê, tem coisas que o outro vê. Então eu acho que existe aí uma barreira meio grande até, porque eu acho que por mais que falem que as coisas evoluíram, que mudaram, que não tem isto, que não tem preconceito, não sei se a palavra é preconceito, mas existe um limite parece: as mulheres vão até esta categoria porque são mais maternas, e eu acho que isto é meio desculpa, meio balela; tem mulher que não é nem um pouco maternal e tem homem que é muito maternal e sabe trabalhar muito bem com a base. (Mirtes Benko)

Kilty (2006) alega que uma das barreiras externas ao desenvolvimento profissional das mulheres treinadoras é o princípio da similitude, ou seja, homens contratam homens, e mulheres contratam mulheres. Como existe uma carência de tutoras mulheres, isso dificulta a inserção delas nessa carreira, conforme mencionaram as treinadoras em suas falas reproduzidas acima.

A maternidade aparece na fala de Agnes na condição de outro fator considerado como limitador da ascensão das treinadoras nas comissões técnicas de voleibol:

Acho que um outro fator que também atrapalha a mulher é a questão de ser mãe, então: “A não, quando for mãe fica de licença, quando filho ficou doente não vem trabalhar”, então eu acho que a gente passa por isto. Eu acho que para a mulher infelizmente é difícil, porque depois você também sofre muito quando você deixa o seu filho em casa para ir trabalhar, quando você para de amamentar e você fala: “Vou ter que parar de amamentar porque eu não posso estar aqui para amamentar”, são fases da mulher que são muito difíceis: a gente tem que ser forte para conseguir levar um trabalho e a função de mãe. (Agnes Rodrigues)

Conforme Romariz, Votre e Mourão (2012), as exigências impostas pela maternidade e pela família afastam as mulheres do cargo de técnica, uma vez tratar-se de uma carreira que demanda grande dedicação de tempo, marcada por constantes viagens para treinamentos e competições, o que faz com que essas mulheres permaneçam fora de casa em finais de semana, feriados e até por longos períodos. Por conta dessas atribuições, Fetter e Silva (2011) alegam

que a carreira de treinadora é vista como uma opção inviável para mulheres casadas ou que almejam ter filho.

Nesse sentido, outro estudo que nos possibilita visualizar essa relação entre trabalho e maternidade é o de Braga (2021), no qual, dentre as dezenove profissionais participantes, somente uma possuía filhos, e sua dificuldade para permanecer no cargo consistia na conciliação entre trabalho, dedicação ao(s) filho(s) e rotina doméstica – fatores apontados como entraves à escolha das mulheres.

Além da maternidade, outro fator apontado por Agnes refere-se à força das mulheres em comparação aos homens. Na visão dela, trata-se de um fator levado em consideração pelas equipes na contratação dos profissionais para suas comissões técnicas:

Você pode avaliar acho que todas as equipes que estão na Superliga não existe nenhuma mulher como treinadora, só existem homens; as mulheres que estão dentro da comissão técnica ou são psicólogas ou são fisioterapeutas, não existe treinadora nem assistente mulher. Não vou dizer que eu já sofri isto, mas se tiver um homem e uma mulher para ele escolher para ajudar para ser assistente dele em uma categoria adulta, ele vai pedir para o homem, ele vai falar: “Não, se eu pedir para ela atacar não vai ser na potência que eu quero”, mas você tem que olhar a mulher com uma outra visão, eu vejo assim, ela pode ajudar talvez pela sensibilidade dela, pelo “feeling” que ela tem ou pela condição técnica que ela tem, pela condição tática que ela tem, não é só a força, a composição física da pessoa que vai dizer se ela tem competência para trabalhar ali ou não, então eu acho que isto ainda precisa ser superado. (Agnes Rodrigues)

Treze treinadoras alegaram considerar que a sua chegada contribuiu para romper com a desigualdade de gênero nesse campo; apenas uma delas considerou como uma conquista do profissionalismo, e não do gênero. Dentre os treze relatos, Patricia comenta sobre a importância de uma referência:

Precisa ter um pontapé inicial, precisa ter uma pessoa, e aquilo que o professor faz a pergunta: “Alguém tem alguma pergunta?” enquanto ninguém levanta a mão, não tem nenhuma pergunta, mas aí um levantou tímido o outro já cria coragem e vai indo. Então eu acho que precisa de uma pessoa, como estou falando para você: eu via a Sandra e falava assim: “Poxa vida, que legal! Ela está rompendo uma barreira e eu gostaria de tentar” e hoje ver as minhas atletas chegando para mim também; então a gente precisa. Se eu Patricia consigo incentivar duas, estou falando por mim, a Sandra conseguiu me incentivar, eu Patricia consigo incentivar duas, três, estas duas e três vão então disseminando, vão aumentando esta possibilidade, então acredito sim que indiretamente nós somos exemplos. Se eu tiver uma postura profissional, que incentive e que motive, acho que isto tem tudo para dar certo. (Patricia Cremasco)

Mirtes também valoriza a importância de mulheres que se tornam referência para outras mulheres, destacando que, através de sua carreira, pôde inspirar outras mulheres:

Eu acho que contribui, eu acho que quando a gente vira espelho para algumas pessoas, que foi o que eu falei no começo: muitas meninas que hoje optaram pela educação física e que são técnicas, eu tenho bastante atletas que hoje são profissionais na área e que falam que se inspiraram em mim, isto é muito legal, então acho que de certa forma você rompeu barreiras e barreiras até dentro da família. Eu acho que de certa forma a gente consegue abrir a cabeça delas; apesar do salário não ser uma maravilha eu faço o que eu amo, então você pode viver sim de uma coisa que você ama e ser importante na vida dos outros, isso é muito bacana. (Mirtes Benko)

Ao ampliarem a sua inserção no comando de equipes de voleibol, essas treinadoras deslocam representações que naturalizavam esse campo como um território onde a masculinidade se comprova, rompendo essa noção, transpondo essas fronteiras e estimulando outras treinadoras (JAEGER *et al.*, 2010).

A superação de barreiras é destacada na fala de Nathália, a qual discorre sobre as possibilidades de superação, por meio da presença de mais mulheres no comando das equipes:

Eu acredito que sim, por mais que a gente não sinta preconceito, mas chegar uma mulher dirigindo a equipe, uma mulher que seja a cabeça da comissão técnica com homens compondo, mas que ela que tenha que tomar as decisões é diferente, e isto vai quebrando algumas barreiras de que a gente é mais sensível, a bronca é diferente, então este tipo de coisa a gente foi quebrando. Estou transitando nas categorias menores e a gente vai vendo que se existe um preconceito ele está sendo quebrado desta maneira, assumir que está perdendo para uma mulher, por um time que está sendo comandado por uma mulher, isto tudo vai sendo quebrado durante os anos. (Nathália Fraga)

Oito treinadoras relataram perceber algum tipo de preconceito ou discriminação contra as mulheres treinadoras no voleibol. Em três desses relatos, as treinadoras mencionaram o fato de não terem oportunidades iguais às dos homens para desempenharem o seu trabalho. Sobre essa questão, Helga comenta:

As oportunidades não são iguais independente da sua capacidade de treinadora; eu conheço treinadoras muito melhores do que eu e elas não têm espaço, no máximo chegam em uma seleção estadual, até como técnica: essas duas que estou conversando são pessoas que eu conheço bem, elas são técnicas de seleção de seus Estados e são super capazes, mas a gente não tem espaço mais para cima, tem limite e eu acho que isto é uma coisa ruim e seria importante ter mulheres com espaço para mais coisas. Existe uma discriminação não só de qualidade técnica, mas de qualidade física, limitação. (Helga Sasso)

A fala de Mirtes corrobora a de Helga no que tange a falta de oportunidade concedida às treinadoras:

Não tem nada que fale que lá para cima a relação entre o técnico homem e a atleta sub-19 fica melhor, não sei, que estudo que prova que uma mulher não consiga ter uma relação boa com uma equipe sub-19, sub-21 e adulta? Então acho que existe sim um preconceito e não sei se são das instituições, isto é matéria de estudo para você, porque na federação e nas confederações também não tem. Se você pensar em categorias de base nas seleções brasileiras aí, que mulher faz parte das comissões técnicas? Não tem também, então se é um preconceito das instituições, se é um preconceito da própria entidade que rege o vôlei no País eu não sei te responder; que existe alguma coisa existe, mesmo que seja velada, mas eu acho que existe sim. (Mirtes Benko)

Os relatos salientam o enfrentamento de barreiras a que essas mulheres se submetem, o que lhes dificulta o acesso a algumas oportunidades na carreira. Em se tratando da categoria adulta, por exemplo, Irma menciona a estrutura que é observada:

A discriminação e o preconceito existem. As comissões técnicas das equipes adultas só permitem a inserção de fisioterapeutas e psicólogas mulheres. Os outros cargos são todos ocupados por homens. (Irma Conrado)

A mudança desse quadro composto pelos relatos das treinadoras só é possível com a participação de mulheres reflexivas, dispostas a lutar por igualdade de oportunidades, comprometidas com a tarefa de criar mudanças positivas dentro das organizações, e assim disputar os cargos de comando (ROMARIZ; VOTRE; MOURÃO, 2012).

Contudo, também é preciso que os órgãos representativos do esporte nacional, juntamente com as confederações, as federações e os clubes, promovam novas políticas com o intuito de estimular a presença feminina no esporte e de minimizar os obstáculos existentes, o que é ratificado por Soares (2001), segundo o qual as estruturas institucionais inapropriadas às mulheres não propiciam o seu acesso e sucesso profissional e conseqüentemente impedem que elas cheguem às áreas de maior prestígio.

A fala de Denize, além de destacar que às mulheres não são dadas as mesmas oportunidades que aos homens, reforça a necessidade imposta a elas de provar a sua capacidade:

Eu acho que a gente passa muito preconceito sim, a não ser que a pessoa já tenha uma carreira que nem a gente, que está a trinta anos, que você já mostrou aquilo que você sabe, aquilo que você pode fazer. Se você não tem esse tempo dentro do voleibol, mas cara, você vai esperar ter trinta anos de carreira para você ter oportunidades? Pelo amor de Deus né. Por que que os outros tem lá dois, três anos de técnico e o cara já tem uma oportunidade em uma equipe

adulta, por exemplo? São disparates absurdos, mas nós temos sim, infelizmente. (Denize Diniz)

De acordo com Jaeger *et al.* (2010), a representação do esporte como um território em que os homens produzem e demonstram a sua masculinidade favorece a percepção de que treinadores geralmente são homens, o que acaba por produzir questionamentos a respeito da competência das mulheres nessa posição – o que a treinadora Denize deixou claro em sua narrativa.

Duas treinadoras, entretanto, alegam que essa estrutura é ocasionada por ações das próprias mulheres. Nesse aspecto, Agnes assim se manifestou em seu depoimento:

Acho que a própria mulher também às vezes não almeja ter times mais velhos pela demanda de horários, pela exigência que vai ser. Então eu acho que tem os dois lados, não é só o preconceito não, tem também o lado da mulher de querer exercer o seu papel de mãe, então conciliar um trabalho mais ameno com a função de mãe, porque realmente, se eu fosse técnica de um adulto naquela fase eu não ia ver meus filhos, porque você treina dois períodos, quando você não está treinando você está vendo vídeo, você está fazendo um monte de coisas, então é um trabalho que exige muito mais do profissional, então eu acredito que esta demanda também a mulher tem um pouco de culpa, mas que tem as pessoas que não querem ter filhos e as vezes não são contratadas por terem medo de acontecer isto. (Agnes Rodrigues)

Já a fala de Laila ressalta a importância de as mulheres buscarem se aperfeiçoar na carreira:

Acho que falta um pouco ainda da gente em se impor em relação aos homens, não da forma agressiva que acontece, mas profissionalmente falando, ter um currículo tão bom quanto o deles, ter o trabalho dando resultados quanto o deles e é só assim que a gente consegue aparecer, é dando resultado, é trabalhando, é estudando, é se especializando, porque aí não tem como contestar. Nas outras características eles são maioria, eles possuem mais resultados, eles possuem mais oportunidades. (Laila Silva)

As falas das treinadoras dialogam com o estudo de Ferreira *et al.* (2013), no qual observou-se que algumas entrevistadas acreditam que as próprias mulheres também são responsáveis por sua baixa representatividade no comando esportivo, uma vez que elas se mostraram conformadas e acomodadas diante da reserva masculina em cargos dessa natureza, interiorizando o domínio dos homens; além disso, muitas delas sequer consideram a profissão de técnica como possível para elas.

Outro tipo de preconceito ou discriminação identificado na fala de Laila se deu em torno da uma competição:

Quando eu viajei para o Campeonato Brasileiro de Seleções: os técnicos ficam nos mesmos quartos, independente de Estado, e eu sendo mulher não poderia ficar no mesmo quarto com outros técnicos, isto já é um problema, e aí se você vai para um campeonato desses que tem que alojar os técnicos nos mesmos quartos, ser mulher é um problema, então se tiver um técnico homem é preferível que ele vá, ou se tiver duas técnicas mulheres para elas ficarem juntas, então este é um empecilho. Dentro dos congressos técnicos acho que também por ser maioria homem a gente quase nunca é ouvida, claro que escutam o que a gente tem para falar, mas daquele jeito, enfim, cabe a nós buscar este espaço profissionalmente falando, se capacitando, se qualificando, dando resultado e aí fala por si só. (Laila Silva).

Cinco treinadoras, no entanto, alegaram não ter identificado qualquer tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol. A estrutura observada representa uma falta de valorização em relação às treinadoras, segundo Vandelina:

Acredito que não seja um preconceito, mas a falta de valorização mesmo. Ainda predomina muito a figura do técnico como o único capaz de estar à frente de uma equipe, no entanto, temos mulheres capazes com competência, mas está difícil encontrar este espaço ainda, então não vejo como um preconceito, mas acredito que está faltando confiar e acreditar no potencial das mulheres. (Vandelina Ribeiro)

Já para Shirley, esse contexto passa por uma escolha das próprias mulheres:

Neste sentido que eu disse onde o treinador, ele busca as categorias de cima, vamos dizer de sub-19 para cima, e onde não se vê as treinadoras mulheres, mas pensando nisto, é o que eu digo, toda esta condição anterior de família, de disponibilidade, de objetivo, que conduz a isto, então não é que haja discriminação, eu vejo que por não ter tantas mulheres não há uma maior visibilidade até das outras quererem também, apesar de que a gente vê muitas mulheres hoje em comissões técnicas como fisioterapeutas, nutricionistas, mas não no sentido de comandar, eu vejo claro por conta de um machismo velado sim, mas também porque muitas não possuem este objetivo como meta final. (Shirley Munch)

Oliveira (2002), ao analisar a trajetória de técnicas brasileiras, constatou que as mulheres assumem como natural a reserva masculina no treinamento de equipes esportivas, interiorizando as normas sociais, o que causa o problema do consentimento. Em consonância com a autora, Ferreira *et al.* (2013) alegam que as próprias mulheres se conformam com isso, uma vez que, quanto mais elevados o cargo e o nível competitivo, proporcionalmente maiores serão as exigências de tempo e dedicação à vida esportiva. Em contraponto com a vida pessoal e doméstica, elas se acomodam e optam por manter os trabalhos de iniciação esportiva.

Apesar de sinalizar para a existência de preconceitos e discriminação ao atuarem como treinadoras de voleibol, a maioria das treinadoras também identifica que houve mudanças relacionadas a preconceitos e discriminações de gênero entre o início de sua carreira e os dias atuais. Sobre essa questão, Glaucimar assim se manifesta:

Eu acho que vem melhorando sim, eu acho que a mulher está conquistando mais o seu espaço, não está o ideal, mas já está a caminho; eu acho que antigamente era pior. (Glaucimar Abedanti)

Agnes também identifica uma maior inserção das mulheres no comando das equipes de voleibol:

Em relação a inserção das mulheres tem aumentado: na minha época quando eu comecei tinham pouquíssimas mulheres treinadoras, hoje são muitas, então eu acredito que aumentou bastante. (Agnes Rodrigues)

Ainda que persista a baixa representatividade de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, é possível verificar que as diferenças de gênero no esporte estão menos acirradas e que as mulheres vêm ocupando posições significativas nesse campo, desmistificando representações restritivas, estereotipadas, preconceituosas ou mesmo discriminatórias, rejeitando a posição de vítimas e assumindo os riscos ao traçarem os seus próprios caminhos e destinos no esporte.

Esse aumento na participação das treinadoras também tem sido observado em relação aos cursos de capacitação, segundo a percepção de Laila relata

Eu percebo que nos cursos da CBV que eu faço, por exemplo, no começo do ano eu fiz o curso nível III aqui em Brasília e éramos quatro mulheres para vinte e seis homens, então éramos minoria; no de Minas a gente via já mais de dez mulheres para vinte, trinta homens, então já deu uma aumentada; participei do encontro internacional³⁹ agora também e já aumentou também o número de mulheres participando, então assim, a gente nunca vai ser uma quantidade igual, mas só o fato da gente estar ali e eles entenderem que eles tem que, por exemplo, prestar atenção nas conversas que eles possuem com os outros porque tem mulher ouvindo, para mim eu já acho isto um ato de respeito e eu acho muito legal; e querendo ou não, acho que eles vendo a gente participar mais destes cenários que são completamente masculinos, eu acho que eles vão pensar: “Poxa, elas estão aí. Elas estão brigando”, não é porque são mulheres que são melhores ou piores, então a gente tem que brigar do mesmo jeito. (Laila Silva)

³⁹ I Encontro Internacional de Voleibol, evento *on-line* organizado pela Federação Mineira de Voleibol.

A capacitação é importante para qualificar o trabalho das treinadoras, contudo estudo de Romariz, Votre e Mourão (2012) verificou que a realização de cursos não é suficiente para que elas consigam se inserir em equipes adultas e profissionais, enquanto que para os homens a falta desses cursos não impede que eles atuem como técnicos dessas equipes.

O relato de Denise evidencia que a forma de se relacionar com os treinadores também apresentou mudança:

Antigamente era muito mais, a gente percebia isto nitidamente: os técnicos às vezes nem chegavam para conversar com a gente quando a gente tinha jogo. A gente chegava no jogo e você percebia que o técnico nem dava muita atenção, sabe: “Nossa, técnica mulher, nossa senhora”, sabe aquela coisa assim “Vou ganhar fácil” e quando começava a perder ficava desesperado, perdia a compostura, xingava porque não sabia o que fazer “Nossa, eu vou perder para uma mulher, putz” eram coisas assim realmente absurdas, mas que com o tempo melhorou muito, graças a Deus. (Denise Diniz)

Entretanto, seis treinadoras não percebem mudanças relacionadas a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciaram na carreira em relação aos dias atuais.

Mirtes relata:

Acho que houve poucas mudanças: o preconceito é velado, mas existe sim. Os maiores são: mulher quer ter filho não serve para trabalhar com categorias maiores; mulher não deveria trabalhar com masculino; ou mulheres são maternais e servem mais para base. (Mirtes Benko)

De acordo com duas treinadoras, ao se traçar um comparativo entre a década de 1990 e os dias atuais, ainda é possível visualizar algumas barreiras a serem transpostas. Tatiana diz:

De 1997 até 2020 não mudou, o que eu acredito muito é que as poucas mulheres que tem elas questionam, elas se posicionam, mas está difícil de ouvirem as nossas vozes, está difícil de abrir esse caminho, porque não é só a tua competência que está em jogo, mas ainda te veem pelo gênero que você tem. Você pega a seleção brasileira de base e você vai ver foto do feminino, masculino onde a comissão técnica é inteira masculina. Aí me pergunto, será que não tem mulheres que não possam estar lá também? (Tatiana Silva)

Irma também comenta a ausência de treinadoras em determinados contextos:

Os preconceitos e discriminações são os mesmos de quando comecei minha carreira com os dias atuais. Em alguns períodos nos anos 1990 tivemos algumas técnicas atuando em equipes adultas, mas não vingaram. (Irma Conrado)

Segundo Ferreira *et al.* (2013), poucas mulheres se mantêm no comando de equipes, já que apenas uma minoria feminina está disposta a enfrentar tantas dificuldades. As poucas que permanecem atribuem a sua permanência na carreira à credibilidade adquirida através das vitórias conquistadas, que atestam sua competência. Relatam ainda o apoio de terceiros, como coordenadores e diretores em clubes, as suas qualidades como profissionais e a sua motivação advinda do amor que sentem pelo esporte como fatores importantes para continuarem no cargo por tantos anos, apesar de todos os empecilhos.

A força física também é destacada como uma das barreiras que impedem as mulheres de estarem no comando de equipes adultas. Glaucimar comenta:

A gente está em uma profissão machista, ainda é mundo de homem e vejo que a mulher na grande maioria tem maior espaço nas categorias de base, dificilmente se vê mulheres em categorias adultas; atribuem muito a força física [...] ainda acho que é muito machista, ainda acho que é sinônimo de força a profissão, braço, tipo: “Tem que ter braço; tem que ser forte para dar bordoadas nas meninas. Se não tiver um bordoador lá não tem como ser técnico” então eu creio que a gente tenha ainda esta cultura. (Glaucimar Abedanti)

Identificado com traços de guerreiro, representado por força, vigor, estratégia e determinação, o esporte de alto rendimento sempre se destinou mais aos homens do que às mulheres. Além disso, a suposição de que a mulher é incapaz, ou de que sua produtividade é menor que a dos homens, reduz a possibilidade de entrada delas no mercado (ROMARIZ; VOTRE; MOURÃO, 2012).

Tatiana traz outros elementos que justificam esse desequilíbrio no número entre homens e mulheres na categoria adulta:

Na categoria de base, como eu trabalhei bastante tempo, sei que existem muitas mulheres competentes trabalhando, mas no adulto é mais difícil de encontrar. Essas mulheres que conheci acredito que poderiam estar trabalhando tranquilamente em CTs de alto rendimento também; claro que tem outras variáveis: é patrocinador, é a região as vezes, mas elas acabam não saindo assim como eu. (Tatiana Ribas)

No entanto, apesar das barreiras identificadas que resultam nesse desequilíbrio, alguns relatos apontam que algumas mulheres não têm interesse em atuar na equipe adulta. É o caso de Francini:

Já ouvi “lives” para outras mulheres também: “Você não acha que deveriam ter mais mulheres no adulto?”, e a maioria delas que eu ouço e talvez eu me

inclua a elas também, a gente tem um perfil mais educador, eu acho que mais de ensinar, e a maioria que ouvi gosta de trabalhar com a base [...] eu não acho que as mulheres não tenham capacidade, eu só acho que dentro das que eu conheço, elas não têm vontade. (Francini Bravo)

Mourão (2003) aponta que a resistência masculina ao trabalho técnico da mulher, as viagens para participar em competições, os longos períodos de treinamento e a dificuldade em gerir o espaço doméstico são alguns dos elementos que influenciam no fato de a mulher não desejar entrar no espaço competitivo de alta *performance*, o que dialoga com a fala de Francini, a qual demonstra que a atuação na categoria adulta não corresponde ao interesse profissional de todas as treinadoras.

Shirley apresenta a questão familiar como um elemento que leva algumas mulheres a optarem por atuar apenas nas categorias de base:

Eu acho que isso também é uma condição de que as mulheres não tem talvez, esse objetivo de ir tão acima disto, por conta até de uma estrutura familiar: são mulheres que muitas vezes são mães ou que estão constituindo a família e elas não possuem esta disponibilidade ou esta vontade de estar inseridas em dois períodos de treinamento, muito tempo fora de casa, viagens, então eu acho que este que é o ponto que difere. (Shirley Munch)

A fala de Tatiana também traz considerações em relação à questão familiar:

Muitas mulheres acabam não trilhando o adulto, o alto rendimento, porque daí elas escolhem continuar com o voleibol na base ou em um adulto mais regional, que não exige tanto de que ela fique fora de casa, para que daí você construa a sua família, eu no meu caso eu já não fiz tanto esta opção [...] o que tenho visto é que pelo meio ser muito pesado pela questão da pressão e tudo mais, a mulher normalmente que tem filho ou com marido, abandona mais fácil o alto rendimento, eu já tive problema no meu relacionamento justamente por causa desta vida louca, de não parar em casa, não ter tempo para a família. (Tatiana Silva)

A percepção de Shirley e Tatiana sobre a relação entre a carreira profissional e a família dialoga com estudos presentes na literatura. Cramer *et al.* (2012) desenvolveram estudo com quatro empreendedoras, duas das quais relataram o encerramento de atividades empreendedoras por conta da demanda por parte dos filhos e/ou marido. Em pesquisa realizada com mulheres que atuam em cargos de gestão no futebol profissional masculino brasileiro, Torga (2019) identificou que a maternidade se mostrou um fator limitante para a permanência delas em seu cargo, devido à necessidade de maior dedicação da mãe à nova vida que surge, impossibilitando-as de se dedicarem de maneira exclusiva às demandas do cargo.

Outro estudo que dialoga com as falas das treinadoras sobre a relação entre a questão familiar e a carreira profissional é o de Oliveira (2002). A autora entrevistou doze técnicas e encontrou que quase todas tiveram de optar entre a dedicação exclusiva à família e a dedicação exclusiva à carreira. Outro dado encontrado no estudo foi o fato de essas mulheres serem solteiras e não terem filhos aparecer como um elemento facilitador da ascensão na carreira delas.

Em relação à remuneração recebida por treinadoras e treinadores, oito treinadoras não percebem diferenças no salário recebido entre elas e eles. Contudo, Agnes menciona diferenças salariais em relação à categoria em que se trabalha, conquistas na carreira e formação:

O que muda eu acho é talvez a categoria que você pega, isto pode mudar o seu salário, daí tem clubes que trabalham desta forma, tem clubes que trabalham com meritocracia, então: “A, você ganhou mais campeonatos você vai ser mais bem remunerado. Você tem uma pós você vai ser remunerado. Você tem um mestrado você vai ganhar mais” tem clubes que tem tido este plano de carreira. Mas eu não acredito que tenha: “A, eu vou contratar para os iniciantes e o salário é três mil reais: se for mulher vai ganhar dois e se for homem vai ganhar quatro”, não acredito nisto. (Agnes Rodrigues)

Além desses aspectos que podem influenciar no salário recebido, o tempo trabalhado no clube foi mencionado por Francini:

Lá no meu trabalho o salário é por tempo de casa, é uma questão mais estrutural da prefeitura, mas em outros lugares eu não sei se as mulheres ganham mais ou menos do que os homens. (Francini Bravo)

Helga comenta que os salários podem ser diferentes em função do clube em que se trabalha:

Acho que a diferença é muito mais por onde você está inserido trabalhando, mais do que ser feminino ou masculino, mas eu não posso te garantir. Acho que depende muito de onde você está trabalhando, o clube que você está trabalhando ganha “x”, se é mulher ou homem, espero eu. (Helga Sasso)

E Tatiana menciona que o cargo na equipe também pode resultar em diferenças salariais:

As diferenças elas acontecem pelo cargo, então, por exemplo, o técnico, o assistente e o auxiliar, recebem valores diferentes. (Tatiana Silva)

Já para seis treinadoras, há diferenças salariais atreladas a questões de gênero, e seus discursos apontam para questões estruturais em nossa sociedade. Denize relata:

Eu também acho que as vezes é cultural, que é aquele negócio: “O homem é o pai da família, é o cara que vai levar o sustento, é o cara que não sei o que, então ele precisa ganhar mais, e a mulher, mas a mulher já tem o homem, se a mulher é casada ela já tem o homem em casa” então existe sim e é uma coisa muito grande [...] a mulher precisa arranjar um meio termo de ela evoluir para também ser uma coisa mais comercial, dela saber se dar o valor comercialmente, mas ela também não pode esquecer das raízes dela, daquilo que é mais importante para ela, porque eu acho que este é um grande diferencial entre a mulher e o homem de técnico, este é o grande diferencial, são as raízes que a mulher traz, o jeito dela trabalhar, a forma dela trabalhar, que é totalmente diferente do homem, e eu acho que esta é a grande diferença entre os dois, e isto dá uns cinco pontos a mais para a mulher mais ou menos [riso]. (Denize Diniz)

De acordo com Silva (2000), embora a mulher esteja participando ativamente no mercado de trabalho, as relações sociais ainda são marcadas por relações de gênero, sendo possível observar que a diferença salarial entre homens e mulheres que exercem a mesma função é cada vez maior no País. Esses achados encontram respaldo em Atal, Ñopo e Winder (2009), cujos estudos verificaram que as mulheres ganham em média 30% a menos que os homens de uma mesma faixa etária e mesmo nível de escolaridade.

Tratando em específico dessas relações no contexto esportivo, Romariz, Votre e Mourão (2012) realizaram estudo que demonstra dados nacionais e internacionais, no qual é possível constatar que as mulheres percebem menores salários e menos prestígio como dirigentes e técnicas comparativamente à gestão masculina em esportes de alto rendimento. Os dados desse estudo confirmam achados de Novais, Mourão e Soares (2017), segundo os quais, ainda que as mulheres se dediquem à formação, o reconhecimento financeiro dispensado a elas é inferior ao oferecido aos homens, independente da qualificação.

Apesar das barreiras que enfrentam na construção de suas trajetórias, onze treinadoras acreditam na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres. Francini aponta que as comissões técnicas estão abrindo mais espaço para as mulheres:

Eu vejo que é uma questão que talvez esteja mudando em algumas comissões técnicas, alguns lugares estão se preocupando em ter mulheres principalmente quando se trabalha com mulher, então, acho que isto está acontecendo e que isto é uma forma de abrir mais campos para que as mulheres possam integrar este meio, só que mais uma vez: se elas quiserem. (Francini Bravo)

Glaucimar também compreende que as treinadoras têm tido mais oportunidades na carreira e destaca mudanças vivenciadas por essas mulheres:

Eu acho que a mulher vai ter sim mais espaço, eu acho que cada vez a mulher está se empenhando mais em estudar e em estar se envolvendo com as situações, as mulheres estão menos em casa, estão mais independentes, e isto que é uma coisa que antigamente a mulher era muito mais dependente, de casa, ela dependia totalmente do marido e hoje em dia não, então já tem uma grande mudança, uma grande conquista da mulher no mercado de trabalho e eu acho que isto tende só a crescer. (Glaucimar Abedanti)

As narrativas das treinadoras sinalizam para novos ares no cenário do voleibol no Brasil, mais precisamente para as relações entre os gêneros nos cargos de liderança da modalidade. Por mais que o processo para alteração dessa estrutura ocorra de forma lenta, conforme evidencia a fala de Laila, é importante ressaltar o protagonismo dessas mulheres para visibilizar a modalidade.

Três treinadoras não acreditam na popularização do cargo de treinadora de voleibol no Brasil. Uma das dificuldades identificadas por Shirley nesse processo diz respeito aos poucos campos de trabalho:

As maiores dificuldades são campos de trabalho mesmo, em que eu vejo que a popularização é mais na base, e as dificuldades que a gente vê hoje são de todas as formas. Eu acho que o campo de trabalho hoje está muito restrito: as condições do nosso País, estão limitando muito esta condição também, então eu não consigo ver de outra forma que não seja só por conta da nossa situação, da situação atual. (Shirley Munch)

Os poucos campos de trabalho disponíveis podem ser explicados por estudo desenvolvido por Acosta e Carpenter (2012), no qual as autoras observaram que os números nos postos administrativos e técnicos possuem estreita relação, já que onde há mais mulheres com poder de decisão e contratação, também há maior presença feminina como treinadoras. Pfister e Radtke (2007) encaram essa situação como um problema, uma vez que são homens que na maioria das vezes decidem pelo esporte feminino.

Kanter (1993) amplia a discussão e apresenta que oportunidades criam mais oportunidades, assim como poder gera mais poder. Essa inter-relação produz um ciclo de vantagens para o grupo dominante e, conseqüentemente, de desvantagens para o grupo minoritário, de tal modo que, uma vez iniciado, é extremamente difícil para uma pessoa quebrar esse fluxo.

Outra dificuldade nesse processo diz respeito à quebra de paradigmas pelas mulheres, mencionada por Vandelina:

A curto prazo não vejo não. Como falei na anterior, tem muitos paradigmas que precisam ser quebrados e não acho que vai ser tão fácil, porque ainda é muito visto a figura masculina na frente de uma equipe, e precisamos encontrar mulheres dispostas a brigar por esse espaço. Atualmente poucas mulheres se dedicam nessa área. Muitos atletas depois que encerram suas carreiras seguem para esse mercado e as atletas mulheres a maioria delas vai formar sua família, ter seus filhos e criá-los, e ao contrário, o ex-atleta consegue mesmo com a família, consegue se dedicar a esse mercado e assim por não termos muito a figura feminina no mercado, a presença masculina se mantém. Entendo que talvez não seja preconceito ou outra coisa, mas é um paradigma, coisas que precisam ser quebradas. (Vandelina Ribeiro)

Tatiana também não acredita na popularização e identifica alguns desafios nesse processo:

Não acredito na popularização para as mulheres trabalhando com o voleibol, no alto rendimento eu não acredito infelizmente ainda. A gente vai ter que quebrar muita barreira, porque que nem eu falei: mais de vinte anos que estou aí no voleibol, pensando em rendimento e isto daí não mudou? Não acredito, é um trabalho ainda a longo prazo; eu não acho que daqui dez anos, vinte anos vai se popularizar: será um trabalho muito árduo ainda [...] os desafios são muitos para nós mulheres, ter que conciliar a vida profissional com a vida familiar e afetiva, saber que precisamos dar conta de tudo isso enfrentando grandes jornadas de trabalho, faz que certas escolhas se torne um grande conflito e algumas vezes um fardo em nossas vidas. Se deparar muitas vezes com a falta de reconhecimento após se dedicar a tudo que citei acima, deixa qualquer profissional mulher insegura a tentar esse cargo e espaço de técnica. (Tatiana Silva)

Dando suporte à fala apresentada por Tatiana, cita-se o fato de a Comissão Nacional de Treinadores (CONAT) ter instituído, no ano de 2020, a Universidade Corporativa do Voleibol (UCV), concebida para educar, treinar, formar e qualificar profissionais disponibilizando o conhecimento da cadeia produtiva do esporte de forma organizada e padronizada para atuarem nas organizações esportivas, federações, clubes, entre outros.

Como iniciativa da UCV, no ano de 2020 foi criada a Academia do Vôlei, que consistiu na apresentação semanal de palestras virtuais através do Canal Vôlei Brasil⁴⁰, com diferentes temáticas sobre o voleibol e cujas apresentações foram realizadas por profissionais que atuam na modalidade. Dentre as temáticas abordadas, no dia 06 de outubro de 2020 foi realizada uma roda de conversa⁴¹ com o tema “mulheres no voleibol: o empoderamento feminino nas

⁴⁰ As palestras podem ser acessadas através do link: <https://www.youtube.com/user/VoleiBrasil1/videos>. Acesso em: 10 fev. 2021.

⁴¹ Participaram da roda de conversa: Júlia Silva (Gerente de seleções de quadra – CBV); Isabelle Melo (Marketing – CBV); Heloisa Roese (ex-jogadora de voleibol da seleção brasileira); Letícia Pessoa (treinadora de voleibol de

comissões técnicas”, em que se debateu a baixa representatividade das mulheres em cargos de treinadora e assistente na categoria adulta no voleibol brasileiro.

Nessa roda de conversa, Isabelle Mello, profissional de marketing da CBV, apresentou seu estudo realizado no ano de 2019 com dados da temporada 2019/20 da Superliga A masculina e feminina. Dentre esses dados, a autora apresentou que, entre os 181 membros de comissão técnica inscritos na temporada, foram encontradas apenas 8 mulheres (uma assistente técnica, quatro fisioterapeutas, três médicas e uma preparadora física). Nas seleções brasileiras (adulta feminina e masculina, sub-18, sub-19, sub-20 e sub-21), dentre 56 membros da comissão técnica, havia apenas uma mulher, a qual atuava como psicóloga. Esses dados demonstram que as mulheres ainda representam um número muito baixo percentualmente em relação aos homens nos cargos de liderança envolvendo os clubes que participam da Superliga, assim como das seleções brasileiras de voleibol.

Diante desse contexto, Denize comenta:

Não existe diferença entre raças, não existe diferença entre gêneros, não existe diferença entre nada disto, eu acho que somos todos iguais. Eu acho que a única coisa que deveria diferenciar a gente é o tipo de trabalho que você desenvolve. Acho que todo mundo deveria ter a mesma oportunidade, os salários deveriam ser completamente iguais: não tem nada que diferencie eu de você; eu posso saber tanto ou mais do que você, então o que faz você ganhar mais do que eu? O que faz você ter mais oportunidades do que eu? Por quê? Eu acho que essas são as grandes questões que precisam de respostas ainda.
(Denize Diniz)

Jaeger *et al.* (2010) afirmam que o reconhecimento das desigualdades é um dos fatores que impulsionaram a luta por melhores condições e valorização do seu trabalho, e ainda pela ampliação da sua participação em distintas esferas do esporte. As entrevistadas assinalaram que as suas batalhas, antes de tudo, são pessoais e, posteriormente, assumem a esfera pública e coletiva.

Apesar de a estrutura nos cargos de liderança de equipes de voleibol manterem a hegemonia dos homens, deixando para a atuação profissional das mulheres as categorias de base, questionando sua capacidade e desvalorizando financeiramente seu trabalho, as treinadoras entrevistadas resistem a preconceitos, superam a falta de oportunidades e constroem uma carreira sólida no comando de equipes de voleibol.

praia); Cida Lisboa (treinadora de voleibol de praia); e Vandelina Tomasoni (técnica no Projeto Voleibol Nova Trento).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder ao objetivo central do estudo de compreender sobre as trajetórias e experiências das mulheres que ocupam o cargo de treinadora nas comissões técnicas do voleibol brasileiro e reconhecer suas trajetórias na construção do esporte nacional, concluímos que:

As treinadoras possuem ensino superior e pós-graduação, formações que subsidiam suas atuações profissionais como treinadoras, assistentes técnicas e coordenadoras. Apesar de identificado elevado nível de escolaridade, sua inserção em projetos esportivos, clubes ou equipes relaciona-se majoritariamente em categorias de base e com equipes femininas; entretanto, também se identifica, embora em menor número, a relação dessas treinadoras com a categoria adulta e master, além do trabalho com equipes masculinas.

No que concerne à etnia, a maioria das treinadoras se autodeclararam brancas e as demais, pardas. Seus discursos revelam que dificilmente são encontradas mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol, portanto conclui-se que sua inserção é dificultada, por mais que sua capacidade na realização do trabalho seja incontestável.

As brincadeiras de rua e as aulas de educação física foram importantes vias de acesso que demarcaram o início da relação dessas mulheres com as práticas corporais e esportivas durante sua infância e juventude. A família, os amigos e os professores tiveram participação fundamental na inserção delas na prática esportiva, e, posteriormente – mas não menos importante – sua participação foi importante no momento de escolha da carreira profissional como treinadora de voleibol.

Ao se identificar que as mulheres são ativas na infância e na juventude, é possível observar que elas rompem com os ideários sociais femininos de práticas esportivas, assim como de brincadeiras e brinquedos adequados a sua natureza, conforme impõe a heteronormatividade, tornando-se muito ativas e escolhendo o esporte para a prática e para a atuação profissional.

Alguns relatos indicam que, para algumas mulheres a atuação como treinadora não representava um objetivo profissional, contudo, as experiências que tiveram as direcionaram para essa atuação. As demais treinadoras relatam que tinham clareza em relação a essa escolha, apontando o gosto por ensinar como um dos fatores que as levaram a tal decisão.

A formação de novas atletas e a retribuição à modalidade foram outros fatores citados como determinantes para a escolha das treinadoras, os quais se associam à carreira que elas tiveram como atletas de voleibol. Através dessa experiência puderam observar a forma de trabalho de seus professores e treinadores, além de compreenderem a maneira como se dava a

relação entre as atletas, ambos os elementos considerados importantes e que fundamentaram a sua atuação profissional.

Os estágios além de representarem uma forma de aprendizado a essas treinadoras, também lhes possibilitaram mostrar a sua competência e expandirem suas redes de contatos. Todos esses elementos foram importantes para aumentarem a visibilidade delas neste cenário.

Ainda em relação à escolha pela atuação como treinadoras de voleibol, elas sofreram preconceito por escolherem a educação física como área profissional, e seus discursos sinalizaram a desvalorização profissional da área em termos de formação e remuneração, proveniente de pessoas próximas a elas.

Adentrando na trajetória construída nas comissões técnicas de voleibol, o fato de terem cursado pelo menos um dos quatro níveis dos cursos de formação de treinadores promovidos pela Confederação Brasileira de Voleibol, credencia sua atuação em nível nacional, independente da categoria na qual estejam inseridas.

Paralelo aos cursos promovidos pela CBV, as treinadoras também investiram na capacitação proveniente de outras instituições, seja no formato presencial ou *online*, e os conhecimentos adquiridos nessas formações foram além das dimensões técnicas e táticas do voleibol, englobando outras dimensões, como, por exemplo, a física e a psicológica, o que qualifica ainda mais a intervenção delas em treinamentos e jogos.

Os discursos apresentados mostram que as treinadoras apresentam trajetórias com atuações que demarcam a passagem por mais de duas equipes, contudo evidenciam-se também atuações em uma mesma equipe e por período longo. As categorias em que atuam refletem o cenário nacional encontrado, em que se constatam a inserção majoritária nas categorias de base e a ausência na categoria adulta. Na Superliga de Vôlei, principal competição da modalidade no País, considerando os naipes masculino e feminino, de um total de 24 equipes, apenas uma mulher atuou nos cargos de liderança – considerando os cargos de treinadora e assistente técnica – na temporada 2020/2021, objeto deste estudo, e, assim como outras treinadoras que estão inseridas em outras categorias, identificam o quão difícil é observarmos a atuação de uma mulher no alto rendimento.

A maioria das treinadoras possuem trajetórias construídas através da atuação com equipes femininas, e através os trabalhos realizados registram que os episódios marcantes em suas carreiras estão associados a conquistas de campeonatos, convocação de atletas para as seleções de seus Estados, seleção nacional, além da oportunidade de elas poderem atuar em determinadas equipes e também na seleção de seus Estados.

Além das conquistas, essas treinadoras têm suas carreiras demarcadas pelo enfrentamento de dificuldades, dentre as quais destacaram-se o início da carreira e a necessidade de provar diariamente a sua competência para pais de atletas e gestores, a necessidade de obtenção de resultados para a manutenção de patrocínio, e a formação de atletas diante da diversidade de opções que se apresentam aos jovens atualmente e os afastam da prática esportiva.

Preconceitos também foram sinalizados nos relatos das treinadoras sobre suas carreiras. Dentre eles, constam episódios ocorridos em competições e que foram relacionados à arbitragem e a episódios com outros treinadores, os quais demonstram que a elas foi conferido tratamento diferente daquele direcionado aos treinadores, e o questionamento em relação à capacidade para comandarem equipes masculinas.

A rotina de trabalho apresentada nas equipes em que atuam pode ser caracterizada como intensa, dada a quantidade de atribuições às quais são submetidas diariamente. Contudo, outro aspecto observado foi que a maioria das treinadoras realizam dupla jornada de trabalho, havendo relatos de atuação paralela como professora de educação física, *personal trainer*, ou ainda no setor de vendas de uma importadora. A necessidade dessa atuação para além do voleibol pode se justificar pelo salário recebido por essas treinadoras no trabalho com a modalidade, pois seus relatos evidenciam que não é possível viver só do voleibol. Atividades acadêmicas, sejam elas relacionadas à formação ou configurando-se como trabalho desenvolvido atualmente em suas carreiras, foram apontadas por poucas treinadoras, mas seus discursos mostram que em dado momento da carreira, essa conciliação se fez necessária.

O conflito da vida pessoal *versus* a vida profissional, envolvendo situações experimentadas com relação às exigências impostas pela carreira e pela vida pessoal, também foi identificado através dos relatos das treinadoras, sendo mais um elemento que nos permite compreender a rotina delas. Apesar de tantos desafios, elas permanecem trabalhando em busca de conquistarem alguns objetivos que possuem na carreira, os quais foram destacados: a formação de atletas, o trabalho com jovens atletas nos Estados Unidos, a atuação com a seleção Estadual ou nacional, o trabalho com a categoria adulta, e a atuação como gestora de voleibol.

Sobre as relações de gênero no cargo de treinadora, elas puderam ser inicialmente identificadas através do apontamento dos homens como as principais referências que possuem na profissão, o que evidencia ser o cargo de liderança no voleibol considerado como de reserva masculina. As mulheres foram citadas em menor número, mas o fato de se registrarem essas referências mostra que há uma representação nesse campo e que, com a atuação dessas mulheres

participantes do estudo, essa representação tende a ser cada vez maior para as próximas gerações de treinadoras.

Os treinadores com os quais trabalharam também foram citados como referências profissionais, o que indica que a relação entre treinadoras e treinadores muitas vezes ocorre de forma harmoniosa. Contudo, registrou-se também que há um distanciamento entre os pares, o que dificulta a troca de conhecimentos e experiências entre eles, além de falas que indicaram episódios envolvendo discriminação em competições por parte de treinadores, assim como de gestores.

As treinadoras sinalizaram que, devido ao baixo número de mulheres inseridas na categoria adulta, elas dificilmente conseguem se relacionar com as treinadoras inseridas nesse nível de atuação profissional. Já com as treinadoras inseridas nas categorias de base é facilitado, tendo em vista que constantemente se encontram e se enfrentam em jogos.

Diante do cenário caracterizado neste estudo e que dialoga com a literatura ao apresentar a inserção das mulheres nas categorias de base e em baixo número na categoria adulta, a maioria das treinadoras revelou que a chegada de mais mulheres contribui para a criação de mais oportunidades, o que também possibilitará a elas demonstrarem ainda mais a sua capacidade profissional; a mudança de estereótipos como, por exemplo, o de sexo frágil; e a quebra de barreiras que inferiorizam o trabalho das mulheres perante o trabalho realizado pelos homens.

Dentre os relatos que tratam da chegada de mais mulheres capazes de alterar esse cenário identificado, algumas reforçam a necessidade de elas buscarem capacitação constantemente, além de se inserirem nos contextos onde atualmente a presença dos homens configura a maioria, a fim de que sejam vistas. Conforme apresentado na literatura, a rede de contatos possui papel fundamental na inserção das mulheres nos postos de trabalho. Uma vez inseridas, essas mulheres se tornam referências, sendo capazes de inspirarem outras mulheres, e assim o cenário muda, passando a registrar cada vez mais a participação das mulheres.

Entretanto, cabe destacar que algumas treinadoras avaliam que a chegada de mais mulheres não irá mudar esse cenário, pois identificam que os homens sempre irão apresentar mais força do que as mulheres, utilizando-se, portanto, desse argumento como um limitador da ascensão delas. Além disso, acreditam que dificilmente a mulher irá se desvincular da imagem materna, a qual é muito associada a trabalhos de formação com jovens atletas; e, devido à demanda de treinamentos, jogos e viagens, muitas continuarão a optar por cuidarem de suas famílias, tratando a maternidade também como um dos impeditivos constitutivos deste processo.

Os preconceitos identificados pelas treinadoras que se estabelecem a partir da relação com os treinadores foram direcionados às poucas oportunidades de trabalho que lhes cabem, em comparação a eles; à dificuldade de se inserirem na categoria adulta apesar de comprovarem a sua competência, enquanto a inserção dos treinadores se dá de forma muito mais rápida, mesmo que, por vezes, estes apresentem qualificações inferiores às delas. Soma-se a isso o fato de elas precisarem, a todo momento, provar a sua capacidade para o exercício da profissão. No entanto, elas também reconhecem que o relacionamento com os treinadores melhorou ao longo dos anos, e que o número de mulheres atuando vem crescendo. Além disso, tem-se registrado uma maior participação delas nos cursos de formação.

Estas situações que caracterizam preconceitos também são identificadas ao tratarmos especificamente a respeito da presença de treinadoras negras nas comissões técnicas de voleibol no Brasil. As treinadoras participantes do estudo afirmam que em nosso País há um preconceito velado em relação às questões raciais, evidenciado ao se constatar a ausência de treinadoras negras no comando de equipes de voleibol no Brasil.

Sobre a possibilidade de diferenças salariais existentes entre treinadoras e treinadores, a maioria delas relatou que tais diferenças não ocorrem em relação aos gêneros, mas sim em relação à categoria trabalhada, às conquistas da treinadora ou do treinador registradas em seus currículos, sua formação, o tempo de trabalho pelo clube e o cargo desempenhado. Algumas treinadoras admitem existirem diferenças salariais entre treinadoras e treinadores, as quais se devem a questões estruturais de nossa sociedade, a qual valoriza mais o trabalho deles, do que o desempenhado por elas.

Embora haja poucos cargos disponíveis e que refletem nas poucas oportunidades que estas treinadoras possuem na carreira, além da necessidade de quebra de paradigmas, a maioria das treinadoras acreditam na popularização do cargo, destacando que visualizam a possibilidade na mudança da estrutura encontrada, na qual as mulheres terão mais oportunidades, apesar de compreenderem que para tal reorganização, o processo tende a ser lento.

Sugerem-se novos estudos que explorem a trajetória de vida de treinadoras de voleibol em outras regiões do País, atuantes em diferentes categorias e também nos diferentes níveis, resgatando suas memórias, aprofundando as análises sobre as relações de poder que podem estar associadas à atuação das mulheres como treinadoras da modalidade, e buscando identificar novos elementos que indiquem a mudança estrutural dos cargos de liderança nas comissões técnicas de voleibol.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, V.; CARPENTER, L. **Women in intercollegiate sport: a longitudinal, national study, thirty-five-year update 1977-2012**. Disponível em: <http://www.acostacarpenter.org/>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- ALBERTI, V. Narrativas na história oral. **Boletim Eletrônico da ABHO**, n. 1. 2002.
- ALMEIDA, C.; CRUZ, I. **Treinadoras: dirigir outros desafios. Situação das treinadoras em Portugal**. Queijas: Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2010.
- ANDRES, S. S.; GOELLNER, S. V. Trajetórias esportivas de jogadoras de Handebol e suas narrativas sobre ser profissional da modalidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 2018.
- ATAL, J. P.; ÑOPO, H.; WINDER, N. **New century, old disparities: gender and ethnic wage gaps in Latin America**. Washington: Inter-American Development Bank, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, T. *et al.* Aprendizagem profissional: histórias de vida de treinadores de futebol. **Rev. Min. Educ. Fís.**, 2013.
- BRAGA, A. C. **Trabalhadoras do futebol de mulheres no Brasil: discutindo lugares e fazeres**. 285 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física): Faefid, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.
- BRANCO, S. C. História oral: reflexões sobre aplicações e implicações. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 13, 2020.
- BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação nº 07 de 1965**. Brasília – DF, 1965.
- BRASIL. Decreto Lei nº 3199 de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 1941.
- BRASIL, V. Z. *et al.* A trajetória de vida de treinadores de ginástica artística. **J. Phys. Educ.**, v. 29, 2018.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo. 1993.
- BOJIKIAN, J. C. M. **Ensinando voleibol**. Guarulhos: Phorte, 1999.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CASSIDY, T.; JONES, R.; POTRAC, P. **Understanding sports coaching: the social, cultural and pedagogical foundations of coaching practice**. London: Routledge Abingdon, 2004.

CAVICHIOILLI, F. R. *et al.* O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 4, p. 631-647, 2011.

CLOPTON, A.; SAGAS, M. Shattering the glass ceiling? Examining the impact of perceived gender discrimination on promotional opportunities of male and female coaches in women's athletics. **Internat J Sport Management**, 2009.

COELHO, J. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. *In*: TOLEDO, L. H.; COSTA, C. E. **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

COLEMAN, J. S. Relational analysis: the study of social organizations with survey methods. **Human Organization**, n. 17, p. 28-36, 1958.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Guia para a imprensa: jogos Pan-americanos Guadalajara 2011**. Disponível em: http://www.cob.org.br/guadalajara2011/mediaguide/COB_mediaguide_port_2011v2.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The sport psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; HAY, J. Family influences on youth sport participation and performance. *In*: SILVA, J. M.; STEVENS, D. **Psychological foundations of sport**. Boston: Merrill, 2002.

COUTINHO, P. A. S. **O percurso para a excelência no desporto: estudo retrospectivo de fatores de treino e psicossociais em voleibolistas portugueses**. 2014. 224 f. Dissertação (Doutorado em Ciências do Desporto) – Centro de Investigação e Inovação em Desporto, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto. 2014.

CRAMER, L. *et al.* Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. **REGPEPE**, v. 1, n. 1, 2012.

CULVER, D.; TRUDEL, P. Cultivating coaches communities of practice. *In*: JONES, R. **The sports coach as educator: re-conceptualizing sports coaching**. London: Routledge, 2006.

CUSHION, C. Mentoring: harnessing the power of expertise. *In*: JONES, Robyn. **The sports coach as educator: re-conceptualizing sports coaching**. London: Routledge, 2006.

CUSHION, C. Reflection and reflective practice discourses in *coaching*: a critical analysis, **Sport, Education and Society**, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13573322.2016.1142961?journalCode=cses20>. Acesso em: out. 2021.

CUSHION, C.; ARMOUR, K.; JONES, R. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. **Quest**, Illinois, n. 46, p. 153-163, 2003.

DALSIN, K.; GOELLNER, S. V. O elegante esporte da rede: o protagonismo feminino no voleibol gaúcho dos anos 50 e 60. **Movimento**, v. 12, 2006.

DAMO, A. S. A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. **Revista Gênero**, Niterói, v. 7, n. 2, p. 137-152, 2007.

DEMERS, G.; WOODBURN, A.; SAVARD, C. The development of an undergraduate competency based coach education program. **The Sport Psychologist**, 2006.

DERÓS, C. C.; GOELLNER, S. V. As mulheres na gestão do esporte brasileiro: um estudo pioneiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, 2009.

ELIAS, N. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

EVERHART, C. B.; CHELLADURAI, P. Gender differences in preferences for coaching as an occupation: the role of self-efficacy, valence, and perceived barriers. **Res Q Exerc Sport**, 1998.

FACUNDO, L. A. *et al.* Trajetória profissional de treinadores no contexto do esporte paralímpico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, 2019.

FASTING, K. Treinar: uma prática sexualmente diferenciada. **Ex aequo**, Lisboa, n. 4, p. 87-101, 2001.

FERNANDES, V. **Mulheres de ouro: trajetória e representações de mulheres atletas de lutas**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/872>. Acesso em: set. 2021.

FERNÁNDEZ, F. R.; VENTURA, K. E. **Mujeres en los órganos de gobierno de las organizaciones deportivas españolas 2002-2006**. Madrid: Comissão Mulher e Esporte, Comitê Olímpico Espanhol, 2007.

FERREIRA, H. J. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Viçosa: UFV, 2012. Disponível em: <https://locus.ufv.br/handle/123456789/3471>. Acesso em: out. 2021.

FERREIRA, H. J. As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 2, 2017.

FERREIRA, H. J. *et al.* A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, 2013.

FERREIRA, H. J. *et al.* Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Rev. Educ. Fís.**, v. 26, n. 1, 2015.

FETTER, J. C. S. S.; SILVA, E. M. A atleta, o técnico. O atleta, a técnica. *In*: RUBIO, K. (org.). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FORNERIS, T.; CAMIRÉ, M.; TRUDEL, P. The development of life skills and values in high school sport: is there a gap between stakeholder's expectations and perceived experiences? **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 10, n. 1, p. 9-23, 2012.

FRAGOSO, I.; VIEIRA, F. **Morfologia e crescimento**. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana, 2000.

FRIEDMANN, A. Jogos tradicionais. **Ideias**, São Paulo, FDE, n.7, 1995.

FRÖHNER, G. Capacità di prestazione ed apparato locomotorio e di sostegno. **Rivista di Cultura Sportiva SDS**, a. XIX, n. 49. p. 25-32 lug-sett, 2000.

GILBERT, W.; CÔTÉ, J.; MALLETT, C. Developmental paths and activities of successful sport coaches. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2006.

GILBERT, W.; TRUDEL, P. Learning to coach through experience: reflection in model youth sport coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, Champaign, v. 21, n. 1, p. 16-34, 2001.

GOELLNER, S. V. A bela mãe e mulher. **Pro-Posições**, v. 16, n. 2, 2005.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, S. V. **Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades**. Revista Tempo, v. 19, n. 34, 2012.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico profissional da educação física. *In*: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (orgs.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 23-43.

GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: mudar o foco para visibilizar a modalidade. *In*: PINHEIRO, Francisco; MELO, Victor Andrade de. **A bola ao ritmo de fado e samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol**. Lisboa: Edições Afrotamentos, 2018.

GOMES, E. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Curso de Educação Física, UGF, 2006.

GOODMAN, L. A. Snowball sampling. **Annals of mathematical statistics**, n. 32, p. 148-170, 1961.

GRISCI, C. L. I. Ser mãe, produção dele, reprodução dela. *In*: CARDOSO, R. S. (org.) **É uma mulher...** Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

GUIMARÃES, G. L. *et al.* Treinamento de equipes mirins e infantis femininas: a concepção dos treinadores de voleibol do Estado do Rio de Janeiro. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 1, 2009.

GUIMARÃES, M. F. **Trajetória do feminismo: introdução a abordagem de gênero**. Marcadas a ferro. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

HJÄLM, S. *et al.* Burnout among elite soccer coaches. **Journal of Sport Behavior**, New York, v. 30, n. 4, 2007.

HOLT, N. L.; NEELY, K. C. Positive youth development through sport: a review. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y del Deporte**, v. 6, n. 2, 2011, p. 299-316.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. **Vozes da história**: contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, v. 27, 2003.

JAEGER, A. A. *et al.* Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2010.

JARVIS, P. **Globalization, lifelong learning and the learning society**: sociological perspectives, lifelong learning and the learning society. Abingdon: Routledge, 2007.

JOWETT, S.; TIMSON-KATCHIS, M. **Social networks in sport**: parental influence on the coach-athlete relationship. **Sport Psychologist**, v. 19, n. 3, 2005.

KAMPHOFF, C.; ARMENTROUT, S.; DRISKA, A. The token female: women's experiences as division i collegiate head coaches of men's teams. **Journal of Intercollegiate Sport**, Champaign, v. 3, p. 297-315, 2010.

KANTER, R. M. **Men and women of the corporation**. New York: Basic Books, 1993.

KILTY, K. Women in coaching. **The Sport Psychologist**, v. 20, n. 2, 2006, p. 222-234.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LAZEAR, E. P.; ROSEN, S. Male-female wage differentials in job ladders. **Journal of Labor Economics**, Chicago, v. 8, n. 1, 1990.

LEMYRE, F.; TRUDEL, P.; DURAND-BUSH, N. How youth-sport coaches learn to coach. **Sport psychologist**, v. 21, n. 2, 2007.

LYLE, J. **Sports coaching concepts**: a framework for coaches' behavior. Routledge: London, 2002.

MALINA, R. Crescita e maturazione nella ginnastica artistica. **Scuola Dello Sport**, a. XXI, n. 56, apriu 2002.

MAMEDE, R. N. S. **Negro no campo, branco no comando**: técnicos negros de futebol e questões raciais. 2018. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2018.

MARQUES JUNIOR, N. K. História do voleibol no Brasil e o efeito da evolução científica da educação física brasileira nesse esporte. **EFDeporte**, 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd170/historia-do-voleibol-no-brasil.htm>. Acesso em: out. 2021.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, G. F.; RUBIO, K. Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva. **Rev. Bras. Ci. e Mov.**, v. 25, n. 4, 2017.

MIELKE, D. Coaching experience, playing experience and coaching tenure. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Leeds, v. 2, n. 2, p. 105-108, 2007.

MILISTETD, M. *et al.* A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em Educação Física. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 4, 2015.

MILISTETD, M. *et al.* Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. **J. Phys. Educ.**, 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10 ed. São Paulo: HUCITEC. 2007.

MIRANDA, I. S.; LORENO, L. T. C.; COSTA, F. R. A dupla jornada do atleta universitário: perspectivas para a conciliação entre estudos e treinos na Universidade de Brasília. **Movimento**, v. 26, 2020.

MONTEIRO, I. C. **Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional**. Dissertação (Mestrado em Educação Física): Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, n. 13, 2000.

MOURÃO, L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. *In*: SIMÕES, A. C. (org.). **Mulheres e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

MOURÃO, L.; GOMES, E. M. Mulheres na administração esportiva brasileira: uma trajetória em curso. *In*: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

NELSON, L.; CUSHION, C.; POTRAC, P. Formal, non formal and informal coach learning: a holistic conceptualization. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Leeds, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006.

NORDMANN, L.; SANDER, H. The diploma-coaches study at the Coaches Academy Cologne of the German Olympic sport federation. **International Journal of Coaching Science**, Brentwood, v. 3, no. 1, p. 69-80, 2009.

NORMAN, L. Bearing the burden of doubt: female coaches experiences of gender relations. **Research Quarterly for Exercise & Sport**, Reston, v. 81, no. 4, p. 506-518, dez. 2010.

NOVAIS, M. C. B. **“À beira do gramado ou fora do jogo?”: as treinadoras do futebol de mulheres no Brasil**. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física): Faefid, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

NOVAIS, M. C. B.; MOURÃO, L. N.; SOARES, J. P. F. **A dona da bola:** questões de gênero na trajetória de uma treinadora de futebol. Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis, 2017.

OLIVEIRA, G. A. S. **Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível.** 2002. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, G. A. S.; TEIXEIRA, A. P. O. Trilhando um novo caminho: a gestão esportiva. **Revista Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 101-119, 2009.

PEREIRA, M. J. **Percepções das crianças, familiares e professores sobre as brincadeiras tradicionais de rua no espaço escolar, como recurso para o desenvolvimento infantil na pré-escola.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). 2015.

PERROT, M. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1988.

PFISTER, G.; RADTKE, S. Mulheres Tomando a Liderança ou mulheres tomando a liderança nas organizações esportivas alemãs. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 91-12, 2007.

PINTO, C. **Mulheres e desporto:** caracterização da participação na direção nas federações olímpicas portuguesas. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

RAMOS, V. *et al.* A aprendizagem profissional – as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 280-291, 2011.

RAMOS, V. *et al.* Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, 2014.

READE, I. *et al.* The under-representation of women in coaching: a comparison of male and female Canadian coaches at low and high levels of coaching. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 4, p. 505-520, 2009.

ROCHA, H. P. A. *et al.* Educação e esporte: analisando o tempo escolar do estudante-atleta de futebol. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 37, 2019.

RODRIGUES, H.; et al. As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. **Motrivivência**, 2017.

ROMARIZ, S. B.; VOTRE, S. J.; MOURÃO, L. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Movimento**, v. 18, n. 4, p. 219-237, 2012.

ROMARIZ, S. B.; MOURÃO, L. A história do voleibol contada por jogadoras de seleção brasileira no período de 1958 a 1989. **XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ**, 2006.

- ROMERO, S. M. T. R. **Gestão da diversidade de gênero nas organizações: estudo de casos múltiplos sobre homens e mulheres iguais nas desigualdades.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- RUBIO, K.; VELOSO, R. C. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, São Paulo, n. 122, 2019.
- SALGADO, M.; FRANCISCATTI, K. V. S. A análise dos dados da história oral: fundamentos para uma Psicologia Crítica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 304-319, 2014.
- SANCHES, S. M.; RUBIO, K. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, 2011.
- SANTOS, A. S. F. M.; MESQUITA, I. M. R. Percepção dos treinadores sobre as competências profissionais em função da sua formação e experiência. **Rev. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum.**, v. 12, n. 4, 2010.
- SCHINKE, R.; BLOOM, G.; SALMELA, J. The career stages of elite Canadian basketball coaches. **AVANTE**, Champaign, v. 1, n. 1, p. 48-62, 1995.
- SHAW, S. Gender in sport management. A contemporary picture and alternative futures. *In*: AITCHISON, Cara C. (org.). **Sport & gender identities: masculinities, femininities and sexualities.** New York: Routledge, 2007.
- SILVA, P. *et al.* Estratégias de resistência e empoderamento de treinadoras portuguesas. **J. Phys. Educ.**, v. 31, 2020.
- SILVA, R. N. B. *et al.* Futebol e a construção da imagem de treinadores pela mídia: um estudo a partir das notícias de um site de grande visitação na web. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 3, p. 648-655, 2014.
- SILVA, S. V. Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, 2000.
- SOARES, T. A. **Mulheres em ciência e tecnologia: ascensão limitada.** Química Nova: São Paulo, v. 24 n. 2, 2001.
- SOBRINHO, A. E. P. *et al.* Revisão sistemática sobre as situações de aprendizagem do treinador brasileiro: mediadas, não mediadas e internas. **Pensar a Prática**, 2019.
- SOBRINHO, A. E. P. *et al.* Desenvolvimento profissional de treinadores brasileiros medalhistas olímpicos. **Rev. Bras. Ci. E Mov.**, v.17, n.3, 2019.
- SOUZA, G.; MOURÃO, L. **Mulheres no tatame: o judô feminino no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.
- STAUROWSKY, E. Women coaching male athletes. *In*: MESSNER, M.; SABO, D. (Ed.). **Sport, men and the gender order: critical feminist perspectives.** Champaign: Human Kinetics, 1990.

TAVARES, M. L. R. S. **Mulheres em manchete**: a potência da geração de voleibol dos anos 1980. Juiz de Fora (MG). Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

TORGA, M. **Com a palavra, as gestoras**: a trajetória de mulheres em cargos de gestão nos clubes de futebol do Brasil. Juiz de Fora (MG). Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

TOZETTO, A. V. B.; GALATTI, L. R.; MILISTEDT, M. Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no Brasil: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n.1, 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUDEL, P.; CULVER, D.; WERTHNER, P. Looking at coach development from the coach-learner's perspective: considerations for coach development administrators. *In*: POTRAC, P.; GILBERT, W.; DENISON, J. (org.). **Routledge handbook of sports coaching**. London: Routledge, 2013.

TRUDEL, P.; GILBERT, W. D. Coaching and coach education. *In*: KIRK, D., O'SULLIVAN, M.; MCDONALD, D. (ed.). **Handbook of physical education**. London: Sage, 2006.

WENETZ, I. Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras do pátio escolar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 32, n. 87, 2012.

WENGER, E. **Communities of practice**: learning, meaning and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WHITAKER, D. **Mulher e homem**: o mito da desigualdade. 7. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

WRIGHT, T.; TRUDEL, P.; CULVER, D. Learning how to coach: the different learning situations reported by youth ice hockey coaches. **Physical education and sport pedagogy**, Abingdon, v. 12, no. 3, p. 127-144, 2007.

XAVIER FILHA, C. **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009.

ANEXO I**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Mulheres na liderança: trajetórias de treinadoras no voleibol brasileiro

Pesquisador: Ludmila Mourão

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 34824920.7.0000.5147

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.255.634

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado e delineado e os objetivos estão de acordo com a metodologia proposta, sendo que o projeto está em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS.: As pendências anteriores foram esclarecidas. Data prevista para o término da pesquisa: junho de 2021.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO sem assinatura, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. O pesquisador responsável apresentou declaração de próprio punho comprometendo-se a encaminhar ao CEP, por NOTIFICAÇÃO, o(s) documento(s) com as devidas assinaturas assim que a presente situação voltar à normalidade. Vale ressaltar que aprovação está sendo realizada mediante as recomendações da CONEP, que cada instituição têm autonomia de consentir ou não na realização da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CEPs.

Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa.

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

UF: MG

Telefone: (32)2102-3788

Município: JUIZ DE FORA

Fax: (32)1102-3788

CEP: 36.036-900

E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, ressarcimento com as despesas, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f.

Não apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h, por se tratar de pesquisa com entrevista online.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Encaminhar ao CEP, por NOTIFICAÇÃO, a FOLHA DE ROSTO com as devidas assinaturas assim que a presente situação voltar à normalidade. Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: junho de 2021.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional N°001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 02 de Setembro de 2020

**Assinado por:
Judel Barreto
(Coordenador(a))**

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

UF: MG

Telefone: (32)2102-3788

Município: JUIZ DE FORA

Fax: (32)1102-3788

CEP: 36.036-900

E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **“Mulheres na liderança: trajetórias de treinadoras no voleibol brasileiro”**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a oportunidade de se trabalhar com a história oral temática para reconhecer a atuação de treinadoras de voleibol no Brasil. Nesta pesquisa pretendemos investigar sobre as trajetórias e experiências de mulheres que ocupam o cargo de treinadoras no voleibol brasileiro e analisar os processos de inclusão e permanência de treinadoras nas comissões técnicas com foco nas questões de gênero.

Caso você concorde em participar, vamos fazer a seguinte atividade com você: realização de uma entrevista semiestruturada pela plataforma *Google Meet*, sendo as narrativas documentadas por gravação de vídeo através da própria plataforma. As perguntas versarão sobre as práticas corporais e esportivas na infância e juventude, a inserção e trajetória como treinadora de voleibol e as relações de gênero no cargo de treinadora, de modo a contribuir para a construção de parte da história das treinadoras de voleibol do Brasil. A gravação da entrevista será realizada para que o pesquisador possa realizar a transcrição e posterior análise dos dados à luz da análise de conteúdo. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: **“riscos mínimos, de origem psicológica, intelectual ou emocional, como possibilidade de constrangimento ao responder o questionário, desconforto, medo, vergonha, estresse, quebra de sigilo, cansaço ao responder as perguntas, quebra de anonimato, etc”**. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, você terá o anonimato assegurado, e caso se sinta desconfortável com alguma das perguntas terá o direito de não responder e/ou deixar de participar da pesquisa se assim desejar. A pesquisa pode ajudar nas reflexões para as contribuições acerca das desigualdades de gênero no cargo de treinadora de voleibol no Brasil.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento poderá ser assinado eletronicamente ou manualmente, e deverá ser escaneado em pdf, sendo gerada duas vias: uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20__ .

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: Ludmila Mourão
Campus Universitário da UFJF
Pró-Reitoria de Pesquisa - Faculdade de Educação Física e Desportos – FAEFID
CEP: 36036-900
Fone: (21)98169-8117
E-mail: mouraoln@gmail.com

Rubrica do Participante de pesquisa ou responsável: _____ Rubrica do pesquisador: _____
--

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Data da entrevista: ____/____/____

Horário da entrevista (início):

Horário da entrevista (término):

Nome da participante:

Idade:

Naturalidade:

Etnia autodeclarada:

Estado civil:

Tem filh@s? () sim () não

Quant@s?

Grau de escolaridade:

Profissão(ões):

1- Experiências com práticas corporais e esportivas na infância e juventude

1.1 Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

1.2 Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava?
Com quem você brincava?

1.3 Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

1.4 Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

2- Inserção e Trajetória como treinadora de voleibol

2.1 Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

2.1.1 O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

2.1.2 Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

2.1.3 Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

2.1.4 Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

2.1.5 Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

2.2 Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

2.2.1 Como é sua rotina de trabalho?

2.2.2 Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

2.2.3 Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

2.2.4 Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

2.2.5 Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

2.2.6 Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

2.2.7 Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

3- Relações de gênero no cargo de treinadora

3.1 Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

3.2 Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

3.3 Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

3.4 Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

3.5 Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

3.6 Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

3.7 Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

3.8 Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribui/u para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

3.9 Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

3.10 Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

APÊNDICE B
ENTREVISTA IRMA CONRADO

Figura 2 - Irma Conrado em arquivo pessoal no ano de 2018



Fonte: Acervo pessoal de Irma Aida Barreto Agulha Conrado.

Data da entrevista: 14/12/2020

Horário da entrevista (início): 21:30

Horário da entrevista (término): 23:00

Nome da participante: Irma Aida Barreto Agulha Conrado

Idade: 67 anos

Naturalidade: São Paulo

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: viúva

Tem filh@s? () sim (x) não

Quant@s?

Grau de escolaridade: nível superior completo e algumas pós-graduações.

Profissão(ões): sou professora de educação física.

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

I.C. – Meu acervo motor foi desenvolvido naturalmente com as brincadeiras da infância. O início das minhas experiências com práticas corporais foi na infância com as brincadeiras de rua. Meu acervo motor foi desenvolvido naturalmente. Quanto as atividades esportivas sistematizadas, aos oito anos de idade ingressei nos saltos ornamentais e aos doze anos no voleibol.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

I.C. – Minha infância foi baseada nas brincadeiras de rua: amarelinha, cobra cega, polícia e ladrão, mãe da rua, entre outras. Jogava futebol, andava de carrinho de rolimã, jogava bolinha de gude, subia em árvore e brincava muito com meninos e meninas. Em geral brincava com meus irmãos. Sou a oitava filha, com sete irmãos homens mais velhos.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

I.C. — As aulas de educação física estimularam minha liderança. Tive duas professoras com características distintas que me estimularam, cada uma de sua forma. A primeira me dava a liberdade para comandar as aulas; a segunda me incentivava a desenvolver minhas habilidades enquanto atleta de alto rendimento. Ambas contribuíram para a minha formação.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

I.C. – Minha adolescência foi um período de grandes decisões. A primeira foi a transferência de um clube para outro. A segunda foi optar entre os saltos ornamentais e o voleibol; e, por fim, e que também foi a decisão mais difícil, foi a escolha da profissão entre medicina e educação física.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

I.C. – Meu primeiro contato com o voleibol foi assistindo a final dos jogos olímpicos de 1964 entre Japão e Rússia, a primeira participação da modalidade como esporte olímpico. Dois anos depois uma amiga me convidou para fazer um teste na Sociedade Esportiva Palmeiras: eu nunca tinha jogado voleibol, fui aprovada e desde então nunca mais o deixei. Me desenvolvi como atleta de alto rendimento e ingressei na faculdade de educação física. Quando estava no primeiro ano ainda fui convidada para assumir uma equipe mirim do Esporte Clube Pinheiros. Aceitei o desafio e iniciei minha carreira como técnica.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

I.C. – O que mais me encantou no cargo de técnica foi a possibilidade de transmissão de valores e como utilizar o esporte como ferramenta para a transformação de vidas. O

voleibol me trouxe muitos benefícios e transformou minha vida, e eu sempre tive como objetivo retribuir o que eu recebi da vida. Fiz a opção de dedicar-me profissionalmente quando senti prazer em estar contribuindo na formação das jovens atletas.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

I.C. – Minha mãe foi minha maior inspiração, sempre me apoiou em todas as fases do meu desenvolvimento pessoal e profissional; e meu marido teve grande influência na continuidade de minha trajetória como profissional.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

I.C. – Tive momentos difíceis na minha trajetória por ser mulher. As oportunidades só apareceram quando o Comitê Olímpico Internacional (COI) começou a trabalhar pela igualdade dos gêneros. Não é só no Brasil e no esporte que a mulher sofre preconceito e discriminação. Este é um problema mundial.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

I.C. – Eu fiz vários cursos de formação de treinadores não só da CBV, como da Federação Internacional também. Da CBV eu fiz os níveis 1 e 2, além do curso de gerenciamento do voleibol. Da Federação Internacional fiz os níveis 3 e 4.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

I.C. – Fiz dez cursos de pós-graduação: voleibol, administração esportiva, MBA em marketing esportivo, treinamento na infância e adolescência, dentre outros.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

I.C. – Eu transitei como técnica e posteriormente como supervisora por todas as categorias do voleibol, desde o sub-12 ao adulto. Tive três grandes pilares: no Esporte Clube Pinheiros e na Prefeitura Municipal de São Paulo me desenvolvi; e no Bradesco encontrei a maturidade profissional.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

I.C. – Minha rotina de trabalho atual está dividida entre coordenar as atividades *online* e presenciais dos profissionais e atletas do Programa Bradesco Esportes e Educação. Por fazer parte do grupo de risco e trabalhar em uma empresa que prima pela saúde e bem estar de seu patrimônio humano, atualmente minhas atividades são remotas, seis horas por dia.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

I.C. – Atualmente só trabalho no Bradesco como supervisora técnica do voleibol, responsável pelo planejamento técnico da modalidade e toda a parte administrativa.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

I.C. – Atualmente não.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

I.C. – Os episódios mais marcantes da minha carreira foram quando eu tive a oportunidade de ser a chefe de delegação da cidade de São Paulo em 1990, no campeonato Internacional das Cidades Irmãs, em Osaka no Japão; em 2012 em Los Angeles quando fui escolhida para receber o prêmio do Comitê Olímpico Internacional: o Bradesco foi considerado o melhor programa esportivo de 2011 da América Latina pelos serviços prestados no desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes do gênero feminino; e em 2016 quando fiz a condução da tocha olímpica, fechando o revezamento e acendendo a pira da cidade de Osasco.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

I.C. – A maior dificuldade que encontrei na minha carreira no voleibol foi como atleta: um corte de uma seleção brasileira. O técnico era do meu clube e foi despedido três dias antes da definição das doze atletas. Fui o último corte e o técnico acabou me punindo por algo que eu não tinha culpa. Foi muito difícil enfrentar a injustiça, mas eu consegui seguir em frente e compreender o que aconteceu.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

I.C. – Mesmo tendo quarenta e sete anos de profissão continuo tendo objetivos profissionais e pessoais. O conhecimento é dinâmico, não para e a atualização tem que ser constante. O profissional precisa estar em contato com todas as inovações e atualidades que possam contribuir para a melhoria e aprimoramento de seu trabalho. Quero continuar contribuindo na formação de atletas e profissionais no voleibol.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

I.C. – No início da minha carreira o salário era proporcional à minha experiência. Conforme fui investindo na carreira, adquirindo novos conhecimentos, me aprimorando, o salário foi melhorando. No início da carreira cheguei a trabalhar em cinco empregos concomitantemente. Hoje trabalho em apenas um local, tenho duas aposentadorias e não posso reclamar, sou bem remunerada.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

I.C. – Minhas referências profissionais no voleibol são: Josenildo Carvalho e Newton Conrado, meu marido.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

I.C. – Minha relação com as colegas técnicas é tranquila. Acredito que as mulheres são mais organizadas e mais preocupadas com a formação integral da atleta. Os homens são mais preocupados com o resultado, são mais imediatistas. As mulheres se preocupam mais com o processo, enquanto que os homens se preocupam mais com os resultados.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

I.C. – Não percebo esta relação de contribuição. Vejo a realidade. Mulheres atuando até a categoria sub-17 e homens do sub-19 em diante.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

I.C. – No Brasil não acredito que haja uma inserção de mulheres nas categorias adultas. A discriminação é muito forte ainda.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

I.C. – A discriminação e o preconceito existem. As comissões técnicas das equipes adultas só permitem a inserção de fisioterapeutas e psicólogas mulheres. Os outros cargos são todos ocupados por homens.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

I.C. – Não conheço nenhuma mulher negra atuando nas comissões técnicas de voleibol. Tive a oportunidade de trabalhar com duas grandes técnicas negras, super competentes, mas que não seguiram no voleibol, os preconceitos são evidentes.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

I.C. – Os preconceitos e discriminações são os mesmos de quando comecei minha carreira com os dias atuais. Em alguns períodos nos anos 1990 tivemos algumas técnicas atuando em equipes adultas, mas não vingaram.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribuiu para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

I.C. – Eu acredito que contribui para o desenvolvimento de muitos atletas e profissionais.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

I.C. – Como disse anteriormente, acredito na popularização de técnicas de voleibol nas primeiras categorias.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

I.C. – Acredito que os homens por terem melhores oportunidades, tenham os melhores salários.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

I.C. – Os temas abordados foram bem elaborados e importantes. Agradeço pela oportunidade de participar deste trabalho.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE C

ENTREVISTA HELGA SASSO

Figura 3 - Helga Sasso em atuação pela Sogipa em 2016



Fonte: Acervo pessoal de Helga Cordal Sasso.

Data da entrevista: 30/11/2020

Horário da entrevista (início): 10h00

Horário da entrevista (término): 10h55

Nome da participante: Helga Cordal Sasso

Idade: 59 anos

Naturalidade: nasci em Santiago no Chile, mas eu moro no Brasil desde 1973

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: casada

Tem filh@s? (x) sim () não

Quant@s? três

Grau de escolaridade: tenho duas faculdades: sou formada em administração e educação física, e tenho uma pós-graduação em treinamento personalizado

Profissão(ões): atualmente estou desempregada, mas eu fui muito tempo treinadora de vôlei. Este ano estive nos Estados Unidos atuando lá como treinadora de vôlei, mas neste momento eu não tenho nada

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

H.S. – Eu sempre gostei de educação física, meus pais jogavam vôlei e eu sempre joguei vôlei na minha vida. Fiz atletismo, fui campeã brasileira de arremesso de peso, terceiro lugar em salto em altura, quando eu era juvenil, infante, dezesseis, dezessete anos; peguei seleção brasileira infante de vôlei a partir dos dezesseis anos, depois peguei seleção

brasileira juvenil e por fim cheguei na seleção adulta; participei de universíade⁴² sendo campeã mundial universitária e no outro ano ficamos em terceiro lugar; fui campeã brasileira adulta tanto de clubes quanto de seleções – campeã brasileira juvenil de seleções; campeã brasileira de vôlei por clubes; campeã sul-americana por clubes também; joguei uma temporada na Itália: esta é a minha experiência esportiva.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

H.S. – Costumava brincar com brinquedos: com bola e bonecas, acho que eram com esses que eu mais brincava. Quando era pequena eu morava no Chile e a gente brincava de queimada, eu jogava na escola, jogava com a minha mãe e com meu irmão; boneca eu normalmente brincava com a minha irmã ou mesmo sozinha, era tipo montar casas, fazer conversas. Eu gostava muito de ler, e eu ocupava uma parte grande com leitura, e gostava também de ver TV quando era novinha. A minha mãe como era professora de educação física ela sempre estimulou a gente bastante com exercícios: fiz ginástica olímpica também; fiz atletismo muito por causa da minha mãe, que ela me apoiou a fazer isto, e por ela ser treinadora ela me estimulava a fazer; ela foi a minha primeira treinadora de vôlei, então a minha mãe foi bastante presente na minha infância na parte de brincadeiras esportivas.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

H.S. – Até os onze anos eu morei no Chile, a minha mãe jogava vôlei e ela disse que eu só podia começar a jogar vôlei com dez anos: antes disto nem pensar. Eu nunca chegava nos meus dez anos, foi uma coisa muito triste. Mas antes disto a gente jogava muito caçador⁴³ e eu era muito boa, lá no Chile tinha campeonato de caçador, nas aulas de educação física a gente fazia e eu era tipo a capitã, era uma coisa muito legal para mim, eu adorava fazer educação física. Quando vim morar no Brasil eu sempre participava de tudo: fazia atletismo, fazia vôlei, fazia handebol, o que me oferecessem para praticar nas aulas de educação física eu estava dentro. Então as aulas de educação física para mim sempre foram super importantes.

⁴² Evento Multidesportivo Internacional, organizado para atletas universitários e pela Federação Internacional do Desporto Universitário.

⁴³ Jogo cujo objetivo é queimar o maior número de jogadores adversários.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

H.S. – Quando eu vim morar no Brasil eu já tinha dez anos e a gente foi morar em Alegrete⁴⁴, lá não tinha muito esporte, aí minha mãe fez um time de vôlei; eu fisicamente sempre fui bastante forte, então eu jogava no infantil com quatorze anos e jogava com meninas mais adultas dentro do vôlei, e eu fazia também atletismo: em tudo isto minha mãe que me incentivou a fazer; ela era nossa treinadora da equipe de vôlei, ela era minha treinadora no atletismo; ela se virou para que eu pudesse fazer todas estas coisas. Eu também participei em Alegrete de ginástica olímpica, mas não era exatamente uma ginástica olímpica, era saber fazer rodinha, essas coisas, e eu sabia fazer tudo. Então acho que fui super estimulada na parte esportiva, tanto no atletismo quanto no vôlei, e isto no meu futuro me ajudou bastante.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

H.S. – Por ver minha família direto jogando volei, sempre quis participar. Eu joguei do infantil até adulto, aqui em Porto Alegre e peguei seleção brasileira infante, juvenil e adulta e consegui na Sogipa⁴⁵, trabalhar com as escolinhas. Quando terminei o colégio, não passei no vestibular. Comecei como ajudante no colégio em que eu estudava, nas escolinhas como voluntária e depois eu trabalhei nas escolinhas de base da Sogipa; fui morar no Rio de Janeiro, em 1984, só trabalhando como atleta. Levei dez anos para terminar a faculdade, pois tinha que gerenciar a vida de atleta e estudante. Não era sempre que a gente podia fazer, a gente fazia uma cadeira⁴⁶ por semestre, duas cadeiras por semestre, mas quando eu parei de jogar eu já era formada, e quando eu voltei do Rio fui novamente morar em Alegrete, pois tenho família lá, montei uma escolinha de vôlei. Quando a gente veio morar em Porto Alegre eu não consegui trabalhar com vôlei na Sogipa pois eles já tinham os treinadores, então eu comecei a trabalhar com Punhobol⁴⁷ e em 2000 houve uma reformulação no vôlei da Sogipa e foi aí que eu consegui ser treinadora das categorias mirim e infantil. A partir daí sempre trabalhei com vôlei na Sogipa e em colégio.

⁴⁴ Município brasileiro localizado na Região Sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴⁵ Sociedade de Ginástica de Porto Alegre.

⁴⁶ Disciplina.

⁴⁷ Esporte coletivo, jogado em campo de grama com dimensão de 50 metros por 20 metros.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

H.S. – Eu acho que foi tipo uma continuação do meu trabalho como atleta; eu prefiro ser treinadora de vôlei por que você está trabalhando com atletas que querem jogar, que tem vontade de aprender, vontade de melhorar; do que trabalhar em uma escola onde tens que dar aula para alunos que nem sempre querem; é claro que a gente trabalha onde tem, mas eu sempre quis trabalhar com vôlei e foi uma coisa muito natural para mim passar de ser atleta para ser treinadora. No início quando eu comecei a trabalhar com o Punhobol, que é um esporte jogado na grama, parecido com o volei. Comecei a jogar o Punhobol para poder dar treino, para aprender os macetes do esporte, e isso tudo me ajudou depois quando eu comecei a trabalhar especificamente com o vôlei em 2000, antes eu trabalhava em uma escolinha, trabalhava em mais de uma coisa, mas assim, eu considero que a partir de 2000 eu realmente só trabalhei com o vôlei.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

H.S. – Bom, que nem falei, minha mãe foi muito importante para mim, ela sempre foi um exemplo de treinadora e professora de educação física, e muito por me espelhar nela, então se eu tivesse que dizer de um familiar que foi importante eu diria que minha mãe com certeza foi super importante. E eu sempre tive apoio, inclusive quando eu comecei na Sogipa eu já era casada e sabe que é final de semana, é feriado, é viagem, mas meu marido sempre me apoiou, meus filhos fizeram parte das minhas equipes. Minha família sempre veio junto com o esporte e com o voleibol.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

H.S. – Não, nunca. A gente sente algumas coisas: todos os homens estão conversando e você vai junto conversar e aí meio que o pessoal se espalha, mas nada assim: “Não, não te queremos aqui” eu não poderia dizer isto. Eu acho que não.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

H.S. – Eu fiz o curso nível III da CBV acho que foi em 2006 em São Paulo. Depois eu fiz parte como treinadora de um grupo que foi feito em 2012 e 2013 de técnicos de referência, e eu estava representando o Estado do Rio Grande do Sul. Estes foram os dois cursos que

eu fiz da CBV. Foi em 2012 e 2013 este curso, a gente se reunia, aí tinha reunião com os professores, e quando a gente voltava para o nosso Estado a gente repassava para os outros técnicos.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

H.S. – A própria pós-graduação em treinamento personalizado me ajudou bastante na parte de preparação dos treinamentos. Atualmente, durante a pandemia tenho participado de “lives”, mas nada oficial não, não consigo me lembrar de ter feito alguma coisa que eu tenha recebido um diploma disto. Depois em 2016 eu passei a fazer a faculdade de administração, mas pensando em usar isto em um futuro dentro do voleibol, para passar para uma área de gerência, ter outras opções; a faculdade de administração para mim foi para isto, porque ficar na quadra não é que seja cada vez mais difícil, mas a gente fisicamente não é mais tão forte e acabamos ficando limitados, então esta foi a minha ideia em relação à faculdade de administração.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

H.S. – Lá na Sogipa eu trabalhei de 2000 a 2018 com o voleibol, do mirim até o adulto. Mas basicamente lá na Sogipa eles vão mudando, às vezes você vai acompanhando uma equipe, as vezes fica em outra, então teve ano que eu trabalhei mirim, infantil e infante, outro ano eu trabalhei só com mirim e adulto, outro ano trabalhei com infantil e infante, dependia muito do clube. Eu já trabalhei com seleção gaúcha como auxiliar, assistente e como técnica, e ano passado - final de 2019 e início de 2020 - eu trabalhei como técnica nos Estados Unidos de uma equipe de treze anos. Na Sogipa eu também trabalhei na coordenação do vôlei por uma época e depois no Punhobol.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

H.S. – Normalmente os treinos na Sogipa eram de duas horas, e mesmo nos Estados Unidos eram de duas horas. Eu tenho um planejamento feito por idades, contendo o que em cada idade gostaria de trabalhar, o que cada idade se espera quando terminar o ano, para dar uma sequência no trabalho para o futuro. Eu gosto muito de trabalhar com o mirim, gosto de trabalhar com muita gente e não com pouca gente, porque eu acho que a pirâmide tem que ser grande em baixo para poder chegar algumas em cima, e eu gosto de

trabalhar muito que todo mundo saiba fazer todas as posições, tipo, todo mundo saiba levantar, todo mundo saiba fazer meio, saibam fazer ponta, especialmente com mirim e infantil, porque as vezes, por exemplo, eu tenho uma jogadora que para mim é a minha jogadora mais alta e ela seria meio de rede na minha equipe, mas eu sei que se ela quiser seguir como atleta no futuro ela como meio de rede vai ficar baixa, então apesar de eu usar uma líbero no passe no lugar desta atleta, ela treina passe, ela treina outras posições, ela as vezes faz saída; eu gosto de trabalhar tudo [riso] de fazer com que ela faça tudo.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

H.S. – Trabalhei com vôlei na Sogipa, recentemente trabalhei nos Estados Unidos, então só trabalhei com vôlei, não trabalhei com colégio, mas eu trabalhei um pouco com Punhobol junto com o vôlei dentro do clube da Sogipa para completar a carga horária.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

H.S. – Fiz a faculdade enquanto estava dando treino, mas atualmente só estou tentando aprender inglês [riso]. O período em que conciliei o meu trabalho de treinadora com a faculdade foi um período bem legal, porque, por exemplo, na parte de treinadora no clube eu trabalhava de tarde e à noite, de manhã eu trabalhava na parte de estudar; foi aula EAD⁴⁸ mas se você não tiver um compromisso de estudar todo dia você não dá conta. Algumas coisas me ajudaram nos treinos, algumas visões, acho que a faculdade para mim de administração até na parte de gerenciamento dos atletas foi bem bacana, fortaleceu algumas crenças e abriu os meus olhos para outras coisas.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

H.S. – Eu vou começar bem no início. Em 2000 eu comecei a trabalhar com mirim e infantil e eu tinha uma visão de que treinadora tinha que ficar gritando ali do lado da quadra [riso] até um dia em que chegou uma atleta e disse assim: “Helga, eu não consigo entender você, porque no treino você está super calma, mas chega na hora do jogo a gente já está nervosa com o juiz, com o jogo, com o adversário, e estais nos pressionando, qual é a tua?” elas ficavam com muito medo, e tipo, isso me abriu os olhos de que quando elas estão jogando elas estão dando o melhor que elas podem e que eu tinha que estar ajudando

⁴⁸ Ensino à Distância.

e não cobrando; cobrar eu tenho que cobrar no treino, e no jogo eu tenho que ser calma e mostrar para elas coisas que elas não estão conseguindo enxergar: onde é que está o buraco do outro lado, o que que a outra jogadora está fazendo para a gente se preparar melhor, então isto mudou bastante a minha maneira de agir e no próximo ano eu já mudei bastante. Você nunca vai ver eu brigar com atleta, nunca vai ver eu brigar com juiz, nunca vai ver eu fazer estas atitudes. Depois quando eu tive a geração de 1984, 1985 e 1986 que tinham atletas muito habilidosas a gente ganhou tudo: ganhei campeonato Estadual, ganhei Taça Paraná, e eu fui treinadora dessas meninas de mirim até o infante, algumas jogadoras jogaram comigo inclusive no adulto. Ver o crescimento delas e ver que a gente conseguiu levar algumas jogadoras à seleção brasileira, no caso da Valquiria Dullius que agora está no Sesc e a Lyara que está no Dentil Praia e que é a levantadora; a Lyara para você ver, ela foi central na minha equipe e ela pegou seleção gaúcha como meio de rede e a primeira seleção infantil brasileira que ela pegou também foi como meio de rede, aí falei: “Lyara, olha, você é super boa” – porque ela é muito saltadora e rápida, aí disse: “Você é uma jogadora que pode seguir mas como meio de rede você não vai chegar lá, vamos tentar ser levantadora porque você tem toque bom” e aí a gente optou por fazer a mudança. No primeiro ano que ela jogou aqui para ela foi muito complicado e eu fui fazendo essa mudança; depois ela pegou a seleção brasileira infante como levantadora e seguiu depois como levantadora, foi jogar lá em São Paulo. Acho que isto são coisas marcantes. Eu trabalhei com a Mariana Brambila que pegou seleção brasileira e agora está nos Estados Unidos, desde mirim, foi bem bacana. Ter trabalhado no adulto também foi uma experiência super bacana, a gente foi campeã estadual dois anos seguidos, depois a equipe foi para a liga B, mas eu fui retirada por questões extra voleibol.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

H.S. – Como técnica até pelo fato daquilo que a gente já conversou de eu ser muito calma e eu ser tipo mãezona, tentar sempre entender as atletas, muita gente falou assim: “Você é muito mole com as atletas” acho que esta foi uma das maiores dificuldades que eu tive, “Você é uma mãezona” eu não acho ruim, estou trabalhando com crianças, nunca me modifiquei para isto, mesmo quando trabalhei com o adulto, que daí eu já trabalhei com atletas mais experientes, também gosto muito de ouvir o que elas tem para passar, porque eu já fui atleta e sei o quanto a gente vê do jogo e pode dar um toque no treinador “Quem sabe eu faça isto e a gente muda” eu já fiz isto quando eu era atleta, então eu ouço bastante;

portanto, a minha maior dificuldade foi esta. Fui como técnica em um campeonato brasileiro que deu bastante complicação porque era para ser em uma data, aí depois ela saiu em outra, depois outra, daqui a pouco saiu antes, e a gente foi com uma equipe bastante parelha mas a gente acabou caindo, também foi uma coisa que eu não acho ruim para a minha história dentro do voleibol, mas se a gente pegar resultados foi ruim sim, mas o que a gente podia fazer com aquele grupo a gente fez.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

H.S. – Eu me considero realizada dentro das coisas que eu conquistei. Eu tinha vontade de ter pegado uma seleção brasileira não como técnica mas como assistente, eu sempre quero aprender, mesmo com o fato de ter ido para os Estados Unidos foi uma coisa bem diferente para mim e foi uma experiência bacana, então eu gostaria de voltar porque eu não considero ter terminado o trabalho lá, mudou por causa da pandemia, o clube fechou e parou de ter campeonatos, e aí acabei voltando, mas a ideia do clube é que a gente volte nesta próxima temporada, mas como todas as coisas são incertas ainda não sei se vai acontecer ou não, porque é um gasto para o clube: eles me deram um visto de trabalho temporário, mas com toda esta situação da pandemia eu não sei como eles estão se gerenciando, é uma incógnita. Fiz faculdade de administração para trabalhar em outra área dentro do voleibol e isto eu gostaria de fazer, como técnica acho que eu consegui bastante coisa, gosto de dar treino, gosto desta parte de formar o atleta, me sinto super realizada nisto; gostaria de ter alguma oportunidade na parte de gerenciamento de outras coisas dentro do voleibol, então este talvez seria o meu objetivo, e eu gostaria de voltar para os Estados Unidos. Lá é bastante diferente, o tempo que a gente tem com os atletas até o envolvimento fora de quadra é bem diferente do que é aqui no Brasil. Aqui no Brasil, por exemplo, você pode chamar o atleta e dizer assim: “Vamos treinar mais um pouquinho isto, porque isto está te faltando” e lá eu não posso chamar ninguém, ou você dá o treino para todo mundo ou não dá para ninguém, e ali existem aulas particulares de voleibol, também foi uma coisa diferente: você pega um atleta, ele te contrata durante uma hora e você dá uma hora de treino dentro do que acha que ele pode melhorar.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

H.S. – Uma das coisas que eu nunca quis saber é o valor dos outros técnicos, o quanto eles ganham, mas para mim, o que eu sempre recebi do voleibol foi suficiente para viver, nada para fazer muitas coisas, imagina eu tenho três filhos, mas por exemplo, eu consegui bolsa para elas, eu não tive que pagar colégio. Para mim sempre foi o suficiente, mesmo quando eu comecei. Até quando eu comecei era uma coisa meio velada em função de eu ter sido atleta, não era o pagamento como atleta, mas era tipo uma ajuda, então eu sempre recebi super bem, não recebi mal, não sou insatisfeita com o que eu recebi. Eu acredito que quando parei de trabalhar na Sogipa um dos motivos foi o salário, meu salário era super alto, até pelo tempo que eu trabalhava lá; em alguns períodos eu trabalhei mais horas, então isto vai sendo acrescentado em seu salário, um dos motivos deles terem me mandado embora do clube foi por causa do salário.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

H.S. – Eu tenho referências, minha mãe foi super importante na maneira de eu trabalhar; obviamente que os meus treinadores, pois eu tive treinadores homens, lá na Sogipa foi o Carlos Alberto Costa, depois foi treinador de seleção brasileira também; o meu técnico da seleção que foi o Ênio Figueiredo⁴⁹ foi super importante para mim também. Acho que com todas as pessoas com quem eu trabalhei, porque eu nunca me considerei uma pessoa pronta para ser a maior, de considerar que não precisaria aprender nada. Então todas as pessoas com quem eu convivi e que eu trabalhei me ajudaram a procurar ser melhor do que eu sou. Eu sou muito amiga do Bernardinho, ele me ajudou, o Marco Aurélio Motta⁵⁰ me ajudou, o Rizola me ajudou, os técnicos daqui, como o Rodrigo Rother que é treinador no Rio Grande do Sul, então todos os treinadores com quem convivi sempre aprendi alguma coisa, tem muitos assim que me ajudaram a ser melhor, até porque eu não considero que eu sou tão boa assim que eu não precise ter alguém que me ajude para melhorar.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

H.S. – Na Sogipa enquanto eu fui treinadora só tive colegas homens, não haviam treinadoras mulheres, e foi um pouco complicado porque existe uma visão que as pessoas

⁴⁹ Ênio Figueiredo foi jogador e técnico de voleibol brasileiro.

⁵⁰ Treinador da Seleção Nacional Adulta de Voleibol da Turquia de 2010 a 2016.

tem da gente “A, ela foi super atleta” isto talvez atrapalhe um pouco, mas por exemplo, com treinadoras de outros clubes eu sempre me dei super bem, a gente sempre conversou, eu sempre tentei fazer esta troca de informações, “A, porque você trabalha assim? Eu trabalho desse jeito”, até pelo fato de ter sido técnica de referência e ter recebido material eu passei para estes treinadores, foi super bacana, e nesse ano que eu fiquei nos Estados Unidos, dividi o quarto com outra treinadora e os outros técnicos que estavam lá, eram ex-atletas, desse grupo, só nos duas fizemos a faculdade de educação física, a gente trocava bastante informação “O que você acha disso? O que você acha daquilo?” mas como não tem tantas técnicas, a gente troca com o homem, com a mulher, com quem tiver [riso].

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

H.S. – Acho que a gente fica muito limitada, e assim, é bem divertido isto; como eu fui para os Estados Unidos com esta minha colega, quando a gente voltou a gente fez um grupo só de mulheres treinadoras para a gente fazer troca porque os homens quando eles falam eles não te escutam, eles são os donos da verdade, eles são os bons e a gente não, eles não te escutam com os ouvidos, e a gente fez um grupo só de treinadoras, então é bem bacana esta troca entre a gente. Nós acabamos sendo limitadas para sermos treinadoras de base, até porque a gente tem mais paciência, não precisa de tanta força para atacar ou para levar o treino; eu gostaria muito, acho que é importante, eu assisti uma palestra do Marcos Kwiek⁵¹ que lá na República Dominicana eles sempre possuem treinadoras mulheres junto, e eu acho que seria muito importante se a gente tivesse isto na seleção brasileira também, não necessariamente eu, mas temos outras técnicas muito capazes e que não têm espaço nem como treinadora de estar na quadra; acho que era importante trabalhar com uma categoria de base tendo uma treinadora mulher com atletas novas, acho que falta isto, então acabamos sendo super limitada a trabalhar com a base até infante, e dificilmente você vai ver uma técnica; teve uma técnica na Superliga que eu acho que é lá de São Paulo, mas não funciona e eles não chamam, então acho ruim, mesmo tendo sido técnica da seleção gaúcha, e essa minha colega foi técnica de seleção paulista, teve uma técnica mineira; é difícil ver técnicas mulheres como técnica de seleção do seu Estado, estão inseridas mais nas categorias de base.

⁵¹ Treinador da Seleção Nacional Adulta de Voleibol da República Dominicana desde o ano de 2008.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

H.S. – Eu acho que seria importante na categoria adulta, a gente realmente não tem espaço para poder trabalhar em alto nível. A gente briga, que nem você viu, fui dois anos campeã estadual e quando fomos para a Liga B eu fui tirada; é uma coisa que dói sabe, ver que suas oportunidades não são iguais, independente da tua qualidade como treinadora ou da sua capacidade, as oportunidades não são iguais em alto nível. Em categorias de base há muitas treinadoras, acho que é bem bacana, ter mais mulheres pela questão da paciência talvez, não que os homens não tenham; eu também não vou muito por este lado de ser homem ou ser mulher, de julgar se as mulheres são melhores ou se os homens são melhores, acho que não se tem as mesmas oportunidades, ponto.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

H.S. – É esta que a gente está conversando, as oportunidades não são iguais independente da sua capacidade de treinadora; eu conheço treinadoras muito melhores do que eu e elas não têm espaço, no máximo chegam em uma seleção estadual, até como técnica: essas duas que estou conversando são pessoas que eu conheço bem, elas são técnicas de seleção de seus Estados e são super capazes, mas a gente não tem espaço mais para cima, tem limite e eu acho que isto é uma coisa ruim e seria importante ter mulheres com espaço para mais coisas. Existe uma discriminação não só de qualidade técnica, mas de qualidade física, limitação. Normalmente você vai ter o treinador, por exemplo, você vai assistir ao treino do Bernardinho e tem dez pessoas lá dando o treino e tem uma mulher, todo mundo trabalha, não tem um que fique só catando bola, todo mundo trabalha, todo mundo ataca, mas poderia ter, então espaço existe, mas que é discriminatório pela parte física; tipo assim: eu posso atacar com o máximo da minha força mas eu não vou atacar mais forte do que um atleta mais jovem do que eu, eu vou acertar mais aonde eu tenho que acertar, mas talvez a força não seja a mesma, isto claro com todos os anos que eu tenho de trabalho, de domínio da bola, botar a bola onde eu quero, mas daí acho que a limitação física é um agravante, acho difícil como técnica no alto nível para mim, não que as outras treinadoras não possam galgar estes espaços.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

H.S. – Eu não conheço nenhuma. Agora falando assim não consigo lembrar de ninguém. Eu vou lhe falar uma coisa que vem no meu pensamento: eu nunca olhei as pessoas pela cor, se é branca, negra; nunca liguei na parte da cor da pele. Tenho grandes amigas que são negras; eu falei que sou branca, porque eu sou branca muito branca, mas eu nunca me apeguei à cor da pele; não me lembro de nenhuma técnica negra, e não por qualidade técnica, não sei mesmo, nunca vi; neste momento eu não consigo me lembrar de ninguém, até porque aqui no Rio Grande do Sul não tem tantas pessoas negras, é menor, não consigo me lembrar, não poderia te responder sobre isto.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

H.S. – Enquanto fui atleta nunca reparei, eu estava lá para treinar e vamos lá. As diferenciações: negro geralmente pula mais, branco pula menos, mas como eu te falei, eu tenho grandes amigas negras e eu não dou bola, realmente não consigo pensar. Tem técnicos negros, mas é uma coisa que para mim não faço distinção, até porque quando eu joguei tinham pessoas negras na minha equipe e que foram importantes para que meu time chegasse aonde ele chegou, então sempre entendi que o grupo é mais importante do que a cor de “a” ou “b”, ou “c” ou “d”, esta foi uma coisa que para mim nunca fez diferença. Acho que é mais difícil ter mulheres trabalhando, é complicado ser técnica mulher, porque não tem final de semana, você não tem feriado, “n” vezes eu viajei feriado e meu marido foi na janta da família ou não sei o que da família, então é complicado ser mulher dentro desta área porque ela é uma área sacrificada; acho que hoje em dia tem mais mulheres do que antes, muitas foram atletas e se transformaram em técnicas, acho que o fato de ser atleta é às vezes mais importante do que ser mulher ou homem, pela experiência, pois se você vai fazer uma faculdade eles não vão te ensinar a ser técnica de voleibol, eles vão te ensinar como se planeja um treinamento, então o fato de ter jogado acho que é mais importante; a quantidade de técnicas mulheres hoje em dia é muito maior do que tinha antes, e eu acho normal que aconteça esta inserção delas como atletas para treinadoras, existe muito mais, e pelo fato de muitas terem jogado em alto nível, e antes não tinha tanto, elas tem mais capacidade talvez do que tinham antes; e acho que a gente está galgando os espaços para alcançar o espaço que a gente quer. Vamos chegar um dia à seleção também, pois eu acredito que tem técnicas que são super capazes.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribuiu para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

H.S. – Eu acho que sim. Eu vou me colocar dentro do meu espaço, do que eu trabalhei: acho que as coisas que a gente conseguiu são super importantes, para as atletas que eu trabalhei, mesmo as atletas que talvez tenham brigado comigo e que tenham resolvido mudar de clube, elas gostam muito do que a gente trabalhou, do que a gente ensinou; acho que é importante, acho que é legal para outras técnicas mulheres, dizer: “Não, a Helga trabalhou em um clube grande, ela conseguiu tantas coisas, ela teve atleta de seleção brasileira, atletas que continuam jogando” eu abri espaço para outras técnicas mulheres, assim como antes tiveram treinadoras que foram importantes para mim também.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

H.S. – Acredito que as mulheres estão conseguindo, como eu falei: para ser um atleta de alto nível o teu foco tem que ser muito grande no que você está dando treino, então você tem que gostar muito. Acredito que isto vai fazer com que tenhamos melhores treinadoras e que a gente vai abrir espaço cada vez mais para estas pessoas. Eu tenho fé que treinadoras vão chegar em uma seleção, primeiro como assistente, mas vê que a Lang Ping⁵² já é treinadora da China e dos Estados Unidos, não considero que ela seja mais do que qualquer homem, acho que a gente está abrindo espaço para cada vez mais as pessoas que vierem atrás da gente possam chegar lá, assim como considero como uma atleta abri espaço para o voleibol chegar onde ele foi, a quantidade de treinamentos que a gente teve, que era demais, então não tem por que; acho que as pessoas que vem depois elas vão se beneficiar com isto e acho que a gente pode brigar cada vez mais para a distinção não ser de gênero e sim de qualidade.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

H.S. – Não posso lhe dizer, como falei no início eu tenho certeza que na Sogipa eu ganhei muito mais do que os treinadores homens, pelo tempo que eu trabalhei lá; então eu não posso lhe dizer se sim ou não. Acho que a diferença é muito mais por onde você está inserido trabalhando, mais do que ser feminino ou masculino, mas eu não posso te

⁵² Ex-jogadora de vôlei e treinadora de voleibol. Foi campeã dos jogos olímpicos de 2016 à frente da seleção chinesa.

garantir. Acho que depende muito de onde você está trabalhando, o clube que você está trabalhando ganha “x”, se é mulher ou homem, espero eu, mas não me sinto capaz de responder sim ou não. No meu clube não é, o salário que eu recebia talvez fosse maior do que em outros clubes, então não sei, eu realmente nunca quis saber, nunca me norteou, sempre fui norteada da seguinte forma: estou satisfeita com o que eu ganho ou não estou satisfeita com o que eu ganho? [riso].

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

H.S. – Olha, na verdade eu até poderia fazer, acho que a gente está abrindo espaço para outras mulheres que nem falei, acho que as mulheres vão vir cada vez mais, até pelo fato dos nossos atletas estarem mudando, e eu digo estarem mudando pelo seguinte: hoje em dia quando você é treinadora você trabalha com crianças que todo ano estão com celular e a concentração deles é cada vez menor, então os nossos atletas estão mudando, acho que o tipo de cobrança que tem que haver especialmente na categoria de base é bem diferente, você tem que fazer eles gostarem, e eu acho que as mulheres neste ponto têm vantagem em cima de homens, não que os homens não sejam bons, por favor, porque de novo nós vamos entrar em uma questão de gênero que não tem absolutamente nada a ver, mas acho que talvez por elas terem mais paciência elas consigam entender mais, e também conheço homens que são super atenciosos e mulheres que não são, então de novo, acho que isto é individual, os nossos treinadores vão ter que mudar porque os nossos atletas estão mudando, na primeira dificuldade eles caem fora; quando trabalhei nas categorias de base eu sempre chamava os amigos, um amigo bom e um amigo ruim, aguentava o amigo ruim até o amigo bom conseguir uma amizade grande, então o amigo ruim via que realmente ele não ia poder, mas tipo assim, esta questão da amizade para eles é importante, ter em quem se apoiar, isto vai mudar, acho que os treinadores vão mudar em relação aos atletas que a gente tem; antigamente uma atleta que visse um técnico gritando que nem um louco dentro da quadra ele ficava como se fosse tudo bem, hoje em dia não, “A é? Então vou procurar outra coisa”, e eu vi isto inclusive nos Estados Unidos, por exemplo, lá eles jogam muito mais para aprender, para tentar uma bolsa no “college”, na universidade, do que realmente por gostar, e a quantidade de atletas que tem é gigante, eu não vi porque não deu tempo mas sei pelo o que meus colegas me contaram que se eles veem que eles não estão indo bem eles vão para outro esporte para tentar conseguir uma

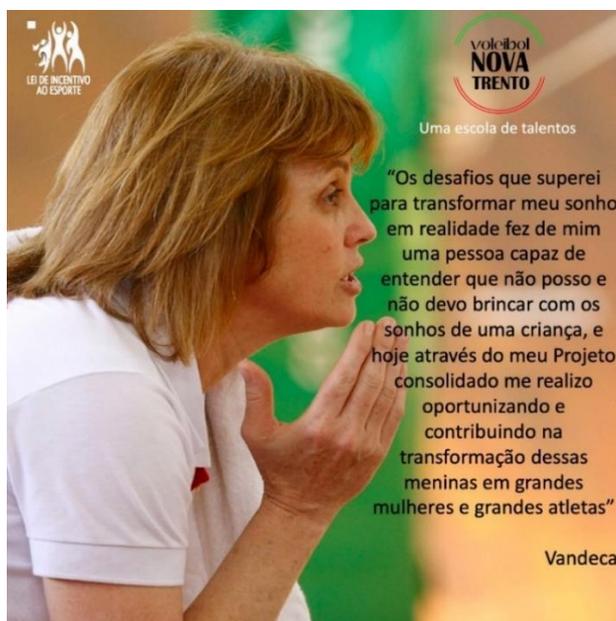
bolsa lá na frente, então o objetivo deles é diferente dos nossos, os nossos não jogam para conseguir uma universidade, eles jogam porque gostam, então você tem que fazer eles gostarem. Acho que a mudança da maneira de técnico independente de gênero, ele vai mudar a nossa maneira de lidar com as crianças.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE D

ENTREVISTA VANDELINA RIBEIRO

Figura 4 - Vandelina Ribeiro em atuação por Nova Trento em 2008



Fonte: Acervo pessoal de Vandelina Maria Tomansoni Ribeiro.

Data da entrevista: 20/11/2020

Horário da entrevista (início): 19h00

Horário da entrevista (término): 20h00

Nome da participante: Vandelina Maria Tomansoni Ribeiro

Idade: 58 anos

Naturalidade: Nova Trento

Etnia autodeclarada: branca/ariana

Estado civil: casada

Tem filh@s? (x) sim () não

Quant@s? dois

Grau de escolaridade: segundo grau completo e eu não me formei, porque foi uma coisa que aconteceu depois, eu me especializei em voleibol, aí eu tenho CREF⁵³, que uns anos atrás o CREF acabou oportunizando as pessoas que trabalhavam muito tempo com esporte com cursos específicos, tantas horas, eu fiz e tenho o CREF hoje para atuar

Profissão(ões): meu Deus, trabalhei em algumas coisas, mas hoje eu sou funcionária da prefeitura e sou coordenadora do projeto: técnica e coordenadora

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

V.R. – Sou da época que a gente brincava muito na rua, éramos muito ativos, brincadeiras como pega-pega, mata-mata, esconde-esconde, barra cinquenta e uma [riso], muita brincadeira a gente improvisava, nossa coordenação motora era adquirida de forma

⁵³ Conselho Regional de Educação Física.

natural, escalando morros, árvores; sou de 1962 e a partir dos doze anos na escola eu já era muito fascinada pela educação física que por ser de família que gostavam de esporte eu fui me identificando. Desde criança eu via meu pai ouvir esporte pelo rádio, que na época era o meio de ficar por dentro das notícias, então aquilo foi me envolvendo e fui amando tudo que se referia para o lado esportivo. Gosto do esporte de modo geral, sempre acompanhei futebol, depois veio o voleibol e meus ídolos são todos da área esportiva: Bernardinho, Falcão⁵⁴, Taffarel⁵⁵, Ana Moser⁵⁶, Ayrton Senna⁵⁷, Gustavo Kuerten⁵⁸, e, conforme o esporte se desenvolvia eu ia me envolvendo, mas o voleibol foi além, virou um projeto de vida.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

V.R. - A gente só ganhava brinquedos no natal, e muitas vezes não era nem brinquedo, lembro de ter ganhado guarda-chuva, bolas, bonecas, bem diferentes dos atuais [riso], mas o nosso brinquedo a gente muitas vezes fazia e aquilo virava nossas brincadeiras. Rolar morro abaixo com as cascas de palmeiras, balanços em árvores, banhos de rio, junto com os irmãos, vizinhos e parentes. E era assim que a gente se divertia: infância feliz.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

V.R. - Vou te falar, eu amava ir para a escola nos dias que tinham aulas de educação física [riso], eu era muito apaixonada. Meu Deus, se eu chegasse na escola e por acaso faltava o professor e não tinha educação física, era uma frustração, para mim podia ter educação física todos os dias e olha que naquela época, muito diferente de hoje, era quadra de cimento, era no sol, era na chuva, era no sereno, mas sabe, não lembro de algo que me desestimulasse, eu sempre fui muito determinada, comprometida e disciplina na educação física. Infelizmente nossa educação física está longe de ser a ideal.

⁵⁴ Paulo Roberto Falcão, ex-futebolista brasileiro que atuava na posição de volante.

⁵⁵ Cláudio Taffarel, ex-futebolista brasileiro que atuava na posição de goleiro.

⁵⁶ Ana Beatriz Moser, ex-voleibolista brasileira, considerada uma das principais atacantes da história do voleibol brasileiro.

⁵⁷ Piloto brasileiro da F1, tri campeão da modalidade.

⁵⁸ Conhecido como Guga, é um ex-tenista brasileiro, tricampeão de Roland-Garros.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

V.R. – Minha infância foi bem simples: família de sete irmãos, morando em sítio, ajudava meus pais mesmo quando criança a cuidar das plantações e animais. Com doze anos de idade eu fui para um convento de freiras, e ali eu fiquei até os dezesseis anos, onde amadureci bastante com a experiência. Tenho as melhores lembranças de uma infância saudável e feliz. Com dezessete anos de idade estava trabalhando como todo adolescente da época, praticando meu voleibol, competindo pela minha cidade. Aprendi com as dificuldades da época a valorizar muito todas as coisas, tudo que conquisto; a gente aprendeu desde cedo a se virar e correr atrás, os pais não tinham nem tempo e nem condições, bem diferente das gerações atuais. Também as dificuldades da minha infância e adolescência me tornaram uma pessoa mais determinada e todos os ensinamentos, todos os valores que adquiri eu usei a meu favor, me tornando uma pessoa sensível ao próximo, e hoje traço para dentro do meu trabalho, meu projeto, passando um pouco dessa minha vivência na formação das minhas crianças e adolescentes.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

V.R. – Acredito que muitas coisas na nossa vida não acontecem por acaso, de certa forma o vôlei me encontrou e eu encontrei o vôlei. Desde criança aprendi a gostar de esporte, e aos doze anos conheci o voleibol, e desde então virou uma paixão. Na minha adolescência comecei a treinar e competir com uma equipe da cidade, trabalhei em alguns setores, casei, formei minha família, tive dois filhos e minha vida seguia esse rumo quando um ex-professor de educação física me convidou a assumir o lugar dele com um grupo de meninas que treinava no ginásio, pois ele aceitou um convite de diretor na escola da cidade. Aceitei o desafio e sem nenhuma experiência, comecei a ensinar o pequeno grupo já formado por ele. Mas desde então coloquei como objetivo fazer um trabalho sério, com muita dedicação e comprometimento para que aos poucos o trabalho desenvolvido se destacasse. Sem nenhuma experiência, apenas com minha vivência praticando o voleibol fui aplicando todo este conhecimento no meu trabalho diário. E aos poucos o pequeno projeto foi ganhando corpo, formamos equipes conforme as idades e começamos a competir. Criamos a Associação para nos associar a Federação Catarinense de voleibol.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

V.R. – Tem coisas na nossa vida que a gente não escolhe, elas acontecem e comigo foi mais ou menos isso que aconteceu: eu encontrei o voleibol e ele me encontrou. Quis o destino, ou seria essa minha missão e comecei sem me dar conta de onde poderia chegar. Em 2001 comecei a participar das competições Estaduais e em 2002 fundei minha Associação. Daí em diante o projeto foi ganhando corpo, crescendo e além de cuidar das quadras como técnica fui administrando e fazendo a gestão do projeto em paralelo me dedicando totalmente, pois minha intenção foi desde o início fazer dele uma referência. Com os resultados aparecendo e o projeto ganhando muita visibilidade, pensei em dar um passo a mais, trazer uma pessoa para dividir comigo o trabalho com as equipes. Em 2008 contratei uma profissional preparada com bastante experiência na formação, onde ficaria à frente das equipes de rendimento – atletas de quinze à dezoito anos – e eu ficaria com as escolinhas e a base – meninas de oito à quatorze anos – e a gestão do projeto. A partir daí fui dividindo meu tempo entre as quadras como técnica e auxiliando, e a coordenação do projeto. Aos poucos começamos a participar de todas as categorias, em diversas competições, e assim o projeto foi seguindo, conquistando vitórias importantes e ganhando muita visibilidade. Manter uma associação e toda estrutura para desenvolver um trabalho de excelência não é tarefa fácil, principalmente na questão financeira, assim minha responsabilidade aumentava a cada dia, seja ela nas quadras e na gestão, exigindo de mim uma intensa dedicação. Para tornar o projeto em referência foi preciso investir cada vez mais na estrutura para proporcionar à comissão técnica e às meninas um espaço e condições ideais para seu desenvolvimento, e assim conforme o projeto crescia, crescia junto as despesas. De 2008 até 2013 o projeto obteve os melhores resultados nas quadras, foram muitos títulos Estaduais, Brasileiros escolares, sul-americanos, bronze no mundial da China entre outros, mas a partir daí passamos por um período financeiro muito, muito difícil que se estendeu até 2016, e na dúvida entre encerrar as atividades ou arriscar tudo, preferi arriscar tudo, não decepcionando aqueles que me apoiam e torciam por mim e pelo projeto. Foi um período onde precisei me reinventar, precisei focar muito, mas na gestão, e a parte financeira, busquei um assessor esportivo, e o apoio de um contador; com a volta do apoio da TIM⁵⁹ aos poucos nos reestruturamos e demos a volta por cima. Depois desse período também optei em dividir, focar muito mais na formação de atletas para o voleibol brasileiro, não esquecendo do social, que de certa forma não tem como separar. Então a partir de então oportunizamos todas as crianças da comunidade e atletas de todas as

⁵⁹ Empresa de telefonia brasileira, fundada em 1995.

regiões do Brasil que sonham em se tornarem atletas do esporte. Sei que com o projeto fiz algumas faculdades, tudo na prática no dia-a-dia, errando e acertando, mas sei que acertei muito mais do que errei, e quando errei foi talvez por falta de conhecimento, ou por acreditar que estava fazendo o certo. Me tornei uma pessoa que me orgulho, do bem, sempre procurando ajudar, contribuir com o ser humano. Tenho todos os cuidados com minhas atitudes, pois sei da minha responsabilidade quanto educadora, e que também inspiro muitas pessoas. Enfim, nunca foi por dinheiro, vai muito além disso, amor pelo o que faço, amor pelas pessoas, amigos, os que estão sempre comigo e a paixão pelo voleibol.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol?

Houve apoio de seus familiares e amigos?

V.R. – Como falei anteriormente, penso que nada acontece por acaso, eu e o voleibol nos encontramos e fizemos uma linda parceria, e acredito por tudo que já aconteceu e da forma que tudo foi acontecendo, era minha missão. Hoje eu sou muito grata ao voleibol pois se a Vandeca existe é graças ao voleibol. Minha família sim sempre me apoiou, meu marido é meu braço direito, minha filha foi atleta e hoje me ajuda muito, e meu filho fez educação física, é personal em uma academia e auxilia o técnico Marcelo.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

V.R. – Não sofri este tipo de preconceito, mas eu sofri pelo fato de eu ter resultados sem ser formada, e, tipo assim, por pessoas de cidades maiores achar que por eu ser de uma cidade pequena eu não teria. Minha vida não foi fácil, até hoje tendo dificuldades, abri mão de ter uma casa de luxo para ter o projeto, então são escolhas, e como eu sempre falo, a gente é livre para as nossas escolhas, então eu escolhi voleibol, escolhi ter o projeto onde eu possa ajudar, e eu me satisfaço assim.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

V.R. - Não. Eu só ganhei o certificado deles por serviços prestados para a CBV de honra ao mérito, mas ou outros tudo foram cursos que eu participei. Eu ganhei do Estado um curso para participar e conhecer os centros de formações na Rússia em 2011, foi um curso maravilhoso, e lá, durante o curso comecei a pensar na possibilidade de voltar o projeto,

para formação de talentos, buscar e recrutar atleta. Lá em Moscou, na Universidade de Moscou, os talentos que eles identificavam, recrutam e já vão lapidando.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

V.R. – Sim, realizei o curso especial do CREF3 de Santa Catarina, o curso de Alto Rendimento na universidade em Moscou na Rússia, de um “meeting” sobre esportes, “fitness” e fisioterapia em 2011 e de um curso pela UNERJ⁶⁰ em 2002.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

V.R. – Eu sempre trabalhei com o meu projeto na minha cidade Nova Trento.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

V.R. – Minha rotina se resume projeto, voleibol, atletas, família, e por aí vai [riso]. Além de cuidar da gestão do projeto, sou responsável pela escolinha, iniciante e pré-mirim, e as categorias de rendimento ficam com o professor Marcelo e auxiliar Ricardo, meu filho. Minha rotina é sempre muito intensa e corrida, sei da minha responsabilidade diante do projeto e tudo que envolve. Cuidar e manter a Associação, projetos, financeiro, patrocinadores, atletas, competições e tudo, mas não tem sido tarefa fácil; preciso muito tempo e muita dedicação. A parte financeira é a que mais preocupa, pois procuro e quero dar ao projeto sempre a melhor estrutura.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

V.R. – Não, não, só cuidando do projeto agora.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

V.R. – Estou realizando um curso à distância, intitulado Gestão Esportiva e Direito Desportivo, pela Universidade Católica de Joinville.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

⁶⁰ Centro Universitário – Católica, Instituição de Ensino Superior de Santa Catarina.

V.R. - Foram muitos, as primeiras conquistas do projeto, primeiro brasileiro escolar, primeiro sul-americano, a primeira viagem internacional para a Itália, convite para participar dos 130 anos da Imigração Trentina – Itália – participando do torneio da Amizade Brasil/Itália, escolares, o primeiro brasileiro escolar – doze a quatorze anos – em Poços de Caldas, Minas Gerais, foi especial e inesquecível. A conquista da vaga para o Mundial na China, era um sonho meu, inclusive que eu comprei e paguei todas as passagens para a equipe, ano seguinte conquistamos o bronze no Mundial, conquista do Troféu Gustavo Kuerten como melhor entidade esportiva e melhor equipe esportiva do Estado de Santa Catarina. Outra conquista muito importante, foi a dos padrinhos do projeto Bernardinho e Bruninho e a atleta formada no projeto Rosamaria. Na verdade, cada conquista, cada vitória, cada convocação das nossas atletas para as seleções de base foi especial e importante para o projeto se tornar essa referência na formação de base do Brasil.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

V.R. – Muitas. O projeto com os resultados começou a crescer muito rápido, e quando me dei conta eu estava correndo atrás dele, tudo ia bem, muitos títulos, visibilidade, atletas convocadas, mas a parte financeira me pegou depois de 2011, perdi uns patrocínios importantes, e o prefeito da minha cidade na época não apoiou, e com medo de decepcionar as pessoas que acreditam em mim eu não joguei a toalha, mas foram uns quatro anos muito, muito difíceis, e a associação acumulando dívidas. Para não perder o projeto fui usando o dinheiro da família, aposentadoria do marido, refinanciava meu salário, enfim, fiz loucuras, na época fiquei com nome negativado, aquilo doía muito, pois nunca isso tinha acontecido. Passei por situações humilhantes, perdi meu plano de saúde, passei por muita angústia, chorava muito, passamos por muitas necessidades, passava noites sem dormir direito pensando nas dívidas, e ficava entre a cruz e a espada, precisando tomar uma decisão, o de encerrar ou não as atividades. Hoje a associação está em dia, toda estruturada, possui até um certificado do Ministério da Cidadania, mas eu e minha família ainda não nos recuperamos. Tudo isso por que ainda projetos esportivos não são valorizados da forma que deveriam; manter um projeto esportivo de base é muito complicado, muito complicado; muito do que é conquistado vem pelas suas influências, seus amigos, e não pela competência.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

V.R. – Os meus objetivos como treinadora já alcancei, até porque hoje estou focando mais na gestão e administrar o projeto, esse é um sonho que eu ainda tenho muitos planos para o projeto: quero ter o meu centro de treinamento, com alojamento e toda estrutura para formação de atletas, buscar estes atletas com perfil para o voleibol, oportunizar estas meninas de cidades que não tem o voleibol para a gente trazer e formar. Este é o meu sonho ainda, é o que eu quero, mas eu quero ainda quem sabe um dia ter uma equipe na Superliga B primeiro, e assim por diante, sonho grande, tem muita coisa ainda para fazer, mas quero transformar o meu projeto em uma referência cada vez maior para que ele sirva de exemplo para outros projetos, outras iniciativas.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

V.R. – Nunca foi pelo salário, pelo dinheiro toda a minha luta pelo projeto, mas se faz necessário por que muitas coisas eram pagas por mim e pelo meu marido, além disso nunca recebi o que realmente merecia. Iniciei ganhando seiscentos reais, depois ia sempre tendo uns pequenos reajustes e no final de 2019 recebi o último aumento que passou a ser de mil e oitocentos reais, e hoje gostaria de ganhar ou ter mais condições para poder ajudar muito mais meninas, famílias, pois é muito difícil você trabalhar sempre no limite.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

V.R. – Me espelho bastante no trabalho realizado pelo Bernardinho: muita energia, determinação, vontade de vencer, muito conhecimento e estratégias fazem dele um dos melhores técnicos do mundo. Me espelho muito nessa forma de conduzir suas equipes, muita disciplina técnica e tática.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

V.R. – Eu sempre procurei me relacionar da melhor forma. Tenho sim um ótimo relacionamento com minhas colegas técnicas, mas procuro não me envolver com polêmicas, faço minha parte, cuido do meu trabalho, mas claro procuro observar os outros técnicos, outras técnicas e tirar as lições, tirar os exemplos bons, coisas boas, para agregar ao meu projeto. Então me preocupo em fazer o meu melhor. Torço pelo voleibol e dentro

das minhas possibilidades contribuo com quem precisar da minha ajuda, estou sempre disposta a colaborar, nunca vou negar nada a ninguém, sempre que me pedirem opinião eu vou dar a melhor, pois sei que em algum momento eu também posso estar precisando dos outros. Da minha parte sempre me relacionei bem tanto com técnicas quanto com os técnicos.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

V.R. - Quanto as mulheres nas comissões técnicas eu não sei se vai aparecer muito mais, e eu acho que nosso espaço é muito limitado ainda, e temos poucas mulheres procurando esse espaço, seguindo realmente esse caminho. Acredito que seria muito importante ter mais a presença das mulheres nas comissões técnicas pela sua sensibilidade, comprometimento e outras tantas qualidades que é próprio da mulher, para contribuir e estruturar melhor projetos e equipes esportivas.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

V.R. – Na base existem bastante e que têm feito trabalhos excelentes, conheço muitas aqui no Estado e no Brasil com muita capacidade de estarem adiante até de equipes adultas. Superliga a gente não tem visto isto praticamente, é bem pouca coisa. Está faltando espaço e acreditar no potencial da mulher que tenho certeza que existem mulheres capazes de fazer sim, tocar equipes de alto rendimento na Superliga.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

V.R. – Acredito que não seja um preconceito, mas a falta de valorização mesmo. Ainda predomina muito a figura do técnico como o único capaz de estar à frente de uma equipe, no entanto, temos mulheres capazes com competência, mas está difícil encontrar este espaço ainda, então não vejo como um preconceito, mas acredito que está faltando confiar e acreditar no potencial das mulheres.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

V.R. – Eu não tenho preconceito. As pessoas para mim são todas iguais. Não é a cor que vai fazer dela ser mais profissional ou não. Mas é preciso saber se as mulheres negras estão buscando seu espaço nesse mercado antes de acreditar que estão sendo discriminadas.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

V.R. – Eu acredito que o preconceito sempre existiu e sempre vai existir. Mas acho que no início era até muito maior, só que antigamente não aparecia tanto quanto hoje, pois tudo acaba caindo na mídia e redes sociais e polemizando. O ser humano vem melhorando, mas precisa melhorar muito mais, claro que as redes sociais e a mídia contribuem tanto para o lado bom como para o lado negativo. Eu acredito que precisamos aprender a valorizar o ser humano independente da sua cor, sexo, eu nunca me preocupei com esta questão de preconceito, acho que é questão de competência, independentemente de ser mulher ou homem. As mudanças mesmo que ainda pouco significativas elas vêm acontecendo, as mulheres vêm buscando seus espaços, tendo mais voz ativa.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribui/u para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

V.R. – O que eu acredito é que eu possa ter me tornado um espelho, um exemplo, uma referência para muitas pessoas, pela forma como eu me envolvi e eu me dediquei ao projeto. Hoje muitas pessoas me veem como uma pessoa guerreira, pois eu realmente fiz loucuras e eu não sei se outras pessoas fariam o mesmo, passariam pelo o que eu passei para não perder tudo que foi construído com tanta dedicação, deixando seu sonho pelo caminho. Mas também não sei se isto mudou de alguma forma essa desigualdade, acredito que não. Ainda estamos longe disso, de obter mudanças tão significativas, mas de alguma forma espero contribuir. Temos alguns processos e situações ainda que estão muito difíceis de serem resolvidas, e mudar e transformar hábitos, costumes, não é tão simples, precisamos ter a figura feminina mais presente dentro do esporte; só assim poderemos romper um pouco com essa desigualdade.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

V.R. - A curto prazo não vejo não. Como falei na anterior, tem muitos paradigmas que precisam ser quebrados e não acho que vai ser tão fácil, porque ainda é muito visto a figura masculina na frente de uma equipe, e precisamos encontrar mulheres dispostas a brigar por esse espaço. Atualmente poucas mulheres se dedicam nessa área. Muitos atletas depois que encerram suas carreiras seguem para esse mercado e as atletas mulheres a maioria delas vai formar sua família, ter seus filhos e criá-los, e ao contrário, o ex-atleta consegue mesmo com a família, consegue se dedicar a esse mercado e assim por não termos muito a figura feminina no mercado, a presença masculina se mantém. Entendo que talvez não seja preconceito ou outra coisa, mas é um paradigma, coisas que precisam ser quebradas.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

V.R. – Eu acredito que alguns lugares possam ter, mas eu trabalhei com os dois e foram valorizados pela sua capacidade, não por ser feminino ou masculino, então aqui comigo pelo menos não é, mas é possível que aconteça, e deve ter sim, com certeza, infelizmente, uma coisa que desde que a gente conhece o mundo foi dada essa tal importância ao sexo masculino, a mulher vem ganhando espaço, mas ainda está longe.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

V.R. – Agradecimento especial ao meu amigo entrevistador Walber pelo convite e oportunidade de colocar minhas experiências e minhas vivências com o voleibol. Desejo que o esporte no Brasil tenha o valor e a atenção que merece, por toda sua importância na saúde física e mental das pessoas, por tudo o que o esporte agrega na transformação das nossas crianças e adolescentes, adquirindo através da disciplina exigida na sua prática diária os valores essenciais à vida. Que a gente encontre mais pessoas envolvidas e comprometidas com nosso esporte, e que sejam muito mais valorizadas.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE E
ENTREVISTA AGNES RODRIGUES

Figura 5 - Agnes Rodrigues em atuação pelo Pinheiros em 2019



Fonte: Acervo pessoal de Agnes Rodrigues.

Data da entrevista: 02/12/2020

Horário da entrevista (início): 18h00

Horário da entrevista (término): 19h00

Nome da participante: Agnes Rodrigues

Idade: 55 anos

Naturalidade: sou natural de São Paulo

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: divorciada

Tem filh@s? (x) sim () não

Quant@s? três filhas

Grau de escolaridade: superior completo em educação física e pós-graduada em psicomotricidade e em treinamento desportivo

Profissão(ões): sou professora de educação física e atualmente eu exerço a função de treinadora de voleibol

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

A.R. – Eu sempre gostei muito de esporte, gostava muito das aulas de educação física, então que eu me recorde desde a escola eu sempre gostei muito de jogar: jogava todos os esportes, participava de muitos campeonatos e com o tempo eu fui mostrando o talento um pouquinho mais apurado para o voleibol, e foi quando a professora de educação física da minha escola – eu tinha dez anos – ela me encaminhou para um clube para eu treinar, e foi aí que eu comecei a jogar vôlei, e joguei até meus vinte e dois anos, vinte e três anos.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

A.R. – Olha, eu fui uma criança que brinquei de tudo, mas eu brincava muito mais de correr, na rua jogava taco, jogava vôlei; de domingo à tarde eu tenho muito esta lembrança: montávamos uma rede na rua, fechávamos a rua e jogávamos todos os amigos naquela rua; então jogava vôlei, andava de carrinho de rolimã, eu brincava de pega-pega, eu era muito moleca, e como eu era a mais nova da geração assim da minha família, dos meus primos e dos meus irmãos, eu vivia atrás deles, então o que eles faziam eu queria copiar, e com isto eu me machuquei várias vezes [riso], tipo furar a cabeça, cortar, abrir, ter que ir para o pronto socorro, porque eu queria fazer tudo igual. Mas eu brinquei muito mais de roda, aquele lencinho atrás, taco, essas coisas, do que de boneca, eu gostava de atividade mesmo com bola, então queimada, brincava muito disto na rua, subir em árvore para pegar fruto. Era este tipo de brincadeira que hoje não existe muito mais.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

A.R. – Eu amava, adorava as aulas de educação física: o dia que tinha aula de educação física eu já acordava diferente. Eu era super participativa, eu gostava de fazer qualquer coisa que o professor dava, desde exercício até um esporte, uma brincadeira ou até um jogo. Então eu me envolvia muito e acho que foi por este motivo até que a professora me indicou para jogar vôlei porque realmente eu gostava de fazer movimento, eu gostava de brincar. E as aulas elas tinham de tudo, tinham exercícios, então tinha aula da minha época que cheguei a fazer movimentação de corrida, tipo atletismo, ginástica olímpica, a gente passava por todos os esportes, então era tipo uma temporada que a gente desenvolvia as atividades, então eu participei e aprendi a fazer praticamente todos os esportes, até que quando chegou o vôlei, que eu gostava muito, acabei indo para o voleibol, mas eu praticamente vivenciei durante o período escolar todas as modalidades: acho que a única coisa que eu não fiz na minha vida foi dança.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

A.R. – Voleibol, voleibol, voleibol, voleibol [riso]. Nessa idade é uma idade que você já é bem competitiva; na minha época tinham muitas equipes, então eu passava o ano me dedicando entre o estudo e o voleibol, então eram viagens, as vezes a gente viajava para

jogar, então a minha juventude eu realmente fui uma menina que pouco saí, meu pai era também muito severo, então a gente não tinha muito o costume de sair, principalmente festinha, barzinho, balada, essas coisas eu ia muito pouco, então a minha vida foi realmente jogar voleibol, me dedicar ao voleibol.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

A.R. – Então, passada a minha vida inteira dedicada ao esporte, ao vôlei, eu me apaixonei por isto e resolvi então que eu iria estudar alguma coisa relacionada ao esporte, então eu fui fazer educação física. Cursei educação física na faculdade de Santo André, Fefisa⁶¹ chamava, hoje em dia fechou esta faculdade, e me formei lá em 1988. Durante a faculdade a gente tem o estágio obrigatório que você tem que fazer, aí eu fui trabalhar em um Balneário do Cambuçi, que hoje é tipo um CEU, estes centros educacionais unificados, eu fui trabalhar neste Balneário e lá tinham aulas de várias atividades: vôlei, basquete, ginástica olímpica, que foi uma grande escola para mim; fiz dois anos de estágio neste local e comecei a mandar currículos para várias escolas porque eu iria me formar e eu queria trabalhar com educação física, mas principalmente com o voleibol; aí eu fui chamada no Colégio Marista Nossa Senhora da Glória para trabalhar com educação física e ser estagiária, ser assistente técnica de voleibol. Comecei a trabalhar, daí o professor foi mandado embora e eu assumi as turmas de voleibol, comecei a aparecer dentro de campeonatos escolares com equipes boas, aí o clube me chamou para trabalhar. Aí eu fui para o Clube Atlético Ypiranga, trabalhei lá, foi onde foi a minha grande escola, foi onde eu trabalhei praticamente com todas as categorias, eu trabalhei com a escolinha que eu tinha em torno de sessenta alunos para dar aula em uma quadra por uma hora e meia, então eu tinha que ter muita criatividade e foi um aprendizado maravilhoso; e fui subindo no clube, daí eu fui para a categoria iniciantes, competitiva, ganhei vários títulos nesta categoria, aí peguei o pré-mirim, peguei mirim, e com uma equipe competitiva fui mostrando o meu trabalho e foram aparecendo alguns convites. Depois de dez anos que eu estava no Ypiranga eu recebi uma proposta para trabalhar no Bradesco que era a grande equipe do campeonato, aí foi um desafio bem grande para mim, que eu pulei de uma categoria mirim e fui trabalhar em uma categoria infantil, foi muito legal e eu fui campeã estadual lá com um trabalho completamente diferente do que eu fazia, porque tinha muita estrutura; no Ypiranga eu era técnica, fisioterapeuta, montava a rede, fazia de tudo, era

⁶¹ Faculdades Integradas de Santo André.

massagista, o que precisasse a gente fazia e lá não, lá você tinha todo um suporte atrás de você, então foi uma experiência bacana, só que eu mesmo tempo eu tive que acabar saindo porque eu tinha acabado de ter filho, minha filha tinha um ano e meio e o Bradesco ficava em Osasco, e eu chegava muito tarde, saía de casa onze horas da manhã e chegava vinte e uma horas, vinte e duas horas, e minha filha começou a ficar muito tristonha e tal, aí acabei optando em sair; aí voltei para o Ypiranga novamente, trabalhei lá por mais dois anos e aí o meu marido ele recebeu uma proposta para o Rio de Janeiro e aí nós fomos para o Rio de Janeiro, ficamos lá um ano no Rio de Janeiro, eu ia também trabalhar no Flamengo só que aconteceu de eu engravidar de novo – não era esperado, não foi programado, realmente aconteceu – e aí eu acabei não trabalhando este ano, eu fiquei um ano curtindo a vida no Rio de Janeiro, que chato né, foi muito chato [riso], foi uma época muito boa, foi um ano muito gostoso. E quando eu voltei me vi com três filhas, sem emprego e meu marido também porque houve um problema lá no Flamengo e nós tivemos que voltar, e eu recebi um convite para ir para o São Paulo. Aí trabalhei no São Paulo dois anos com categoria mirim e infantil; depois do São Paulo eu fui para o Pinheiros, trabalhei no Pinheiros, aí estou agora no Pinheiros há onze anos já, e no Pinheiros eu fui convidada para fazer um trabalho: o Pinheiros não tinha um trabalho de base fortalecido, era um trabalho bem recreativo, aí o diretor do vôlei me procurou, falou: “Olha Agnes, eu quero que você venha para o Pinheiros para você fazer o que você fazia lá no Ypiranga, eu quero ver aquela qualidade de trabalho, eu quero ver as meninas jogando daquele jeito” e foi muito difícil para mim, porque no Ypiranga eu trabalhava com meninas que queriam jogar, no São Paulo também, no Bradesco mais ainda – as meninas eram muito atléticas, passavam por peneira – quando eu cheguei no Pinheiros era só associada, então elas estavam ali porque as amigas faziam, ninguém estava muito afim de competir, então assim, foi um trabalho completamente diferente: eu tive que primeiro me fazer ser gostada pelas meninas para elas me respeitarem, entender o que eu estava pedindo, eu tive que mandar todos os profissionais embora porque eles não queriam se adequar ao meu plano de trabalho, à minha proposta de trabalho, eu tive que reestruturar tudo aquilo. Hoje nós temos doze categorias na base de associadas, eu tenho duzentas atletas associadas, para cada idade eu tenho dois grupos: o que compete e um que está aprendendo, então quem está aprendendo, melhorando, vai indo para o competitivo, quem não quiser fica nesta turminha que a gente chama de formação e desenvolvimento, então nós temos doze

categorias e aí eu coordeno todas elas, e sou técnica também da categoria sub-17 e sub-19.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

A.R. – Então, como eu gostava muito de jogar e procurei uma faculdade que me desse esta oportunidade; graças a Deus na minha vida também eu tive vários técnicos que me inspiraram a gostar desta profissão e lembro de todos eles com muito carinho, e acho que foi isto: foi a minha vivência dentro da quadra, ver o que os profissionais faziam, estar no jogos, ganhar, viajar, eu acho que eu gostei muito desse palco, dessa coisa de você estar comandando o trabalho, e acho que é isto que mais me encantou, tanto que eu sempre falei: “Eu não quero trabalhar com a educação física. Não é o meu plano. Eu quero trabalhar com voleibol”, minha vontade era ser treinadora realmente, tanto que eu fiquei muito pouco na educação física, assim que eu pude sair eu saí [riso]. Eu gosto de trabalhar com quem quer aprender, então na educação física você tinha de tudo, você tinha gente que queria e que não queria, ou que trazia atestado e que fingia que estava doente para não fazer a aula e isto me frustrava muito, aí eu falei: “Eu não quero isto. Eu quero que alguém venha procurar o esporte porque goste de praticar o esporte, e que a gente possa fazer esta pessoa progredir”, porque trabalhar com quem não tem vontade você não consegue fazer um bom trabalho, a pessoa não consegue se desenvolver. Então eu acho que foi isto realmente que me encantou com esta profissão, ver os meus técnicos trabalhando e o amor que eu tinha por jogar e eu falei: “A hora que eu parar eu quero ser treinadora. Eu não quero terminar com o voleibol”. Eu sabia que a minha carreira teria fim, porque eu era pequena, eu era baixa, mas eu falei que daria um jeito de continuar com o voleibol, e foi desta forma que eu continuei sendo treinadora.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

A.R. – Então, meu pai, minha mãe, minha família sempre me apoiaram muito, iam em todos os jogos, assistiam, meu pai sempre me elogiava muito “Filha você joga muito”, então eles sempre me apoiaram muito. Quando eu decidi fazer educação física os meus pais também me apoiaram, eu lembro muito desta conversa: “Eu acho que é uma boa profissão para você ser professora. Mulher tem que ser professora mesmo” aquela coisa bem machista “Mulher tem que ser professora. Tem que ir, vai trabalhar em escola”, então

eles me apoiaram, gostaram da minha decisão, e mesmo na minha carreira como treinadora meus pais me acompanharam muito, iam nos meus jogos, sempre foram fãs de carteirinha, não só da minha pessoa como da minha irmã também. Minha irmã também jogou, minha irmã do meio, meu irmão fez futebol, então eles iam muito, eles foram muito do esporte, então esse apoio também familiar me levou também a prosseguir nesta profissão.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

A.R. – Nunca, nunca vivenciei nenhum ato assim de discriminação.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

A.R. – Eu fiz o nível 3 da Confederação. A gente começa fazendo o nível 1, eu fiz o nível 1 só que aí depois eles passaram o nível 1 só para quem já era formado, então eu praticamente fiquei com o nível 2, e depois eu fiz o nível 3 da CBV.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

A.R. – Eu realizei, realizei alguns cursos. Agora recentemente fiz um curso de neurociências, porque acho importante estudar esta parte de conhecimento do cérebro, do comportamento, inteligência emocional; esse período que eu fiquei em casa, estes quatro meses eu tenho estudado muito sobre isto, inteligência emocional, gestão das emoções, então eu tenho estudado muito por esta área, é uma área que eu também gosto muito; se eu não tivesse feito educação física eu acho que eu faria psicologia, é uma área que eu me encanto, entender o ser humano, entender como as coisas funcionam, entender como a cabeça da gente funciona; então eu tenho procurado fazer estes cursos. Fiz alguns cursos também de – agora nem me lembro mais, antigos – estes simpósios que tem de vários temas, de preparação física, meditação, então fiz alguns simpósios também.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

A.R. – Bom, eu tenho praticamente vinte e cinco anos de profissão, então eu já trabalhei em todas as categorias, acho que eu só não trabalhei no juvenil. Geralmente a gente sempre começa por baixo, eu já trabalhei com escolinha que envolvia criança de nove, dez, onze anos, isto foi no Ypiranga; trabalhei com a categoria iniciantes que são crianças de doze anos, trabalhei por vários anos aí, uns dois, três anos, depois eu fui para o pré-

mirim que são crianças de treze anos, fui para o mirim que são crianças de quatorze anos também trabalhando acho que por dois anos, isto tudo no Ypiranga. Aí eu fui para o Bradesco, trabalhei com o infantil e infanto, infantil eu era a técnica e infanto eu era assistente. No São Paulo eu voltei a trabalhar com o mirim e o infantil. Quando eu fui para o Pinheiros, foi aí que eu peguei o infanto, que foi a primeira vez que eu trabalhei com o infanto, então eu fiquei com o infantil, infanto, e virei coordenadora desde a escolinha, de nove até os dezoito anos. Então eu já trabalhei com todas as idades, menos juvenil e adulto que também foi uma coisa que eu nunca almejei, nunca quis, sempre gostei de trabalhar com a base, sempre gostei de formar, para mim eu falava que o limite era dezessete anos e já estou indo para o sub-19, mas assim, eu prefiro mais para baixo porque eu gosto das crianças, eu gosto de formar realmente.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

A.R. – Quando eu era mais jovem eu tinha três empregos, então eu trabalhava de manhã na escola, de tarde eu trabalhava no clube e as vezes à noite eu trabalhava em outra escola. Aí foram vindo os filhos, a gente acaba deixando algumas coisinhas, aí eu diminuí um emprego quando nasceu a primeira filha. Como eu trabalhava em um colégio Marista e eu também era coordenadora lá, eu acabei optando em ficar no colégio, mas eu tinha um horário muito estendido, e aí eu sai da educação física, assumi toda a coordenação de esportes lá e fiquei só com esporte, então eu entrava tipo dezesseis horas, mas eu ia até as vinte e duas horas, porque a gente tinha esporte até de pais, que a escola tinha aquela associação de pais mestres. Enquanto eu estava nesta escola eu tinha só duas filhas, então eu ficava com elas até as quinze horas, uma já ia para a escolinha, a bebê ficava com a minha mãe, minha mãe sempre me ajudou muito. Houve uma época em que tinha uma moça que ficava em minha casa, então as crianças ficavam em casa, e a gente foi se ajeitando desta forma; trabalhei assim por muitos anos lá no Glória, depois eu fui para o Colégio Bandeirantes⁶², onde eu assumi um treinamento de voleibol também lá, aí eu trabalhava de manhã e à noite no Bandeirantes, porque lá as meninas estudavam à tarde, então quem estudava à tarde o esporte era de manhã e quem estudava de manhã o esporte era à noite, então olha que loucura: eu ia para lá de manhã e dava treino de vôlei, saía de lá e ia para o Pinheiros para trabalhar até as dezoito horas, isto quando a gente tinha só seis, sete categorias, saía dezoito horas do Pinheiros e tinha que estar dezoito horas e trinta

⁶² Instituição de Ensino Particular da cidade de São Paulo.

minutos no Bandeirantes, pois a aula começava dezoito horas e trinta minutos; eu corria que nem uma doida para chegar, chegava no bandeirantes dava aula até vinte e uma horas e trinta minutos e ia para casa, fazendo isto por praticamente seis anos, aí eu já não estava aguentando mais porque eu já tinha três filhas e o trânsito de São Paulo foi ficando impossível, então eu começava a chegar atrasada e eu sou muito chata com horário, eu me cobro de atrasar, então tinha que ligar para avisar “Vai alongando que estou chegando”, muito desgaste sabe, aí acabei saindo do Bandeirantes com muita dó porque eu adorava trabalhar lá, adorava o esporte escolar, campeonato escolar acho muito gostoso; e acabei ficando só no Pinheiros. O trabalho foi crescendo no Pinheiros, aí hoje eu entro no Pinheiros às quatorze horas e fico até as vinte e uma horas, vinte e duas horas, então eu trabalho mais neste período da tarde.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

A.R. – Faxineira, passadeira, cozinheira [riso], eu faço tudo em casa, então acho que além do trabalho você tem este outro trabalho que ninguém valoriza que é o trabalho da sua casa, de você cuidar da sua casa, de cuidar da sua família. Mas não, eu realmente não faço outro trabalho, é só uma brincadeira isto, eu não tenho outro trabalho a não ser este, trabalho exclusivamente como treinadora de voleibol e coordenadora.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

A.R. – Eu dei aula na Fefisa também por dois anos lecionando a disciplina de Crescimento e Desenvolvimento e foi nesta época um pouquinho antes de eu ir para o Bandeirantes, que eu ia para o Pinheiros, minha aula acabava às dezessete horas, aí eu ia para a Fefisa duas vezes na semana e dava a aula de crescimento e desenvolvimento. Mas pela distância e pela dificuldade eu acabei saindo também. Atualmente não leciono em nenhuma faculdade, na universidade, nada.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

A.R. – Eu tive alguns momentos importantes. Acho que todos os momentos são marcantes, mas tem sempre aqueles que são inesquecíveis. Eu tive um momento no Ypiranga e que a gente nem era visto no voleibol e a gente começou a ter grandes equipes, começamos a fazer um trabalho muito bom e aí esse time que veio comigo no iniciantes, me fizeram ir para o pré-mirim com a mesma equipe, fizeram ir para o mirim com a mesma equipe, e o grande time do campeonato era o Bradesco que na época chamava

Finasa, banco Finasa, era o grande time, e durante o campeonato todo a gente fez ótimos jogos com eles, todos de igual para igual, e quando foi na final do campeonato paulista metropolitano, o Ypiranga ganhou do Bradesco de três “sets” a dois na final e nós fomos campeãs, e isto foi uma coisa que me marcou muito porque o diretor que estava no Ypiranga ele pulou de uma arquibancada que era tipo dois metros de altura, a hora que acabou o jogo ele pulou da arquibancada, caiu no chão, levantou e me catou no colo começando a me girar, devido a tamanha felicidade dele de ter trazido o primeiro título para o clube, de ter esta importância; esse foi um dos momentos que me marcaram como profissional. Tem alguns outros momentos que me marcaram como o fato de ter sido mãe, as minhas filhas também foram atletas: tenho duas filhas que jogaram vôlei e também todas as conquistas delas são momentos importantes para mim, meio que a gente se projeta nelas também; e o outro momento foi quando no Pinheiros a gente passou muito perrengue, para falar a verdade às vezes a gente ia jogar e perdia de vinte e cinco à dois, vinte e cinco à três porque os nossos times eram muito ruins, e foi quando eu ganhei o primeiro título no Pinheiros, minha categoria infantil ela é tetracampeã, mas para você ver, eu demorei quase oito anos para fazer um trabalho sólido, um trabalho que desse um resultado, porque o que tem de bom lá no Pinheiros é que as meninas começam e elas prosseguem, então a gente consegue manter o mesmo grupo sabe, então a gente vai vendo uma evolução até que uma hora o resultado aparece, então são quatro anos que eu sou campeã na categoria infantil e isto também foi uma coisa marcante para mim porque mostrou o resultado de um trabalho que eu comecei sabe; lógico que não tem mérito só meu, tem o mérito dos profissionais que também trabalharam sob o meu suporte e sob orientação da coordenação, então é um trabalho que eu sinto que tem muito da minha mão, então eu fiquei muito feliz de ter este resultado de me manter por quatro anos campeã, mostra que a gente está fazendo a coisa certa. Antigamente a gente via o Pinheiros em campeonato em décimo oitavo, décimo sétimo, a gente era os últimos da tabela, e hoje quase todas as categorias estamos na chave ouro que a gente chama, que são os quatro primeiros colocados, então eu acho que foi uma grande conquista isto.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

A.R. – A, eu acho que dificuldade a gente encontra em todos os lugares que a gente trabalha, depende do nível da dificuldade. No Ypiranga a minha maior dificuldade era que a gente não tinha verba, não tinha nenhum apoio financeiro, então se você quisesse ir para um campeonato Estadual a gente tinha que fazer bingo ou fazer rifa, sair vendendo

bolo em jogos para conseguir dinheiro para poder viajar, porque o clube não tinha subsídio financeiro para bancar uma viagem dessas, e as crianças eram humildes as vezes também, os pais não tinham esta condição de pagar hotel, pagar ônibus, então todas as viagens que eu fiz pelo Ypiranga realmente foram dificuldades, porque a gente tinha que ralar muito para fazer as coisas, eu cheguei até a fazer bingo na minha casa, na garagem da minha casa para poder arrecadar dinheiro para poder viajar, mas eu sempre tive esta coisa de falar assim: “A não, vamos fazer, vamos fazer. Arregaça as mangas e vamos fazer”, esta da dificuldade financeira foi a que eu enfrentei mais. No Pinheiros eu não enfrento este tipo de dificuldade, mas eu enfrento um outro tipo de dificuldade que é lidar com uma situação assim de lidar com crianças com um nível cultural muito alto, então nenhuma menina lá pensa em virar jogadora de voleibol, que é uma coisa que me frustra muito, porque você está trabalhando para formar esta jogadora e é muito gostoso você olhar uma Superliga e falar: “Nossa, esta menina foi minha atleta”, hoje eu tenho meninas lá que foram minhas atletas no Ypiranga ou no Bradesco, mas dificilmente eu vou virar e falar: “Olha, aquela menina no Pinheiros foi minha atleta” porque elas não possuem esta visão de ir para um adulto jogar, elas querem ser médicas, elas querem ser engenheiras, então isto acaba me frustrando um pouco, é uma dificuldade que eu encontro, porque eu não consigo criar este amor pelo esporte nem na família e nem na atleta porque elas não querem ser uma atleta profissional, elas querem uma profissão que sustentem elas pelo resto da vida; não recrimino mas assim eu me frustro. E quando eu trabalhei no Bradesco, era Finasa na época, eu acho que a maior dificuldade que eu enfrentei lá foi em dividir o meu trabalho com outras pessoas, porque eu sempre estou acostumada a trabalhar sozinha, e quando eu cheguei no Bradesco eu tinha psicólogo, eu tinha assistente, eu tinha preparador físico, e eu ficava perdida com tanta gente trabalhando ao meu redor, e mil informações, então foi um processo bem diferente para mim de trabalho e foi o único ano que eu tive isto, porque mesmo trabalhando no Pinheiros que é o maior clube da América Latina, a gente tem dificuldades de ter um preparador físico assim único para categoria, as vezes você tem que dar a preparação física, as vezes você acaba sendo a psicóloga, então acho que foram fases e elas foram dependendo de cada lugar que eu estive. Um outro problema, que na verdade eu não vejo como problema mas sim como dificuldade, que no Pinheiros a gente não tem problema em viajar; eu já tive um campeonato em que a gente foi jogar no Peru, a gente já foi para Miami fazer campeonatos, fomos para Portugal, e eu não falo inglês, e isto também é uma coisa que me deixa meio assim

encabulada, porque eu não tive esta oportunidade de estudar e quando eu vou viajar eu tenho que depender ou do meu diretor que fala inglês, ou de um atleta “O que ele está falando?” e é uma coisa assim que é ruim, porque todas elas assim falam três línguas pelo menos, então é o meu próximo plano, estudar inglês [riso].

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

A.R. – Olha, eu me sinto totalmente realizada com a minha profissão porque eu sempre estive aonde eu quis estar, e assim, eu nunca fui uma pessoa de almejar e ter objetivos a longo prazo sabe, eu sempre crio os meus objetivos ano a ano, acho que é uma forma de eu ter um propósito, de viver aquele ano bem com objetivos e metas. Eu nunca almejei e isto não é mentira, eu nunca sonhei em ser técnica de adulto, nunca, mas assim, almejei sim ser uma técnica campeã, eu queria ser vencedora, eu sempre quis ganhar mesmo quando eu era atleta, eu jogava sempre para ganhar e se eu não ganhasse eu chorava, e eu continuo assim: se eu perco campeonato eu choro, eu fico triste, eu fico dois, três dias tristes, porque eu gosto da vitória, eu trabalho para isto, mas assim, eu tenho o meu lado de formação, é lógico que eu trabalho não só para ganhar, mas eu trabalho para ganhar também. Então os meus objetivos eu procuro traçá-los de ano a ano; eu me sinto realizada profissionalmente, acho que eu cheguei para trabalhar agora no Pinheiros que é o maior clube da América Latina que é um clube reconhecido, então eu tenho o meu reconhecimento profissional dentro da minha área. A única coisa que eu tenho a desejar nestes anos de profissão é a nível salarial, nós somos muito pouco reconhecidos: eu trabalho todos os finais de semana e eu não ganho hora extra, a gente não ganha hora extra, a gente tem tipo um banco de horas que eu nem tiro, não consigo tirar esse banco de horas, então se eu ganhasse isto em dinheiro tudo o que eu faço a mais fora do meu horário, nossa, eu ganharia muito bem, mas não, a gente tem um contrato de flexibilidade que permite que a gente trabalhe sábado e domingo e não ganhe, então, devido a isto, acho que é a única coisa que eu tenho a reclamar da minha profissão, porque por vezes eu não tive o domingo para almoçar com a minha família, eu não tive um dia para levar a minha filha no parque, muitas vezes o meu marido ou eu ia sozinho porque ele também é profissional de handebol e ele também tem a mesma vida que eu tenho, e a única coisa que eu tenho a reclamar é isto, porque eu não me importo de trabalhar, mas se a gente fosse reconhecido financeiramente seria muito melhor, então esta é a única queixa que eu tenho da minha profissão.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

A.R. – Eu vou dizer assim, pelo o que eu vejo no clube, a gente tem estagiários, e quando eles entram eu gosto de pegar sempre uma pessoa que pode ficar dois anos estagiando, porque quando ela se forma e tem alguma vaga, eu gosto de efetivar estas pessoas; a gente vai moldando, vai trabalhando esta pessoa para ele aprender o sistema que a gente gosta de trabalhar. Então me baseando nestes profissionais que estão se formando e ingressam já como professores, hoje eles ganham mais do que a minha situação quando eu comecei, eu acho que eles ganham um pouquinho melhor, não é muito não mas eles ganham um pouquinho melhor; lógico que hoje eu ganho mais do que eu ganhava, lógico, vai passando os anos e você vai ganhando mais, e eu tenho um reconhecimento em relação aos professores por eu ser a coordenadora, então eu ganho um pouquinho a mais que eles, é bem pouquinho mesmo, e eu tenho muito trabalho. Então eu acho que melhorou um pouco mas está longe de ser o ideal. Olha, para viver do voleibol depende de quantos filhos você quer ter, dentro da vida que você quiser levar dá para viver, mas não é uma vida de luxo, é uma vida sem viagens, é uma vida assim com o dinheirinho contado, bem contado. Nunca na minha vida eu pude fazer uma grande viagem, planejar coisas, porque também eu e meu marido nós tivemos três filhos então é escola, graças a Deus que duas foram atletas e conseguiram estudar com bolsa, então a gente teve alguns benefícios por elas também terem sido atletas, mas é complicado. Dependendo da atuação dentro da educação física não dá para ter tanto filho assim não [riso].

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

A.R. – A, eu tenho referências sim. Eu gosto muito, me identifico muito com a coordenadora do Bradesco que é a Irma – quando eu fui atleta no Pinheiros ela era uma das profissionais do Pinheiros e foi aí que eu conheci a Irma, e é uma profissional que eu me identifico muito com ela, pela seriedade, pela dedicação, pela determinação, tem muita coisa dela que eu tenho e aprendi com ela, e o ano que eu fui para o Finasa e eu trabalhei com ela, foi um ano que eu aprendi muito: ela é uma pessoa muito dura, muito brava, muito exigente, mas é uma pessoa que te faz andar, que te faz crescer, então ela é uma das minhas referências. Um outro técnico que eu admiro demais pelo trabalho é o Bernardinho, eu acho até que muitas pessoas podem ter esta referência: eu gosto muito do jeito que ele sabe gritar mas ao mesmo tempo ele sabe ter aquele lado de carinhoso, de atencioso com as pessoas, a forma de trabalhar, eu escuto ele falar às vezes em cursos,

em “lives”, principalmente em “lives” que eu vi a forma como ele organiza o trabalho eu também admiro demais, ver os times dele jogando, então é uma referência, que eu não conheço pessoalmente mas na televisão.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

A.R. – Olha, eu nunca tive problema, me dou bem e tenho muitas amigas treinadoras de vários clubes, treinadores também, acho que a gente tem um ambiente muito amigável, de muito respeito, então eu acho que é um ambiente muito sadio. Tenho amigas de verdade que frequentam a minha casa e que são treinadoras, e amigos também, então eu posso dizer que é um ambiente saudável, tem um convívio bem agradável.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

A.R. – Eu acredito que sim, porque antigamente tinha muito esse clichê de que a mulher não pode ser técnica, ainda tem bastante eu acho, “Ela não vai conseguir ser técnica de um infante”, então praticamente você via sempre mulheres trabalhando nas categorias menores, iniciantes, a maioria eram só mulheres e aí os homens iam mais para cima porque são mais fortes; eu até concordo que ele tem mais força para fazer, mas as vezes você não precisa ter você mesmo que atacar em alguém, você pode usar o seu próprio grupo ou ter uma pessoa que faça isto por você. Existe um pouco deste pré-conceito, de que a mulher tem que ser técnica de criança, das categorias de base, porque ela não vai ter pulso para trabalhar com atletas mais velhos, trabalhar com o masculino; eu já fui treinadora de masculino e me dei super bem, é uma delícia trabalhar com meninos, eles são muito menos cheios de “ti ti ti” do que as meninas, então eu acho que isso daí é um pouquinho de preconceito. Você pode avaliar acho que todas as equipes que estão na Superliga não existe nenhuma mulher como treinadora, só existem homens; as mulheres que estão dentro da comissão técnica ou são psicólogas ou são fisioterapeutas, não existe treinadora nem assistente mulher. Não vou dizer que eu já sofri isto, mas se tiver um homem e uma mulher para ele escolher para ajudar para ser assistente dele em uma categoria adulta, ele vai pedir para o homem, ele vai falar: “Não, se eu pedir para ela atacar não vai ser na potência que eu quero”, mas você tem que olhar a mulher com uma outra visão, eu vejo assim, ela pode ajudar talvez pela sensibilidade dela, pelo “feeling” que ela tem ou pela condição técnica que ela tem, pela condição tática que ela tem, não é

só a força, a composição física da pessoa que vai dizer se ela tem competência para trabalhar ali ou não, então eu acho que isto ainda precisa ser superado. Acho que um outro fator que também atrapalha a mulher é a questão de ser mãe, então: “A não, quando for mãe fica de licença, quando filho ficou doente não vem trabalhar”, então eu acho que a gente passa por isto. Eu vejo com muito bons olhos quanto mais mulheres tivermos trabalhando, eu acho que nós somos muito bem aceitas pelos homens, não tenho nenhuma crítica, mas em questão de assumir uma categoria mais velha eu acho que sim, acho que a mulher ela sofre preconceito neste sentido. A questão da maternidade pesa, porque assim, eu tenho treinadoras mulheres, mas eu tenho mais homens do que mulheres, não porque eu escolhi mas porque foi o que apareceu, foi o que aconteceu, mas por exemplo, eu tive uma treinadora lá no Pinheiros que engravidou e ela teve um problema, aí ela ficou três meses de cama, aí ela pôde voltar, aí ela ficou ruim de novo, aí parou, e o que que a gente teve que fazer, a gente falou: “Você pode vir quando você puder trabalhar, só que eu vou ter que dar a sua categoria para outra pessoa para o trabalho não ficar quebrado”. Ela ficou um ano só como assistente, o clube teve que contratar uma pessoa para ajudar porque ela não podia fazer esforço físico nenhum; agora, se ela está em uma entidade – como eu sou mãe, eu entendo o quão difícil é você querer trabalhar e não poder – eu levei isto numa boa e apoiei o tempo inteiro, eu falei: “É uma fase, isto vai passar, o seu emprego está garantido, fique sossegada”, mas eu tenho este entendimento; de repente uma outra pessoa vai falar: “Não, quando ela voltar eu vou mandar embora. É o primeiro filho, vai ficar grávida de novo e vai passar por isto” então eu não vou te dizer que isto não existe, existe. Eu passei por isto quando eu estava no colégio, eu era coordenadora, tinha um cargo importante na escola, quando eu tive a segunda filha a diretora da escola me chamou e me perguntou: “Você operou?”, aí eu falei: “Não”, ela disse: “Você não operou? Você quer mais filho?”, eu falei “Não, só que a médica me orientou que era bom eu não operar, porque se acontecesse alguma coisa com filho meu, eu sou jovem” ela falou para esperar um pouquinho e meu marido disse que iria fazer vasectomia. Bom, não demorou quatro meses e ela me tirou do cargo de coordenadora e pôs um professor homem, e foi um dos motivos que eu saí da escola, porque eu senti que foi por este motivo que eles pediram para eu não ficar mais como coordenadora, e eu falei: “Não, eu não vou aceitar isto. Se a escola age desta forma eu não quero trabalhar aqui” e foi aí que eu saí dali. Então foi a primeira vez assim que eu passei por um problema de preconceito, de falar: “Não, se ela engravidar de novo ela vai ficar afastada” e olha que eu ia trabalhar

com a barriga enorme e não deixava de fazer nada do que eu tinha que fazer, não tiveram o que falar nada de mim, e fizeram isto. Eu acho que para a mulher infelizmente é difícil, porque depois você também sofre muito quando você deixa o seu filho em casa para ir trabalhar, quando você para de amamentar e você fala: “Vou ter que parar de amamentar porque eu não posso estar aqui para amamentar”, são fases da mulher que são muito difíceis: a gente tem que ser forte para conseguir levar um trabalho e a função de mãe. Eu vivo isto aqui na minha família: a minha irmã ela não conseguiu, a minha irmã por exemplo ela teve o filho dela e ela tinha um bom emprego na escola, mas ela falou: “Não, daqui seis meses eu tenho que voltar? Eu não vou deixar o meu filho com seis meses em uma creche ou com a minha mãe para ir trabalhar, e hoje ela se arrepende, porque ela viveu a vida dela se dedicando aos filhos, hoje eles cresceram, cada um tem a sua casa, o seu trabalho, a sua esposa, e ela fica em casa, entendeu, então eu nunca quis isto para mim porque eu vi a minha mãe fazer isto e eu sempre falei: “Eu não vou ser uma mera dona de casa. Eu quero ter os meus filhos, mas eu quero ter minha profissão” e não me arrependo, eu tentei fazer o meu melhor possível e acho que deu certo, minhas filhas estão felizes e acho que não deu muito problema [riso].

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

A.R. – Olha, em categoria de base eu vou dizer que tem mais mulheres do que homens, agora, quanto mais velho vai ficando esta porcentagem ela é ao inverso, sendo muito mais homens do que mulheres. Não sei te dizer quanto de percentual, mas é bastante. Tipo, tem dezoito equipes no campeonato que estou, na minha categoria acho que tem três técnicas mulheres e o resto é tudo homem; aí depois quando chega nas categorias menores, do iniciantes é o contrário: tem dezessete mulheres e três homens, entendeu.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

A.R. – Com certeza, por estes aspectos que eu te falei, e eu acho que também a mulher ela tem um pouco de culpa nisto, porque as vezes a gente também tem medo de alçar uma coisa maior do que você vai poder fazer, então por exemplo, eu não quis ser técnica do adulto porque eu não gosto, mas eu também fico pensando: “E se eu fosse uma técnica de adulto quando eu tivesse naquela situação com três filhas pequenas como seria treinar em dois períodos entendeu?” então eu acho que a própria mulher também às vezes não almeja

ter times mais velhos pela demanda de horários, pela exigência que vai ser. Então eu acho que tem os dois lados, não é só o preconceito não, tem também o lado da mulher de querer exercer o seu papel de mãe, então conciliar um trabalho mais ameno com a função de mãe, porque realmente, se eu fosse técnica de um adulto naquela fase eu não ia ver meus filhos, porque você treina dois períodos, quando você não está treinando você está vendo vídeo, você está fazendo um monte de coisas, então é um trabalho que exige muito mais do profissional, então eu acredito que esta demanda também a mulher tem um pouco de culpa, mas que tem as pessoas que não querem ter filhos e as vezes não são contratadas por terem medo de acontecer isto. Então, tem aqueles fatores que eu te falei também, por achar que não tem condição física para poder dar treino, que não vai ser dura o suficiente para mandar no time de meninos ou de mulheres mais velhas, todos estes fatores.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

A.R. – Olha, eu acho uma coisa super natural, eu não tenho esta discriminação de cor, de raça. Existem poucos negros realmente como técnicos, sabe, não sei te dizer qual o motivo, mas existem poucos, bem poucos, mas eu não acho que seria por um preconceito isto, não sei, mas tem poucos.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

A.R. – Sim, eu acho que quando eu iniciei este preconceito era muito maior; eu até me lembro de um fato que eu não vou citar o nome do clube mas eu tinha muitas meninas negras, eu tinha umas cinco ou seis atletas negras e nós fomos jogar em um clube e nós chegamos muito cedo, e a hora que nós sentamos no restaurante, uma lanchonete em que as mesas e as cadeiras eram ao ar livre, e isto era coisa de sete horas e trinta minutos, oito horas da manhã, nós sentamos ali e ficamos conversando, aí chegou um funcionário que era um segurança e falou: “Vocês podem sair por favor daqui? que aqui é a área só dos associados. Vocês não podem ficar aqui” e nós saímos, nesta mesa estava eu, mais as meninas negras e mais umas duas meninas, e tinha um outro grupinho meu sentado em uma outra mesa, e ele não foi falar com aquelas meninas, ele só falou na nossa, então a gente percebeu que era pelo motivo de ter negros ali, porque este clube não tem negros, então eu vivenciei muitos fatos no sentido de você ir em clube e vivenciar: “Vocês entram por esta portaria”, porque tinha gente negra, então eu já presenciei muito isto. Hoje é

muito difícil você passar por uma situação destas, de uns dez anos para cá eu nunca vivenciei uma situação assim, mas no começo da minha carreira eu vivenciei sim. Em relação a inserção das mulheres tem aumentado: na minha época quando eu comecei tinham pouquíssimas mulheres treinadoras, hoje são muitas, então eu acredito que aumentou bastante.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribuiu para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

A.R. – Eu acho que sim, eu acho que quando as mulheres começaram a entrar para o trabalho de treinadoras e elas conquistaram o espaço, foram campeãs, foram vistas como capazes de fazer um bom trabalho, que não eram só os homens que eram capazes, isso começou a incentivar outras mulheres: “Poxa, se ela conseguiu eu posso conseguir também”, então eu acho que sim, eu acho que o resultado de uma pessoa mulher que foi bem sucedida, que teve um trabalho visto, incentivou que outras pessoas quisessem fazer isto sim, acho que abriu portas para outras pessoas, com certeza.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

A.R. – Olha, eu acredito totalmente porque a mulher, não menosprezando os homens, não é nenhum preconceito meu em relação ao homem, mas eu acho que a mulher ela é muito mais organizada, principalmente para trabalhar com crianças eu acho que a mulher tem um “feeling” diferente por ela ser mãe. Então as vezes eu vejo técnicos trabalhando com crianças muito pequenas e sem jeito para lidar, ou “Putz, a menina está menstruada, aconteceu um acidente, o que que eu faço? Sujou a roupa dela, como é que eu vou falar?” eu já tive treinadores que pediram para que eu falasse para eles, aí eu respondi: “Gente, vai lá você falar, não tem problema nenhum” ficam sem jeito, então eu acho que a mulher ela tem muita oportunidade de trabalhar por esta facilidade que eu acho de saber lidar com estas situações, como um homem tem facilidade de trabalhar com homem por se identificar também com as situações do homem. Eu acho que a mulher trabalhando na categoria de base a chance dela se tornar unânime eu acho interessante, porque o homem ele não almeja ficar ali, sabe, ele quer sempre estar em um nível acima, e as mulheres não, elas se contentam neste trabalho de formação, elas veem objetivo acho que nas coisas mais simples que elas estão fazendo, eu por exemplo me contento de ver um atleta sair do nada e virar um jogador, para mim está bom, eu não preciso estar na categoria adulta

do Pinheiros para estar feliz, não, meu trabalho é este, e o homem eu acho que não, o homem procura um “status”, acho que é aquela coisa um pouco da história do homem ter de ser o chefe, de ter que mandar, de ter o poder. Então eu acho que tem um pouco disto, da cultura mesmo do homem.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

A.R. – Não, eu acho que não, eu acho que existe, por exemplo, pelo menos na situação que eu sempre passei se vinha um técnico para trabalhar no iniciantes ele iria ganhar “x” se ele fosse homem ou mulher. O que muda eu acho é talvez a categoria que você pega, isto pode mudar o seu salário, daí tem clubes que trabalham desta forma, tem clubes que trabalham com meritocracia, então: “A, você ganhou mais campeonatos você vai ser mais bem remunerado. Você tem uma pós você vai ser remunerado. Você tem um mestrado você vai ganhar mais” tem clubes que tem tido este plano de carreira. Mas eu não acredito que tenha: “A, eu vou contratar para o iniciantes e o salário é três mil reais: se for mulher vai ganhar dois e se for homem vai ganhar quatro”, não acredito nisto.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

A.R. – Eu gostaria só que as pessoas tivessem um olhar diferente para as mulheres, que as vissem como todas dotadas de capacidade e competência de exercer qualquer função, de trabalhar em qualquer categoria, pelo fator que eu acho da sensibilidade da mulher, da forma doce que as vezes a gente tem de olhar as coisas, da forma simples que a gente tem de ver as coisas que acho que diferencia um pouquinho dos homens. É lógico que tem alguns fatores limitantes, que não dá para se comparar a um homem, mas nenhuma mulher pode ser impedida de fazer nada desde que ela o faça ou que ela tente fazer, então eu acho que este é o legado que eu gostaria de levar. Eu me vejo nas condições, hoje se você me contratar para ser uma técnica de adulto eu tenho condições de ser, me dá uma estrutura, me dá um homem forte aí para me ajudar a atacar na mulherada, que a gente vai precisar, mas eu tenho competência para trabalhar; eu me sinto com condições de ser rígida, de cobrar, de enfrentar esta luta, eu não tenho este tipo de preconceito, então eu acho que todas as pessoas tem que ver as mulheres com a condição plena de fazer qualquer papel na sociedade, nós estamos preparadas para fazer qualquer coisa.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE F
ENTREVISTA SHIRLEY MUNCH

Figura 6 - Shirley Munch em atuação pelo São Paulo em 2014



Fonte: Acervo pessoal de Shirley Vianna Munch.

Data da entrevista: 25/11/2020

Horário da entrevista (início): 09h00

Horário da entrevista (término): 09h30

Nome da participante: Shirley Vianna Munch

Idade: 55 anos

Naturalidade: São Paulo

Etnia autodeclarada: parda

Estado civil: solteira

Tem filh@s? () sim (x) não

Quant@s?

Grau de escolaridade: nível superior incompleto

Profissão(ões): técnica de vôlei e coordenadora de voleibol

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

S.M. – Na escola, que eu me lembro na época com onze anos: a prática primeiro do handebol e depois foi apresentado o voleibol, aí daí eu já fui convidada a participar de treinamento no clube AABB, e foi aí que eu fiquei apaixonada pelo vôlei e tive esta trajetória no vôlei como jogadora dos doze até os vinte e quatro anos.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

S.M. – Era a época de brincar na rua: era bola, bola, bola. Eu joguei muito futebol na rua e as brincadeiras eram todas aquelas que hoje fazem falta: alerta, mãe da rua, pique-esconde, tudo o que você possa imaginar, mas o objeto de brinquedo era a bola. Eu costumava brincar com irmão e a criançada da rua: era uma rua com uma imensidão de crianças, que a gente se divertia de todas as formas.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

S.M. – A lembrança que eu tenho deste início marcante foi quando foi apresentado o esporte, lá no caso o handebol, e posteriormente tudo o que envolvia esporte com bola, era o que eu mais gostava. Eu participava muito das aulas porque eu sempre me colocava a disposição de qualquer tipo de modalidade que envolvesse bola.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

S.M. – Esse período foi totalmente voltado para o esporte, para o vôlei, então como eu falei dos doze anos até os vinte e quatro eu me vi em treinamentos, em competições, tive participação em seleções paulistas, uma brasileira infante, assim, ela foi voltada sempre para o esporte, eu não tinha uma vida social, que até eu não gostava, então eu me dediquei inteiramente ao voleibol.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

S.M. – Foi uma transição: eu ainda jogava, eu estava meio que estudando ainda, eu fiz metade do curso e no momento que eu fui jogar no interior em Lençóis Paulista⁶³, e eu já tinha jogado em São Paulo no São Paulo Futebol Clube, a equipe foi jogar lá e aí neste momento foi feito um convite se eu não gostaria de retornar, e eu gostaria de retornar sim se eu pudesse começar a trabalhar. Aí no momento que houveram as conversas me foi proposto um trabalho com a escolinha no clube, naquela época não havia essa exigência do curso de educação física, mas eu não ter terminado foram outras consequências, de ter voltado para São Paulo e aí eu assumi um trabalho que envolvia das oito horas às dezessete horas e após isto eu já ficava no clube para treinar. Eu fiz um trabalho bacana

⁶³ Município situado no Estado de São Paulo.

com a escolinha, então no ano seguinte eu fui convidada a assumir uma equipe de federação, competitiva mesmo. E dali em diante foi embalando, foi ano a ano e é o que eu faço até hoje.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

S.M. – Isto já foi uma ideia que eu tive enquanto jogadora, que eu adorava e me via ensinando. Uma vez me perguntaram o que eu gostaria de fazer quando adulta, eu falei: “Ser técnica de vôlei”, então foi esta transição natural que me levou, e eu gosto de ensinar, eu gosto da prática bem feita. Eu fui uma jogadora muito técnica então isso agora eu tento passar para elas, o quanto importante é a fundamentação, aquela coisa plástica bonita do voleibol; aí é um prazer.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

S.M. – A inspiração veio dos meus técnicos, meus técnicos foram grandes inspiradores tanto como técnicos como amigos, em apoiar em momentos difíceis, todos, e eu via aquilo como gostaria de fazer isto também. Apoio eu sempre tive da minha mãe, apesar dela não ser presente, mas ela sempre me apoiou em questão de estudo, de alimentação, ela sempre me dava este suporte que foi muito importante.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

S.M. – Nenhuma, nenhuma até porque como eu já vivia na quadra e todos me conheciam, me conhecem pela quadra, não houve em momento algum, nunca imaginei isto.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

S.M. – O curso da CBV de treinadores eu tenho o nível 3, e fiz vários cursos do Bernardinho na época lá no Rexona⁶⁴, fiz vários cursos de São Paulo que envolvia João Crisóstomo, José Elias Proença⁶⁵, então sempre que tinham estas oportunidades eu estava lá para aprender.

⁶⁴ Nome fantasia à equipe de vôlei feminina do Rio de Janeiro que disputa a Superliga A.

⁶⁵ Preparador físico da seleção brasileira feminina de vôlei.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

S.M. – Foram vários. Ao longo do tempo eu fiz vários. Tudo o que aparecia eu tinha esta curiosidade e esta necessidade de completar, sempre achando que estava me faltando alguma coisa, e os nomes principais foram estes que me vem na memória.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

S.M. – No São Paulo FC este tempo todo, desde 1989 até hoje como técnica de categoria iniciante, pré-mirim e até o mirim, que é o sub-15. Eu fui convidada em 2002 a participar do Bradesco, que na época era BCN, que foi na mesma época que o Zé Roberto e o Paulo Coco⁶⁶ estavam no adulto, o Sergio Negrão⁶⁷ era o gerente e a Irma Conrado que era Coordenadora da Base, ela me convidou para o projeto e foi uma experiência incrível, mas em contrapartida o São Paulo queria que eu voltasse para reorganizar as equipes que tinham sido desmontadas por conta da retirada dos atletas militantes que completavam as equipes, então aí eu retornei para reestruturar; foi no ano seguinte então que me convidaram para fazer a coordenação, então de 2003 para cá eu também coordeno toda a seção, tanto envolvendo as categorias de base como as categorias de masters. E tive também uma experiência de categoria master no Esporte Clube Pinheiros: fiquei dois anos lá no período da manhã, foi um convite também, e depois eu senti necessidade de retomar este período com atividades mais no São Paulo mesmo.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

S.M. – Minha rotina é: trabalho todos os dias no período da tarde no São Paulo. Em dias que eu dou treino é sempre o primeiro treino para que eu possa depois me dedicar mais à parte administrativa, acompanhando equipes, preparando a logística dos campeonatos, campeonatos internos, tanto os meus jogos como das outras categorias, enfim, sempre dividida entre os meus treinos com a minha equipe e após isto a parte administrativa da função.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

⁶⁶ Assistente Técnico na seleção brasileira de vôlei feminino.

⁶⁷ Sergio Ricardo Negrão, ex-jogador de vôlei, tendo atuado também nas funções de coordenador, supervisor e treinador de equipes de vôlei.

S.M. – A coordenação do voleibol. O meu trabalho hoje unicamente é no São Paulo Futebol Clube.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora?

Qual(is)?

S.M. – Não, como eu te falei é só lá mesmo.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

S.M. – Na carreira foram os primeiros títulos, aonde você vê que você estava caminhando por um trabalho correto e com o respeito de todos os outros profissionais, e o convite para ir para o BCN foi importante como um reconhecimento de trabalho e eu acho que estar nesta função até hoje, no São Paulo que é muito gratificante olhar para trás e saber que foi uma trajetória vencedora.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

S.M. – Dificuldade eu encontrei no começo quando eu comecei a trabalhar com a equipe, onde eu não tinha muita experiência, eu tinha a minha vivência de jogadora, e ao mesmo tempo precisava também provar que eu tinha condições de praticar aquilo, de desenvolver aquele trabalho. Então no começo era mais uma afirmação, aonde eu tinha que buscar muito para poder me firmar, não que eu não continuei fazendo isto, mas foi marcante esta busca de conhecimento para realizar um bom trabalho.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

S.M. – Com certeza. Os objetivos sempre foram a formação do atleta, os títulos foram consequência, mas hoje ver que foram atletas, algumas até chegaram nas seleções paulistas, brasileiras de base, e ter este reconhecimento delas, a gratidão que elas têm pelo quanto foi passado, pelo quanto foi ensinado, é a grande conquista. Meu objetivo maior hoje é continuar fazendo isto, sendo técnica ou coordenando profissionais para continuar este tipo de trabalho.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

S.M. – É possível sim. No meu caso eu vou dizer que eu ganho relativamente bem, e dentro de um processo que eu pude permanecer apenas de voleibol e apenas no São Paulo, então eu consigo levar esta profissão somente, porque eu vejo que tem muitos profissionais que precisam trabalhar em três, quatro lugares, então vai depender também do nível de vida que cada um necessita levar. Alguns eu sei que ganham muito mal e alguns ganham bem por conta das instituições que estão, mas eu tive uma trajetória de início boa que foi constantemente valorizada me permitindo continuar só desta forma.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

S.M. – Como eu te falei os meus técnicos iniciais que foram o Antonio Fiasch Teixeira - depois foi para o Pão de Açúcar - e o Ariovaldo Rabello, que teve passagens pelo Pão de Açúcar, Pinheiros, além de ter sido Instrutor da CBV, eles foram referência desde o início na AABB e depois no São Paulo FC. O João Crisóstomo nas seleções paulista e brasileira Infante, Josenildo Carvalho⁶⁸ e agora na época mais profissional o José Roberto e Bernardinho com certeza.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

S.M. – Com elas em geral é muito boa, eu sinto que tenho uma postura, uma forma de trabalho onde sou muito respeitada e há um interesse de trocar ideias. No início foi mais difícil até nos conhecermos mas havia sempre um respeito muito grande, aí foi falta de proximidade mesmo, de oportunidade vamos dizer assim. E com os técnicos sempre foi mais fácil porque sempre trabalhei com muitos técnicos e este tempo todo que estive no São Paulo passaram muitos técnicos, e muitos bons técnicos como Fábio Brogгинi⁶⁹, Hairton Cabral⁷⁰, Romeu Beltramelli⁷¹, aonde eu aprendi muito e a relação de trabalho sempre foi a de que eles sabiam do quanto era importante este meu trabalho de formação, então havia sempre uma relação muito bacana, nunca tive problema.

⁶⁸ Treinador da seleção brasileira adulta masculina na década de 1990.

⁶⁹ Fabio Augusto Brogгинi, treinador das equipes masculina e feminina da Faculdade de Medicina Bela Vista.

⁷⁰ Hairton Cabral de Oliveira, técnico de voleibol da seleção brasileira sub-20 desde o ano de 2014.

⁷¹ Romeu Beltramelli Filho, treinador de voleibol com passagens por diversos clubes e também pela seleção brasileira infante-juvenil e adulta.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

S.M. – Eu vejo que a mulher, a treinadora mulher, ela está sempre mais envolvida com as categorias de base, por conta desta paciência, desta determinação em ensinar, desta disponibilidade de conduzir, de educar, e esse aumento vai ser muito importante porque a gente precisa de que seja muito bem fundamentada. Eu não consigo ver se isto vai modificar a relação com os treinadores porque eu já acho que isto é normal, o que eu vejo sim, é que as treinadoras mulheres elas estão muito mais inseridas até a base, até o sub-19 no máximo, e que fica mais difícil a proximidade de mais mulheres nas comissões técnicas adultas.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

S.M. – Foi bem aquilo que eu te falei, eu acho que isso também é uma condição de que as mulheres não tem talvez, esse objetivo de ir tão acima disto, por conta até de uma estrutura familiar: são mulheres que muitas vezes são mães ou que estão constituindo a família e elas não possuem esta disponibilidade ou esta vontade de estar inseridas em dois períodos de treinamento, muito tempo fora de casa, viagens, então eu acho que este que é o ponto que difere. Na categoria de base são bem vistas até porque se não forem mulheres, não seria boa a base, porque a gente entende, hoje conversando com as treinadoras sobre isto, entende que todo técnico que inicia na verdade ele quer ter uma trajetória de passar por ali pela base apenas para ir galgando maiores degraus até chegar nos objetivos deles que são o juvenil, adulto, então acaba sendo um contingente maior de treinadoras que ficam, que permanecem neste trabalho, visto que o tempo em média de treinadoras na base está para mais de 10 anos nas mesmas categorias, enquanto eles só objetivam ir para as categorias de cima.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

S.M. – Neste sentido que eu disse onde o treinador, ele busca as categorias de cima, vamos dizer de sub-19 para cima, e onde não se vê as treinadoras mulheres, mas pensando nisto, é o que eu digo, toda esta condição anterior de família, de disponibilidade, de objetivo, que conduz a isto, então não é que haja discriminação, eu vejo que por não ter tantas mulheres não há uma maior visibilidade até das outras quererem também, apesar de que

a gente vê muitas mulheres hoje em comissões técnicas como fisioterapeutas, nutricionistas, mas não no sentido de comandar, eu vejo claro por conta de um machismo velado sim, mas também porque muitas não possuem este objetivo como meta final.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

S.M. – Eu avalio que é uma situação normal, absurdo pensar haver discriminação. Eu gostaria muito de ver muitas mulheres, independentemente de serem negras, que vencem esta situação deste preconceito velado que a gente sabe que tem, não de cor, mas de gênero. Mas na verdade não é isto, eu acho que não é um preconceito, é uma questão mesmo de quem é que se disponibiliza a ir tão longe independente, do gênero ou cor.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

S.M. – Não, eu não vejo porque eu nunca presenciei e nunca senti, então eu não consigo ver em que momento podia ter havido uma diferenciação, sabe. Eu acho que é um processo muito tranquilo dentro do voleibol, eu não consigo lembrar de um caso ou de alguma situação.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribui/u para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

S.M. – Eu acho que contribui porque a mulher tem a vontade de se profissionalizar, de colocar o seu trabalho ali a frente, de se atualizar, de modernizar, de se firmar, e eu não vejo assim nenhuma mudança no sentido de que se há mais ou menos.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

S.M. – As maiores dificuldades são campos de trabalho mesmo, em que eu vejo que a popularização é mais na base, e as dificuldades que a gente vê hoje são de todas as formas. Eu acho que o campo de trabalho hoje está muito restrito: as condições do nosso País, estão limitando muito esta condição também, então eu não consigo ver de outra forma que não seja só por conta da nossa situação, da situação atual.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

S.M. – Eu não consigo imaginar isto, porque eu sinto que no meu clube não existe isto, o que há são situações diferentes, épocas diferentes de contratos e nos outros clubes eu nunca ouvi ninguém falar sobre isto. Eu acredito que não exista porque o que vai contar praticamente eu acho, que é o que você vai exercer, qual função você vai exercer, independentemente de ser homem ou mulher.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

S.M. – Que hajam muito mais trabalhos em cima da formação, que hajam muito mais trabalhos em cima de estender o acesso da criança ao esporte, que é uma coisa que a gente estava falando sobre isto: hoje não há tantos centros esportivos, não há mais escolas de esportes, não há mais como formar atletas em quantidade grande para que a gente possa continuar dando suporte aí para as nossas futuras gerações. E que não haja de forma alguma nenhuma diferenciação entre gêneros, porque somos todos profissionais envolvidos numa questão tão importante que é a saúde e a educação, que isso não pode ser um fator limitante, há muitas mulheres competentes, há muitos homens competentes, há muitos profissionais que deveriam ter mais chances de alcançar seus objetivos com maiores possibilidades. E agradecer a você por participar. Sucesso no seu trabalho.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE G

ENTREVISTA DENIZE DINIZ

Figura 7: Denize Diniz em atuação pelo Club Athletico Paulistano em 2019



Fonte: Acervo pessoal de Denize Maria Diniz.

Data da entrevista: 19/11/2020

Horário da entrevista (início): 17h00

Horário da entrevista (término): 19h00

Nome da participante: Denize Maria Diniz

Idade: 54 anos

Naturalidade: São Paulo

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: casada

Tem filh@s? (x) sim () não

Quant@s? uma filha

Grau de escolaridade: graduação em educação física e pós-graduação em voleibol, fisiologia do exercício e ginástica corretiva postural

Profissão(ões): técnica de voleibol e trabalho também como Personal Trainer

W.S. – Denize, como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

D.D. – Olha, práticas corporais, toda esta parte de desenvolvimento de habilidades motoras, obviamente respeitando-se o desenvolvimento psicomotor e cada faixa etária, com certeza foi na rua, brincando. Nós morávamos na Vila Prudente⁷², onde tínhamos nosso grupinho e passávamos finais de semana e pós aulas brincando na rua. Então a

⁷² Distrito do município de São Paulo.

partir daí é que eu comecei a ter esse contato com todo tipo de habilidade. Quando pequena eu estudei em uma escola chama Nossa Senhora Menina e a Educação Infantil era tão gostosa, com ênfase na parte lúdica, que nessa idade é essencial para a criança, que jamais me esqueci dos meus dias de Jardim de Infância nem da minha professora. Isso faz com que o aluno queira voltar todos os dias para a escola. Isso me marcou tanto, essa parte de desenvolvimento com ela, que eu lembro dela até hoje, *lembro até hoje*, uma coisa impressionante. E aí depois disso nós mudamos ali da Vila Prudente e fomos para a Saúde⁷³. Na Saúde eu já estava um pouquinho mais velha, e aí eu fui estudar em uma escola que também era pertinho da minha casa, também era uma escola particular, chamava-se Organização Educacional Margarida Maria. Eu sempre gostei muito da educação física: sempre a hora da aula de educação física era a hora mais esperada do dia e da semana. Sabe, eu não sei te explicar até hoje o porquê é que eu gostava *tanto*, mas eu adorava esse contato com as habilidades motoras, com correr, brincar, saltar, não sei se é porque eu tinha muita facilidade com qualquer coisa relacionada a esporte, então eu me sentia bem, me sentia à vontade, era um lugar onde eu podia ser simplesmente eu mesma. E como era muito fácil para mim, então era gostoso aprender. Eu queria aprender tudo, para mim quanto mais coisas eu aprendesse, maior dificuldade eu tivesse era sensacional, porque eu gostava de ter aquela coisa assim de desafio, de querer aprender, de ter uma coisa a mais para fazer. Então esses contatos todos que eu pude ter relacionado ao desenvolvimento motor foram maravilhosos. E foi nessa escola que tive o meu primeiro contato com esportes, e educação física, e foi no primário ainda este contato. Acredito que tinha uns nove ou dez anos de idade. Quando começamos a ter contato com o handebol, voleibol, basquetebol, quase enfartei tamanha minha felicidade [riso]. Eu não queria sair mais da escola, eu queria ficar lá. E até então ela tinha apresentado para a gente o basquete e tinha apresentado o handebol, e quando ela chegou no vôlei foi uma coisa assim para mim que até hoje eu não consigo te explicar. Ela chegou para a gente e falou assim: “Bom, meninas, a gente vai dar início a uma nova modalidade, eu vou explicar para vocês o que é o voleibol”, e eu lembro que nós estávamos sentadas naquele banco suco, estava todo mundo sentado da educação física, olhando para ela explicando. “Vocês vão cada uma pegar uma bola, e vão começar a tocar para cima”. E ela explicou como era o toque e o que tínhamos que fazer. Eu sei que eu peguei a bola e eu comecei a tocar a bola para cima e a bola não caia. Ela olhou para a mim e disse: “Você já conhecia

⁷³ Distrito do município de São Paulo.

vôlei?”, falei: “Não, eu nunca joguei, eu nem sei o que que é isso, estou fazendo o que você me mandou”. Ela falou: “Nossa, mas não é possível”, e eu dando toque e a bola não caia. E a partir dessas aulas ela criou turmas específicas de vários esportes e foi quando eu comecei a ter o primeiro contato realmente com o treinamento. Depois disso eu saí desta escola e eu fui para o Arquidiocesano⁷⁴, que é um Colégio Marista e que possui não só um ensino educacional incrível como uma estrutura esportiva fenomenal e que dá muita importância ao desenvolvimento esportivo do aluno. Minha professora de educação física era a professora Deise, não me esqueço dela porque foi outra na qual me inspirei. Incrível, como o professor tem o poder de causar esse impacto na vida de um aluno. Enfim, ela me viu jogar na aula e me encaminhou para o treinamento da escola. Me realizei, pois jogávamos inúmeros campeonatos escolares, intercolégiais, Ligas Escolares e a Copa Danu’p. E tinha um professor também de educação física, que era o professor Hudson, ele me viu jogando na escola e ele falou assim para mim: “Você joga em clube?”, e aí eu falei: “Não”, porque eu já tinha, acho que com doze anos de idade, eu já tinha um metro e setenta de altura, e ele falou para mim: “Você joga em clube?”, eu falei: “Não, não joga em clube”, ele falou assim: “Não, mas que isso, você não pode. Com esta altura você tem que ir para clube” e tudo mais, porque naquela época um metro e setenta com doze anos era alto, hoje não, mas que naquela época era alto [riso]. E ele me encaminhou para fazer uma peneira no Clube Atlético Ypiranga⁷⁵, e eu fui fazer a peneira e eu passei na peneira. Assim começou toda a minha trajetória no voleibol. Esse começo para mim foi sensacional, foi um contato direto, eu não deixava nunca de estar em contato com exercícios, com qualquer coisa que fosse relacionada a esporte.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

D.D. – Olha, eu tive a sorte de na época que eu vivi, não ter tantos brinquedos diferentes como se tem hoje. Eu era tão fissurada por esporte, que chegava natal, essas coisas, eu não pedia nada para minha mãe de boneca, eu pedia bola, eu pedia “skate”, patins, qualquer coisa relacionada a esporte eu pedia para a minha mãe, e a minha mãe ficava extremamente preocupada, mas depois acabou acostumando. Eu pedia tudo quanto era esse tipo de brinquedo: bola, eu pedia bola era de tudo quanto é tipo, eu pedia mesa de

⁷⁴ Colégio Marista Arquidiocesano.

⁷⁵ O Clube Atlético Ypiranga é um clube social, esportivo e recreativo situado na cidade de São Paulo, com fundação no ano de 1906.

“ping-pong”, mesa de pebolim, eram os brinquedos que eu tinha, *nossa*, tudo o que eu tinha era relacionado a esporte. Bicicleta, sabe aquela bicicleta motorizada, tudo o que fosse assim eu pedia, mas nada de boneca, “Barbie”, *pelo amor de Deus, nunca, nunca pedi isso* [riso]. Eu tinha, o que mais que eu tinha? “videogame”, essas coisas todas, agora o resto nada, nada [riso]. E vamos para as brincadeiras; eram tantas coisas boas: brincávamos de bambolê, de roda, com corda, armávamos uma rede de vôlei com elástico e jogávamos a tarde toda, queimada, mãe da rua, futebol, esconde-esconde, pega-pega, amarelinha, dentre outras brincadeiras. Dentro de casa, dentro da garagem de casa tínhamos uma mesa de “ping-pong”, então no final de semana pegávamos jogos de tabuleiro, e ficávamos brincando de jogos de tabuleiro. Aqui tinha tipo uma pracinha, dois quarteirões para baixo de onde eu morava, que minha mãe mora até hoje, e lá tinha um parquinho e uma quadra, então a gente ia para lá jogar basquete, era uma coisa bárbara. O esporte entrou na minha vida e ele nunca mais saiu. Desde pequena, até hoje, e nunca mais saiu. Eu brincava muito com as minhas colegas de bairro, que eram as minhas vizinhas, pessoal que a gente conhecia, com o pessoal da escola, porque era o pessoal que jogava comigo, a gente sempre tinha aquelas que a gente mais gostava, então cada final de semana ou as vezes dois, três dias a gente passava uma na casa da outra e depois que eu comecei a jogar, com as minhas colegas de clube mesmo, e aí a gente se divertia muito também: uma na casa da outra. Parentes também, mas eu não tinha tantos primos da minha idade, então eu tinha alguns mais velhos e que eu fazia alguma coisa com eles também, mas sempre com alguém, a gente tinha muito contato com as pessoas e com os amigos, isso é muito gostoso.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

D.D. – Eu lembro de tudo o que você possa imaginar das minhas aulas de educação física: eram as aulas mais gostosas, eram as aulas mais esperadas, eram as aulas onde eu pelo menos era eu mesma, aonde eu podia ser talvez aquilo que eu não conseguisse ser em outras aulas, porque era uma época onde a gente tinha aquelas aulas muito mais sisudas, aqueles professores mais duros, então era onde eu conseguia mostrar realmente quem eu era de verdade, e o fato de você poder ser você mesmo dentro da escola, em algum lugar dentro da escola, para a criança eu acho que isso é fantástico, e é o que eu te disse: essa era a aula que fazia com que eu quisesse voltar sempre.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

D.D. – Com dez anos de idade, que foi dez para onze anos, que eu comecei a ter esse contato com o treinamento, foi quando esse professor meu, que era o professor Hudson, me pediu, ele falou: “Não, vai fazer o teste lá no clube porque você precisa ir jogar”, falei: “tá bom”. E eu fui, foi quando eu fui aprovada no Ypiranga e eu fiquei um ano jogando lá no Ypiranga. E aí depois de mais de trinta anos, eu descubro que outra técnica que hoje é super amiga minha, treinou no mesmo ano que eu, mas era mais nova e disse que lembrava muito de mim e das outras duas que andavam comigo, porque ela dizia que éramos mais velhas e elas se espelhavam em nós. São coisas que somente o esporte proporciona. Coisas da minha juventude e adolescência que não vou esquecer. Aí do Ypiranga eu fui para o Banespa⁷⁶, e foi quando nós fomos até campeãs paulistas, foi uma fase muito legal também da minha vida, mas era uma coisa bem estressante. Porque era treino de clube, e naquela época era um pouco diferente da de hoje em questões de treinamento: praticamente naquela época, mesmo com treze, quatorze anos de idade, a gente treinava quase todos os dias. Hoje sabemos que nessa faixa etária não existe essa necessidade, mas treinávamos muito, era bem cansativo, eu chegava tarde em casa, tinha que estudar, fazer lição, acordar cedo no dia seguinte, mas eu adorava aquilo: eu gostava tanto que para mim não tinha problema se eu ia dormir cinco horas por noite, quatro horas por noite, eu queria era jogar. Foi uma época sensacional. Do Banespa eu fui para o São Caetano⁷⁷, aí no São Caetano sempre tinha equipes muito boas, e essa fase foi uma fase bem complicada de estudo, porque foi quando eu já estava no Arquidiocesano, e o Arquidiocesano além de ter as aulas normais, tem a parte de laboratório, que a gente fazia na parte da tarde. Então era uma coisa fenomenal: eu chegava no Arquidiocesano às sete horas da manhã, saía doze horas e trinta minutos, e às treze horas e trinta minutos começava o laboratório. Saía do laboratório quase às dezesseis horas. Eu ia direto para o São Caetano Esporte Clube, demorávamos muito porque o trânsito era intenso e o treino terminava somente às vinte e uma horas. Após o treino tínhamos uma van que nos levava para casa, mas como a maioria das meninas morava naquelas imediações, eu sempre era a última a ser deixada em casa: quase sempre meia-noite. Era extremamente cansativo

⁷⁶ Equipe feminina de vôlei atualmente intitulada como Associação Desportiva Classista Bradesco, e que ao longo dos anos recebeu outras nomenclaturas, como Banespa e Finasa, por exemplo.

⁷⁷ Equipe situada na cidade de São Caetano do Sul, São Paulo.

como eu tinha dito a você, mas não tinha problema algum [riso]. O problema era que era muito difícil, porque eu não tinha tempo de fazer a lição, nossa, aí tinha os treinos da escola também, fora os treinos do clube, os campeonatos da escola, os campeonatos do clube, mas era uma vida que me completava: eu era muito feliz. Saindo do São Caetano, fui jogar na Pirelli⁷⁸, meu sonho, pois lá já existiam as equipes profissionais. Depois da Pirelli fui jogar o adulto no Tênis Clube Paulista⁷⁹ e foi aonde terminei minha carreira de atleta. Parei porque entrei na faculdade e como antigamente não conseguíamos viver do esporte, mesmo tendo todo o apoio dos meus pais, o mais importante éramos nos formar e termos uma profissão. Se eu tivesse nascido nos tempos atuais eu não teria problema nenhum em me tornar uma atleta profissional.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

D.D. – O voleibol sempre esteve em minha vida, desde que eu tive o primeiro contato com ele era muito claro na minha cabeça que eu queria seguir a carreira de educação física e não sei explicar o porquê exatamente, eu apenas sabia e sentia. Quando iniciei o curso me encantei com tudo, me encontrei, eu amava todas as matérias, fazia todas as aulas com gosto, não havia nada que eu não gostasse. Fiz inúmeros cursos técnicos e deixei as oportunidades irem aparecendo. Obvio que torcia muito para quem sabe aparecer algo relacionado ao voleibol, mas também não sabia se eu teria esse perfil, enfim, aguardei chegar o semestre que eu poderia iniciar o estágio e consegui um estágio na Associação Brasileira “A Hebraica⁸⁰” de São Paulo. Comecei trabalhando na Escola de Esportes onde você desenvolve trabalhos específicos para cada faixa etária desde quatro até onze anos de idade, direcionados para o desenvolvimento psicomotor e coordenativo e depois as crianças com maior aptidão são encaminhadas para os esportes específicos. Trabalhei na escola de esportes de 1987 até 1990, sendo que a partir de 1989 também comecei a dar treino na escolinha de vôlei. No final de 1990 uma amiga minha que trabalhava no Paulistano⁸¹ me ligou e perguntou se eu tinha interesse em fazer uma entrevista para trabalhar na Escola de Esportes de lá. Como o salário do Paulistano era melhor e o clube tinha uma história maravilhosa dentro do voleibol e quem sabe isso pudesse me abrir uma porta para o treinamento esportivo. Eu obviamente aceitei fazer a entrevista, fui aprovada

⁷⁸ Associação Desportiva Classista Pirelli, entidade desportiva criada em 1975.

⁷⁹ Clube esportivo situado em São Paulo.

⁸⁰ Clube social, cultural, recreativo e esportivo situado no bairro Jardim Paulistano em São Paulo.

⁸¹ Club Athletico Paulistano é um clube poliesportivo sediado na cidade de São Paulo.

e iniciei a minha história no Club Athletico Paulistano em 1990. Comecei a trabalhar no Paulistano com a escola de esportes em 1990, e fiquei lá em 1990 e 1991, e em 1992 surgiu uma, na verdade em 1991 eu também comecei a ajudar na escola de voleibol, na escolinha de voleibol a dar treino. Quando chegou em 1992 eu recebi um convite para ser auxiliar técnica das equipes masculinas do Paulistano, que eles estavam precisando, mas eles não podiam contratar ninguém de fora e como eles sabiam que eu tinha jogado, que eu gostava e que eu estava na escolinha, eles me convidaram para eu ser assistente e eu fui. Eu fiquei de 1992 até maio de 1993 com o masculino, porque eu engravidei e eu tive a minha filha em maio de 1993, e voltei quase no final do ano, porque nós tínhamos quatro meses de licença maternidade e eu voltei quase no final do ano. Fiquei só mais um pouquinho, porque eles tiveram que colocar outra pessoa no meu lugar porque eram quatro equipes e as quatro equipes disputavam campeonato paulista e da federação, então precisava de alguém ajudando. Quando eu cheguei lá tinha uma pessoa no meu lugar e eu só fiquei auxiliando lá junto e chegamos até o final do ano. Em 1994 me convidaram para ser auxiliar técnica das equipes femininas do mirim e do infantil, e ser a técnica do pré-mirim. Fiquei auxiliando a Cleide⁸² e ela me auxiliando. Nossa história de amizade e sucesso começou assim e trabalhamos juntas até hoje. São trinta e dois anos de amizade, trabalho honesto e sucesso. Então eu comecei a dar treino para o pré, auxiliando o mirim e o infantil e as coisas, foram caminhando naquele ano. Quando chegou mais ou menos em maio eles vieram me falar que a gente iria disputar a federação e eu fiquei branca, falei: “*Pai amado, meu Deus do céu, senhor e se eu passar vergonha?*” eu não fazia ideia de como era, eu sabia mais ou menos o masculino que eu tinha uma experiência, mas o feminino eu não tinha ideia de como eram as equipes da federação, eu sabia que eram equipes fortes, mas no pré-mirim eu não sabia como eram, não sabia se eram equipes boas, muito boas, falei: “*Senhor Jesus, meu Deus, será que eu vou passar vergonha, minha Nossa Senhora, onde é que eu vou me esconder? O que é que eu vou fazer?*” e eu continuei dando meu treino, só que sem experiência alguma. No fim das contas, *menino do céu*, assim, a gente foi super bem, nós ficamos em terceiro lugar no campeonato, foi muito legal, as meninas adoraram, o diretor na época gostou muito e no ano seguinte eu continuei como técnica do pré-mirim disputando federação e continuei no mirim e no infantil com a Cleide. E no fim das contas, no ano seguinte nós fomos campeãs paulistas. Foi sensacional, foi uma experiência magnífica. E tudo isto que eu comecei a passar no

⁸² Cleide Pereira, ex-atleta e treinadora de voleibol.

voleibol, começou a me dar certeza cada vez mais daquilo que eu queria fazer, e a partir do momento mesmo tendo passado por todas as idades com as crianças, desde a escola de esportes na formação, toda esta parte da psicomotricidade com as crianças, foi um aprendizado maravilhoso; me fez chegar também no esporte competitivo com uma bagagem muito legal. Mas a hora que eu comecei a ter contato com o treinamento e com a competição, aquilo transformou a minha vida. Eu falei: “Gente, é isto que eu quero para mim. Eu não quero ser outra coisa. Eu quero seguir o voleibol, eu quero ser técnica de voleibol”. Então foi assim [riso].

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

D.D. – O que sempre me chamou a atenção foi o poder que nós como técnicas exercemos sobre estas crianças, e o poder que eu digo é um poder imenso, é um poder tanto para o bem quanto para o mal, porque no meu caso, o que mais me chamou a atenção foi o quanto a gente consegue inspirar essas crianças. Eu me tornei uma segunda mãe das meninas, eu me tornei a psicóloga, eu me tornei a bruxa, eu me tornei a fada, eu me tornei aquela que cuida, aquela que dá bronca, amiga, tudo o que você possa imaginar a gente se torna, porque você passa a ter um convívio muito grande com essas meninas, porque o número de horas que você passa com elas é grande, então com a experiência como técnica e com a Cleide que trabalha comigo que também me ensinou, aprendi como é importante você saber da sua atleta, você conhecer a sua atleta, você conhecer a vida da sua atleta, você conhecer o que a sua atleta pensa das coisas, seja ela sócia ou militante, porque cada qual tem seus problemas, suas preocupações, e eu precisava saber mais para quem sabe poder ajudar, então eu passei a querer saber mais sobre essas meninas. O clube, o Paulistano neste sentido tem uma estrutura que aqui em São Paulo hoje é difícil de você encontrar, então tentamos auxiliar as nossas atletas em vários sentidos. A atleta assim que chega ao clube, pode ir ao refeitório que o mesmo que nós técnicos usamos e fazer o seu almoço. Após isso ela irá realizar seu preparo físico com a preparadora específica na sala de musculação e depois vai para o ginásio para treino técnico. Após o treino elas tomam banho no clube, seguem para o refeitório para jantar e depois retornam para casa. Fornecemos os uniformes para nossas atletas e também vale transporte para que elas não tenham nenhum custo para ir para o clube treinar. O nosso trabalho ele vai muito além disto; a gente não fica nisto, a gente abrange a vida inteira da atleta. Então a

gente ajuda atletas com coisas que não tem nada a ver com o voleibol, mas que elas precisam desta ajuda para continuar no voleibol, ou para continuar buscando o sonho delas dentro do voleibol, eu acho que este é o nosso trabalho como formadora, nós nunca podemos esquecer que antes de sermos técnica ou treinadora, nós somos formadoras, então nós não formamos só atletas, nós formamos o caráter, formamos o cidadão, nós formamos o ser humano. Então a gente dá todos estes subsídios para elas e que a gente sabe que aquelas que não seguirem profissionalmente no voleibol, elas vão levar tudo aquilo que elas aprenderam ali com a gente para a vida delas todas, e isto não tem preço. Eu decidi me dedicar ao cargo de treinadora de voleibol através do meu contato com o voleibol que eu sempre tive e essa oportunidade que o Paulistano me deu. As vezes as coisas acontecem de um jeito que você não sabe explicar: eu fui para o Paulistano no momento certo, um ano depois me convidaram para ser assistente técnica do masculino e de repente talvez por esta paixão que eu sempre tive pelo voleibol, eu me dediquei de corpo e alma por aquilo que eu estava fazendo, acabei desenvolvendo um bom trabalho, e aí através desta oportunidade que eles me deram, surgiu o grande amor da minha vida que é ser técnica de voleibol [riso].

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol?

Houve apoio de seus familiares e amigos?

D.D. – Olha, especificamente de ser técnica de voleibol não. O que me inspirou muito foram os meus professores de educação física, esses me inspiraram demais. Como eu te falei, eu lembro desde a minha professora lá do jardim que me dava toda esta parte motora, este desenvolvimento motor, eu lembro tudo, eu lembro de todos eles, eu lembro as vezes até de aulas que eles davam para a gente e eu vibrava cada vez que eu ia fazer alguma coisa da educação física. Então essa paixão pela educação física veio através disto, a paixão pelo voleibol foi uma coisa que apareceu na minha vida e que eu não sei se foi pela facilidade, mas acontece que a facilidade eu tinha com todos os esportes, eu tinha facilidade no handebol, eu tinha facilidade no basquete, mas eu me apaixonei pelo voleibol, foi aquela coisa bem de amor mesmo à primeira vista que você não sabe explicar como acontece, eu me apaixonei, e aquilo foi me levando. Quando eu comecei e entrei na Hebraica⁸³ eu vi que tinha a parte de treinamento de voleibol para crianças, e quando acabava o meu estágio eu não ia embora, eu corria para o treino das meninas e ficava

⁸³ Clube social, cultural, recreativo e esportivo situado no bairro Jardim Paulistano em São Paulo.

assistindo, eu adorava. Quando a oportunidade apareceu, não tive dúvidas, agarrei com unhas e dentes. Minha família sempre me deu apoio, mas assim *um apoio absurdo*, um apoio absurdo desde quando eu jogava, e eles nunca me perguntaram, nunca falaram, nunca cogitaram, eles abraçaram junto comigo aquilo que eu queria fazer e o tempo todo atrás de mim: “Sensacional, vai atrás”. Quando eu comecei a ser técnica “Nossa que demais”. Minha mãe até hoje, minha mãe para você ter uma ideia, ela tem oitenta anos de idade, com quarenta anos eu já estava com dezessete anos, eu já jogava fazia um bom tempo quando nós mudamos para o Jardim da Saúde⁸⁴, lá tinha um clube pequenininho aqui perto e nós ficamos sócias. Fomos lá um dia e a minha mãe viu que tinha uma equipe Master⁸⁵ de vôlei e minha mãe era dona de casa, é dona de casa, e um dia ela chegou em casa e ela falou: “Ai, poxa vida, eu queria tanto entrar naquele time lá para treinar” eu falei: “Mãe, por que a senhora não vai? *Pelo amor de Deus, vai fazer um esporte, alguma coisa*”, ela falou assim: “Eu não, eu vou lá e eu não sei jogar, eu vi lá que todo mundo sabe jogar lá, só eu que vou estar lá e não vou saber fazer nada?” falei:” Bom, não seja por isto” a gente morava em uma casa que tinha um quintal grande, e aí eu falei assim: “Vamos lá que eu vou te ensinar”. Fiquei seis meses ensinando a minha mãe toque, manchete, saque por baixo, porque por cima, com a força que a minha mãe tem, a bola ia parar lá do outro lado da rua, com um monte de casas, não sobrava bola nenhuma. Aí ensinei ela algumas coisas. Quando ela sabia o básico, falei: “Mãe, vai lá treinar agora, agora você se vira”. Bom, até hoje ela joga, minha mãe joga em cinco equipes, minha mãe treina três vezes por semana, ela disputa campeonato brasileiro de oitenta anos, é muito legal [riso]. Então quer dizer, até hoje eu tenho jogos importantes, jogos pegados mesmo, que a gente sabe que vão ser jogos bons, ela é a primeira a falar: “E aí, quando é que tem jogo?” aí ela já pega o carro dela, vai lá e já vai lá assistir os meus jogos e das meninas [riso], então é muito legal sabe, o apoio que eu tive da família.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

D.D. – Da minha família e dos meus amigos nenhuma, inclusive sempre quando eu falava que eu sou técnica de voleibol o pessoal falava assim: “Nossa, jura? Que legal”. Acho que talvez eu tenha sentido quando no Paulistano fui assistente técnica do masculino, pois

⁸⁴ Bairro do município de São Paulo, localizado no distrito da Saúde.

⁸⁵ Master é uma categoria no voleibol praticada por atletas com idade acima dos trinta e cinco anos.

na época era muito difícil você ver uma técnica atuando no masculino. Eu acho que eu sofri um pouquinho no começo e a sensação que eu tenho é que a gente como técnica, como mulher sendo técnica a gente tem que a toda hora estar provando o nosso valor, provando que sabemos o que estamos fazendo, provando que temos a mesma ou mais capacidade que um homem para conquistarmos o respeito das pessoas e dos nossos superiores. Não deveria ser assim, mas são situações que temos que enfrentar pois vem muito da nossa cultura. E podemos falar até de uma cultura mundial aonde a mulher é subjugada. Quando eu comecei a ser técnica, não haviam muitas técnicas e tive a sorte de no paulistano ter a Cleide, então não foi tão difícil para mim como imagino que tenha sido para ela e para outras que iniciaram essa jornada. Elas foram muito corajosas e abriram um caminho infinito para nós. Isso eu acho que foi muito legal. Hoje não mais, mas várias vezes nessa minha trajetória senti alguma discriminação por parte da arbitragem. Disputamos por muitos anos o Campeonato Paulista da Federação Paulista de Voleibol de São Paulo e após alguns acontecimentos, o Sindi Clube ⁸⁶resolveu montar um campeonato paralelo à federação e que deu muito certo pois os interesses dos clubes de São Paulo não eram os mesmos de várias equipes competitivas que disputavam a federação. Nesses dois campeonatos, a arbitragem era realizada pelos árbitros da federação e como eu já havia participado dos dois e tinha sido árbitra também, eu conhecia todos eles. Foi com muito pesar que percebi como era diferente o tratamento dos árbitros novos que não nos conheciam, quando arbitravam nossos jogos do Sindi Clube, querendo nos ensinar regras entre outras coisas, e os que já nos conheciam a tanto tempo, olhavam para esses árbitros perplexos dizendo “Por favor, não fala nada, você não faz ideia com quem você está falando”. Enfim, eu não ligava, mas as vezes me chateava. Sinto discriminação nos salários das mulheres se comparado ao dos homens em todas as profissões, acredito que temos um longo caminho ainda a percorrer para a igualdade, mas também acho que muito já foi feito e estamos no caminho certo.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

D.D. – Sim, realizei encontros que se chamavam: encontros de treinadores de base do Brasil. Alojados na CBV, em Saquarema, no Rio de Janeiro. Chegávamos na quinta e ficávamos até domingo discutindo e estudando voleibol. Tínhamos encontros com todos os técnicos de seleções brasileiras femininas e masculinas para falarmos tudo o que

⁸⁶ Sindicato dos clubes do Estado de São Paulo.

quiséssemos. Esses convites eu recebi do meu grande amigo, o professor Antonio Rizola⁸⁷, que hoje dirige brilhantemente a equipe feminina da Colômbia. E aí eu fiz o curso, eu sou árbitra também e apontadora, e aí eu fiz o nível 1, nível 2 e nível 3.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

D.D. – Sobre os cursos fora do âmbito da CBV eu não consigo nem te explicar, porque são inúmeros cursos. Eu fiz alguns cursos internacionais. São inúmeros cursos relacionados não só ao voleibol, como a psicologia do esporte, a fisiologia. Fora isto, outras coisas relacionadas, como correção postural, pilates. *Nossa*, são infinitos cursos. Tudo o que me relacionava ao esporte, ao exercício e que eu pudesse aplicar dentro do voleibol eu tento fazer e eu tento me atualizar. Então estou sempre fazendo alguma coisa, até parte de condicionamento físico: tudo isto estou sempre tentando me atualizar para eu poder inclusive acompanhar aquilo que é feito com as meninas. Hoje tenho procurado estudar muito sobre inteligência emocional, gestão esportiva e atualizações principalmente em voleibol de alto rendimento. Uma das coisas que jamais se deve parar de fazer é de se reciclar.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

D.D. – No Paulistano trabalhei com o masculino nas categorias, eu vou falar a idade porque acho que é mais fácil, trabalhei com pré-mirim, mirim e infantil, lá eram treze, quatorze, quinze e dezesseis anos. Também passei a trabalhar com o feminino, nas categorias iniciantes⁸⁸ – doze anos; pré-mirim – treze anos; mirim – quatorze anos; infantil – quinze e dezesseis anos; e infantil – dezessete e dezoito anos. E no Pinheiros⁸⁹, que eu trabalho também já seis anos com as equipes masters, eu tenho duas equipes masters. No masculino eu fui auxiliar técnica; no feminino eu sou técnica do iniciantes, doze anos, pré-mirim, treze anos, e do sub-19 que é o infante, são as meninas de dezessete e dezoito anos. Nas meninas do mirim, quatorze anos, e o infantil, quinze e dezesseis anos, eu sou assistente técnica; e no Pinheiros eu sou técnica das duas categorias.

⁸⁷ Treinador da Seleção Nacional Adulta de Voleibol Feminino da Colômbia.

⁸⁸ A categoria iniciantes é a categoria sub-13, trabalhando com a faixa-etária de até doze anos.

⁸⁹ Esporte Clube Pinheiros, maior clube poliesportivo da América Latina.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

D.D. – *Louca, insana* [riso]. É assim, o que a gente faz, nos nossos horários disponíveis a gente sempre está fazendo alguma coisa, então eu dou personal nos dias que eu tenho livre, dou personal o dia todo; segundas e quartas à noite, das vinte às vinte e duas horas estou trabalhando no Pinheiros, com uma das equipes; terças e quintas de manhã estou trabalhando no Pinheiros com a outra equipe das nove às onze horas; terças, quintas e sextas estou no Paulistano a partir das treze horas até Deus quiser [riso]. Se só tiver treino eu entro às treze horas e saio às vinte e uma horas, agora, se tiver jogo, se tiver uma rodada dupla aí eu saio uma hora da manhã, mais ou menos. Os outros horários livres estou sempre encaixando um personal, eu sempre não tenho horário livre nenhum. Aí depois sábado e domingo a gente coloca alguns jogos, porque vários jogos de master acabam sendo de finais de semana; os das meninas a gente tenta encaixar nos dias de treino a maior parte, mas é o que eu te falei, acaba ficando insano é porque como são quatro, dependendo do ano eu tenho quatro categorias disputando campeonato, ou cinco categorias disputando campeonato, eu chego a ter uma média anual, só do Paulistano, das equipes do Paulistano, de mais de cento e cinco jogos, isto só do Paulistano. Se eu for contar todos os jogos das duas categorias de masters também, e fora os campeonatos que elas querem jogar no final de semana, e aí dá uma média, se eu for parar para pensar, dá uma média de mais de cento e sessenta jogos, cento e setenta jogos por ano, fora os treinos.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

D.D. – Então, eu vou contar como cargo porque eu já faço isto a quatorze anos. Quando foi acho que em 2005 mais ou menos, eu recebi um convite que chegou no Paulistano de um pessoal de um site que chama: *daqui pra fora*⁹⁰, que tinha uma diretora de um clube em Houston no Texas, e ela queria uma professora, uma técnica que trabalhasse com base porque ela queria saber porque o Brasil era tão bom no voleibol. Ela falou que ela queria saber o que a gente trabalhava na nossa base, porque sempre tinha atleta chegando na seleção brasileira e aí ela queria saber. Ela: “Eu quero saber o que vocês fazem na base. Eu preciso de uma professora, uma técnica que tenha muito experiência na base” e chegou até mim, também não me pergunta por que, é aquela coisa que eu te falei que a gente não sabe como e por que, mas ela chegou até mim e eu comecei a conversar com ela, e aí ela

⁹⁰ O site pode ser acessado através do link: <<https://www.daquiprafora.com.br>> .

falou assim, em julho: “Olha, você não quer vir para cá? Vai ter o “camping” aqui, a gente faz o mês inteiro de “camping” aqui, e eu tenho um monte de atletas, tenho “beginners”, “intermediated” e o “advanced”. Então você vem para cá e você poderá me mostrar seus treinos”, e eu fui com a cara e com a coragem. Eu não conhecia a mulher, e a minha mãe falou assim no aeroporto: “Meu Deus, ela vai te sequestrar, pelo amor de Deus, você nem conhece a mulher, como você está indo para lá?” Eu falei: “Mãe, qualquer coisa eu volto” eu falava assim para ela [riso] e fui, e estou lá faz quatorze anos, e eu trabalho assim: todo começo de temporada, em janeiro agora, não mais nos “campings”, mas agora com as equipes competitivas dela, porque é o clube que ela tem lá, e eu vou para lá em janeiro, aonde ela já tem as equipes delas formadas com os técnicos e eu fico olhando, assisto, eu dou treino quando eu vou lá, eu fico um mês, quarenta dias lá, eu dou treino esses quarenta dias, é uma loucura, porque ela tem dezesseis equipes, só que lá, o que que acontecia, ela alugava quadras, e depois de uma conversa com ela, eu falei: “Pelo amor de Deus, você está pagando uma fortuna para alugar quadra. Por que você não constrói uma coisa sua? Constrói um ginásio seu”. Ela levou a minha ideia em consideração, adorou a ideia e construiu quatro ginásios. O lugar é imenso e tem quatro quadras, dentro dele. Então eu quando vou para lá, cada técnico está com a sua equipe em cada quadra, e eu sou a “Head Coach”, e eu que dou o treino ao mesmo tempo e para as quatro, isto em um horário só, então é uma loucura, é uma loucura mesmo, mas em compensação também é muito legal. Então eu exerço hoje, até hoje eu exerço uma coisa de consultora técnica, analiso, dou treino para todas as equipes, analiso tudo aquilo que elas estão mais necessitando de trabalho e quando eu volto para o Brasil para começar a minha temporada aqui, eu já deixo para elas estipulado: “Olha, esta equipe aqui precisa trabalhar mais isto aqui e isso; vocês precisam dar um pouco mais de atenção nisto e nisto, para as equipes melhorarem neste ano” e assim vai. Com isto tudo são quatorze anos que eu vou para lá e quando ela construiu, faz só dois anos que ela construiu estes quatro ginásios, estamos com um processo de visto de trabalho encaminhado.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

D.D. – Não, eu não trabalho com a parte acadêmica, mas eu vou começar a trabalhar, que é aquilo que eu falei para você: eu fui convidada para dar aula na pós graduação do curso de voleibol da FMU⁹¹. Então eu começo este ano.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

D.D. – É o que eu falei para você, a nossa carreira não é somente sermos técnicas, é muita coisa fora dela também sabe. Então lógico, dentro da quadra, são os campeonatos que conseguimos sair vitoriosas, as vezes mesmo não tendo sido campeãs, mas na maior parte das vezes é claro que quando você é campeã, que você consegue coroar aquele trabalho que você fez o ano inteiro, que foi tão difícil, principalmente no nosso caso, porque cada ano, a gente pega meninas com níveis técnicos diferentes e você tem que fazer daquilo uma equipe, você tem que fazer com que elas vejam e se olhem como sendo uma equipe e não só um grupo, e todo este trabalho com esta faixa etária é uma coisa cansativa, uma coisa muito cansativa: elas têm medo, elas têm receio, você tem que entender isto e você tem que ser dura ao mesmo tempo, então quando você consegue ter resultado positivos, isto é algo para se comemorar muito. E muita coisa fora da quadra que são os episódios mais marcantes que é quando uma ex-atleta sua chega com a filha dela para você treinar [riso], que ela fala assim: “Quero que a minha filha treine com você”, ou quando esta ex-atleta, e eu tenho muitas atletas minhas que eu mandei para os Estados Unidos, elas me escrevem o tempo inteiro, para dizer como elas estão indo, que elas estão muito felizes. Agora na quarentena eu tenho feito várias reuniões com as minhas atletas de longe, e eu tenho trazido muitos profissionais para conversar com elas, e junto com eles eu trouxe várias ex-atletas minhas, como a Lara⁹², por exemplo, que disputou o último Panamericano pela Seleção Brasileira e que hoje joga no Minas⁹³ ela começou comigo, a Dani Olivetti que jogou três Superligas⁹⁴ hoje é uma nutricionista e deu uma palestra para as minhas atletas, eu tenho uma outra atleta que se formou, ela saiu aqui do Brasil, para você ter uma ideia eu cheguei no aeroporto para falar um tchau para ela, ela estava com aquele livrinho: “como falar inglês” de baixo do braço, ela não falava uma palavra em inglês, nada, nada, que nervoso, eu falava: “Você sabe fazer mímica? Pelo amor de Deus, pelo menos isto”, “Não Denize, pode deixar que eu me viro”. Ela se virou, se formou em

⁹¹ Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas.

⁹² Lara Nobre, Central da equipe do Minas Tênis Clube.

⁹³ Minas tênis Clube, equipe participante da Superliga.

⁹⁴ Superliga é o nome dado à principal competição nacional de voleibol, criada na temporada 1994/1995.

fisioterapia, hoje ela é técnica também em uma universidade e ela também fez uma reunião com as minhas atletas, então tudo isto que a gente tem fora da quadra, este retorno que a gente tem, sempre quando elas veem a gente, nossa, elas vêm correndo e elas abraçam, e elas choram, e elas contam as saudades que elas têm, eu não preciso de mais nada, não tem preço. No ano passado eu estava um pouco aflita porque três atletas minhas haviam estourado de categoria e como não temos essa categoria no Paulistano elas não iam mais jogar teoricamente, mas precisavam continuar os estudos de alguma forma. Tudo está muito difícil, imagine fazer uma Universidade. Então fui atrás fo técnico que é um grande amigo, elas prestaram vestibular e passaram. Estes são os momentos mais marcantes que ficam para a gente.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

D.D. – Eu acho que todas as dificuldades que eu enfrentei foram aprendizados. Eu enfrentei dificuldades no início da carreira onde eu pensei que ser técnica era de uma forma e eu era uma técnica muito brava, muito exigente; passei a perceber de que esse jeito não era o jeito correto, talvez até por uma influência um pouquinho do Bernardinho⁹⁵, principalmente trabalhando com a base, eu tinha que abraçar aquelas meninas, eu tinha que aplaudir o erro daquelas meninas, eu tinha que ser exigente até um certo limite, óbvio que você como técnico na sua função você deve cobrar da suas atletas que elas façam aquilo que você ensinou no treino, “Eu ensinei você a fazer isto, então estou pedindo que você faça isto que você aprendeu”, mas com limitações, porque eu tenho que entender que são antes de tudo crianças, adolescentes, aprendendo a lidar com os próprios sentimentos, que muitas vezes são completamente novos para elas. Por isto estamos estudando muito hoje a Inteligência Emocional para que elas aprendam a controlar os sentimentos delas e nós os nossos. Então tudo isto foi aprendido, eu tive uma situação que eu perdi uma final de campeonato e eu sentei com as minhas atletas e eu falava brava com elas, e os pais aguardando lá fora, e eu falava brava com elas, e eu falava brava, e aí de repente eu olhei para uma menina e eu vi a menina chorando, e a hora que eu vi a menina chorando eu parei, sabe quando você para e você fala: “Meu Deus, o que eu estou fazendo?”, eu falei: “O que eu estou fazendo?”, estou falando porque eu queria ser campeã, mas eu preciso entender o lado delas, o lado como elas se saíram,

⁹⁵ Bernardo Rocha de Rezende, ex-jogador de voleibol e atualmente treinador de voleibol do Clube de Regatas do Flamengo. Como treinador das seleções masculinas e femininas do Brasil possui mais de trinta títulos, sendo considerado um dos maiores campeões da história do voleibol.

elas fizeram o máximo que elas podiam e não deu certo, não deu certo, elas fizeram o que puderam. E aí até teve um pai que veio falar comigo e no fim das contas eu dei toda a razão para ele, e até hoje ele é super amigo meu [riso] e eu acho que a gente tem que ter esta humildade, acho que é uma coisa que precisa existir em todo profissional, porque senão a gente não aprende, e foi assim que eu fui aprendendo sabe, com os meus erros: nós temos erros, nós temos situações desagradáveis, mas o que interessa é o que você aprendeu com tudo isso.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

D.D. – Os objetivos eu acho que eu consegui alcançar praticamente todos. O próximo e único objetivo que eu ainda não alcancei e que eu quero muito alcançar é de ser coordenadora técnica nos Estados Unidos, era o objetivo maior que eu queria ter alcançado e que através dos anos indo para lá, conversando e trabalhando, acredito que no próximo ano irei conseguir atingir. Vou coordenar dezesseis equipes e serei a “Head Coach” de outras. Então vai ser um desafio muito grande para mim, *muito, muito grande*, porque eu não tenho experiência nessa área da parte de coordenação, mas como lá no Paulistano eu e a Cleide nós tocamos as quatro equipes sozinhas, então quem toca quatro toca dez né [riso], não tem problema nenhum. Um outro é que no começo da minha carreira eu trabalhei muito com a base até quinze anos de idade, depois de um tempo eu comecei a sentir um pouco de falta daquela coisa mais do vôlei mesmo mais próxima do adulto, aquela parte do jogo de estratégia, o jogo da estatística, foi quando a gente resolveu montar o nosso sub-19, que são as meninas de dezessete, dezoito anos, e eu abracei esta equipe, e para mim foi uma coisa assim que eu precisei estudar, eu precisei voltar a estudar um pouco porque eu já não estava mais trabalhando só com a base, é uma base também mas é muito mais próxima do jogo do adulto, foi um desafio, era um objetivo que eu tinha também por estar tanto tempo trabalhando com a base, mas consegui alcançar. Me sinto totalmente, plenamente realizada com a minha carreira.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

D.D. – Então, eu acredito. Olha, o salário na época que eu comecei não era muito bom, principalmente porque eu vinha da escola de esportes, que era um salário de professora mesmo e não mudou muita coisa, porque eu só passei de ser professora da escola de

esportes para professora de voleibol, antigamente era professora de voleibol. Aí depois eu passei a ser técnica, e aí eu fui tendo os aumentos normais que a gente vai tendo e tudo mais, então com a base é muito complicado, e eu digo de novo que eu tive a sorte, óbvio que sorte no começo, porque depois se eu não tivesse competência eu não estaria trinta anos no mesmo lugar, claro, mas eu tive a sorte de trabalhar em um clube que é um dos melhores clubes de São Paulo, e depois eu tive de novo, através da minha competência de todos estes anos e depois da carreira que eu consegui construir, foi quando eu tive a indicação para o master do Pinheiros, então já faz seis anos que estou trabalhando lá e que também tive a sorte de ser em um outro clube que é outro melhor de São Paulo, então um é o Paulistano e o outro é o Pinheiros, eu por isso eu tenho um salário bom. Então através destes dois salários eu consigo viver do voleibol [riso], mas infelizmente se tratando de base, não acredito que se consiga viver de voleibol ou trabalhando somente em um lugar. É uma pena que tendo profissionais tão bons o Brasil não nos valorize.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

D.D. – Olha, eu tenho a Cleide que é a pessoa com a qual eu comecei a trabalhar no Paulistano. Para você ter uma ideia, eu tenho trinta e um anos de Paulistano e a Cleide hoje tem quarenta e cinco anos de Paulistano. Então ela foi atleta e depois de atleta ela passou a ser técnica, então quer dizer: a vida inteira trabalhando com o voleibol. Essa ligação com o voleibol, essa experiência toda que ela já tinha quando eu entrei, ela me ensinou muita coisa. Eu a trago como uma referência para mim. E hoje em dia, é lógico eu tenho algumas referências, mas o Zé Roberto⁹⁶ para mim é uma referência, porque ele é muito mais o meu jeito. Eu adoro o Bernardinho pelo fato dele ser um estudioso, eu acho que ele sabe muito, eu acho que ele é um dos técnicos hoje em dia que mais sabe voleibol, não tem outro. É uma pessoa extremamente inteligente, uma pessoa extremamente estudiosa, mas a forma de ser dentro de quadra é o que mais me cativa, eu me identifico muito com o Zé: não é qualquer um que é três vezes campeão olímpico. Então é uma das maiores referências mundiais dentro do voleibol.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

⁹⁶ José Roberto Guimarães, conhecido também como Zé Roberto, é ex-jogador de vôlei e atual treinador da seleção brasileira feminina de voleibol.

D.D. – É o que eu falei para você: hoje eu tenho uma relação maravilhosa, incrível. A relação que eu tenho com a Cleide ela é pior do que casamento [riso]. Você sabe o que é você trabalhar trinta anos com uma pessoa? Trinta anos a gente trabalha junto. Tem dia que ela chega e a gente não pode se olhar. A gente é que nem gato e rato, porque ela pensa de uma forma e eu penso de outro, mas não é que é legal? A gente fala e a gente briga uma com a outra, porque a gente quer o bem uma da outra, então a gente discute, daqui a pouco cada uma vai para um canto da quadra, ficam as duas emburradas ali, dá treino emburrada. Acaba o treino a gente chega perto e fala assim: “Você vai jantar?”, “Vou”, aí eu: “Tá bom, então vamos” aí daqui a pouco a gente está conversando normal, é pior que casamento [riso]. Mas é uma relação muito legal neste sentido, a gente quer muito o bem uma da outra, nestes trinta anos nunca passou pela nossa cabeça puxar o tapete uma da outra, sabe, a gente sempre dividiu as coisas, ela tem um gênio muito forte, eu também tenho, a gente sempre teve que saber lidar uma com a outra, mas sempre foi para o bem e isso é uma coisa bárbara né? E as outras técnicas daqui de São Paulo, a gente tem uma relação sensacional, inclusive nós fizemos uma “live” sobre isso, sobre as técnicas mulheres: fomos eu, a Mirtes⁹⁷ do Corinthians⁹⁸, e é uma coisa muito legal e que ninguém pensou nisto. Acho que foi a primeira vez que vieram conversar com a gente sobre isto, sobre o que a gente passa, e foi aquilo que eu disse a você: a todo momento, na minha cabeça, não sei se é na minha cabeça, mas a todo o momento você precisa estar provando, você precisa estar chegando a uma final de campeonato, vamos dizer assim. O ano passado eu fui eleita a melhor técnica infanto-juvenil, que é da categoria sub-19 e eu fui campeã e fui eleita a melhor técnica, e ganhei prêmio e tudo mais. Então para mim, isso foi uma coisa que eu te falei, que era um objetivo, eu fui atrás disso, eu fui estudar mais porque era uma categoria que eu precisava me empenhar mais, eu já sabia, mas eu falei:” Eu sei, mas eu quero me aprofundar mais”. Com as outras técnicas também, o que a gente conversa com elas, a gente troca ideia com elas sempre, a gente passa as mesmas dificuldades então a gente tem uma compreensão muito grande uma com a outra.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

⁹⁷ Mirtes Benko, coordenadora e treinadora da categoria de base do Corinthians.

⁹⁸ Sport Club Corinthians Paulista.

D.D. – Eu acho que contribuí, apesar de faltar muito ainda, porque nós não temos tantas mulheres assim trabalhando dentro do voleibol. Primeiro porque eu acho que é a falta de oportunidade, é o que eu falei para você: eu tive essa oportunidade porque já tinha uma técnica trabalhando no Paulistano, então eu acho que existe essa falta de oportunidade para as mulheres poderem iniciar isto. E foi o que o eu disse também na “live” que a gente fez na FMU: eu acho que a gente tem muito mais capacidade porque a gente engloba tanta coisa junta, você cuida de casa, você cuida do filho, você cuida do seu trabalho, você cuida de tudo, se bobear você faz uma pós-graduação e você dá conta de tudo, então eu acho que o que falta realmente é oportunidade para as mulheres hoje. A gente tem um acervo, que nem agora nessa quarentena toda, eu acho que eu já fiz uns oito cursos mais ou menos, acho que eu assisti umas cento e quarenta “lives”, fiz umas oito ou dez “lives” já. Antes de ter essa pandemia⁹⁹ e ter essa aproximação dos técnicos de voleibol você não imagina, o que as pessoas acham do seu trabalho, o que as pessoas pensam de você, você sabe lógico de vez em quando você tem o “feedback”, quando você vai jogar no clube as vezes tem pais de outros clubes que vem falar com você: “Eu te acho sensacional”, “Acho o seu trabalho muito legal”, mas você não tem uma abrangência muito grande do que as pessoas acham. E foi uma coisa sensacional para mim, foi uma descoberta muito legal, de que tanta gente gostava do meu trabalho ou admirava o meu trabalho, não para me achar, nada disso, mas para falar: “Puxa, que legal que as pessoas conseguiram ver tudo o que eu tentei criar esse tempo todo.” E foi uma coisa tão legal que o Zé Arthur¹⁰⁰ me chamou para dar aula na Pós-Graduação, então eu falei: “Nossa, eu consegui fazer as pessoas enxergarem o que realmente eu vejo, que você não espera. Então eu acho que só falta oportunidade. Que nem você pega uma mulher como gestora, por exemplo, você não vê. Você não vê uma mulher tendo a oportunidade de ser técnica de Superliga, uma mulher sendo técnica de uma seleção brasileira. Por quê? O que que há de diferente? O que que o pessoal pensa? Pensa que: “Ela é mulher, ela vai ter a casa para cuidar, ela não vai ter tanto comprometimento que nem o homem teria”, não, não tem sentido isto. Sabe, por exemplo, que nem no master: no master praticamente não existe técnica mulher. Eu comecei a ser técnica do master porque o que eu escutava, eu jogo no master desde os meus trinta anos de idade, o que você via sempre o pessoal falar era assim: “Não, mas a

⁹⁹ Pandemia causada pela doença do Coronavírus (COVID-19).

¹⁰⁰ José Arthur Fernandes Barros, coordenador da pós-graduação em Metodologia do Treinamento do Voleibol na FMU.

gente vai ter uma técnica mulher? Como é que a gente vai fazer? Ela não vai conseguir domar a gente”. “A velharada aqui tudo já tem a sua opinião, ela não vai conseguir dar conta. Tem que ser um homem, linha dura”. Então olha os pensamentos como são, vem das próprias mulheres. Você entende o que eu te falo? E aí de repente quando eu comecei a trabalhar com o master, lógico, depois de toda a experiência que a base me trouxe, quando eu cheguei para trabalhar com o master eu consegui separar completamente eu ser amiga, porque muitas têm a minha idade nas duas equipes que eu trabalho: tem meninas que são mais novas e tem algumas que são mais velhas do que, então eu consegui separar completamente eu ser a amiga de todas elas; As vezes o pessoal chamava: “Escuta, vamos almoçar?”, e eu vou; e de ser a técnica, na hora que eu tenho que ser a técnica. Então nada daquilo do relacionamento que eu tenho com elas ali, se chegar na quadra e eu achar que aquela que é minha super amiga fora da quadra ela entrou na quadra e não está correspondendo eu vou tirar, e se ela ficar brava o problema é dela. Isto é uma coisa que começou a mudar agora, mas se você for analisar também o master, você vai ver e você vai achar aí umas quatrocentas equipes master em São Paulo, mais ou menos, e você vai achar umas cinco mulheres sendo técnicas, mais ou menos isso. Então é uma coisa louca né, mas eu acho que falta oportunidade e a gente mudar essa cultura, *pelo amor de Deus*.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

D.D. – É o que eu te falei, a mesma coisa, na categoria de base muito mais, porque é o que a gente fala, que a mulher ela tem muito mais paciência para trabalhar com a criança, talvez pelo fato dela ser mãe, e tudo mais. Então a mulher ela saber ter mais paciência para trabalhar, ela sabe ensinar com tranquilidade, com calma, e as vezes também até os próprios objetivos: a mulher se sente, muitas das mulheres, mais confortáveis trabalhando com a base; porque é onde ela consegue se encontrar e é onde ela consegue fazer o trabalho dela florescer, vamos dizer assim; e o homem tem muito daquela coisa do cara querer ser técnico do adulto, porque quer pegar equipe adulta, querer aparecer; e a gente não almeja isto, a gente almeja fazer isto que eu te falo que é o formar, e que a maior parte dos homens não possuem esta visão; o formar não é o mais importante para eles, o mais importante é a hora que aparece o nome dele lá: que o técnico fulano de tal ganhou, o técnico fulano de tal é da seleção brasileira, e isto para nós não tem tanto valor.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

D.D. – Eu acho que passam sim, porque é aquilo que eu te falo, sempre na hora de você, vamos supor: você tem uma técnica trabalhando com o treze e com o quatorze, e você tem um técnico trabalhando com o quinze e o dezesseis. Se você for formar outra categoria dos dezesseis, dezessete e dezoito, por exemplo, que é o sub-19, se você for formar outra categoria dificilmente vão chamar aquela mulher para pegar aquela categoria, vão falar: “A não, ela está bem lá sabe, está dando certo lá porque a gente vai mudar? Vamos trazer um técnico bom aí, para o cara ser campeão com essas meninas”. Quem disse que ela não pode ser campeã com as meninas? Quem disse que ela não vai fazer um trabalho melhor ainda do que ela está fazendo ali? Então é por isto que eu te falo: são coisas pré-determinadas, são conceitos pré-determinados que eles têm, principalmente os gestores, e que: “Não, porque eu conheço o fulano que foi técnico não sei de onde, técnico de não sei o que lá, vamos trazer ele aqui”. Sabe, as coisas não são assim, deem oportunidade, você pode se surpreender, e eu acho que a gente passa muito preconceito sim, a não ser que a pessoa já tenha uma carreira que nem a gente, que está a trinta anos, que você já mostrou aquilo que você sabe, aquilo que você pode fazer. Se você não tem esse tempo dentro do voleibol, mas cara, você vai esperar ter trinta anos de carreira para você ter oportunidades? Pelo amor de Deus né. Por que que os outros tem lá dois, três anos de técnico e o cara já tem uma oportunidade em uma equipe adulta, por exemplo? São disparates absurdos, mas nós temos sim, infelizmente.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

D.D. – Maravilhoso, maravilhoso, eu acho que a diversidade, não só mulheres negras sabe, tudo o que você possa imaginar de diversidade que a gente puder ter e que a gente puder agregar, englobar e colocar essas crianças em contato com tudo isto, será extremamente válido porque isso é uma coisa normal. Eu comento muito isto, não me importa a opção sexual, opção religiosa, opção política, de ninguém, desde que você seja uma pessoa do bem, que você tenha caráter e que você seja um bom profissional, nada mais importa. O que eu quero é que você seja um bom profissional, seja você quem for, na hora que a gente estiver executando o nosso trabalho. O que eu quero é que você seja uma pessoa de caráter quando eu precisar deixar a minha equipe na sua mão, sabendo que

you are being loyal to the person who is with you, that I can trust the person who is on my side, working with me, this for me is primordial. For this that I tell you: independent of the person and of your option, give an opportunity.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

D.D. – Sim, eu acho que na época que eu comecei existia muito mais preconceito e inclusive este conceito que eu estava falando para você das mulheres trabalharem mais com a base, “Fica lá, deixa elas ficarem lá com a base”, existia muito mais, disparado. Aí isso começou a mudar um pouquinho quando a Irma¹⁰¹, que é a coordenadora do Finasa, hoje Bradesco, ela começou a trabalhar como coordenadora, ela era técnica do sub-19, aí ela passou a ser técnica do sub-21. Eu acho perfeito você ser um ótimo técnico, você ter conhecimento da sua área, eu acho que você deve estar atualizadíssimo sempre em tudo, mas tudo no seu limite, que é aquilo que a gente sempre fala: tudo com limites é melhor, nada exagerado em nenhuma parte. Mas a partir desse momento que ela começou a trabalhar com o sub-21 e a ter resultados muito bons com o sub-21, depois ela passou a ser coordenadora do Bradesco e ela é até hoje, isso abriu um pouquinho de portas, para mostrar que uma mulher também podia fazer isto, e a Cleide no Paulistano, e eu junto com ela. Então eu acho que isto começou a abrir muitas portas, e este nosso trabalho: tanto o dela quanto o nosso passou a ser muito respeitado por isso, por todos esses anos e por todos os méritos, os campeonatos que nós conquistamos e tudo mais. Mas antigamente era muito mais, a gente percebia isto nitidamente: os técnicos às vezes nem chegavam para conversar com a gente quando a gente tinha jogo. A gente chegava no jogo e você percebia que o técnico nem dava muita atenção, sabe: “Nossa, técnica mulher, nossa senhora”, sabe aquela coisa assim “Vou ganhar fácil” e quando começava a perder ficava desesperado, perdia a compostura, xingava porque não sabia o que fazer “Nossa, eu vou perder para uma mulher, *putz*” eram coisas assim realmente absurdas, mas que com o tempo melhorou muito, graças a Deus.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribuiu para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

¹⁰¹ Irma Conrado, supervisora das categorias de base de voleibol do ADC Bradesco.

D.D. – Eu acho que sim, é o que eu falei para você: quando eu cheguei lá junto com a Cleide e nós começamos a fazer este trabalho que nós fazemos a trinta anos, e esse trabalho começou a ser reconhecido, eu acho que isso foi uma barreira que a gente quebrou, uma barreira incrível, e você começa a perceber isto da seguinte forma: existe um grupo no “WhatsApp” hoje que se chama “top voleibol”, onde estão técnicos brasileiros que estão em todo lugar do mundo dando treino para equipes adultas, para seleções; existe técnico de seleção brasileira, técnico de seleção paulista, seleção brasileira de base, técnicos de Superliga e eu estou lá. Quando me colocaram lá eu pensei: “Nossa, o que que eu estou fazendo aqui?” aí eu mandei uma mensagem para o Cesar¹⁰², o Cesar ele é técnico de uma universidade lá nos Estados Unidos, e ele que falou para me colocar, aí eu falei: “Cesar, o que eu estou fazendo ali Cesar? Pelo amor de Deus”, ele disse: “Denize, você quer parar com isto? Pelo amor de Deus [riso]. Você não acredita no seu valor?” Por favor, você tem que estar lá; eu acho que você tem que estar lá junto com a gente. E assim, são encontros que eles promovem entre eles: são setenta técnicos que estão lá, e eles promovem encontros dos técnicos que são encontros fechados com só quem está no grupo. Então eu acredito que sim, eu acho que com isso a gente acaba abrindo muitos espaços e de repente fazendo uma diferença aí que eu não vi ninguém fazer.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

D.D. – Eu acredito sim. E eu só acredito que as mulheres precisam se atirar um pouquinho mais, elas precisam acreditar que elas são capazes de fazer isso. Que nem eu falei para você, as vezes nem a gente acredita na gente mesma. Então eu acho que as vezes a mulher ela desiste nesse sentido, nos outros não. É uma coisa louca, porque a mulher passa por tanta coisa na vida, ela dá conta de tanta coisa e as vezes ela desiste antes de tentar. Eu já vi amigas minhas falando assim: “Poxa, eu queria muito ser técnica de voleibol, ser técnica de alguma outra categoria, ou algum outro esporte, mas não sei, tem tão poucas equipes, eu acho que eu nem vou conseguir, então eu não sei, então sei lá, eu acho que eu vou para outra coisa”. Então as próprias mulheres elas têm que ser atiradas um pouquinho, elas têm que querer um pouco mais assumir estes cargos, elas tem que saber que junto

¹⁰² Cesar Benatti, também conhecido como “Feijão” é “Head Beach Volleyball Coach” da CSUB Volleyball, equipe da California State University Bakersfield.

com o cargo vão vir responsabilidades pesadas, porque você é responsável por todas aquelas meninas, você é responsável pelo trabalho que você está fazendo, você é responsável pelo o que você está criando naquela criança, então as vezes uma palavra sua pode criar um trauma em uma criança, você tem sempre que estar sempre prestando atenção no que você está fazendo, sabendo o que você quer fazer, o objetivo que você quer: são coisas que a pessoa vai enfrentar. Eu acho que muita gente no começo vai demorar um pouco para conseguir um espaço que precisa, mas a pessoa tem que continuar tentando, ela não pode simplesmente desistir. Que nem eu te falei, se isso aconteceu na minha vida porque não pode acontecer na vida de outras pessoas? Por que você não pode ir mostrando o seu valor e de repente você conseguir realizar o seu sonho, mas primeiro tem que sair da própria mulher.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

D.D. – Muita diferença, é uma coisa louca também, mas tem. É o que eu falo, e aí eu também acho que as vezes é cultural, que é aquele negócio: “O homem é o pai da família, é o cara que vai levar o sustento, é o cara que não sei o que, então ele precisa ganhar mais, e a mulher, mas a mulher já tem o homem, se a mulher é casada ela já tem o homem em casa” então existe sim e é uma coisa muito grande. Eu não sei se é até pela própria mulher, eu acho que quando ela vai ser técnica, ou vamos supor, se me convidassem hoje para ser técnica de uma equipe de Superliga, eu não sei nem quanto eu ia pedir. Eu não sei, você sabe por que eu não sei? Porque essa não é a primeira coisa que me vem na cabeça, não é aquilo que me interessa mais, apesar de eu precisar do dinheiro para viver, de eu precisar pagar as minhas contas. Não é esse o primeiro pensamento, o primeiro pensamento que vem à minha cabeça é: “Nossa cara, eu preciso fazer um bom trabalho, eu preciso desenvolver uma coisa legal, eu quero fazer uma coisa sensacional, eu quero fazer um bom trabalho” e não me vem à cabeça quanto eu vou pedir para isso. Então eu acho que as vezes não é nem a mulher se desmerecendo, mas é que a gente não pensa só nisto. E o homem, em contrapartida, é a primeira coisa: “Quanto eu vou ganhar? Quanto que é para eu ser o técnico?” Então eu acho que são coisas diferentes. Nestas questões a mulher precisa arranjar um meio termo de ela evoluir para também ser uma coisa mais comercial, dela saber se dar o valor comercialmente, mas ela também não pode esquecer das raízes dela, daquilo que é mais importante para ela, porque eu acho que este é um grande diferencial entre a mulher e o homem de técnico, este é o grande diferencial, são as raízes

que a mulher traz, o jeito dela trabalhar, a forma dela trabalhar, que é totalmente diferente do homem, e eu acho que esta é a grande diferença entre os dois, e isto dá uns cinco pontos a mais para a mulher mais ou menos [riso].

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

D.D. – Eu queria sim, eu queria que a gente tivesse mais oportunidades, eu queria que as coisas fossem mais iguais. Não existe diferença entre raças, não existe diferença entre gêneros, não existe diferença entre nada disto, eu acho que somos todos iguais. Eu acho que a única coisa que deveria diferenciar a gente é o tipo de trabalho que você desenvolve. Acho que todo mundo deveria ter a mesma oportunidade, os salários deveriam ser completamente iguais: não tem nada que diferencie eu de você; eu posso saber tanto ou mais do que você, então o que faz você ganhar mais do que eu? O que faz você ter mais oportunidades do que eu? Por quê? Eu acho que essas são as grandes questões que precisam de respostas ainda. A gente precisa trazer respostas para isto; a gente precisa que as mulheres acreditem mais em si mesmas, que elas almejem mais estes cargos e eu acho que dentro do esporte isto está começando a existir. Antigamente não existia nada; se você for pegar a Olimpíada, você vê o que de técnica mulher? Você fala assim: “Gente, por quê?” Não tem um porque, eu acho que o que existe hoje é só um preconceito realmente e talvez até o medo de que a mulher ela possa ter resultados melhores do que o homem, e que eu acho que isso é muito bem provável [riso]. Eu só queria agradecer muito pela oportunidade que você está me dando, e eu espero poder ter contribuído para alguma coisa para você. Muitíssimo obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE H
ENTREVISTA IEDA CERVASIO

Figura 8 - Ieda Cervasio em atuação pelo São Caetano em 2019



Fonte: Acervo pessoal de Ieda Bendzius Cervasio.

Data da entrevista: 20/11/2020

Horário da entrevista (início): 10h00

Horário da entrevista (término): 10h45

Nome da participante: Ieda Bendzius Cervasio

Idade: 53 anos

Naturalidade: São Paulo

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: casada

Tem filh@s? (x) sim () não

Quant@s? dois

Grau de escolaridade: graduação em educação física e pedagogia, e várias pós graduações

Profissão(ões): professora de educação física e técnica de voleibol Nível 4 CBV

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

I.C. – Minha experiência veio das modalidades que eu praticava, também do voleibol, que joguei anos atrás. Assim temos uma experiência dentro da quadra no treinamento. Quando eu comecei a trabalhar com o voleibol no São Caetano eu comecei a trabalhar com as escolinhas sendo um campo muito vasto que você tem que trabalhar com tudo e com todos os tipos de habilidades, você tem que além de ensinar o esporte, ensinar a

coordenação para as crianças também, desde saber andar, porque você recebe garotas, que não conseguem nem andar direito, então você tem que ensinar andar, correr, saltar, todas aquelas habilidades básicas que devemos ensinar para elas. Na minha infância a gente ainda podia ficar na rua, subia no morro, ia empinar pipa, andar de carrinho de rolimã entre outros, então assim, a minha mãe me proporcionou uma infância bem saudável, de subir em galho de árvore e tudo que as crianças não fazem mais hoje.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

I.C. – Então, eu brincava sim com brinquedo, eu acho que tanto com boneca que era as minhas e carrinhos do meu irmão, a gente brincava de casinha e na rua a gente brincava com os vizinhos de pega-pega, esconde-esconde, queimada e voleibol.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

I.C. – Eu gostava muito de participar, tinha uma professora muito boa que eu lembro bem e fazia de tudo: todos os esportes. O que eu menos gostava era dançar. Gostava bastante de todos os esportes. Aí desde pequena eu comecei a competir no atletismo, ia para os jogos de handebol, de voleibol, de futsal, de tudo, mas eu participava bastante e as minhas professoras eram bem criativas, acho que por isto que eu acabei indo por esta área também.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

I.C. – Nesta parte da minha juventude, eu já comecei a jogar em São Caetano, aí eu não tinha muito tempo, porque eu saía da escola de manhã, trabalhava na loja do meu tio à tarde e ia jogar/treinar à noite, e depois do treino e o clube me levava para casa. Então eu não tive muito tempo, fiquei acho que uns três ou quatro anos assim. Depois eu comecei a jogar fora, então assim: juventude eu não curti muito; essas meninas vão para barzinho, balada, e isto eu não tive muito tempo para me divertir, porque eu já trabalhava, já jogava e estudava.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

I.C. – Como eu já joguei no São Caetano muitos anos, depois que eu virei professora de educação física eu dava treinamento em escolas do Estado e aí eu fui conversar com a minha coordenadora Marina Ivette Miotto e soube que precisavam de uma professora na escolinha de voleibol. Assim comecei a dar treino na escolinha, depois á a gente vai crescendo, vai pegando uma categoria, pegando outra, e aí assim virei técnica. E como técnica a gente vai fazendo os cursos, para ficar nivelada de acordo com o pedido das categorias, e assim foi.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

I.C. – Olha, eu gosto muito de esporte, e aí eu tinha que escolher um: como eu joguei voleibol, escolhi ser treinadora de voleibol. Trabalho na escola com o masculino, mas tecnicamente agora é mais feminino, e gosto muito de lidar com isto, esta parte da competição, da emoção, de ensinar, de cobrar, eu gosto muito desta parte, por isso a dedicação.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

I.C. – Inspirar eu acho que não, eu acho que eu queria mesmo. Depois que você se torna técnica você vai pegando um pouquinho de cada técnico que foi seu e você monta sua personalidade. E assim, depois que eu me casei, meu marido me inspirou muito e até hoje me acompanha em tudo que eu vou, em tudo que eu faço, então eu acho que a inspiração maior vem do meu marido mesmo, que me ajuda bastante.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

I.C. – Não, eu acho que preconceito não. Discriminação pode ter. Exemplo são poucas treinadoras femininas, o que acontece é que no Brasil quase nenhuma mulher trabalha no adulto. Para você trabalhar com categorias menores eles falam: “que as mulheres tem mais jeito, são melhores”. Mas quando se trata de você subir de categoria, trabalhar no infante, no juvenil ou no adulto, aí você já encontra mais dificuldade, então isto é uma discriminação que tem, de repente eles falam que as mulheres não tem braço¹⁰³, então

¹⁰³ Braço está posto no sentido de força física, necessária para o desenvolvimento das atividades realizadas durante os treinamentos.

este é o motivo: “Você não pode ser técnica porque você não tem braço”. Eu não concordo porquê de repente eu posso ser uma boa mentora e posso ter pessoas que trabalhem com o braço para mim.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

I.C. – Então, finalizei agora o nível 4 pela CBV. Passei pelo nível 1, que a gente sai da faculdade com ele, fiz o nível 2 em São Caetano, esse nível 2 como muito tempo na CBV e na federação não teve outros cursos, esse meu nível 2 validou como nível 3. Então agora estou na última fase que seria o nível 4, que finalizei em setembro.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

I.C. – Eu fiz curso de preparação física, uma pós-graduação, em Ciência do Esporte e Psicologia do esporte, estas pós-graduações te dão um pouquinho mais de ênfase para você trabalhar.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

I.C. – Eu só trabalhei em São Caetano como técnica, então eu já estou lá fazem vinte e sete anos. Eu comecei desde professora de escolinha, aí eu trabalhei com a categoria iniciantes, pré-mirim e mirim, que agora mudou a nomenclatura, é sub-13, sub-14 e sub-15; aí este ano estou com o sub-17. Se eu quisesse ficar como assistente de uma categoria sub-17, sub-19, sub-21, eu poderia, era só mostrar meu interesse para a coordenadora, só que como eu dou aula no Estado e no particular eu não tenho esse tempo todo disponível, mas eu sempre trabalhei no São Caetano. E em 2017 fui assistente técnica da Seleção Paulista feminina sub-16 no CBS¹⁰⁴ disputado em Araxá, Minas Gerais.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

I.C. – A gente normalmente monta a equipe, faz a peneira no início do ano, e escolhe o grupo. Estamos treinando de três a quatro vezes por semana: a gente chega, conversa com as meninas, entra na parte física; o sub-15 a gente que dá, no sub-17 a gente já tem um preparador físico, e a gente começa com elas toda a parte de fundamentos, o que a gente

¹⁰⁴ Campeonato Brasileiro de Seleções.

vai trabalhar, o que a gente vai desenvolver, e aí propriamente vem o treino, que aí você divide em etapas, tanto físico, quanto técnico e tático, mas acho que a rotina é só esta: de três a quatro vezes por semana, cerca de duas horas e meia cada equipe.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

I.C. – É, eu sou professora de educação física concursada no Estado e eu também sou técnica de voleibol em um colégio particular aqui em São Caetano, então eu trabalho em duas escolas Estaduais, no colégio particular e no clube como técnica.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

I.C. – Não.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

I.C. – Como técnica, o São Caetano tem uma equipe bem forte, então a gente sempre está lá entre as quatro equipes principais de São Paulo, e teve um ano que eu estava em quarto lugar, a minha equipe era boa, mas não era a “top”, e sempre temos treinadores renomados que vem do adulto e eles acabam dando palpite ou sugestões: “A, por que você não faz isto? Por que você não faz aquilo?”, aí você fala: “Nossa, se o profissional treina a seleção brasileira, ele tem experiência”, assim, fui conversar com as minhas atletas: “Olha, esse indicou este treino, este jogo. É outro sistema de jogo para a gente colocar nesta equipe, para a gente disputar esta final”. Aí mostrei para as meninas, as meninas não gostaram, não entenderam direito o que seria jogar 3x3¹⁰⁵, já que a gente jogava 5x1¹⁰⁶, aí eu falei assim: “Vocês aceitam fazer tudo o que eu falar?”, elas “Sim, você é a nossa treinadora, vai ter que ser com você”, e aí a gente mudou algumas coisinhas na equipe e a gente foi jogar contra o Bradesco lá em Osasco, eu era quarto lugar e o Bradesco era o primeiro, nós entramos na quadra com esta nova mudancinha na equipe e a gente conseguiu ganhar deles de três “sets” a zero, então foi um fator assim que surpreendeu eles e a gente, e aí naquele ano a gente foi campeã, então assim, fiquei muito feliz, e eu não vou esquecer nunca [riso].

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

¹⁰⁵ Sistema tático no voleibol, composto por três levantadoress e três atacantes.

¹⁰⁶ Sistema tático no voleibol, composto pelas posições de levantador, oposto, ponteiro, central e líbero.

I.C. – A dificuldade é sempre assim, a gente ter patrocínio, porque categorias menores nunca tem patrocínio, depende muito de prefeitura. Tenho uma companheira que trabalha comigo também há anos e a gente gosta de ir para campeonatos internacionais e também de viajar bastante para os nacionais. Gostamos de participar de vários eventos, inclusive fomos para Portugal e Estados Unidos, e nós não tínhamos era dinheiro. A parte monetária fica sempre complicada, e a gente vai atrás de patrocínio, faz bingo, rifa e tudo mais que precisar para arrecadar verba para a viagem.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

I.C. – Se você falar o objetivo de qualquer técnico é chegar a ser técnico de uma categoria adulta, ser técnico de seleção paulista ou brasileira. Eu não penso em ser técnica de categoria adulta, porque eu teria que largar todos os meus outros empregos para poder ter tempo de se dedicar, porque o adulto treina de manhã, de tarde e de noite, então isso eu não tenho como. Então eu estou no sub-17, e já trabalhei bastante em categoria de base, então assim, eu sou bem conhecida com isso, eu gosto muito. Acho que já estou onde eu quero estar. Tive um ano muito bom com voleibol escolar e desse voleibol que eu me destaquei eu acabei sendo chamada para a seleção paulista, fui assistente técnica em 2017, então assim, é bom.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

I.C. – Eu acho que não é possível viver só com o salário de técnica não, você tem que ter outra renda. Quando eu comecei, eu nem lembro o meu salário, mas era um bom salário. Na época eu tinha muitas escolinhas, trabalhava com muitas turmas, então meu salário era bom. Agora recebo da Prefeitura e estou contente com meu salário. Um técnico muito famoso lógico ganha muito dinheiro, mas nas categorias de base o salário é baixo, mas estou bem satisfeita.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

I.C. – Olha, eu acho que dos meus técnicos anteriores, Dagoberto Camargo de Almeida foi um técnico que eu peguei muito o modo dele trabalhar, a cobrança dele, então ele seria um. Outro técnico que me espelhei também foi João Crisóstomo Bojikian, técnico da equipe do São Caetano adulto, a categoria que as atletas mais novas almejam chegar. E

Irma Conrado Agulha, que foi minha técnica na Lufkin¹⁰⁷ no juvenil e adulto, que tenho muita admiração. Vendo pela televisão, acompanhando a trajetória, o Bernardinho, aquele gênero explosivo era o meu gênero antigamente, mas a gente tem que mudar. Acho que foram estes: um que você acompanha a trajetória e outros que foram meus técnicos.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

I.C. – É o que eu falei, normalmente as mulheres são as que trabalham mais nas categorias de base, então se eu falar tem mais técnicas mulheres do que homens. É muita competição das equipes e acho que é muita, não é ciúmes, mas como eu vou falar? assim: algumas querem mostrar ser mais do que as outras, então assim, não se tem muita amizade com técnica mulher, se tem mais amizade com técnico homem, que é onde você pode trocar alguma experiência a mais; mulher parece que tem ciúmes, alguma coisa assim, aí fica mais complicado [riso].

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

I.C. – Agora com mais mulheres chegando, no sub-17, sub-19, elas estão tendo muito mais espaço, muito mais respeito, eles estão aceitando mais, porque de repente a gente consegue enxergar alguma coisa que eles não conseguem, de repente vamos falar assim: “A mulher é a cabeça e o homem é o braço”, então há este respeito, e eles estão deixando também a gente falar, então você chega em uma reunião de adulto e você é ouvida.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

I.C. – Categoria de base vamos falar que tem muito mais mulher trabalhando, então elas já abrangeram toda esta parte; em categoria adulta você vê poucas, então você tinha uma em Franca¹⁰⁸, você tinha uma por aí, mas assim, normalmente eles querem homem, não sei por que ainda isto, eu falei por conta de braço, então no adulto ainda são poucas mulheres: você vê no vôlei de praia uma ou outra trabalhando mais, mas no vôlei são bem poucas. Mas quem sabe a gente consegue mudar este futuro aí pela frente.

¹⁰⁷ Lufkin Esporte Clube.

¹⁰⁸ Município situado na região nordeste do Estado de São Paulo.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

I.C. – Não, eu acho que preconceito não. Eu acho que a mulher ela faz o trabalho dela, de repente ela vai precisar de um homem do lado para ser o braço, em qualquer equipe você trabalha, ou você pega atletas do masculino para te ajudar no treino com o feminino, ou o seu assistente, alguma coisa assim te ajuda.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

I.C. – Olha, se eu pensar assim em termos de São Paulo trabalhando aqui, quase a gente não vê mulheres negras. Lembro de uma técnica, mas é de clube que joga o Sindi Clube, mas assim, normalmente você não encontra, é um pouco mais difícil, não sei porque: se não é interesse delas ou não; não acho que seja discriminação por causa de cor, mas eu acho que não tem o interesse por parte delas.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

I.C. – Antigamente a mulher sofria muito preconceito, então assim, se eu falar vinte e sete anos eu ia falar assim: “Tem mais homem trabalhando” e de repente a mulher foi ganhando este espaço: parece que as mulheres conseguem trabalhar um pouco melhor, então elas estão galgando espaço, mas eu acho, que existia um pouco mais, mas que agora a tendência é diminuir ou quem sabe acabar.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribuiu para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

I.C. – Acho que a minha chegada não, mas a chegada de mais mulheres no trabalho com Voleibol. No São Caetano as mulheres são bem valorizadas.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

I.C. – No Brasil o cargo de mulher para trabalhar no adulto que eu falei seria só não ter a força física que o homem tem, então além do meu trabalho como técnica, tenho que pegar alguém para atacar bola, para sacar, para ter muito mais força do que eu tenho. Mas em termos de comando uma mulher pode fazer tudo.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

I.C. – No clube que eu trabalho eu acho que não, dependendo da categoria: cada categoria que você avança o teu salário é um pouquinho maior. Mas se você for falar em termos de Brasil geral, eu acho que os homens ganham mais sim.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

I.C. – Só agradecer estar participando deste estudo, não sei se eu consegui responder tudo da melhor forma. Gostaria de falar que as mulheres estão conquistando o seu espaço, não só no voleibol, mas em todo o resto do mundo; os salários a gente ainda pode falar que é um pouco menor, mas elas têm como galgar e chegar a um salário maior. Todas devem lutar e conquistar seu espaço. Obrigada

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE I

ENTREVISTA GLAUCIMAR ABEDANTI

Figura 9 - Glaucimar Abedanti em atuação pelo São Caetano em 2018



Fonte: Acervo pessoal de Glaucimar Abedanti.

Data da entrevista: 09/12/2020

Horário da entrevista (início): 17h00

Horário da entrevista (término): 17h40

Nome da participante: Glaucimar Abedanti

Idade: 52 anos

Naturalidade: Santo André

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: divorciada

Tem filh@s? (x) sim () não

Quant@s? dois

Grau de escolaridade: sou graduada em educação física e tenho pós em voleibol, em nutrição esportiva, que era mais para direcionar alimentos para as atletas, não seria para prescrever nenhuma dieta, até porque nem posso, mas seria mais por orientação mesmo, e tenho pós também em atividade física adaptada e saúde

Profissão(ões): Eu sou técnica de voleibol pela cidade de São Caetano do Sul e eu tive uma proposta de trabalho, uma oportunidade para trabalhar em uma área nada a ver com a minha profissão, que seria acessórios “pet shop”, para animais. Então eu trabalho em uma importadora e faço vendas para o Brasil todo nesta linha, que era um amigo que iniciou um trabalho, me convidou, e a coisa foi crescendo e hoje estou trabalhando em uma importadora neste outro nicho, então eu trabalho também com vendas

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

G.A. – No início eu comecei com as aulas de educação física, e aí de lá eu fui convidada pela minha própria supervisora hoje, que antigamente era minha professora de educação física, a praticar o voleibol, aí até tive uma resistenciuzinha, de não querer, mas os meus pais sempre me incentivaram bastante e aí eu comecei os treinamentos de voleibol em

São Caetano do Sul. Aí fui atleta, entrei na escolinha, logo virei federada da equipe de São Caetano, aí fiquei por uns anos jogando, só joguei aqui em São Caetano, e também já cheguei a fazer natação, ginástica na época de criança, adolescente. A experiência desta época foi isto.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

G.A. – Adorava brincadeira de rua [riso], coisa que a juventude de hoje não sabe o que é jogar taco, queimada, mãe da rua, jogar pião, soltar pipa, carrinho de rolimã, velotrol, correr, brincar de esconde-esconde, de pega-pega, subir na árvore, coisas que hoje em dia não se tem. Então assim, considero que eu tive um acervo motor bacana, que ajudou depois lá na frente na minha área; gostava de brincar de boneca, escolinha e jogos de tabuleiro; brincava com os amiguinhos, com meu irmão, com meus pais.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

G.A. – Adorava [riso], adorava, gostava de participar de tudo: ia ter Jogos Escolares e eu já queria participar em todas as modalidades, eu era arroz de festa, tudo eu queria fazer [riso]. E aí participava, ganhava medalha, e aí incentivava; gostava muito de velocidade, atletismo, jogava vôlei, então era bom.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

G.A. – A minha adolescência eu participava muito dos treinamentos de voleibol: minha vida era jogar vôlei, então assim, eu tinha pouco tempo de pensar em besteira, pouco tempo de ter má influência na minha vida, porque assim, não interessava uma balada para mim, não me interessava ficar na rua fazendo besteira, interessava era jogar voleibol. Treino de sábado, aí que maravilha, quem não gostava muito as vezes eram os pais [riso]: “*Nossa Senhora, não para nunca*”, mas eu adorava, acho que me preparou muito para a vida adulta, em ter responsabilidade, respeito, saber ganhar e perder, na hora de prestar o vestibular e se não ganhar, então eu já tinha isto bem definido; acho que minha adolescência, minha juventude, acho que foi muito boa com o esporte.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

G.A. – Primeiro que como eu já jogava em São Caetano, como a minha supervisora hoje em dia também já era minha professora de educação física, vai, trinta anos que eu a conheço, porque fazia a escola com ela. Eu vim ser professora de educação física na área da Educação em São Caetano, comecei com as aulas normais de educação física e aí eu sempre participava como técnica da escola, dava as aulas e sempre tinha os treinamentos, e aí eu dava treino de voleibol. São Caetano é muito pequeno, todo mundo lhe conhece, todo mundo já sabia que eu era da área aí teve o concurso público de São Caetano para professoras de educação física que era já no geral: tanto para a Educação quanto para o esporte; como o povo já me conhecia, já sabiam que eu era do esporte, falaram: “Opa, esta é nossa” [riso] já me puxaram para o esporte para me deixarem lá no voleibol, aí eu já entrei com escolinhas de voleibol lá: já tinham alguns profissionais encaixados como técnicos, não era a minha ambição ser técnica a princípio, eu adoro a base, amo a base, adoro formar as crianças, chegar assim para mim “Ai, eu gosto de jogar voleibol mas eu não sei fazer nada” e aí final do ano já saber dar um toque, saber dar uma manchete, já fazer um joguinho, amo a base. Aí para mim eu estava maravilhosamente bem só na escolinha [riso], aí “A não, você não quer vir para trabalhar com o iniciantes?” aí lá vou eu, aí comecei a ser técnica do iniciantes; “A, você não quer ser técnica do pré-mirim?” que é o sub-14 agora, aí eu fiquei sendo técnica do iniciantes e do pré-mirim e fazia escolinha, fazia os três; aí “A, você não quer ser assistente do sub-15?” [riso] aí fui; dali para frente eu falei: “Gente, chega que eu não quero mais nada, eu quero ficar aqui em baixo”. Eu não gosto de aperfeiçoar, eu gosto de ensinar; aí estou a muitos anos só nesta área, nesta área não, desculpa, nestas categorias, e para mim é a minha realização. “Glaucimar, você sonha em ser técnica do adulto?” não, eu só queria ganhar o dinheiro deles [riso], eu não queria ser técnica do adulto, não é a minha praia.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

G.A. – Então, na verdade eu amo este esporte, gosto do esporte, não era a minha intenção ser técnica de voleibol, mas aí a instituição precisou e aí estou até hoje; gosto do que faço, mas gosto desta fase de base mesmo. Eu entrei mais porque me puxaram, não era a minha intenção ser a técnica, para mim só a escolinha, só estar ensinando para mim já estava bom, mas eu amo o que faço também; experimentei e gostei, vai [riso].

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol?

Houve apoio de seus familiares e amigos?

G.A. – Sim, bastante, teve a Marina que foi a minha professora que eu falei lá atrás, que me inspirou, que me deu incentivo, que na época quando ela me levou eu tinha dez anos e eu tinha a mesma altura que eu tenho hoje, eu enganei ela, ela achou que eu ia ser grande [riso] mas eu não fiquei grande; e os meus pais sempre me incentivaram muito, sempre foram meus macacos de auditório, sempre me levavam e buscavam, ficavam torcendo, gritando.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

G.A. – Não, nenhum.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

G.A. – Sim, sou nível 3.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

G.A. – Sim, curso internacional, curso com Bernardinho, vários cursos.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

G.A. – Só técnica do São Caetano, exclusivamente, patrimônio tombado [riso]. Aí já trabalhei do sub-13 ao sub-19.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

G.A. – A princípio eu planejo meus treinamentos, então eu planejo normalmente a semana o que eu vou evidenciar, de acordo com jogo ou só treinamento dependendo da fase que nós estamos do campeonato, e aí eu planejo o treinamento do dia; vou para o clube e as meninas geralmente fazem a parte física antes e depois tem a preparação do aquecimento, o treino em si e a finalização do treino com elas. Então assim, é mais ou menos este o planejamento. Se for o sub-13 e o sub-14 elas treinam três vezes na semana por duas horas e se for o sub-15 também; se for o sub-17 que é o infantil são quatro vezes na semana, tendo uma folga apenas na semana; o sub-19 já treina todos os dias, sendo uma vez só no

dia. Duas horas o treino de todos eles, só que o sub-17 e o sub-19 geralmente já entra mais a academia também, já possuem uma preparação mais de força, de potência; e tem também as fisioterapias que as vezes é necessário, ou por precaução ou por lesões.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

G.A. – Sim, vendedora; e também psicóloga, nutricionista, preparadora física, auxiliar de quadra [riso] porque na base é assim.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

G.A. – Ultimamente não. Já tive, lá atrás sim, hoje não; hoje eu participo mais de cursos.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

G.A. – Pode ser uma final, alguma coisa assim? Bom, estar em um monte de finais sempre é uma grande lembrança, mas tem uma final que ela é bem de balançar o coração: eu estava na final – antigamente era o Finasa, que hoje é o Bradesco – e eu estava perdendo de dois “sets” a zero e no terceiro “set” eu estava perdendo de vinte e quatro à dezessete pontos, aí eu chamei a equipe, achei que elas estavam muito tensas, fui e contei uma piada, não falei nada de voleibol, só falei besteira, elas deram risada, voltaram para a quadra e eu ganhei de três “sets” à dois; esta é marcante porque toda a turma dos pais do Finasa estavam todos já cantando que era campeão porque faltava um ponto para eles fecharem o terceiro “set” e ganhar por três “sets” a zero, todo mundo já gritava campeão, levantando faixa, estourando bexiga, aí as meninas da minha equipe entraram e ganharam; tem um árbitro, o Mauro Noboru Monobi, que estava nesta arbitragem e toda vez que ele me encontra toda vez ele fala, ele fala assim: “Olha, eu nunca vi”, porque você fazer isto com o adulto é uma coisa, mas com criança – era sub-13, eram novas – e elas irem lá e fazerem o que fizeram, ele fala: “Para mim foi um marco” então você imagina para mim; e ainda os pais e as mães falaram assim: “Meu Deus, o que esta doida fez?” porque perdendo o jogo de dois “sets” a zero, o último ponto as meninas já tudo dando risada, porque elas não esperavam por aquilo, estavam apreensivas aí eu pensei “Não, eu vou contar uma piada para ver se elas descarregam”, na hora me veio este “insight” e foi isto; aí todo mundo falou: “Esta doida, está o time perdendo e estão todas rindo” [riso], então este dia para mim foi bem marcante, e fomos campeãs.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

G.A. – Falta de mais crianças e adolescentes quererem participar de esportes, hoje competimos muito com a tecnologia, tira as crianças das vivências corporais, das brincadeiras, os pais às vezes preferem seus filhos dentro de casa para não correrem risco na rua e acabam incentivando muito mais celular, videogame, computador e o sedentarismo e a falta de incentivo está atrapalhando muito a busca de pessoas interessadas pela prática dos esportes.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

G.A. – Me sinto realizada sim; atingir o objetivo não, acho que se a gente não continuar tendo objetivo a gente estagna muito, eu acho que a gente tem sempre que almejar, ter um objetivo para você, e acho que todo ano é um objetivo diferente. Dependendo do que você tem em mão: “A, este ano eu tenho o objetivo de conquistar o título” “Este ano não está tão bom meu objetivo é outro”, então eu tenho que pôr objetivo, se eu não me puser um objetivo não tem graça.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

G.A. – Quanto a sobreviver do voleibol eu acho que nas categorias acima do sub-19 você consegue sobreviver mais, com salários maiores, porque é onde entra mais patrocínio, do que na base; mas é na base onde você mais trabalha, tem que tomar cuidado para não perder aquela criança, você tem que tomar cuidado para manter criança gostando do vôlei, para que ele chegue lá na frente, você tem várias funções como orientações nutricionais, avaliações físicas, psicológicas, preparação física, pois nas categorias maiores geralmente tem os profissionais de cada área, onde o trabalho fica mais dividido. Na base que ter um olhar diferente, e é por isso na verdade que falta ser valorizado em termos monetários; temos muito elogios, todo mundo sabe falar muito bem que “A base é muito boa. Vocês são o máximo” só o que me faz rir e que realmente mostra o meu valor é o que está no meu bolso [riso], de elogios até o inferno está cheio [riso]. Dá para viver, mas não vou te dizer que é com fartura, tanto que muita gente tem que ter dois, três empregos, ou geralmente é técnica é trabalha em escola particular, trabalha na escola do Estado, sempre tem complemento; dificilmente a pessoa fala assim: “Eu sou técnica da base e só”.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

G.A. – A, Bernardinho, fantástico, embora explosivo demais para o meu gosto, mas gosto muito da forma dele trabalhar.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

G.A. – Aqui a gente tem um bom relacionamento com todos, tanto com as meninas e com os meninos, a gente se dá bem, a gente trabalha muito tempo junto. A Ieda, que eu trabalho bem junto com ela mesmo, ela é minha assistente e eu sou técnica, e aí é ao contrário, a gente jogou juntas na época de pré-mirim, então nós somos amigas lá de trás, somos parceiras em quadra e somos amigas na vida pessoal. Mas a nossa Comissão técnica da escolinha ao adulto é muito especial, trabalhamos a bastante tempo juntos me dou bem com todos.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

G.A. – Não, acho que é indiferente, eu só acho assim: as mulheres talvez são mais maternais, então nesta fase de base talvez esta figura feminina é um pouco mais tranquila para as meninas, pelo afeto, sabe aquela coisa de acolher, eu acho que a figura homem as vezes ela é um pouco mais enérgica, você já tem a figura do pai que geralmente é mais enérgico na família, então eu acho que a criança ela atribui um pouco, geralmente os homens vão ficando com as categorias mais velhas, e as mulheres aqui em baixo, não que isto é uma regra, não é isto; não acho que nem melhorou nem piorou; eu acho que o Fernando¹⁰⁹ que também está muitos anos com a gente já foi também do iniciantes, do pré-mirim, e atuava muitíssimo bem também, é um ótimo profissional, então não é isto que eu digo, eu acho que nem piorou e nem melhorou, só agregou.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

G.A. – Infelizmente a gente sabe que ainda a gente está em uma profissão machista, ainda é mundo de homem e vejo que a mulher na grande maioria tem maior espaço nas categorias de base, dificilmente se vê mulheres em categorias adultas; atribuem muito a

¹⁰⁹ Fernando Gomes, treinador da equipe adulta de São Caetano, equipe que disputa a Superliga A feminina.

força física, pois tenho certeza que várias técnicas estão preparadas igualmente. Como temos mais homens na formação de técnicos, essa porcentagem sempre vai ser maior também, participei de um curso atualmente e de cento e setenta participantes eu contei lá e acho que tinham dezenove meninas só, se eu não me engano. Então, você vê, é um mundo onde 11% do curso eram mulheres, então assim, ainda acho que é muito machista, ainda acho que é sinônimo de força a profissão, braço, tipo: “Tem que ter braço; tem que ser forte para dar bordoadas nas meninas. Se não tiver um bordoador lá não tem como ser técnico” então eu creio que a gente tenha ainda esta cultura, eu acho que mais lá na frente, como muita coisa já mudou, tende a amenizar, mas ainda é machista. Eu acho que na base tem muito mais mulheres não do que homens, há mais mulheres, porque tem muito homem também que está na base [riso], sempre tem homem a mais, e se você for ver a porcentagem do mundo existem muito mais mulheres do que homens, aí você vê que realmente é uma coisa machista, não por ter a população maior de homens, é por ser machista mesmo.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

G.A. – Não, não acho, eu nunca sofri isto. As mulheres sofrem pela cabeça delas, isto eu acho que sofre, sofrem as vezes no sentido de não conseguir conquistar o seu espaço. Estou dizendo que eu não sofri e não sofro, são coisas diferentes. Talvez eu fui uma pessoa agraciada, que tive sorte de ter o meu espaço, de conquistar o meu espaço, e não foi só conquistar como assim, conseguir manter, mas o manter eu acho que foram os resultados, foram a responsabilidade, as coisas que eu também – sumiu a palavra agora, proporcionei para ter este espaço, mas que as mulheres devem sofrer que faltam espaço para elas sim.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

G.A. – Eu vejo poucas negras, não sei de estudos sobre isto porque nunca me preocupei pela cor de ninguém, uma coisa que nem observo. É uma coisa que você está me perguntando agora e está me fazendo refletir, tipo: “Quem é negra?”, não me lembro de ninguém assim no momento que está sempre com a gente disputando, realmente estou aqui pensando e não lembro, mas deve ter negros. Eu tenho muita dificuldade de ter este entendimento, esse racismo que eu acho uma coisa imbecil demais, eu vejo o ser humano como iguais, todo mundo é igual a todo mundo, não importa nada disto, mas realmente

existe, não sei, acho que eles devem sofrer algum preconceito. Mas você sabe que eu acho que eles mesmo são preconceituosos com eles mesmos sabe, eu já tive atleta que você via que tudo o que você falava para ela, elas achavam que era porque elas eram negras e não porque realmente ela tinha uma dificuldade, entendeu, é mais fácil atribuir a uma coisa: “A, vou generalizar para todo mundo, do que ser uma coisa minha”, então eu falava com ela: “Não é porque você é negra, porque para mim se você for verde, amarela, é tudo a mesma coisa; pode vir rosa amanhã para mim”, mas é mais fácil eu falar assim: “A, ela não me coloca no jogo porque eu sou negra; e não porque eu não tenho capacidade”, então eu acho que se usa muito também este racismo em vão muitas vezes, eu acho. Eu acho que a cota não deveria existir, eu acho isto o maior racismo do mundo, então se eu brigo e eu sou negra e eu brigo para ter uma cota diferente dos outros, então estou falando que eu sou diferente, eu sou menos favorecida, então se você é igual a mim você tem que ter a mesma porcentagem que eu; “A, eu sou descendente de alemão então eu tenho que ter 100% a mais”, sabe, o que tem a ver uma coisa com a outra? Então eu acho que este negócio do racismo eu acho que é um pouco de oportunismo também sabe, não sei, eu não consigo entender este tipo de coisa.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

G.A. – Eu acho que vem melhorando sim, eu acho que a mulher está conquistando mais o seu espaço, não está o ideal, mas já está a caminho; eu acho que antigamente era pior.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribuiu para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

G.A. – Sim, eu tirei o espaço de um homem [riso]. Não acredito, eu acho que é igual, eu acho que o profissionalismo que foi conquistado, não pelo gênero.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

G.A. – Nossa, difícil esta pergunta, ai que difícil isto [pausa], não sei como te responder a esta pergunta não. Eu acho que a mulher vai ter sim mais espaço, eu acho que cada vez a mulher está se empenhando mais em estudar e em estar se envolvendo com as situações, as mulheres estão menos em casa, estão mais independentes, e isto que é uma coisa que antigamente a mulher era muito mais dependente, de casa, ela dependia totalmente do

marido e hoje em dia não, então já tem uma grande mudança, uma grande conquista da mulher no mercado de trabalho e eu acho que isto tende só a crescer.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

G.A. – Deve existir, mas não acho que por ser homem ou mulher, eu acho que é mais por capacidade mesmo, por conquistas, por oportunidades, pelo patrocínio que consegue, tudo isto atrelado.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

G.A. – Não, gostei do tema, achei bacana, acho que vale a pena investir neste tipo de estudo, de incentivar, de fazer refletir, repensar muitas coisas, se realmente é por ser mulher ou se não é por ser mulher, se é por capacidade, gostei do seu tema, parabéns e espero que você tenha muito sucesso.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE J

ENTREVISTA MIRTES BENKO

Figura 10 - Mirtes Benko em atuação pelo Corinthians em 2019



Fonte: Acervo pessoal de Mirtes Benko.

Data da entrevista: 27/11/2020

Horário da entrevista (início): 16h00

Horário da entrevista (término): 16h45

Nome da participante: Mirtes Benko

Idade: 47 anos

Naturalidade: São Paulo capital

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: solteira

Tem filh@s? () sim (x) não

Quant@s?

Grau de escolaridade: graduação em educação física e pós graduação em voleibol e em treinamento desportivo

Profissão(ões): técnica de voleibol e professora de educação física na Rede Estadual de São Paulo

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

M.B. – Eu comecei na escola; tive a sorte de ter uma professora de educação física muito envolvida, então eu tive uma vivência muito bacana na escola. Eu lembro que eu fui para o vôlei muito cedo, eu fui para o vôlei com sete anos, mas na escola eu competia em atletismo, eu fazia salto em altura, corrida, e isto desde os sete anos, então assim, a minha prática esportiva começou bem cedo mesmo na escola.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

M.B. – Eu costumava brincar sim muito com brinquedo, bonecos, carrinhos; eu tenho irmãos e eu sou a mais nova dos três, e eu tinha um irmão sete anos mais velho, então o curso de malandragem já veio meio que pronta [riso]. A gente brincava na rua de bicicleta, de corda, de todas estas coisas mais simples, bonecos eu brincava muito, coisas simples. A família, meu pai e os irmãos que eram quatro, tinham um sítio, então eu lembro que a gente brincava muito também, mas com coisas muito simples: pneu, corda, esse tipo de brincadeira assim mais bruta mesmo sabe, não coisas de montar, eu não tinha muita coisa de montar, eram mais coisas brutas mesmo [riso].

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

M.B. – Eu lembro assim, a gente teve vivência de tudo. Eu peguei uma época de educação física que era um pouco mais rígida: eu lembro que eu aprendi marcha na educação física, calistenia, a professora ensinava este tipo de coisa, mas ensinou também atletismo, ensinou dança, então tive aulas de educação física que foram muito bacanas.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

M.B. – Então, neste período eu já estava envolvida com o vôlei e como eu fui muito cedo para o esporte com sete anos, com nove anos eu já estava federada, então a minha adolescência e juventude foram dentro de ginásio: treinava muito, as vezes treinava em duas categorias; lógico que ia para alguma festa, alguma coisa, mas foi muito mais desenvolvida dentro do esporte mesmo, tinha muitos jogos, jogava duas categorias, era sábado e domingo sempre com muito jogo, era competição, então foi bem dentro da quadra mesmo.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

M.B. – Então, o voleibol eu joguei desde muito cedo e aí quando eu estava com dezenove anos mais ou menos, na época do terceiro ano de faculdade, eu fiz a minha faculdade em quatro anos, a minha irmã já era técnica e estava sendo montando um projeto no clube em que ela trabalhava, aí eu comecei a ir lá para fazer um estágio e ajudava no início do

projeto. Começou a surgir a oportunidade de dar algumas aulas e aí começou a minha carreira ali: foi substituindo professor na escolinha de esportes, e aí como estagiária.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

M.B. – Aí eu acho que foi, eu acho não, foi uma consequência, porque foi uma trajetória toda dentro da quadra. Eu lembro que na época de prestar faculdade eu até prestei psicologia que é uma coisa que eu gosto muito, e no meu trabalho da pós-graduação é voltada mais para esta área da cabeça e tudo, mas eu acho que não tinha mais como fugir, foi uma vida envolvida com aquilo: as pessoas que eu conhecia, minhas amizades todas eram do meio do vôlei, então acabou se destinando para esse caminho.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

M.B. – A minha irmã¹¹⁰ já era treinadora muito conhecida e a minha família sempre quis que eu fosse para este lado; eles sempre me apoiaram muito no esporte, mesmo quando atleta, e aí quando houve uma dúvida sobre se iria dar certo para mim também, aí todo mundo: “Vai, tenta, arrisca”, e aí eu tive um apoio assim da família, todo mundo incentivou bastante.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

M.B. – Não, não assim, como é que eu posso falar, não diretamente. Eu comecei no masculino, eu não comecei no feminino, então eu tinha de dezenove para vinte anos e meus atletas tinham treze, e aí foi minha primeira equipe e era justo no masculino, e aí sabe quando você vai fazer reunião de pais, todo mundo: “Ela vai ser a técnica? Nossa, mas ela é tão nova. É menina e vai dar treino para os meninos?” e aí você tinha que matar um leão por dia. Eu lembro que eu era com eles um monstro de braveza porque eu queria impor respeito por ser mulher e porque estava começando, eles tinham que acreditar no meu trabalho, então naquele momento eu senti assim, não era uma coisa tão explícita, mas todo mundo ficava: “Será? Ela é menina, está começando. Está com o masculino”, mas com o tempo eu acho que as pessoas foram acostumando e eu fiquei pouco: o

¹¹⁰ A Irmã à qual Mirtes se refere se chama Miriam.

masculino lá durou pouco tempo, eu fiquei uns três anos com o masculino, mas o começo foi meio questionador. Eu não sei se é porque a gente já fica inseguro por ser começo de carreira, e quando a pessoa fala: “A, mas será: uma mulher dirigindo homens?” e aí você acaba tomando isto a ferro e fogo.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

M.B. – Sim, o nível 3. Como eu fiz a pós-graduação virava eu acho que o nível 2, eu fiz já a muito tempo [riso], era bem diferente na minha época: eu formei em 1995, aí depois eu fiz a pós e aí eu virei acho que o nível 2, e aí depois na CBV foi o nível 3.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

M.B. – Eu fiz a pós-graduação em voleibol, em treinamento desportivo, e hoje em dia eu faço muito curso de gestão e liderança de grupos, acho que isto é muito importante hoje em dia, porque acho que está mais difícil lidar com a cabeça, você envolver as pessoas em um propósito do que ensinar a parte técnica e tática, isto também com a experiência, não que você tenha que parar de estudar, claro que não, porque as coisas sempre estão mudando, mas talvez você envolver os grupos seja um pouco mais difícil, então estou sempre buscando coisas nesta área aí.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

M.B. – Então, estou no mesmo clube desde que eu comecei [riso], estou no Corinthians desde que eu comecei: estou no Corinthians desde 1994, então são vinte e seis anos lá. Eu trabalhei no masculino e no feminino: no masculino eu fui técnica somente do pré-mirim, mas ficava de auxiliar até o infantil; e no feminino eu fui técnica do pré-mirim até o infantil também; já fui assistente técnica do juvenil, infanto-juvenil, mas como técnica até o infantil, então já trabalhei do iniciantes até o infantil com o feminino.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

M.B. – Na verdade eu tenho três funções lá: eu sou a coordenadora da base, sou coordenadora do projeto de escolinha que chama Toque Inicial e continuo ainda como técnica do sub-15. Como técnica eu dou treino três vezes por semana, sendo na segunda, na quarta e na sexta-feira, sempre das quatorze horas e trinta minutos às dezesseis horas

e trinta minutos, e aí nos outros momentos eu me divido entre ajudar a equipe que treina logo após de mim e que geralmente é o sub-17. Na sexta-feira eu procuro acompanhar todas as categorias para dar uma orientação aos outros professores, que é o dia que estão todas as quatro categorias treinando no mesmo dia, e a coordenação da escolinha eu sempre procuro fazer uma vez por mês reunião com os professores para traçarmos os objetivos, ver como estão as turmas, a gente vai mudando a metodologia, então é uma rotina bem flexível, que depende da semana de jogos também, mas basicamente os treinos são três vezes na semana, cerca de duas horas, duas horas e meia.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

M.B. – Eu exerço a função de professora de educação física no Estado. Eu sou funcionária do Estado vai fazer dezenove anos agora no 11 de Setembro, faz bastante tempo também.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

M.B. – Não, não realizo.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

M.B. – Nossa, que difícil [riso]. Eu acho que foi muito legal quando a gente ficou um tempo jogando Sindi Clube e neste tempo que a gente ficou ali de repente lançaram um prêmio que os técnicos poderiam votar no melhor técnico da base, entre as categorias de iniciantes a infante, e os meus colegas votaram em mim, e eu fui a primeira pessoa que ganhou, eu fiquei muito feliz. Acho que foi uma coisa muito marcante para mim por serem os técnicos que tinham me escolhido, não foi uma votação popular, foram os colegas, e isto é muito legal, foi uma coisa que me marcou bastante.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

M.B. – Olha, eu acho que como técnica não, acho que eu tive sorte. Eu trabalho em uma instituição que confia muito e me dá muita liberdade para tomar as decisões e escolher a forma de trabalhar, e isto é muito legal, não sou engessada e a gente tem muita autonomia de trabalho, isto é bacana. A dificuldade que as vezes todo mundo tem é de passar um ano ou dois em uma fase ruim, que eu falo é que o esporte exige investimento, e tem anos que são muito apertados e a gente não consegue, aí você passa um ano ou dois com resultados piores, e aquela cobrança que parte da gente mesmo pelo primeiro lugar, de não virem,

por mais que falem: “Não, não se pode pensar em competição”, ninguém quer um técnico perdedor, então de repente você tem um ano muito ruim, dois anos, e aí você fala: “Meu Deus, o clube vai me manter lá por que, se eu não estou dando resultado algum?”, então as vezes tem algum momento de tensão mas isso todo mundo passa, mas eu acho que tive muita sorte nisto, enfim. Sempre tive pessoas no meu caminho que sempre me apoiaram, que me ajudaram, tanto de gestores quanto de parceiros de trabalho, então assim, isso é muito legal, eu acho que sou bem privilegiada, graças a Deus [riso].

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

M.B. – Eu me sinto bastante realizada tanto pessoal quanto profissionalmente. Acho que quando você começa a ter mais segurança, você está fazendo a coisa certa e aí com o passar do tempo você vai vendo as pessoas que você formou; e o mais legal a isto, quando as pessoas te procuram de volta e falam: “Poxa, obrigada”, não que tenha ficado um atleta famoso, mas que é uma pessoa de bem, então eu acho que aí que está o papel também, de formar pessoas, então por isto eu me sinto bastante realizada. Uma coisa que era um objetivo desde o início era fazer parte de uma comissão técnica de seleção, isto tinha acontecido este ano: estava na comissão técnica da seleção paulista, mas a gente foi dispensada agora então aconteceu e não aconteceu, a gente chegou, saiu a convocação, a gente chegou a dar três treinos e por causa da pandemia teve de ser dispensada. Não sei se vai acontecer, mas também foi uma realização, então acredito que dos sonhos propostos de início a gente conseguiu atingir sim, graças a Deus.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

M.B. – Ai senhor Deus [riso], no meu caso não dá só do voleibol, não dá, por isto que eu tenho o Estado. Era ruim e continua ruim: eu acho que pelo o que a gente faz, pelo tanto de trabalho que a gente tem, das informações que eu tenho a base é muito mal remunerada. Eu acho que ainda muito pouca gente ganha dinheiro com esta carreira, de falar assim: “Não, eu vivo só dando treino” ou então “Eu vivo só trabalhando em um lugar”, a maioria dos técnicos possuem outro emprego, são pessoais ou trabalham em escola como eu. Eu digo que eu não consigo viver só do salário de técnica, não dá.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

M.B. – Como eu comecei muito cedo meu espelho sempre foi a minha irmã, é obvio: era com ela que eu convivia, ela que eu via ali, ela foi muito campeã, foi oito vezes técnica de seleção paulista. Quando eu comecei no Corinthians quem era o coordenador era o Murilo Amazonas¹¹¹ que foi um técnico muito “top”, que era do masculino ali nos anos 1990, do Telesp¹¹², revelou o Mauricio¹¹³ levantador, vários atletas, e eu aprendi muito com ele. Ele tinha um jeito assim diferente, mais firme e tal, mas ele era muito bom de relacionamento com os atletas, então ele foi uma referência muito importante para mim. Os dois: a minha irmã e o Murilo foram a minha base.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

M.B. – São bem boas, eu tenho tanto amigos homens como amigas mulheres, existe uma troca. Eu acho que as mulheres costumam trocar mais informações do que os homens, e informações mesmo que eu digo de parte técnica, tática, os homens eu acho que as vezes parecem que eles não querem compartilhar coisas técnicas [riso] e isto eu falo até na minha comissão, já trabalhei com meninas e com meninos, e parece que os meninos são mais difíceis de compartilhar o jeito da forma de dar treino, eu até comentei em uma “live” disto, falei que parece que eles querem evoluir mais rápido, que o objetivo é sempre chegar no adulto e as mulheres não, elas trocam mais porque elas se satisfazem as vezes com aquela categoria, tá boa e se for acontecendo de mudar também está bom, então acho que existe uma troca maior quando a equipe é feminina.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

M.B. – Olha, eu acho que tem um meio termo aí, eu vejo assim: na base tem muita técnica mulher, e base eu digo até o sub-14. Se você pôr no papel a quantidade de equipes e se o técnico é homem ou mulher, vai dar 80% mulher. Quando chega no sub-15 para cima isto inverte, vai ficar uns 25% mulher e o restante homens, então eu não sei se existe esta troca tão grande; parece que as mulheres vão até um certo estágio e dali elas não passam, e as vezes eu tento até entender: muitas que eu converso falam que queriam sim ser técnica

¹¹¹ Benemérito do voleibol brasileiro, Murilo Amazonas é um ex-treinador brasileiro reconhecido pelo grande número de atletas formados.

¹¹² Olympikus/ Telesp Club, equipe de vôlei de São Paulo, campeã da 2ª Superliga Masculina de Vôlei, em 1996.

¹¹³ Mauricio Camargo Lima, ex-jogador brasileiro de vôlei, bicampeão olímpico.

do sub-17, sub-19 mas não acontece, e não acontece nem como assistente técnica, isto que eu acho esquisito, porque se houvesse eu acho que seria uma troca muito legal. Quando tem um casal no banco: tem coisas que você vê, tem coisas que o outro vê. Então eu acho que existe aí uma barreira meio grande até, porque eu acho que por mais que falem que as coisas evoluíram, que mudaram, que não tem isto, que não tem preconceito, não sei se a palavra é preconceito, mas existe um limite parece: as mulheres vão até esta categoria porque são mais maternais, e eu acho que isto é meio desculpa, meio balela; tem mulher que não é nem um pouco maternal e tem homem que é muito maternal e sabe trabalhar muito bem com a base. Mas se você pegar por exemplo um sub-19 hoje, hoje de cara eu não se lhe falar uma mulher que jogue o paulista, por exemplo. Talvez tenha no Sindi Clube a Denize¹¹⁴, mas eu não visualizo a nível de federação uma técnica de sub-19 mulher, não tem.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

M.B. – Acho que na base predomina mesmo a mulher, até sub-14. Sub-15 acho que já fica bem igual, a proporção é mais ou menos igual, mas no adulto gente, eu lembro de ter nesta Superliga deste ano uma assistente técnica no Curitiba com o Duda¹¹⁵, eu não lembro de outra pessoa. Você vê fisioterapeuta, mas estamos falando de comissão técnica, comissão técnica treinadoras e eu não me recordo de ter outra mulher, acho que é bem restrito.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

M.B. – Então, como eu falei, é velado eu acho que isto, que é o que a gente estava conversando: não tem nada que fale que lá para cima a relação entre o técnico homem e a atleta sub-19 fica melhor, não sei, que estudo que prova que uma mulher não consiga ter uma relação boa com uma equipe sub-19, sub-21 e adulta? Então acho que existe sim um preconceito e não sei se são das instituições, isto é matéria de estudo para você, porque na federação e nas confederações também não tem. Se você pensar em categorias de base nas seleções brasileiras aí, que mulher faz parte das comissões técnicas? Não tem também,

¹¹⁴ Denize Maria Diniz, treinadora de vôlei nos clubes Paulistano e no Pinheiros.

¹¹⁵ Durval Nunes, treinador de voleibol.

então se é um preconceito das instituições, se é um preconceito da própria entidade que rege o vôlei no País eu não sei te responder; que existe alguma coisa existe, mesmo que seja velada, mas eu acho que existe sim.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

M.B. – Nossa, quais são né? Pouquíssimas, muito poucas mesmas, e se pensar que tivemos grandes atletas, são atletas excepcionais e o que acontece aí neste meio? Eu tenho hoje uma negra na minha comissão técnica que trabalha comigo ali no Toque Inicial, ela é responsável pelo vôlei de areia e faz parte da escolinha ajudando na base. Eu tive uma assistente técnica que agora é técnica que é a Elaine¹¹⁶, super competente. Mas é muito restrito, é muito restrito, tem pouca gente mesmo, poucas mulheres negras como técnicas de voleibol.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

M.B. – Acho que houveram poucas mudanças: o preconceito é velado, mas existe sim. Os maiores são: mulher quer ter filho não serve para trabalhar com categorias maiores; mulher não deveria trabalhar com masculino; ou mulheres são maternais e servem mais para base.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribuiu para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

M.B. – Eu acho que contribui, eu acho que quando a gente vira espelho para algumas pessoas, que foi o que eu falei no começo: muitas meninas que hoje optaram pela educação física e que são técnicas, eu tenho bastante atletas que hoje são profissionais na área e que falam que se inspiraram em mim, isto é muito legal, então acho que de certa forma você rompeu barreiras e barreiras até dentro da família. Eu acho que de certa forma a gente consegue abrir a cabeça delas; apesar do salário não ser uma maravilha eu faço o que eu amo, então você pode viver sim de uma coisa que você ama e ser importante na vida dos outros, isso é muito bacana.

¹¹⁶ Elaine Pereira, conhecida como Tica, ex libero de grandes equipes, atualmente técnica na categoria Master.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

M.B. – Acredito sim, hoje tem muita mulher na base, muito mais que homens aliás. Mas volto a dizer: na base o desafio é quebrar essa barreira e mais mulheres terem possibilidade de trabalhar em alto rendimento.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

M.B. – Então, como eu só passei pela minha própria instituição, aonde eu trabalho não tem: nós somos classificadas por letra ali, pelo tempo de casa ou as vezes uma promoção que você tenha, mas independente do gênero não tem diferença nenhuma. Mas eu acredito que deva ter, eu acredito que deva ter, pelo o que a gente conversa assim as vezes com alguns colegas eu acredito que tenha sim.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

M.B. – Eu vou retribuir a pergunta, que o estudo é seu e eu gostaria muito de saber destas suas conclusões, eu acho que vai ser muito legal você passar isto para a gente. Sinceramente eu não tinha pensado nisto da mulher negra, estou pensando agora e não está saindo da minha cabeça: eu sempre penso nesta questão de porque as mulheres não vão adiante, é uma coisa que eu sempre questiono, mas eu não tinha pensado na mulher negra técnica e é muito chocante. Pensar que estou a vinte e seis anos na carreira e são pouquíssimas. Então é muito legal o estudo, parabéns mesmo pelo estudo, isto é muito interessante, acho que vai contribuir bastante aí para a gente e entender, eu acho assim, a competência ela não está na carcaça que você veste, carcaça corpo físico da gente, homem ou mulher, branco ou negro, pardo ou índio, mas no quanto que você estuda e na sua dedicação, e eu acho que isto aí é uma coisa que a gente está anos luz ainda de evolução. Falar que o Brasil não é um País preconceituoso, eu não acho, acho muito preconceituoso, a gente tem gente de toda raça, toda cor, e mesmo assim somos preconceituosos.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE K

ENTREVISTA TATIANA SILVA

Figura 11 - Tatiana Silva em atuação pelo Curitiba Vôlei em 2019



Fonte: Acervo pessoal de Tatiana Ribas da Silva.

Data da entrevista: 15/12/2020

Horário da entrevista (início): 13h30

Horário da entrevista (término): 15h00

Nome da participante: Tatiana Ribas da Silva

Idade: 44 anos

Naturalidade: São Paulo, mas vivi a minha vida inteira aqui em Curitiba

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: solteira

Tem filh@s? () sim (x) não

Quant@s?

Grau de escolaridade: sou graduada em educação física e pós-graduada em design instrucional

Profissão(ões): profissional de educação física

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

T.S. – Sempre fui uma criança e adolescente muito ativa, diferente do que está acontecendo hoje. Eu morava em uma casa, era uma rua sem saída e tinha muita criança, então facilitava com que eu tivesse diferentes práticas corporais, e sempre tive uma certa liberdade com a minha família, que me davam mais liberdade e tempo para brincar. Hoje é diferente, tem a questão da segurança, muitas crianças moram em prédios e não tem tanta oportunidade e espaço para brincar, por isso acabam tornando-se cada vez mais sedentárias. A prática esportiva que eu tive além da rua, foi dentro da escola, eu nunca fui

para clubes para treinar outras modalidades e quando fui especificamente escolhi o voleibol e consegui entrar em um clube da cidade através de teste, essa minha escolha despertou pelo que eu vivenciei na escola mesmo.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

T.S. – Olha, eu brincava com brinquedos dentro de casa, mas o meu maior brinquedo era bola, sempre foi bola, jogava bete, a criançada agora nem brinca muito, adorava caçador, então sempre estava envolvido uma bola de certa maneira, bolas de tamanhos diferentes fazia a minha alegria. Desde muito pequena por volta de nove, dez anos, eu já jogava voleibol no portão da minha casa que era bem baixo, então eu jogava com as minhas primas e os meus amigos. Essas eram as brincadeiras que eu lembro que mais gostava. Hoje é o mini vôlei que conhecemos e trabalhamos. Eu brincava muito com os meninos e meninas da minha rua e uma prima que morou comigo por um bom tempo, então essas eram os meus laços de amizade e de brincadeira.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

T.S. – Eu sou apaixonada pela área da educação física justamente pelo o que a gente sempre fala: é o professor, ele é o diferencial para despertar esta paixão por fazer atividade física, por fazer a modalidade seja ela qual for. Os meus professores de educação física da escola foram muito bons e especificamente eu tive um que eu lembro o nome dele até hoje que é o professor Rubens, ele era uma pessoa que além de explicar muito bem sobre as modalidades que a gente estava aprendendo dentro da escola, ele fazia as coisas de modo que a gente se motivasse a estar ali. Quando criança sempre temos um professor como referência e a criança quando você dá uma bola ela está feliz, só que dentro da escola como você tem mais gente envolvida, é o professor mediador que faz a diferença, porque assim como a gente pode estar incluso na atividade, na brincadeira, se não tiver um bom mediador sempre existirá o conflito. Eu estudei em escola pública, então a gente realmente não tinha muito material e não mudou muito hoje infelizmente; isso a trinta e cinco anos atrás mais ou menos, mas ele sabia lidar muito bem com essa falta de material e com os conflitos que apareciam. Eu sou fã de carteirinha deste professor, infelizmente

tive contato poucas vezes com ele depois de sair da escola, mas ele para mim foi um diferencial muito grande, tenho orgulho em dizer que comecei dentro da escola.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

T.S. – Nossa, fiz amizades através do voleibol, que tenho contato até hoje, amigas que viraram comadres, sou madrinha dos filhos, então para mim sempre tenho ótimas lembranças do meio que vivi no esporte; minha época de criança e adolescente são as minhas melhores lembranças. Se eu soubesse na época que crescer era difícil [riso], os pais sempre avisam, mas a gente não acredita. Mas posso dizer, justamente porque eu tive a oportunidade de poder brincar, de poder realmente me divertir com aquilo, de saber que as minhas responsabilidades na verdade eram só os estudos, que me sinto privilegiada. E foram momentos que fizeram diferença na minha vida. Eu poder ter esta liberdade de brincar, de me divertir, de ter autonomia, ficar na rua e brincar do que eu quisesse: hoje eu sei a importância da autonomia que eu tinha. A lembrança da minha vivência dentro das escolas, com as atividades sistematizadas, onde o professor realmente cuidava e me motivava cada vez mais a fazer estas atividades, e a lembrança que eu tenho desde que entrei no voleibol, que é a minha paixão até hoje, fizeram a diferença na minha vida profissional. Hoje trabalho com o voleibol e vejo que muitas coisas que faço hoje realmente eu devo a este esporte. Os valores, os princípios que a gente aprende praticando um esporte; só veio para fortalecer e a melhorar a educação que temos dentro de casa. Eu tinha esta referência dentro de casa e consegui manter dentro do esporte com as pessoas que trabalhavam comigo, nesta fase de adolescente. Algumas vezes vemos esta situação acontecer ao contrário, onde o adolescente não tem esta base familiar e encontra no esporte uma forma de ter mais disciplina e educação. Eu era uma criança muito tímida, não que eu não seja hoje, mas aprendi a lidar com minha timidez, porque no dia-a-dia do treinamento esportivo, pratica esportiva, as coisas que vão acontecendo fazem com que você realmente reaja e tenha que aprender a se proteger, se defender, então aprendemos na prática como lidar com os desafios da vida. Acho que não tenho lembrança negativa da época de adolescente.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

T.S. – Entrei no meio do voleibol como profissão porque eu também fui atleta profissional, onde joguei por mais de dez anos, porém devido a uma lesão tive que

encerrar a carreira de jogadora. A parte boa é que eu já fazia faculdade de educação física, então consegui terminar a faculdade e resolvi trabalhar com o voleibol. O início da minha carreira foi dando aula em uma escolinha e tinha uma equipe de categoria de base. O meu sonho desde a época de atleta era trabalhar no alto rendimento, ou como atleta profissional e consegui conquistar esse sonho; depois como profissional formada meu novo sonho foi continuar a carreira de profissional no alto rendimento, como técnica ou assistente, mas que eu tivesse envolvida em uma comissão técnica. Fiquei oito anos mais ou menos trabalhando com a base, até ter a oportunidade de trabalhar em um clube em Curitiba, clube esse que por coincidência iniciei minha carreira de atleta na adolescência. Foi muito interessante e importante retornar de outra forma. Trabalhei por quatro anos, tanto na base e iniciei o trabalho com o adulto, onde participava de competições tanto a nível estadual como nacional, por exemplo, jogos abertos, universitários, isso tudo foi possível porque o clube tinha parceria com uma universidade na cidade, então eu comecei ali a minha trajetória e minha vontade ainda mais forte em viver meu sonho, em realmente galgar alguns espaços à mais. Aqui no Paraná o mercado é muito restrito, o meu sonho sempre foi trabalhar em uma Superliga, só que aqui no Paraná é muito restrito e eu sei que você vai estar falando de mulher no esporte e aí já começam as dificuldades, porque para eu sair do meu Estado para você estar trabalhando na Superliga em outros clubes fica mais complexo, então eu já tinha um pensamento da equipe que eu formei adulto era estar jogando as ligas que são acesso para a Superliga principal que era a Liga B, na época, que foi em 2011 mais ou menos, eu tive a oportunidade de poder trabalhar com a minha equipe e poder jogar uma Liga B só que a gente infelizmente não conseguiu ter o acesso, e acho que é isto. No *Círculo Militar*¹¹⁷ fiquei quatro anos e daí acabei parando a minha carreira, parei em 2012, foi o último ano que participei de competições e tive alguns resultados mais expressivos, a nível nacional, mas optei por ficar apenas no outro trabalho que ele é envolvido com o vôlei só que é uma ONG¹¹⁸, um projeto sócio esportivo¹¹⁹, que é do Bernardo. Fiquei quatro anos afastada, mas o meu sangue já puxa para o lado competitivo, não que eu não goste do lado sócio esportivo, eu amo, sou apaixonada e continuo até hoje, mas em 2016 me convidaram para trabalhar numa equipe que iria participar da Liga B, competição essa que dá acesso a Superliga principal, resolvi aceitar o desafio e hoje faço

¹¹⁷ Clube *Círculo Militar* do Paraná, clube situado no centro de Curitiba/Paraná.

¹¹⁸ Organização não governamental.

¹¹⁹ Projeto sócio-esportivo fundado pelo treinador Bernardinho em 2003, e tem como missão o desenvolvimento humano por meio do esporte.

parte da comissão técnica onde no segundo ano de competição tivemos acesso à Superliga principal.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

T.S. – Sempre foi um sonho; quando eu me dei pelo entendimento que o voleibol poderia trazer benefícios não só físicos, mas também financeiro e se tornar uma profissão quando eu parasse de jogar, comecei a me preparar melhor, pois sabemos que carreira de atleta é curta, então dei continuidade aos meus estudos e tinha a minha mãe que me cobrava em relação a isto. Graças a Deus eu fiz isso, eu jogava profissionalmente e conciliava a parte acadêmica.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

T.S. – Olha, inspiração eu posso dizer que sou felizada pelas pessoas que me dirigiram. Um dos meus primeiros técnicos que atualmente está nos Estados Unidos, foi uma grande referência para mim, meu professor de educação física que nos levava para jogar em horários fora de aula, o técnico que tive quando já estava no infante, todos foram muito importantes para a minha escolha, grandes exemplos de profissionais. Tive uma técnica mulher, quando joguei minha primeira Superliga que também me inspirou a estar onde estou hoje, pena que cito mais homens e fico muito triste de falar isso, sempre me vem na cabeça na maioria das vezes, homens. Outra inspiração que tenho, é o técnico multicampeão Bernardinho, que eu tive a oportunidade de treinar dois anos com ele, foi algo diferenciado e um oportunidade ímpar. Tenho ótimas lembranças com relação a pessoa e profissional que ele é. Sempre tive apoio de meus familiares e amigos, meu primeiro técnico que eu tive quando eu comecei a jogar sempre que eu preciso, é uma pessoa que eu posso contar e que eu troco ideias; não tenho assim um mentor específico, mas eu tenho muitas pessoas que eu trabalhei e que eu sei que eu posso ligar e tirar informações que são importantes para o desenvolvimento do meu trabalho.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

T.S. – Já sofri o preconceito de fazer a escolha na carreira de educação física, o que algumas pessoas falavam é que essa área é para quem não estuda, as pessoas relacionam

a aula curricular e para que não sabe o que fazer; já vi pais empurrando para a educação física. O lado financeiro pesa bastante também, pois ainda é uma profissão que não é muito valorizada e bem remunerada.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

T.S. – Eu realizei da CBV o nível 3, porque ele também é o que dá a chancela para que você possa ser técnica na Superliga, porque até o cargo de assistente ele pode ter o nível 2.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

T.S. – Oficialmente com certificação de uma instituição, não realizei. Mas nesse período de pandemia o que eu mais fiz foi curso, acho que eu nunca tive tanta oportunidade que nem agora, acho que todo mundo, de poder estudar realmente e poder se atualizar; teve uma época que eu queria fazer o mestrado só que financeiramente para mim era muito complicado abrir mão de um dos meus trabalhos, porque eu sempre tive dois, três empregos para me sustentar. Mas como eu sempre tive amigos envolvidos ou professores em universidades e ali no instituto a gente sempre trabalhou muito com a capacitação de professores, através de grupos de estudos eu posso dizer que fui privilegiada em me manter sempre estudando. Os profissionais que dirigiam os grupos de estudos ou eram mestres ou doutores, esses traziam os materiais – artigos - para que pudéssemos sempre nos atualizar, e isto é algo que a fazemos até hoje na verdade, não tem como parar.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

T.S. – Eu trabalhei em todas as categorias de base e equipes master. Iniciei na AABB¹²⁰ com uma escolinha, no outro ano já conquistei minha primeira categoria, que participava de competições regionais e estaduais, fiquei nesse clube por oito anos. Depois que eu saí da AABB fui para o Círculo Militar, onde além de trabalhar com a base, iniciei um trabalho com o adulto feminino. Depois dali tive passagens por seleção do Estado, onde fui auxiliar técnica, além de ter a oportunidade de ser técnica da seleção do Estado infanto

¹²⁰ Associação Atlética Banco do Brasil.

juvenil, técnica da seleção da cidade - Jogos da Juventude¹²¹ - além de ter representado a cidade em Campeonato Brasileiro Universitários e Brasileiro dos Jogos Abertos (JAPS). Porém mesmo trilhando esse caminho, acabei saindo do clube em 2012, por algumas desilusões profissionais. Acabei retornando às quadras em 2016, onde fui convidada para ser assistente técnica de uma equipe que participou da Superliga B - que dá acesso a Superliga principal de voleibol feminino - ficamos dois anos tentando a vaga, então em 2018 conquistamos a vaga tão sonhada e atualmente trabalho na comissão técnica da equipe Curitiba Vôlei que joga a principal competição do País, no voleibol feminino.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

T.S. – Eu sou registrada em um projeto socio esportivo (ONG), e trabalhava quarenta horas nesse local antes de conquistar a vaga da Superliga. Hoje tenho uma carga horária reduzida para conseguir realizar os dois trabalhos, projeto socio esportivo e alto rendimento. A Superliga na verdade é um trabalho temporário que eu tenho, funciona através de um contrato para a temporada. A minha rotina é bem puxada, e desgastante, pela manhã e à noite trabalho com a equipe - segunda à sábado, quando começam os jogos, trabalhamos aos domingos também - no instituto fico de segunda a sexta, no período da tarde. A rotina do alto rendimento não se resume só ao momento de quadra, mas precisamos também realizar os estudos das equipes adversárias, e esse momento acontece muitas vezes na madrugada e dias de “quebra” dos treinos. Passamos madrugadas estudando vídeo, planejando treinos entre outras situações que acontecem. Saio de casa, por volta de sete horas e trinta minutos e chego apenas por volta de vinte e uma horas. Durante a manhã e noite é o treinamento com a equipe e a tarde tenho como função a coordenação do projeto, parte mais administrativa. Além de estar como assistente técnica da equipe eu exerço uma função administrativa, pois nossa equipe é uma das que tem menor investimento, poucos profissionais, então precisamos ajudar no que é necessário. Posso dizer que fico quase vinte e quatro horas ligada, durmo poucas horas, ainda bem que não gosto de dormir tanto. Vida de profissional de educação física acredito que seja assim mesmo.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

¹²¹ Os Jogos Escolares da Juventude é um evento íque integra atletas escolares da rede pública e privada do País.

T.S. – Então, como falei, faço a coordenação dos projetos de uma ONG aqui no Estado, coordeno dezesseis núcleos que estão dentro da escola pública, e auxílio em um núcleo na capital do Estado. Como citei na pergunta anterior, além de assistente técnica da equipe, auxílio na parte administrativa do time, essa função administrativa na equipe tem como positivo a versatilidade na minha área. Entendo que não é fácil estar ali dentro da quadra, então eu já penso também lá na frente; esse aprendizado extra quadra – administrativo - pode me abrir oportunidades caso algum dia não possa estar mais na quadra seja por qualquer motivo.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

T.S. – Acadêmica não, não tenho tempo para fazer, não consigo me dedicar. Eu tentei fazer uma pós-graduação, acabei não conseguindo terminar por causa da minha rotina, fiquei com o certificado só do curso, era uma pós-graduação na USP em Aprendizagem Motora.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

T.S. – O mundo do voleibol é muito pequeno, e precisamos cuidar com tudo o que fazemos, pois não sabemos o que será do dia de amanhã. Como contei, eu tive uma oportunidade de treinar em uma grande equipe profissional quando era mais jovem, só que eu nunca imaginaria na época que um dia eu iria trabalhar em um projeto ligado a essa equipe profissional no futuro depois que parasse de jogar voleibol. Por mais que eu já tivesse começado uma faculdade, não pensava que o meu meio permearia o meio que eu já estava. Ter feito parte daquele momento foi bem marcante para mim, porque era uma pessoa referência no voleibol, com jogadoras de seleção, e eu estava vivendo de certa maneira um sonho. O que eu tinha aprendido no meio, eu queria poder passar para outras pessoas, outras crianças e outras adolescentes. E aí via na minha carreira e teve uma situação que aconteceu comigo que quando jogava, eu joguei uma Superliga B no Paraná e a gente conseguiu com o nosso time conquistar o acesso para a Superliga A, então eu já tive esta oportunidade de jogar a Superliga lá, e como treinadora eu tinha o mesmo pensamento, “Poxa, se deu como atleta, como treinadora também tem que dar de alguma forma”, como você colocou: não necessariamente como técnica, mas estar fazendo parte da comissão técnica. E quando eu fui trabalhar, que me convidaram em 2016, a batalha foi muito grande porque é muito difícil, pego como exemplo uma equipe aqui do nosso

Estado que ficou tentando muito tempo, até antes da gente com o projeto e não conseguiu o acesso, consegui agora com estas situações todas que você já deve saber aí, que você acompanha, então assim, como treinadora em dois anos, tão rápido assim a gente jogar duas Ligas B e aí ter acesso à Superliga, eu falo assim: “Nossa, aquilo que eu fui tentando traçar como meta e que não deu certo como atleta, mas que eu posso continuar como uma profissional da área, então para mim isto é muito marcante” a minha vida ela fica assim como atleta e como técnica muito paralela/, e eu falo muito assim: “Que bom que foram pessoas que eu conheci lá atrás que me ajudaram muito aqui na frente como treinadora” foram mulheres indicando uma outra mulher, porque talvez não fosse ter esta oportunidade com homens no caso, estou colocando isto porque esta é uma das dificuldades que a gente tem e eu sei que o teu trabalho fala um pouquinho em relação a isto. Então o que eu fiz aqui atrás como jogadora, e o trabalho que eu fui ter nas categorias de base e que as duas continuaram me acompanhando e sabendo o que estava acontecendo, deram a credibilidade de eu estar, então dela me dar a oportunidade graças a Deus, estou aí fazem quatro anos com ela trabalhando. Para mim isto é a coisa que mais me marca e quando eu pego a conquista da Liga B quando a gente teve acesso, tipo o filme que me veio foi quando eu fui jogadora, pensei: “Nossa, essa emoção toda eu tive lá atrás. É a mesma emoção só que agora em um papel diferente” então isso daí para mim é uma coisa que eu sempre falo e que eu tenho bastante orgulho disso; sei que eu tenho muita coisa ainda para conquistar, para trabalhar; não sei se eu vou conseguir tudo aquilo que eu tanto almejo, mas eu digo assim: “Nossa, se eu morresse hoje eu estaria feliz” porque eu pelo menos cheguei em um ponto que eu gostaria, tem outros que eu quero conquistar, então para mim isto é super marcante assim.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

T.S. – Dificuldade sempre temos, em todas as profissões elas acontecem. Na minha profissão eu costumo falar que não se mata um leão por dia, mas temos que matar três, porque cada período esse leão está em um lugar. Mas a maior dificuldade que eu encontro é que o meio do voleibol é bem machista e eu já tive que enfrentar esse machismo. Já tive que enfrentar dificuldade financeira, tive que gerenciar resultados, pois somos cobrados para ter resultado, esta pressão precisamos saber lidar, isso eu já enfrentava quando era jogadora, então fazia parte. Só que a diferença de quando você é jogadora, é que o seu adversário está do outro lado, ele é do mesmo gênero que você, então você luta de igual

para igual. Agora quando você sai para os bastidores, para o lado da quadra, tudo muda de ótica. Eu acho triste ainda acontecer este tipo de situação, claro que não posso e nem devo generalizar, porque eu tenho pessoas assim que estão em volta de mim e que são maravilhosas, que me olham como profissional, que acerta, que erra e que tem que ser chamada a atenção, que é cobrada e faz parte. Mas quando você se depara com situações por você ser mulher é muito difícil de lidar. Já enfrentei pessoas que falavam de uma forma comigo e tenho certeza que jamais falaria com um outro homem da mesma forma. Isso infelizmente é algo que mais me afeta. Estou aprendendo a lidar com isto e tenho conversado bastante com amigos homens sobre o assunto, pois não quero me vitimizar, quero entender o que realmente se passa na cabeça das pessoas que estão a minha volta.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

T.S. – Eu não me sinto realizada ainda, porque eu acho que é uma busca constante, sou muito perfeccionista e acredito que estou só no começo desse meio. Eu tenho orgulho e estou feliz pelo momento que estou vivendo, porque olho lá para trás e falo que estou onde gostaria de estar, porém não da forma como eu quero ainda. Eu sei que tenho que galgar muita coisa, tenho que trabalhar muito duro para me manter onde estou. Eu dei só o primeiro passo nesse universo do esporte onde tem muita gente boa, excelentes profissionais, mas estou batalhando para conquistar meu espaço e crescer profissionalmente. Tenho como objetivo também no alto rendimento, manter meus valores e os meus princípios, pois o ambiente propicia desvio de conduta e de caráter, por isso é muito importante manter os “pés no chão” para atingir as metas de uma forma saudável. Faço essa colocação de não perder meus valores, pois esse meio competitivo, onde se busca o resultado e se tem um mercado profissional muito restrito, você se depara com pessoas que ultrapassam alguns limites para conquistar o que querem. Penso que para conquistar seu espaço, seus objetivos, devemos fazer com honestidade esperando nossa hora chegar.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

T.S. – Eu posso falar que no meu primeiro emprego era metade acho que de um salário mínimo, aí depois que chegou no salário mínimo [riso]. A área da educação física infelizmente para começo principalmente, tem grandes dificuldades, não acho que

sejamos tão valorizados como deveríamos. O começo da minha carreira foi super complicado, o que complementava minha renda era o salário que eu tinha como jogadora. Porém, felizmente pela minha dedicação a profissão, tudo foi melhorando. Trabalhei em clubes que além de eu receber o salário do clube tinha a parceria com o colégio, onde participávamos de jogos escolares, e isso era mais complementos para a renda. Profissionais de voleibol normalmente tem mais de um emprego para ter um salário mais digno, percebo que tem muitos profissionais que acabam desistindo da área do voleibol por conta do salário baixo. Minha área de atuação é na minha cidade, e isso facilita, agora se eu saísse para trabalhar em outra cidade com certeza seria muito mais difícil, pois se tem muito mais gastos. A remuneração da grande parte dos profissionais da área de voleibol ainda não é a ideal, por tudo o que temos que estudar, trabalhar. Imagina se eu fosse cobrar tudo o que eu faço de madrugada, olha o quanto de hora extra e adicionais noturno eu teria, não é verdade [riso]. O que normalmente conversamos na área é que viver apenas de um emprego não dá. Até o alto rendimento apresenta dificuldades, sabemos que os profissionais que melhor ganham são os que estão em equipes de grandes investimentos, porém conheço profissionais que são gabaritados e que estão sem emprego. Esta valorização digna e estabilidade na carreira de técnico(a) de voleibol ainda é algo que precisa melhorar muito em nosso País.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

T.S. – As minhas referências como falei em outros blocos, é o Bernardinho tanto pela forma como ele trabalha em quadra com as atletas e com a sua comissão técnica, como também pela liderança que exerce e, que eu acredito que seja um diferencial entre os outros. Tenho também como referência em gestão, a Gisele Miró, que é a fundadora da equipe que trabalho hoje, ela trouxe novamente para nossa cidade um conceito do alto rendimento na modalidade que eu trabalho e isso tem gerado grandes ganhos para as categorias de base e também abriu um mercado de trabalho para os profissionais que querem vivenciar e até atuar no voleibol profissional. Minha outra referência é a treinadora Lang Ping (técnica de voleibol da China), tanto pela história dela como atleta e os resultados que conquistou para seu País, como também pelo trabalho que tem feito como técnica da equipe chinesa. Sabendo da cultura, da política chinesa, como funcionam, ela se torna um grande exemplo de profissional, ela é uma líder mulher que é reverenciada em todo o País, então na minha concepção isso é digno de muito respeito.

Essas pessoas que citei acima considero que são merecedoras do sucesso, além de serem grandes exemplos.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

T.S. – Hoje eu não tenho muita relação com treinadoras mulheres no profissional, na Superliga são doze equipes, a primeira temporada que eu trabalhei como assistente técnica, tinha outra mulher também atuando no cargo de assistente técnica. Porém, Brasília caiu de divisão, ficando na atualidade em cargo de comissão técnica apenas eu como mulher. Quando eu trabalhei na base tive mais contato com técnicas mulheres, porém ainda não eram muitas na minha região. Eu tive uma colega de profissão, adversária aqui na região que tínhamos um bom relacionamento, pois compartilhávamos das mesmas dificuldades na profissão. Só para você ter uma ideia, que acho que é interessante, quando viajávamos com a base para as competições, e não tinha espaço para as mulheres ficarem no alojamento, sempre teve para homens, tinha uma ou duas salas para homens e nós mulheres tínhamos que ficar com as atletas, até porque a concepção das pessoas que estão gerindo a competição é a de que como é mulher, então é como se fosse uma mãe e deve ficar com as atletas, para que possa cuidar delas, então quer dizer que o homem não precisa cuidar da equipe dele isso era algo que nos deixava frustradas. Mas sempre pleiteávamos um espaço para ficar separadas e para que pudéssemos trabalhar. Quantas vezes ficamos de madrugada trabalhando fora da sala, para não incomodar o descanso das atletas, era um grande desconforto. Depois quando conseguimos um espaço só pra gente, facilitou muito o nosso trabalho. Com os homens, quando eu comecei a minha carreira, por alguns me conhecerem como atleta, demonstravam respeito, são colegas que tenho grande admiração e consideração. Outros ao longo do tempo acabaram mudando o comportamento comigo e conseqüentemente eu também comecei perceber que isso se dava aos resultados que o trabalho começou a apresentar, então faz parte do processo. Mas de uma maneira geral na categoria de base eu não tinha grandes problemas, porém no profissional agora como eu sou nova no meio eu passei por alguns “apertos”, situações que considerei bem machistas que são difíceis de se lidar.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

T.S. – Olha, na minha concepção vai contribuir, pois quando tem mais de nós é mais fácil para compartilhar as dificuldades e tentar achar algumas soluções em conjunto. Já conversei com algumas mulheres que trabalharam no profissional como estou hoje, já tive relatos de mulheres que não passaram por situações que eu passei, por exemplo atitudes machistas, porém teve mulheres que passaram por situações bem piores que a minha. Esses tipos de depoimentos para mim são importantes, pois aprendo com elas, vejo a forma que lidaram, o que deu certo para elas e o que não deu e, assim procuro resolver os meus problemas. Se tivermos mais mulheres nas comissões técnica de qualquer modalidade, facilitará até em contratações e mais poder de decisões no meio. Eu me sinto como uma sobrevivente no meio, e sei que a hora que eu sair, vai demorar para vir outra e quando vier passará pelos mesmos problemas que eu passei e que outras passaram, e o ciclo vai se repetindo ano após ano, ciclo tão difícil de se quebrar.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

T.S. – Na categoria de base como eu trabalhei bastante tempo sei que existem muitas mulheres competentes trabalhando, mas no adulto é mais difícil de encontrar. Essas mulheres que conheci acredito que poderiam estar trabalhando tranquilamente em CTs de alto rendimento também; claro que tem outras variáveis: é patrocinador, é a região as vezes, mas elas acabam não saindo assim como eu; a minha luta como atleta de ter um time de alto rendimento na cidade foi a mesma agora eu como treinadora, como CT, para que tivesse na minha cidade, porque é muito difícil sair, alguém de fora me chamar, eu vou ter que ser 100%, extremamente competente para aquilo, mostrar grandes resultados, mas é muito difícil você sair da tua cidade, é família, filho, eu ainda não tenho esta situação. Dei uma entrevista uma vez, e na base o que o pessoal pensa: é mulher então ela tem jeito para trabalhar com a categoria de base com as atletas, sejam com os meninos ou com as meninas, por este espírito mais materno; eu acredito que seja uma percepção muito errônea, porque a mulher ela está ali como uma profissional e existe uma sensibilidade diferente sim, com certeza, isso é normal, os gêneros tem as suas situações diferenciadas, mas a percepção é que mulher na base combina, mas mulher no alto rendimento é mais difícil porque aí não aguenta pressão, então assim, isso eu já ouvi também, e ouvi na entrevista que eu dei, que estava a Isabel, não, foi a técnica de Araraquara que comentou sobre isto que eu ouvi não foi para mim, ouvi para outras mulheres, mas ela no caso relata

por exemplo que aconteceu com ela, de falarem em uma competição de base que “Você pode falar com o atleta “x” lá, o menino, porque está acontecendo tal coisa” tudo bem pedir ajuda para colega de trabalho, mas a percepção dele é “Eu não pergunto sobre a parte técnica e tática, sobre isto eu não converso com você como mulher, mas eu falo comportamento, como se fosse o teu filho aqui” então assim, isso é bem complexo, e pela questão no adulto, “A mulher não aguenta pressão” porque é difícil você chegar com uma rotina igual a que a gente tem agora durante a Superliga, é de segunda a segunda, então por exemplo, eu fiz uma opção, eu optei por não ter filhos, porque por exemplo, na minha concepção se eu tivesse filhos eu iria trabalhar meio período, eu ficaria ali com a base, teria ali um adulto, mas uma coisa mais regionalizada, eu não ia encarar este tipo de situação por exemplo na minha cabeça não sairia, mas eu fiz realmente esta opção porque eu queria trilhar este caminho, mas muitas mulheres acabam não trilhando o adulto, o alto rendimento, porque daí elas escolhem continuar com o voleibol na base ou em um adulto mais regional, que não exige tanto de que ela fique fora de casa, para que daí você construa a sua família, eu no meu caso eu já não fiz tanto esta opção. Agora, tem uma situação que acontece, tenho até alguns estudos, porque eu gosto de ler artigos, principalmente os que falam de mulheres no esporte, para ver o que está acontecendo no mundo, ou se é só comigo, a síndrome do patinho feio. O que tenho visto é que pelo meio ser muito pesado pela questão da pressão e tudo mais, a mulher normalmente que tem filho ou com marido, abandona mais fácil o alto rendimento, eu já tive problema no meu relacionamento justamente por causa desta vida louca, de não parar em casa, não ter tempo para a família. A “síndrome de Burnout”¹²² acomete muitas mulheres, porque é difícil, nós mulheres somos mais sensíveis e não tem como dizer que não, as vezes a gente quer dar uma de durona e lógico que a gente aguenta todas as pressões, só que tem uma pressão a mais que como você fez a primeira pergunta e que foi perfeita: se eu vejo mais mulheres do outro lado eu posso ainda ter uma troca e desabafar, só que como eu só vejo homens, eles não vão entender como é para mim e vão me taxar de frágil e sem a capacidade de suportar, então se eu não consigo compartilhar minhas aflições como eles conseguem fazer com seus pares, eu não terei o suporte necessário para dar continuação na jornada.

¹²² Distúrbio psíquico causado por exaustão extrema, prejudicando aspectos físicos e emocionais do indivíduo.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

T.S. – Com certeza [riso]. Olha eu tinha uma resistência em falar feminista, eu tinha uma certa resistência porque às vezes quando você fala feminismo parece uma coisa mais radical, só que eu comecei a trabalhar a minha linha, que é tentar entrar em um equilíbrio, não levar nada para o extremo, eu sempre fiquei me policiando muito para falar sobre esse assunto, mas ele sempre vem à tona e eu não posso me calar. Existe um preconceito sim, porque olha-se como mulher – gênero - não se olha como uma profissional “O que ela sabe? Quais as competências que ela possui para trabalhar com aquilo? Independente do gênero que ela tem, então como os homens se veem muito em pares, para eles então quando sai um diferente parece que aquela pessoa não vai ter a condição ou a capacidade de fazer as coisas, eu vejo que é muito cultural também, falamos que as gerações estão mudando, mas infelizmente nesse quesito, machismo, eu ainda não estou vendo a mudança necessária. Achei que eu ia chegar neste momento e iria ver mais mulheres no meio ou atitudes diferentes de alguns homens, claro que não generalizo, mas o preconceito ainda existe.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

T.S. – Nossa, aí é complicado: eu leio muito também sobre o feminismo negro, então para mim como mulher, que me intitulo branca apesar de ter familiares que são negros, já é muito difícil achar um espaço no mercado de trabalho do esporte de rendimento, imagina o quão difícil deve ser encontrar um espaço no mercado de trabalho do esporte para as mulheres negras. A presença da mulher seja da raça que for, aqui no Brasil é praticamente inexistente. Eu já tive inúmeras vezes vontade de desistir pelas situações preconceituosas que passei, imagino para elas, mulheres negras, o quão difícil deva ser. Eu lembro de uma mulher negra em comissão técnica no esporte, que atualmente não sei como ela está profissionalmente, pois não a vi mais atuando. Esse assunto de mulheres em comissões técnicas, seja o esporte que for, é algo que me faz refletir demais e me deixa muito triste, pois a nossa realidade tá bem difícil de se transformar.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

T.S. – Eu não vejo diferença. Eu jogava em 1997 e tive uma técnica mulher, apesar que ela relata que ela não sofria certo preconceito, ela comenta que tinha um bom relacionamento, mas eu também tenho um bom relacionamento só que hoje a gente fala mais, naquela época não se falava tanto, então talvez a percepção dela assim é um pouco diferente, porque hoje questionamos mais, hoje corremos mais atrás dos direitos que temos, brigamos mais por estas questões. Na época que ela era técnica no alto rendimento e que ficou por pouco tempo, tivemos como técnica em alto rendimento algumas jogadoras da seleção, só que mesmo com tanta bagagem, não permaneceram tanto tempo como tem homens que estão nessa jornada faz mais de trinta anos trabalhando no mesmo clube. Então desse período que citei, de 1997 até 2020 não mudou, o que eu acredito muito é que as poucas mulheres que tem elas questionam, elas se posicionam, mas está difícil de ouvirem as nossas vozes, está difícil de abrir esse caminho, porque não é só a tua competência que está em jogo, mas ainda te veem pelo gênero que você tem. Você pega a seleção brasileira de base e você vai ver foto do feminino, masculino onde a comissão técnica é inteira masculina. Aí me pergunto, será que não tem mulheres que não possam estar lá também?

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribui/u para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

T.S. – Ela contribui, mas ela não rompe ainda, porque não conseguimos quebrar isto, vai ficar difícil de quebrar, e isso não é pessimismo, isso é racionalizar e entender como está funcionando o contexto. Eu, por exemplo, dei uma pausa na minha carreira em 2012, por situações que aconteceram sobre o assunto que falamos, preconceito, machismo. E na época me aconteceu uma situação que eu não esperava, mas que fez diferença para eu voltar depois de alguns anos e tentar lutar e acreditar nessa causa de termos mais mulheres em comissões técnicas. Eu ouvi de uma ex-atleta, que jogava e estava cursando educação física e estagiando no vôlei, um relato assim: “Poxa Tati, mas você parou? Você era uma referência”. Eu não era a melhor técnica, tinha gente muito melhor do que eu, mas no momento eu era referência como mulher, aquela frase ecoou na minha mente, talvez, se ela tivesse falado antes eu tentaria continuar, mas eu já tinha tomado a decisão, aquilo ali me marcou muito. Quando eu retornei às quadras, fico pensando muito nesta situação e quando penso em desistir por considerar que não preciso me expor a toda essa situação preconceituosa, eu lembro daquela frase que ela falou lá atrás e penso que preciso ser

forte para dar continuação na caminhada. Não sei até onde aguento, mas vou tentar o máximo que posso, para que eu possa de alguma maneira mostrar para meninas e mais mulheres que dá para chegar lá através de trabalho e persistência.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

T.S. – Nossa, vai parecer que eu sou pessimista, mas eu não acredito na popularização para as mulheres trabalhando com o voleibol, no alto rendimento eu não acredito infelizmente ainda. A gente vai ter que quebrar muita barreira, porque que nem eu falei: mais de vinte anos que estou aí no voleibol, pensando em rendimento e isto daí não mudou? Não acredito, é um trabalho ainda a longo prazo; eu não acho que daqui dez anos, vinte anos vai se popularizar: será um trabalho muito árduo ainda. Na base teria que fazer um estudo, pode ser que na base tenha um certo equilíbrio entre mulheres e homens com cargo técnico, sei que no rendimento não tem, e nós estamos falando de voleibol, pois nas outras modalidades eu já li alguns artigos que também é difícil ver mulheres em lideranças. No futebol feminino agora está muito bacana, estão brigando muito e conseguindo bons resultados, acho que estão até mais organizadas do que no voleibol neste sentido. Os desafios são muitos para nós mulheres, ter que conciliar a vida profissional com a vida familiar e afetiva, saber que precisamos dar conta de tudo isso enfrentando grandes jornadas de trabalho, faz que certas escolhas se torne um grande conflito e algumas vezes um fardo em nossas vidas. Se deparar muitas vezes com a falta de reconhecimento após se dedicar a tudo que citei acima, deixa qualquer profissional mulher insegura a tentar esse cargo e espaço de técnica.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

T.S. – Eu vou falar das experiências que eu tive dos lugares onde trabalhei: as diferenças elas acontecem pelo cargo, então por exemplo, o técnico, o assistente e o auxiliar, recebem valores diferentes. Mas eu me considero privilegiada nesse quesito, pois os lugares onde trabalhei, com as dificuldades que tinham em cada instituição na verdade, nunca recebi diferente de um homem. Então no esporte e nos locais onde eu trabalhei, e conversando também com as mulheres que eu conheço, nunca foi questionado isto “Nossa, o cara que é o mesmo cargo do que eu, ele também é auxiliar e ganha mais do que eu” não, aqui para gente eu nunca ouvi isto, não sei para as mulheres que você entrevistou, mas vejo assim, que nem nas categorias de base que tem os projetos de lei

existia um padrão, então não interessa se você é homem ou mulher, a política é: técnico é tanto, assistente é tanto, carga horária vinte horas é tanto, quarenta horas é tanto, então é legal porque você vê carga horária e você vê o cargo. Isto para mim, aonde eu estou, os lugares onde eu passei, isso não aconteceu, graças a Deus, é uma coisa a menos para poder brigar [riso]. As remunerações são baixas como já coloquei em questões acima, mas não tem diferença por ser mulher ou homem.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

T.S. – Um comentário que eu queria fazer é sobre a instabilidade financeira que nosso País passa, isso se torna um grande problema para o esporte seja de base ou do alto rendimento. Cada ano que passa tem sido mais difícil fazer esporte, são poucas as políticas públicas para melhorar o esporte no Brasil ou programas que estimulem que mais mulheres possam trilhar o caminho do esporte profissional. Minha esperança é que hoje podemos contar com ex-atletas em cargos políticos que conseguem ter um olhar diferente diante às necessidades que temos e com boa vontade e dedicação como tinham em campo, quadra, poderão criar mais oportunidade aos profissionais. E saber que temos uma mulher nos representando em um cargo político me gera expectativa de melhorias e avanços na minha área. Eu tenho apenas um dos locais de trabalho onde sou registrada outros por contrato que gera maior instabilidade, eu gostaria de poder em algum momento realmente optar por ficar apenas com o rendimento, me dedicar 100% a isso, porque o salário compensaria todo o esforço e dedicação que tem que ter a profissão. A outra situação que vale a pena ressaltar é sobre situações machistas que já tive que enfrentar e que na verdade aconselho qualquer mulher a falar mais sobre o assunto, não podemos nos calar, não podemos ter medo de nos indispor, se não essa realidade não vai mudar. Eu mesma já tive a oportunidade de falar em uma entrevista sobre o assunto, pois era a pauta em um canal de TV importante e me deixou muito feliz e mais leve, por saber que aquilo que eu dei como depoimento entre outras mulheres, farão com que mais mulheres se identifiquem e saiam a luta, saiam para conquistar seu espaço sem medo de errar, sem medo de ao menos tentar. Fiquei super feliz em saber sobre o tema que está abordando, por isso aceitei a entrevista. Sei o quão difícil será mudar essa realidade, mas quando temos oportunidade de falar sobre o assunto em qualquer meio de comunicação e expressão, temos que valorizar. Precisamos de pessoas como você que se preocupa em

entender o que está acontecendo no contexto feminino e que de uma certa forma dar oportunidade para falarmos qual a realidade que estamos vivendo. Torço para que o seu trabalho vire um artigo, que saia para o mundo porque considero muito importante abordar esse tema. As mulheres precisam parar de ter medo de falar, eu já tive medo de dizer que sou feminista, porque nós estamos lutando por oportunidades melhores, por respeito na profissão e reconhecimento. Não estamos contra ninguém, só estamos lutando pelas nossas causas, pois queremos ter o direito de escolhas de viver em qualquer meio sem se preocupar com o que vão pensar ou como vão agir em nossa presença. Então estou super feliz de poder falar sobre o assunto e aproveito para agradecer você de coração, pela forma como pontuou essas questões. Fiquei bem orgulhosa na verdade, porque foram questões que me levaram a refletir mais sobre o meu papel na minha profissão. Parabéns pelo teu trabalho, te desejo muito sucesso, obrigada pela oportunidade em poder falar sobre as mulheres. E se você precisar, estou à disposição.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE L
ENTREVISTA FRANCINI BRAVO

Figura 12 - Francini Bravo em atuação pelo São Caetano em 2017



Fonte: Acervo pessoal de Francini Garcia Bravo.

Data da entrevista: 23/11/2020

Horário da entrevista (início): 09h00

Horário da entrevista (término): 10h15

Nome da participante: Francini Garcia Bravo

Idade: 41 anos

Naturalidade: São Paulo

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: casada

Tem filh@s? () sim (x) não

Quant@s?

Grau de escolaridade: graduação em educação física e mestrado na área de voleibol, realizando uma análise das categorias de base no voleibol feminino

Profissão(ões): sou professora de educação física pela minha formação e eu atuo como técnica de voleibol e personal trainer

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

F.B. – Se for falar do início mesmo foi na escola com a educação física escolar; tive o privilégio, podemos dizer assim, de estudar em escola particular, e meus professores abriam muitas oportunidades: tive ginástica olímpica e várias outras atividades que eu acredito que me ajudaram a experimentar coisas diferentes além dos quatro esportes coletivos. Foi esse início basicamente lá na escola mesmo, oitava série, sétima, por aí.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

F.B. – Também tive aquela infância que na minha visão é aquela mais aberta, onde eu brincava na rua. Com brinquedos acho que brinquei bastante de boneca, andei de carrinho de rolimã, brinquei de “skate”, empinava pipa. As brincadeiras que eu lembro que não estavam atreladas a estes materiais era brincar de pega-pega, taco, queimada, enfim, estas brincadeiras muito mais de rua que eu lembro que eu fiz bastante; e também jogava futebol. E com quem? Acho que boneca mais sozinha um pouco, talvez uma amiguinha ou outra, e as demais brincadeiras com os amigos da rua, eram pessoas mais aleatórias, vizinhos da rua, meus primos também quando viajavam para a casa dos meus avós; era mais ou menos isto.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

F.B. – Eu falei quais foram as minhas experiências que os professores propunham, mas confesso que eu tive muitas frustrações [riso], principalmente na parte de ginástica olímpica, porque eu gostava muito, mas eu era muito ruim, então quando eu ia pular o plinto eu dava com a canela no plinto, virar mortal inverso lembro que tinha uma menina que fazia muito bem e eu queria fazer, mas não conseguia. Foi uma fase gostosa por um lado, mas também por várias frustrações por outro lado. E os esportes coletivos eu jogava vôlei, basquete, futebol, handebol, participava daquelas olimpíadas escolares, aquelas interclasses, eu sempre fui aquela menina: “Quem quer participar disto?” aí eu ia e levantava a mão para participar; “Quem quer fazer o atletismo?” eu queria ir, então ia para todas; não sei de onde vinha isto, para ser bem honesta, mas eu sempre queria participar das atividades da escola, competir, então tiveram estas experiências também dentro dessa fase inicial.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

F.B. – Aí já foi mais voltado para o vôlei, porque na oitava série, meu primeiro colegial, foi mais ou menos por ali que um professor meu falou para eu buscar o clube, minha mãe me levou para o primeiro clube, eu fui péssima, porque não sabia jogar direito perto das meninas que sabiam jogar, e a minha adolescência depois eu fui para um clube de nível menor vamos dizer assim, e fui me desenvolvendo. Minha adolescência foi em cima do

vôlei: competi, joguei federação, não fui uma grande jogadora, então a minha adolescência ela se desenvolveu sobre o estudo e o vôlei.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

F.B. – O vôlei foi naquela época da escola, até a oitava série eu acabei descobrindo que eu queria praticar o vôlei, fui buscar os clubes, comecei a jogar. Aí chegou aquela época de estudar, fazer a faculdade ou continuar jogando, e minha mãe sempre me pressionava muito para eu fazer faculdade, então entrei na faculdade ainda jogando, mas aquele jogar ainda em clubes sem futuro sabe [riso], clubes que a gente sabe que não ia dar em nada, mas não tinha ainda aquela coragem de largar. Na faculdade de educação física tive a oportunidade de ser técnica do time masculino, confesso que eu não sei como aconteceu, não me lembro, mas sei que apareceu a oportunidade e é aquela velha história: eu como bem atrevida que sou, lá vou eu, e fui técnica se não me engano por quatro anos do time da faculdade. Depois fui estagiar em um clube que chamava Hebraica, de São Paulo, e eu conheci o Antônio Carlos Moreno¹²³ que jogou vôlei e ele era coordenador do vôlei lá, e quando eu terminei o estágio no Hebraica ele começou no Projeto Futuro no Ibirapuera¹²⁴ e me convidou para trabalhar lá, então aí começou efetivamente meu trabalho como técnica de vôlei, nesse projeto no Ibirapuera em 2001.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

F.B. – Se eu falar para você que eu escolhi, se falasse: “Olha, você tem estas opções, qual você escolhe?”, não é verdade. Tive algumas frustrações enquanto atleta perante os técnicos, então quando fui tendo as oportunidades de trabalho, fui gostando de tentar passar experiências diferentes das que eu tive e acho que também passa pelo gosto por ensinar: você começa com um time que as vezes você não imagina o potencial que as meninas têm de desenvolvimento, quando você vê este desenvolvimento, esta coisa acontecendo que teve o seu trabalho ali envolvido, com o trabalho delas também claro, é gratificante. Essa coisa de você poder ensinar, poder passar para as atletas e ver elas evoluindo tanto como atletas, quanto como pessoas. Essa coisa de você passar o conhecimento, passar experiência, fui me apegando, mas se eu te disser que lá atrás na

¹²³ Ex-jogador de vôlei brasileiro, com passagem pela seleção desde os dezessete anos. Após encerrar a carreira como jogador iniciou a carreira como treinador.

¹²⁴ Bairro localizado na região centro-sul da capital paulista.

faculdade, me dissessem: “Você tem estas opções, qual você escolhe?”, não foi isto que aconteceu; acho que foi uma coisa meio que indo de acordo com o que eu já conhecia, que era o vôlei, que eu gostava, eu queria continuar envolvida com ele, acho que foi o meio que eu encontrei para continuar envolvida com o esporte que eu gostava e eu fui descobrindo o que era ser uma técnica de voleibol.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol?

Houve apoio de seus familiares e amigos?

F.B. – Não, acho que não. A minha mãe sempre foi a pessoa que mais me apoiou nas minhas decisões. Ela por um lado sempre me apoiava no que eu gostava de fazer, então já que a educação física foi o que eu gostei para estudar, ela queria era que eu estudasse. Ela não foi aquela pessoa de falar: “Olha, vamos fazer medicina ou você tem que fazer advocacia” não. Ela disse: “Você quer fazer educação física? Então está bom. Vá e faça bem feito”. E quando os trabalhos foram surgindo foram conquistas da área, ela sabia que eu gostava do vôlei, eu acho que foi mais isto. Agora, de algum técnico ter me inspirado a começar, para ser bem sincera, não. Talvez eu poderia ter técnicos que me inspiraram a não ser técnica [riso], igual te falei, aquelas minhas experiências negativas, mas confesso que não.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

F.B. – Eu nunca fui muito apegada aos preconceitos. É lógico que em relação a raça talvez eu não possa me colocar no lugar de uma pessoa negra, por exemplo, que eu não sou, mas eu não sou preconceituosa. E em relação ao gênero, eu também nunca fui apegada a isto, nunca prestei atenção se eu estava sofrendo preconceito para ser bem honesta. Acho que da minha parte não percebi que alguém tenha feito algum questionamento ou alguma observação.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

F.B. – Sim, a CBV foi o 1 e o 2, que hoje é o nível 3, mudou a qualificação quando eu fiz, então eu sou nível 3. Eu fiz pós-graduação também em voleibol e fiz o mestrado em voleibol. Como o meu marido fala, eu respiro voleibol, trabalho voleibol e jogo voleibol, e assim vai [riso].

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

F.B. – Fiz a pós-graduação em voleibol pela FMU e meu mestrado foi voltado para o voleibol. No decorrer também desta trajetória fiz alguns cursos: treinamento a longo prazo, por exemplo, até estatística no voleibol, então fiz alguns outros cursos que pudessem me auxiliar nestas áreas que a gente sabe que o voleibol ou o esporte mundial permeia.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

F.B. – Primeiro fui técnica do Projeto Futuro lá em Ibirapuera, e comecei como técnica do mirim; cheguei a ser técnica do infanto-juvenil feminino, na época as categorias eram assim; se for hoje é sub-15, sub-17 e sub-19. De lá fui para o Banespa como técnica do infantil (sub-17) e assistente do sub-19. Depois voltei para Ibirapuera como técnica do infantil, que é o sub-17 e assistente do sub-19. Fui para São Caetano como técnica do infantil e assistente do sub-19, depois trabalhei como técnica do infantil e técnica do sub-19, pois o técnico lá saiu, acabamos participando de alguns campeonatos do adulto lá, fui como assistente e acabei sendo técnica também por conta de uma situação que eu acabei precisando ser técnica do adulto em uma sessão específica. E trabalhei um pouquinho com vôlei de areia também em São Caetano com as meninas do sub-21. Além disto, trabalhei com os meninos na faculdade como eu falei, e eu fui técnica também da atlética¹²⁵ da Farmácia aqui na USP¹²⁶. Recentemente tive uma experiência de trabalhar nos Estados Unidos, fui trabalhar em um clube lá, e as categorias nos Estados Unidos são um pouquinho diferentes, é por ano, então eu trabalhei no time de quatorze e no time de quinze anos, fui técnica de duas equipes.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

F.B. – Hoje não dá para a gente falar que tem uma rotina [riso], então assim, quando eu estava lá em São Caetano a nossa rotina era da seguinte forma: as meninas faziam a parte física primeiro, por volta de dezesseis horas, dezesseis horas e trinta minutos elas iam para a academia; as vezes eu acompanhava a academia ou as vezes eu precisava ministrar

¹²⁵ Associação independente de alunos que tem por objetivo a integração dos alunos por meio da prática esportiva.

¹²⁶ Universidade de São Paulo.

também a parte física, pois as vezes acabava precisando; e aí depois às dezoito horas a gente ia para a quadra e eu ficava até as vinte e duas horas. Das dezesseis às dezoito horas eu trabalhava com o sub-17 e das dezoito às vinte e duas horas eu trabalhava com o sub-19.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

F.B. – Eu sou “personal trainer”, pela manhã.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

F.B. – Olha, já realizei. Já dei aula na USP, dei aula na pós-graduação da FMU, dei umas palestras, vamos dizer assim, mas no momento não.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

F.B. – Teve a primeira equipe que trabalhei que era do time masculino da faculdade. Foi muito marcante por ter sido a primeira experiência e por ter sido com homens. Mas foi *muito legal*. Eles foram super bacanas comigo. Aí teve o Ibirapuera e que marcou por ter sido o primeiro emprego formal, com salário e no voleibol que eu tanto queria, além dos resultados muito bons que obtivemos para uma equipe que estava começando, como por exemplo, quando chegamos à final do Torneio Início que foi um feito histórico vamos dizer assim, para o projeto. E de lá perduraram muitas amizades com as meninas até hoje. Porém, tive minha saída de lá complicada. Infelizmente precisei deixar minha equipe quase no final do campeonato, umas das melhores que havia trabalhado, por conta de questões internas. Dessa experiência negativa que eu tive, foi aonde me despertou a vontade para trabalhar em outro lugar, e aí prestei o concurso e passei. Então é aquela velha história: há males que vem para o bem; este foi outro ponto marcante para a minha carreira, ter passado em um concurso para trabalhar com o voleibol, em uma cidade aonde pelo menos na época você tinha muito apoio, a prefeitura apoiava vários esportes, você tinha boas condições de trabalho, então foi outro momento da minha carreira muito boa. Em São Caetano minha primeira equipe foi o infantil. O primeiro torneio que eu participei com as meninas a gente foi vice-campeã, embora não tenha sido campeã, mas o segundo lugar dependendo do processo que você passa é super reconhecido também, então ali tive

várias conquistas: teve a Taça Paraná¹²⁷ que é disputada lá no Sul, e lá a gente joga sempre com uma idade acima, então fui com a equipe infantil jogar na equipe infanto, teve um ano que nós fomos quarto colocadas, foi nesse primeiro ano; em 2018 ficamos na terceira colocação, então foram também momentos muito bons. Nós fomos campeãs adultas na primeira divisão comigo trabalhando na comissão técnica; aquela situação que eu comentei que eu fui técnica do adulto em virtude da situação, para mim também foi uma experiência muito marcante. Tiveram vários momentos ali em São Caetano que marcaram bastante.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

F.B. – Acho que esta do Ibirapuera foi uma das minhas maiores dificuldades, porque embora eu tenha a oportunidade de outra profissão que é a de personal, na época que eu fiquei dez meses sem receber eu não morava mais com a minha mãe: eu tinha alugado uma casa, dividia casa na verdade com outras duas amigas e se tinham contas a pagar. Foi a fase mais difícil para mim e mais decepcionante pela postura de algumas pessoas, pela questão de eu ter que deixar a equipe de um lugar que eu tinha me dedicado por tanto tempo para trabalhar. Acho que foi o momento mais difícil da minha carreira até hoje, não só difícil como decepcionante, pela postura das pessoas e pela postura que eu precisei tomar também de ter saído.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

F.B. – Teve outro ponto também que eu esqueci de mencionar, engraçado [riso], eu estive como técnica da seleção paulista por quatro anos, então este foi um dos objetivos da minha carreira que eu sempre quis e que foi concluído. Não sei se eu gostaria de chegar em uma seleção brasileira, mas que eu gostaria de representar o meu País, seja pelo clube, vamos imaginar que eu fosse disputar um campeonato mundial de clubes, não sei, um campeonato sul-americano de clubes, enfim, eu gostaria muito de ter esta possibilidade de viajar com o voleibol: acho que meu maior sonho é poder viajar com o voleibol, fazer campeonatos fora. Se eu vou chegar a uma seleção brasileira ou se eu vou voltar a ser técnica de seleção paulista, não sei se tenho tanta vontade em relação a isto, não sei se é através disto que eu vou viajar, mas se precisar ser técnica da seleção brasileira para

¹²⁷ Maior evento de categoria de base de voleibol no Brasil.

viajar, ok [riso]. Me sinto bastante realizada com minha carreira, e falo com todas as equipes que eu trabalho nos primeiros treinos que dou, que eu sou apaixonada pelo o que faço e elas podem ter certeza que estarei sempre procurando fazer o meu melhor para elas, então com certeza sou privilegiada por poder trabalhar com o que eu sou apaixonada, isto são privilégios que não são todos que alcançam e eu me sinto muito realizada por isto.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

F.B. – No início eu lembro que era razoável para mim que estava começando. Hoje o que eu ganho consigo pagar as contas [riso]. Acho que depende muito da pessoa, por exemplo, eu não tenho filhos, então acho que isso me ajuda bastante a me manter com o meu salário; eu não sou uma pessoa de luxo, não sou uma pessoa que tenho o carro do ano, ou que prefere uma roupa de marca, eu não sou esta pessoa que me deslumbre com uma casa grandiosa. Sou uma pessoa que uso o dinheiro que ganho para vivenciar experiências, que é viajar, são estas coisas que eu gosto: sair, passear, jogar o vôlei. Essa coisa de dar para viver do vôlei eu acho que depende, eu consigo viver embora eu tenha a minha profissão como “personal trainer”, mas eu te falo que é ainda mais, como é que eu vou dizer, a palavra agora me fugiu [pausa] é uma renda extra, porque o personal ele é muito inconstante, não dá para você contar, então acho que se eu tivesse que viver só do vôlei hoje eu viveria, porque como eu te falei, eu não tenho filhos, tenho uma vida mais simples, mas se você for pensar em uma mãe com dois filhos, depende, que talvez tenha gastos que eu tenho, talvez seria mais difícil. Acho que vai muito da pessoa e também do lugar que você trabalha, porque como eu trabalho na prefeitura, eu não trabalho com o salário como uma técnica de vôlei, lá é um salário de professora de educação física; não sei como são os salários para ser bem sincera no mercado do voleibol.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

F.B. – Se eu for falar de referências, hoje eu tenho a minha coordenadora como referência, não como técnica, porque eu nunca a vi atuando como técnica, mas acho que a gente tem muito esta similaridade da paixão pelo o que a gente faz, de buscar, de querer fazer. A minha mãe sempre foi uma referência embora ela não seja do voleibol, mas ela também é uma mulher que luta, que batalha. Deixa-me pensar [pausa], porque assim, vou ser bem honesta, eu não conheço o Bernardinho para dizer, eu sei quem é o Bernardinho e sei quem ele é pela televisão, e as histórias que sei sobre ele parece ser uma boa pessoa

também. Referências acho que eu teria das pessoas que estão próximas a mim, tem o professor João Crisóstomo¹²⁸ que é uma referência pela capacidade de gerir muito bem os conhecimentos sobre o voleibol, passou a ser uma referência para mim depois dos cursos que fiz com ele, não trabalhei com ele, mas acho que é uma referência [pausa]. Posso citar a Irma, coordenadora de um projeto de voleibol em Osasco, que atuou muito tempo como técnica, me auxiliou no meu mestrado. Outra pessoa que eu acho que tive um pouco mais, não de contato, mas de conhecer um pouquinho mais agora através das “lives” também foi o José Elias de Proença, preparador físico da seleção brasileira de vôlei, embora sempre soube da capacidade, mas quando você conversa com uma pessoa e você vê que a pessoa consegue conversar com você sobre todas as áreas da educação física com tanto conhecimento, você fala assim: “Gente, como é que pode? Como é que entra tanta coisa naquela cabeça?”, então tornou-se uma referência no sentido de eu poder também buscar mais conhecimento, agregar mais conhecimento. Para ser bem honesta, “Nessa pessoa eu me espelho”, eu acho que eu vou conhecendo as pessoas e vou tentando tirar um pouco do que eu posso ter de melhor delas, na experiência que eu tive com ela. Sempre trabalhei muito sozinha, e isto não é fácil, porque justamente a gente fica sem referências também, é difícil eu te dizer alguém que eu tenha trabalhado junto mesmo e tenha me dado referências que hoje eu possa dizer: “Olha, me refiro àquela pessoa sabe, hoje eu sou assim, hoje eu atuo assim por conta daquela pessoa”, para ser bem honesta mesmo, não.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

F.B. – Com as meninas acho que a gente tem uma relação bastante distante, a gente só se encontra nos jogos. Com esta aproximação das “lives”, eu criei um grupo para conversar sobre voleibol, só as meninas, porque eu via grupos só de homens, aí fui chamada em um grupo só de homens em que só estava eu de mulher, falei: “Vou criar um grupo só de mulheres” [riso], com isto criei um grupo só de mulheres. A gente conversa toda semana sobre algum tema específico, mas se eu te disser que durante a minha carreira, eu não sinto que aqui em São Paulo, ou pelo menos comigo, esta proximidade com alguém. A Irma, que como disse, por um tempo me ajudou em algum momento, lá no mestrado, uma

¹²⁸ João Crisóstomo Marcondes Bojikian, atuou como treinador de voleibol durante trinta anos, tendo passado por todas as categorias e atuado em clubes e também na seleção brasileira de base.

peessoa muito experiente, quando eu jogava já era técnica, que também serviu de referência, hoje, sempre que tenho dúvidas, posso recorrer a ela. Ela é uma pessoa que se eu precisar e ligar: “Irma, estou com dificuldade sobre isto. O que é que você pode me ajudar?” ela vai lá, ela já gravou um vídeo para mim explicando algumas coisas, é uma pessoa que talvez eu tenha este contato mais próximo, sobre pedido no sentido de dúvida técnica, tática. Agora, das outras pessoas, agora com estas “lives” estão criando mais este caminho, tendo esta abertura, que nas conversas a gente pergunta: “Meninas, aconteceu isto e isto aqui comigo. O que vocês acham: fiz certo, fiz errado?”. Até então eu não sentia que tinha esta abertura, não sei se todo técnico, mas como eu sou muito competitiva, no jogo ali se discute, você fala alguma coisa, mas até hoje com as meninas não lembro de ter alguma inimiga, vamos dizer assim por conta disto [riso]. Na seleção paulista a minha assistente era uma mulher, na verdade a federação paulista colocou o propósito nesta idade de as mais novas serem duas mulheres, então a pessoa que foi a minha assistente nos meus quatro anos, sempre foi muito parceira, além de ser uma pessoa que eu conheça a mais de vinte anos e que a jogamos juntas, tivemos uma relação bem tranquila. Sempre procurei ouvir as pessoas, mas eu também sou uma pessoa de muita personalidade, então sempre coloquei as minhas ideias, os meus pensamentos. Em São Caetano eu fui assistente de um técnico e que por muito tempo a gente tinha uma relação bem aberto dentro de quadra, ele me ouvia bastante e eu o ouvia bastante. Infelizmente, tivemos um atrito uma vez, mas depois a gente acabou conversando, se resolveu, foram pontos isolados, mas no geral, eu vou ser bem sincera, eu as vezes sou mais difícil de acatar alguma orientação do que na época ele era, ele era mais flexível do que eu, vou ser bem honesta, mas no geral a gente teve um bom relacionamento, tirando acho que esta questão. Com relação a outros técnicos, eu já percebi que alguns tem uma postura em dia de jogo por exemplo, você fala que é fora a pessoa fala que não é, a pessoa cresce o peito, então estas questões do homem querer se impor, isto eu falo mais de adversários, eu já presenciei, pelo menos era a minha percepção, é lógico que eu não posso dizer que esta era a intenção deles, mas é como eu te falei, eu sempre fui uma pessoa muito combatível, então se o cara abrisse o peito para crescer em cima de mim, eu procurava ter uma postura firme e não me intimidava; Vou dizer assim que eu nunca fui aquela mulher que me senti inferiorizada, que me senti menosprezada, primeiro porque eu não queria olhar por esta perspectiva, ou talvez por também não permitir. Nunca deixei os homens se sobreporem

sobre a minha pessoa de uma maneira que fosse me diminuir, isso poderia ser homem ou mulher, vou ser bem honesta, eu não sou uma pessoa fácil [riso].

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

F.B. – De perceber estas questões eu não percebo, mas acho que culturalmente como tudo na sociedade aconteceu do homem lá atrás que era o provedor da família e a mulher era submissa, estas coisas vieram mudando a partir do momento que mais mulheres foram mudando a sua conduta, creio que da mesma forma isso possa contribuir. Mas sou a favor da inclusão feminina, independente da área, desde que esta tenha competência para isso, e não apenas por ser mulher.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

F.B. – Neste momento que a gente está vivendo de um monte de “live” você começa a se ater um pouco mais sobre estas características das mulheres, e muita gente pergunta para mim, já ouvi “lives” para outras mulheres também: “Você não acha que deveriam ter mais mulheres no adulto?”, e a maioria delas que eu ouço e talvez eu me inclua a elas também, a gente tem um perfil mais educador, eu acho que mais de ensinar, e a maioria que ouvi gosta de trabalhar com a base. Acaba-se também, não sei se por causa de uma cultura dentro do voleibol da mulher ser inserida primeiramente dentro da base, nós tivemos algumas mulheres como técnicas no adulto, mas o número é teoricamente pífio, se a gente for colocar dentro do número de técnicos homens, mas eu não acho que as mulheres não tenham capacidade, eu só acho que dentro das que eu conheço, elas não têm vontade, você fala: “Francini, você gostaria de ser técnica do adulto?” Hoje não, hoje eu não me sinto muito capaz para ser técnica de um adulto, porque acho que ser técnica do adulto é outra coisa, na base você ensina e passa o conhecimento, ajuda no desenvolvimento das pessoas; no adulto você está gerindo pessoas já desenvolvidas e muitas vezes o ego delas. Mas acho que nesta parte de gerir pessoas que eu penso que você tem que estar preparada para isto, para mais gerir pessoas do que para de repente desenvolver o atleta talvez, então eu não me vejo ainda preparada, falando por mim, neste patamar de mais gerir do que de trabalhar esta parte de desenvolvimento. Hoje eu me vejo mais desenvolvendo do que gerindo, embora com as categorias de base a gente também precisa gerir, claro. O que eu vejo é isto, as mulheres são culturalmente inseridas mais na base, mas dentro do que eu

tenho percebido a maioria ainda não quer estar no adulto, então gostam de estar na base. Talvez se tivéssemos mais mulheres, talvez mais mulheres se interessariam para ir para o adulto.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

F.B. – Acredito que na base não, mas com categorias mais velhas, como juvenil e adulto talvez. Pela questão de que algumas pessoas acham que a mulher não tem braço para estar em uma equipe mais velha. Porém, penso que se ela tiver uma boa comissão técnica e se ajustar com estratégias de não precisar atacar no treino, por exemplo, não vejo nenhum impeditivo.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

F.B. – Para mim elas são mulheres como as demais, é que nem eu te falei, eu não sou preconceituosa, então de nenhuma forma olharia para uma mulher negra de uma forma diferente de uma mulher branca, ou de uma mulher loira, ou de um homem. Nem sei como te responder isto porque para mim é normal, para mim é uma pessoa, novamente, se ela for capaz, se ela for uma pessoa que se envolve com o trabalho, for uma pessoa capacitada, para mim sem problemas, é uma pessoa como qualquer outra.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

F.B. – Sobre o preconceito em relação à mulher no vôlei, eu sou nula para perceber isto [riso]. Prefiro acreditar que não é por isto, sempre vou acreditar que foram comigo, por exemplo, que é uma falha minha, que eu fiz alguma coisa que não estava coerente, que eu não sou capaz, prefiro acreditar que seja isto, do que pelo simples fato de eu ser mulher; eu acho que é tão pequeno na minha visão, você excluir alguém ou incluir alguém pelo gênero, pela cor, pela opção sexual, enfim, se você tem bigode, se não tem, na minha visão é inútil você qualificar a pessoa desta forma. Na questão sobre a mulher trabalhar com o juvenil e adulto, talvez esteja melhorando, mas ainda esse percebo um pensamento sobre ter ou não braço para trabalhar nestas categorias.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribuiu para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

F.B. – Será que eu tive tanta importância assim? [riso]. Não sou uma mulher que presto atenção nisto. Se a gente for pensar pelo seu lado assim, que está estudando esse âmbito, pelas mulheres que lutam por isto, estão realmente engajadas nesta luta, que veem esta perseguição, acredito que sim, acredito que contribuiu, mas por este histórico, por esta questão cultural que antigamente a mulher nem trabalhar ela trabalhava, acho que a mulher nem era treinadora, não praticava nem esporte, portanto se a gente for pensar nesta evolução cultural das ações femininas acredito que tenha contribuído, mas se eu te disser que eu cheguei lá e pensei “Nossa, eu sou mais uma mulher no mercado de trabalho”, desculpa, eu não pensei nisto.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

F.B. – Com certeza acredito, volto a dizer, na minha percepção hoje eu quero acreditar que não exista: ali tem um projeto esportivo, tem os candidatos, que a pessoa que está fazendo a seleção que ela não vá selecionar o homem ao invés de uma mulher porque ela é mulher. Eu vejo que é uma questão que talvez esteja mudando em algumas comissões técnicas, alguns lugares estão se preocupando em ter mulheres principalmente quando se trabalha com mulher, então acho que isto está acontecendo e que isto é uma forma de abrir mais campos para que as mulheres possam integrar este meio, só que mais uma vez: se elas quiserem. Uma situação que percebi foi a Federação Paulista requisitar apenas mulheres para serem as técnicas da seleção sub-16. Então isso pode sinalizar uma mudança. E agora você disse em relação aos maiores desafios no processo de popularização, ainda acho que o desafio é quando você tiver trabalhando com homem, a sua postura em relação a eles quando eles tiverem alguma postura a qual não te agrada. Algumas vezes acabei ficando sem jeito por estar entre homens e os mesmos terem assuntos que, na minha opinião, não precisava ter comigo presente. Talvez para os homens a mesma coisa se você for pensar no inverso: imagina duas mulheres e um homem, e aí a mulherada lá fofocando, falando mal da outra, o homem ali também naquele meio vai se sentir de uma outra forma mais deslocado talvez, vai ter que tentar se ajustar ou vai se excluir dali, então a gente sabe que são mundos diferentes e que o desafio do convívio com estes dois mundos é grande. Acho que o desafio para uma mulher

se inserir na parte do voleibol pensando na esfera mais masculina seria esta, agora pensando numa esfera profissional, vamos imaginar que ela toque o trabalho dela sozinha, e aí para todo profissional, eu acho que é mostrar sua competência do seu trabalho, porque você vai estar lidando ou com pais ou com atletas o tempo inteiro que vão estar lhe testando, e acredito que isto não seja só uma questão da mulher, pode ser uma questão de qualquer profissional que esteja iniciando um trabalho, ir provando sua competência dia a dia.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

F.B. – Não sei, para ser bem honesta. Igual te falei, lá no meu trabalho o salário é por tempo de casa, é uma questão mais estrutural da prefeitura, mas em outros lugares eu não sei se as mulheres ganham mais ou menos do que os homens. Acredito que em alguns lugares hoje a coisa já seja igual, penso eu, mas não sei te dizer. Naquele projeto que eu trabalhei no início, eu lembro que o nosso salário era igual, era por categoria, então o técnico daquela categoria tinha aquele salário, se fosse o fulano “a” ou se fosse a fulana “b” seriam o mesmo salário.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

F.B. – Acho que vou ser a ponta fora da sua curva [riso], não sei como foram as suas entrevistas com as outras mulheres, mas eu não sei se sou a única, depois você até me fala, que não se apega a esta questão, não sei se posso chamar de feminismo, mas enfim, eu não sei se teria mais alguma coisa para falar [pausa], porque eu acho uma questão muito particular do olhar que a pessoa tem sobre as coisas, acho que a questão do preconceito em si que foi o foco do seu trabalho, eu sinceramente não sei se eu teria alguma coisa agora de prontidão para complementar, só sei que as perguntas foram muito bem estruturadas, então acredito que abrangeu bastante o que eu poderia contribuir sobre o assunto.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE M
ENTREVISTA NATHÁLIA FRAGA

Figura 13 - Nathália Fraga em atuação pelo ADC Bradesco em 2019



Fonte: Acervo pessoal de Nathália Monteiro Fraga.

Data da entrevista: 03/12/2020

Horário da entrevista (início): 10h00

Horário da entrevista (término): 10h30

Nome da participante: Nathália Monteiro Fraga

Idade: 40 anos

Naturalidade: Itapeva, São Paulo

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: solteira

Tem filh@s? () sim (x) não

Quant@s?

Grau de escolaridade: superior completo em educação física e duas pós-graduações: uma de treinamento desportivo e uma de voleibol em específico

Profissão(ões): professora de educação física

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

N.F. – Eu quando era criança, na escola a gente era estimulada, só tinha dois esportes extracurriculares, tinha o Judô e o “Ballet”, eu escolhi fazer Judô. Minha mãe sempre quis que eu e minha irmã fizessemos natação, porque sempre disseram que “A natação é boa para a parte respiratória, então é importante que vocês aprendam a nadar” e aí a gente começou a fazer a natação, só que quando estava muito frio eu tinha muita preguiça de ir

para a piscina, e aí eu fugia e ia ver o vôlei, e comecei a jogar o vôlei desse jeito: fugindo da natação e indo para o vôlei. Aí a minha mãe começou a ver que eu não estava indo muito na natação, aí ela falou assim: “Se você quiser fazer vôlei você pode fazer vôlei, mas você vai fazer natação junto”, então um dia eu fazia natação e no outro dia eu fazia vôlei [riso], foi assim que eu comecei a jogar voleibol.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

N.F. – Sempre brinquei com bola com os meus primos, eu sou a prima mais velha, mas não tem muita distância entre a minha irmã e meus primos. A gente sempre brincou na rua porque a minha família é uma família de interior, então a gente vivia as férias brincando, e o brinquedo que eu mais gostava era a bola realmente.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

N.F. – As aulas de educação física eu tenho uma lembrança muito boa da minha professora, Eliete o nome dela: ela era uma ótima professora e eu acho que eu me destacava nos esportes. A escola era boa em si em handebol, então jogava handebol: as meninas jogavam handebol e os meninos jogava futebol representando a escola. E eu sempre me destaquei bastante: jogava handebol, jogava futebol, jogava vôlei e ela mesma falava “Você leva jeito para fazer esportes, você não quer fazer em outro lugar?”, ela que foi indicando os lugares para fazer extra escola.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

N.F. – Também foi bastante esportivo, eu comecei a jogar vôlei com oito anos e joguei até a faculdade, então dos oito anos aos vinte foi jogando, saindo de casa para jogar; estudava de manhã e à tarde estava treinando; pegava o ônibus para fazer esse trajeto, então foi bastante bom assim nesse sentido esportivo.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

N.F. – Como eu já tinha dito na questão anterior eu joguei vôlei até entrar na faculdade, até o meu segundo ano de faculdade, e aí dentro desta equipe que eu estava jogando que era aqui no Ibirapuera, quando eu terminei a categoria juvenil na época, o próprio técnico

já me chamou para trabalhar com a mesma equipe, então eu já estava na faculdade. Quando eu entrei na faculdade eu dizia que eu queria trabalhar com outras coisas e não com o voleibol, mas os caminhos foram percorridos para eu continuar no vôlei, então eu já parei de jogar, continuei na equipe sendo a assistente técnica e trabalhando com a preparação física, aí comecei a trabalhar com a preparação física das categorias menores e desde lá não parei.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

N.F. – O que me chamou a atenção foram os ensinamentos e eu sou muito grata ao que o esporte me ensinou, e o que me faz me manter nesta profissão é devolver ao esporte aquilo que ele me ensinou, então eu também quero ensinar outras pessoas tudo aquilo que eu aprendi com o voleibol.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

N.F. – Inspiração não tem ninguém assim que eu possa te dizer que foi que me inspirou, que me inspira como treinadora, mas apoio eu sempre tive da minha mãe, sempre tive desde que eu jogava. Criança quando já me perguntavam o que que você quer ser quando crescer eu sempre dizia que queria ser professora de educação física, e na época todo mundo queria ser, sei lá, astronauta, aeromoça, essas coisas assim e eu já dizia que queria ser professora de educação física, e minha mãe sempre dizia: “Se você quer ser professora de educação física vai que vai ser sucesso. Pode ir”, então ela sempre me apoiou neste sentido sim, e depois quando eu comecei a carreira também.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

N.F. – Preconceito não que eu tenha percebido. Quando eu escolhi fazer a educação física existia um preconceito com a profissão, por eu escolher a faculdade de educação física, mas não por ser mulher. Quando eu disse que eu queria ser treinadora de voleibol eu nunca senti, mas dizer assim: “Você vai fazer a faculdade de educação física ganha pouco. Por que você não escolhe uma outra faculdade? Você não quer sair do esporte, mas escolhe outra área: medicina esportiva, faz fisioterapia que dá para ganhar mais” sempre ouvi este tipo de coisa quando escolhi a faculdade, mas de resto não.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

N.F. – Eu fiz o nível 2 e o nível 3. Queria ter feito o nível 4 no mês passado.

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

N.F. – Só a pós-graduação de voleibol mesmo, fiz em 2006 se não me engano.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

N.F. – Eu comecei trabalhando no Ibirapuera que se chamava Projeto Futuro na época e aí eu trabalhei como assistente técnica e preparação física no juvenil e no mirim. Saindo do Projeto Futuro eu fui fazer estágio no Clube Paulistano: comecei como estagiária e aí fiquei lá onze anos trabalhando como técnica de iniciantes e assistente técnica de todas as categorias até o juvenil; nestes onze anos eu fui transitando dentro de todas as categorias; quando eu saí eu estava como assistente técnica do infante e do juvenil e professora da escolinha apenas. Aí do Paulistano eu fui para onde é que estou hoje, que é no Bradesco em Osasco, que na época chamava Finasa, foi mudando de nome: iniciei lá como professora dos núcleos de formação que é só escolinha e projeto social da cidade de Osasco, fiquei um ano como professora. No ano seguinte já fui chamada para ser técnica do sub-13 e assistente técnica do sub-14, que é o iniciantes e o pré-mirim. Agora estou no mirim: sou técnica do mirim e assistente do infantil.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

N.F. – Rotina de trabalho? Acordar, montar treino, a rotina não de hoje né, hoje a rotina está um pouco diferente [riso], mas antes da pandemia era acordar, montar treino, pegar o carro e ir para Osasco. Ficar lá, fazer relatório, dar treino e ficar até as vinte horas, depois volto para cá. Agora está mais ou menos assim, mas os treinos estão sendo “online”, está um pouquinho mais tranquilo, tem mais tempinho.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

N.F. – Só isto mesmo. Além de trabalhar no Bradesco eu trabalho no Mackenzie¹²⁹ como técnica de vôlei da seleção feminina do Mackenzie, do universitário.

¹²⁹ Universidade Presbiteriana Mackenzie, Instituição de Ensino Superior, situada em São Paulo.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora?

Qual(is)?

N.F. – Não, não realizo por enquanto nada.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

N.F. – Episódios marcantes acho que foram as mudanças de clube: quando eu saí do Projeto Futuro para o Paulistano foi bem marcante; depois do Paulistano para o Bradesco também foi bastante marcante.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

N.F. – Que eu me lembre assim dificuldade não. Não é fácil ser técnica de vôlei, mas acho que nada anormal do que todo mundo enfrenta assim nas categorias.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

N.F. – Me sinto realizada, mas sempre querendo mais. A questão é, todo mundo me pergunta se eu quero trabalhar com o adulto, este tipo de coisas, mas não é este o objetivo principal da minha carreira. Eu quero continuar trabalhando com categorias de base, ensinando, porque acho que essa é a minha função, é ensinar, mas me sinto bastante feliz com o que eu já conquistei, o que não quer dizer que eu não sonhe ainda, não queira mais, e mais, e mais, então ainda tem bastante tempo para viver isso aí.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

N.F. – O que eu percebo do panorama assim do Brasil com o voleibol é que lá atrás era bastante fraco, então não havia valorização. Teve um momento que se valorizou muito o voleibol, principalmente o voleibol feminino aqui no Brasil, então alguns técnicos que aproveitaram esta onda assim, conseguem viver bem do voleibol. E agora, dos anos 2010 para cá, está voltando a abaixar o nível, tanto de salário de atleta quanto de profissionais. Teve a questão da Superliga que valorizou bastante o voleibol feminino aqui no Brasil, masculino eu não tenho muito contato, mas as categorias de base não andaram juntas com isto, então é possível viver do salário de técnica, é possível, mas a gente tem que trabalhar com várias outras coisas para completar a renda: não tem muito uma estabilidade salarial para que a gente consiga viver tranquila.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

N.F. – A referência mais próxima que eu tenho é a minha chefe hoje: ela trabalha com o vôlei e já trabalhava quando eu jogava; aqui em São Paulo ela é uma referência: o nome dela é Irma Conrado. Então ela é uma referência para o voleibol das categorias de base principalmente; ela já trabalhava no Pinheiros quando eu jogava; trabalha a vinte anos no Bradesco, Finasa, BCN: foram mudando os nomes. Ela é uma referência assim, já foi técnica de voleibol, revelou um monte de jogadora de seleção brasileira, passaram muitas jogadoras da seleção pelas mãos dela, e ela toca este projeto do Bradesco com muito amor assim, ela vive isto e passa isto para a gente que trabalha lá, então para mim ela é uma referência no cargo de treinadora e de supervisora, gestora deste projeto.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

N.F. – Existem poucas técnicas, nas categorias mais novas existem mais técnicas, então aqui em São Paulo tenho tido contato mais com a Mirtes e com a Francini¹³⁰ porque a gente foi de 2015 para cá, a CBV criou uma categoria menor, a sub-15 e sub-16 para feminino e a sub-17 para masculino, e na sub-15 e sub-16 feminino eles sugeriram que se colocassem mulheres nas comissões técnicas de todas as seleções dos Estados, e aqui em São Paulo a gente mantém isto: a comissão técnica inteira é formada por mulheres, então foi eu e a Francini, eu e a Ieda¹³¹ um ano, agora eu e a Mirtes estamos juntas, e a federação paulista mantém esse incentivo que tem que ser a comissão técnica inteira formada por mulheres. Nos outros Estados já estou vendo que está meio que se perdendo esta sugestão da CBV, então tem o técnico homem, mas a assistente é mulher, então já está se perdendo, não está muito fixado isto ainda. A minha relação com elas é extremamente positiva, a gente conversa, a gente aprende junto, a gente busca informação, e com os meninos eu também não tenho muito problema não, tenho boas relações profissionais com os técnicos que trabalham comigo e os adversários idem.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

N.F. – Pode ser que seja, no meio esportivo pode ser que sempre tenha sido encarado com o machismo, na sociedade em si, então quando a gente chega em uma comissão técnica

¹³⁰ Francini Garcia Bravo, treinadora de voleibol em São Caetano.

¹³¹ Ieda Bendzius Cervasio, treinadora de voleibol em São Caetano.

formada por homens eu acho até que eles se sentem um pouquinho mais na obrigação de falarem menos palavrões, serem menos machistas, e isto funciona bastante, principalmente com as menores.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

N.F. – Na categoria de base não vejo problema nenhum, acho até que quem contrata prefere colocar mulheres nas categorias menores do que os meninos. Nas categorias adultas é mais resistente, acho que por questão de “A, a mulher não é tão forte. Não vai atacar forte nas atletas ou nos atletas”, no masculino se vê menos mulheres ainda. É uma questão, acho que a questão física que impede mais do que poderia ser, então no adulto está mais difícil.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

N.F. – Se existe eu ignorei viu, eu não percebo não, passo por cima.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

N.F. – Também está em falta, podia ter mais. Mulher já é difícil, mulher negra então acho que mais ainda, eu não conheço nenhuma aqui em São Paulo, não conheço nenhuma. O nível 3 eu fiz e tinha eu de morena, uma loira e uma negra, que hoje trabalha com o voleibol sentado; então tinham poucas mulheres, tinham trinta alunos e tinham três mulheres: uma morena, uma loira e uma negra só.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

N.F. – Na verdade eu não percebi porque como eu falei eu comecei como estagiária lá no Paulistano, e lá no Paulistano já têm duas técnicas: a Cleide e a Denize trabalham lá desde que eu jogava, então pode ser que tenha me facilitado esta entrada porque já tinham mulheres trabalhando nestes cargos de treinadora, então eu não percebi realmente.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribui/u para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

N.F. – Eu acredito que sim, por mais que a gente não sinta preconceito, mas chegar uma mulher dirigindo a equipe, uma mulher que seja a cabeça da comissão técnica com

homens compondo, mas que ela que tenha que tomar as decisões é diferente, e isto vai quebrando algumas barreiras de que a gente é mais sensível, a bronca é diferente, então este tipo de coisa a gente foi quebrando. Estou transitando nas categorias menores e a gente vai vendo que se existe um preconceito ele está sendo quebrado desta maneira, assumir que está perdendo para uma mulher, por um time que está sendo comandado por uma mulher, isto tudo vai sendo quebrado durante os anos.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

N.F. – Eu acho que é aquilo que a gente tem visto bastante com a questão dos negros: a representatividade. A gente não tem representatividade, então acho que seria um importante passo aparecer que existem mulheres em comissões técnicas, então na seleção brasileira aparecerem mais mulheres, nas categorias de Superliga também aparecer mais mulheres, se sentir representada desta maneira pode ser que crie uma vontade em outras mulheres em serem treinadoras também.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

N.F. – Não sei, não sei mesmo. Dentro de onde eu trabalho existe a diferença salarial de uma categoria para outra, não que eu tenha reparado que seja diferenças de gênero assim. Quem está na categoria acima ganha mais do quem está na categoria do meio, que ganha mais do que quem está na categoria de baixo. Pode ser coincidência ou não que as mulheres estejam mais nas categorias menores.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

N.F. – Foi ótima, foi tudo bem [riso].

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE N

ENTREVISTA PATRICIA CREMASCO

Figura 14 - Patricia Cremasco em atuação pelo Vôlei Renata em 2018



Fonte: Acervo pessoal de Patricia Lenharo Apolinario Cremasco.

Data da entrevista: 27/11/2020

Horário da entrevista (início): 19h00

Horário da entrevista (término): 20h00

Nome da participante: Patricia Lenharo Apolinario Cremasco

Idade: 32 anos

Naturalidade: São Paulo, Campinas

Etnia autodeclarada: branca

Estado civil: casada

Tem filh@s? (x) sim () não

Quant@s? um

Grau de escolaridade: superior completo em educação física, pós-graduação em fisiologia do exercício para grupos especiais e especialização em voleibol

Profissão(ões): sou formada em educação física e sou administradora. Trabalhei concomitantemente nas duas funções, mas hoje eu me dedico para o voleibol

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

P.C. – Walber, eu tenho contato com o esporte, atividade física desde pequenininha. Meu pai gostava muito de futebol e ele sempre me incentivou à prática esportiva, então desde pequenininha eu comecei com ginástica artística, depois eu saí da ginástica artística e fui fazer natação; fiz um bom período de natação, só que no local onde eu praticava a piscina era aberta e no inverno parava as atividades, e como eles não queriam que eu ficasse parada de jeito nenhum, me inscreveram no basquete, mas no basquete eu não acertava a cesta por nada, não me identifiquei nem um pouco. Fiz uma semana de basquete, e surgiu

uma vaga no vôlei, aí eu fiz a prática de vôlei neste mês de férias e foi onde eu me identifiquei, achei muito legal, muito desafiador, e a treinadora na época já me chamou para compor a equipe: eu me senti super importante, e nem voltei mais para a natação. Fiquei no vôlei mesmo e desde então a paixão pelo vôlei me incentivou à educação física; dentro da faculdade eu tive contato com outras modalidades, estudei em escola Estadual, então era ou vôlei ou futebol e eu era aquela aluna chata, que falava para o professor: “Professor, mas tem “hand”? Professor, mas tem outras modalidades? Menina pode jogar futebol?” então era aquela aluna chata. Acho que desde novinha eu me identificava bastante com estas práticas esportivas.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

P.C. – Costumava brincar; brincava com tudo. Eu tenho uma irmã que é bem mais velha, são onze anos de diferença e aí todos os brinquedos dela acabaram passando para mim; eu brincava bastante de “Barbie”, brincava bastante de boneca, tinha os carrinhos que vinham com aqueles bichinhos dentro que era tipo fazendinha que comprava na feira na época, adorava brincar com bola, tanto que nos natais da empresa do meu pai eu sempre ganhava bola e eu achava que o papai Noel era demais porque ele sempre acertava o que eu queria, no natal veio bola com rede, aí pensava: “Nossa, mas como que ele sabe? Ele acerta”, mas assim, sempre brinquei bastante com “n” brinquedos, não tinha aqueles brinquedos que a gente vê hoje mirabolantes, as bonecas que possuem mil e uma roupas, os brinquedos super tecnológicos, mas era bem divertido. Eu brincava sozinha no começo da minha infância, mas eu ia para a escolinha com quatro anos e brincava com os amigos da escolinha, depois eu morava em uma casa onde na rua tinham muitos meninos, acho que eram oito meninos e três meninas, e aí eu brincava muito com os meninos, jogava futebol na rua - a gente tinha um campão perto e a gente montava a rede que eu ganhei do papai Noel e brincávamos - então eram com os meus amigos, e com o passar do tempo eram os amigos da escola; a gente sempre brincou bastante, a gente fazia trabalho, trazia para casa, aí no quintal de casa a gente brincava.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

P.C. – Eu era fissurada pela aula de educação física e detestava quando chovia porque as aulas eram na sala, e eu sempre fui bem engajada, e não sei se é por isto que os professores

percebiam e aí eles me passavam um papel que a gente tinha interclasses na escola e eu tinha o papel de organizar estes interclasses: era eu e mais duas pessoas ali que eles passavam, e nossa, era muito legal; eles explicavam como montava a tabela e a gente ia desenvolvendo, isto hoje no sétimo ano, era sexta série, hoje sétimo ano. E desde então eu gostava bastante, eu me sentia importante, engajada nos projetos, e os meus professores eram muito legais. Era o professor Fábio, ele que eu ficava enchendo o saco: “Professor, vai ter futebol?” aí ele dava um dia de futebol para as meninas, “Professor, vai ter “hand”? Você pode explicar as regras de “hand”?”, não sei porque cismeiei com “hand”, lembrei, tinha uma equipe de handebol no bairro, onde eu moro aqui tem uma equipe de futsal e tem uma equipe de “hand”, e eu falava que queria conhecer as regras, mas por fim eu sempre optava por jogar vôlei: era vôlei no intervalo; a gente acordava, almoçava e dormia vôlei, era muito legal e é esta lembrança que eu tenho das minhas aulas de educação física. As aulas eram muito legais, os professores deixavam a gente muito abertos para as escolhas, e hoje eu sei, eu vivo com isto da escassez de material, mas eu tenho uma imagem muito bacana em como eles conduziam e acho que isto me incentivou bastante também.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

P.C. – A minha juventude eu estudava, eu fiz o período normal, não fiz integral que hoje muitas escolas tem adotado: de manhã eu estudava, a tarde eu treinava e à noite eu fazia os deveres da escola. Minha adolescência foi assim também, acho que para mim foi muito feliz: eu convivia muito com os meus amigos, eu levava os amigos que não participavam das equipes de treinamento para assistirem, mas assim, eu lembro muito na minha infância de estar brincando, nas férias a gente brincava muito na rua, aí quando a gente estava em aula e que era o mesmo período que a gente estava em competição das equipes, eu comecei a jogar com doze anos, comecei tarde, mas foi bem intenso. Então, desde que eu comecei a jogar foi bem intenso e a gente treinava todos os dias à tarde e aos finais de semana tinham os jogos, então eu gostava muito, porque aí aos finais de semana meus pais acompanhavam, iam nos jogos, era muito legal. Esta é a imagem que eu tenho da minha juventude, da minha adolescência.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

P.C. – O vôlei eu sempre fui apaixonada, na época da Fadec¹³², de dezessete para dezoito anos eu precisava escolher o que eu iria fazer da minha vida, e eu tive algumas propostas para continuar jogando: eu joguei amador nível mediano, mas aqui para a região eu acho que o pessoal gostava [riso], então aparecia sempre uma proposta ou outra. Mas aí também as minhas colegas de equipe iam parar, para ingressar ou no cursinho ou na universidade, e foi a época de tomar a decisão. Fiquei pensando, falei: “O que eu faço da minha vida agora?”, eu me enxergava fazendo fisioterapia que era relacionado ao esporte, ou propriamente a educação física; conversei com alguns treinadores, conversei muito com os meus pais e eles me deixaram bem à vontade para eu fazer o que realmente eu gostava, e foi quando eu ingressei na faculdade. Eu me sinto uma sortuda, porque no primeiro ano de faculdade eu conhecia uma veterana que já estava no terceiro ano e ela trabalhava em um clube, e no primeiro ano ela veio conversar comigo que ela trabalhava e estava precisando de uma pessoa para trabalhar na recreação; *nossa*, na hora eu topei, falei “Vamos lá, estou precisando trabalhar, gosto de criança”, e aí eu acho que eu me divertia mais do que as crianças para ser sincera. Em outubro de 2006 fui trabalhar com a recreação neste clube, e ela era estagiária do vôlei na época, aí em 2007 ela recebeu uma proposta melhor e foi trabalhar em um outro lugar e surgiu esta vaga. Eu conhecia o técnico na época, conversei com ele, e ele falou: “Não Pat, vamos. Vem, vem ser minha estagiária”, me cadastrei para a vaga, internamente foi mais fácil eu conseguir acesso a esta vaga. Comecei a estagiar em 2007 e eram muitas equipes, a gente tinha no feminino todas as categorias até o sub-17 e tinha o masculino sub-17 que era o carro-chefe. Eu trabalho hoje no clube Fonte¹³³ em São Paulo que ele é referência atualmente no voleibol masculino aqui em Campinas e região, e ele perguntou para mim se eu queria começar a puxar os treinamentos, eu me senti no começo um pouco insegura, mas eu gosto bastante de desafio e eu falei que se ele tivesse me supervisionando eu queria sim, que ele me corrigisse, eu nunca tive problema e acho que isto é construtivo; e aí eu fui começando a dar treino, acho que ele sentiu alguma firmeza, na sequência tinha um campeonato do Sindi Clube para o feminino que surgiu e não precisava ter CREF, aí ele perguntou se eu queria comandar a equipe, e eu falei que lógico, com certeza, com isto em 2008 eu comecei a comandar a equipe sem ser formada ainda. Em 2009 eu me formei e

¹³² Faculdade de Administração e Finanças.

¹³³ Clube Fonte São Paulo é um clube desportivo sediado na cidade de Campinas.

coincidentalmente em 2010 veio o projeto da Medley¹³⁴ para Campinas e esse técnico recebeu a proposta para ser assistente do técnico da Medley na época; automaticamente eu fui contratada, então por isto que eu falo que foi muita sorte: ele teve a oportunidade de mudar e eu tive a oportunidade de ser efetivada, e foi assim que eu comecei a ser técnica de voleibol.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

P.C. – Eu sempre achei o vôlei uma modalidade com uma especialização muito grande; as outras modalidades não desmerecendo, de jeito nenhum, mas no futebol você consegue parar, olhar, pensar; no “hand” você tem uma manipulação diferente e o vôlei você tem os movimentos muito específicos, eu sempre achei desde quando eu jogava um desafio, e a parte de estratégia mesmo, todo aquele jogo de xadrez, um técnico mexe de um lado e o outro mexe do outro lado para anular, então desde que eu jogava, que eu tentava [riso], eu era levantadora e isto me impressionava: era para jogar na base menor, aí o técnico ia lá trocava, invertia, colocava a levantadora para trás e eu achava demais, esta parte do desafio foi o que me motivou a virar técnica, só que quando a gente começa é muito difícil, e eu comecei na iniciação, na escolinha, aí você fala: “Como eu vou ensinar uma pessoa a fazer todos estes movimentos tão específicos?”, tem toda a elaboração de uma estrutura facilitadora e aos pouquinhos a gente vai ganhando oportunidade de alguns atletas prontos vindo trabalhar com a gente, que já vai querendo ou não facilitando, prontos assim entre aspas, porque acho que a gente está sempre em constante desenvolvimento, mas já vai facilitando, você já vai com um olhar um pouco mais tático, não tão técnico, então esta mistura para mim é muito bacana e até hoje eu gosto bastante de trabalhar - eu trabalho desde a iniciação até o sub-17 - e acho que foi esta mistura, acho que quebrar a cabeça para montar um treino da iniciação, na sequência você já ter um sub-17 que os meninos já estão em outro nível, e esta mudança de chave muito rápida de você estar iniciando aí de repente você já ter que estar ligada no duzentos e vinte para estar no mesmo clima que eles, e vice-versa, às vezes você está dando um treino no sub-17 e você precisa virar a chavinha pois vai iniciar um treino da iniciação. Então todo este charme destas trocas, desta elaboração para mim é muito bacana, este desafio de estratégia é isto que me move, é isto que me fez escolher. Quando eu comecei era muito difícil

¹³⁴ Empresa farmacêutica que patrocinou o projeto de vôlei em Campinas.

porque talvez este quebra-cabeça era mais complicado, demandava muito mais tempo, mas é isto que realmente é gostoso.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

P.C. – Sim, extremamente, os meus pais sempre me apoiaram demais. Na verdade por eles que eu me motivei tanto, porque eu não tinha aspirações de chegar a uma seleção brasileira, não sei se o voleibol não era tão disseminado quanto é hoje ou eu talvez não tivesse tanto acesso; quando era mais jovem só tinha a equipe Melhoramentos¹³⁵ aqui em Campinas, mas aí acabou, então eu não tinha acesso a grandes feitos, ver por exemplo seleções de base, seleção brasileira; não disputava campeonato paulista, a gente jogava Liga Regional que é um campeonato muito bacana aqui na região e aí não tinha esta vontade, então por isto eu parei para trabalhar com o voleibol, e os meus pais foram os primeiros que falaram assim: “Vai embora, faz o que você gosta, o que vai te dar prazer”. A gente sabe que financeiramente é complicado, e eu trabalhei nestes dois mundos: trabalhei no administrativo também, e vejo quão importante é a gente fazer o que a gente gosta, a nossa cabeça é outra coisa. E de inspiração, como eu não conseguia, falei assim: “Eu espero chegar como técnica em alguns patamares que eu não tenha chegado como jogadora, e levar isto para os meus pais, dar o orgulho, justificar tanto investimento também”, então eles foram as minhas grandes inspirações. Como técnica eu fui estagiária bastante tempo do Fernando, que era o técnico da Fonte, vi o Adilson que é conhecido como Chupa aqui em Campinas, trabalhando também, então estas pessoas foram as pessoas que me inspiraram; a gente vai tendo contato com muitos técnicos e isto é muito importante; para o projeto aqui em Campinas isto é fundamental e eu tenho a sorte de trabalhar e de ser inserida neste projeto, e ter contato com tantos profissionais, e esta troca ela é fundamental para que a gente crie a nossa forma de trabalhar. Então as minhas inspirações são várias, a gente trabalha de uma forma, daqui a pouco já muda, mas as minhas inspirações foram estas; com o Fernando, a vontade de vestir a camisa, de não ter dinheiro e ir atrás de patrocínio, vender rifa, ele foi uma fonte inspiradora muito importante não só pela parte dentro de quadra, extra quadra também.

¹³⁵ Equipe de vôlei feminino, situada em Campinas.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

P.C. – É o preconceito que as pessoas olham e falam: “Nossa, por que você vai para isto?”, as pessoas fazem aquelas brincadeiras, do tipo: “Você não estudou? Precisa estudar para trabalhar?” ninguém faz ideia do quanto que a gente precisa estudar, se a gente quer realmente chegar em algum lugar o quanto é importante o conhecimento na nossa área, a gente trabalha com pessoas, a gente trabalha com a gestão de pessoas, a gente trabalha com o corpo humano, a gente trabalha extra quadra com a parte comportamental, então quão diverso é este universo, e algumas piadas que acabam jogando para baixo: “Precisa estudar? Mas para soltar bola você não precisa” então foi este tipo de discriminação no início. Mais para frente vieram as perguntas: “Mas uma treinadora? tão jovem”, na época, eu comecei a assumir a equipe com vinte anos, que foi quando eu tive a oportunidade que o Fernando me passou, fui contestada durante a competição, chegaram nos diretores e eu trabalhava com o feminino ainda: “Mas é uma treinadora muito nova”, mas não é porque a gente é nova, porque senão a gente não vai ter experiência para começar, a gente precisa em algum momento iniciar, então foi este tipo de discriminação que eu sofri no início, mas assim, para mim não soa como discriminação, soa como um incentivo a mais, de mostrar que realmente a gente é capaz.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

P.C. – Sim, realizei o nível 2 e o nível 3. Gostaria de ter tido a oportunidade de fazer o nível 4 agora que passou, que teve aqui pela federação paulista, mas não consegui devido a indisponibilidade [risos].

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

P.C. – Sim, eu realizei um curso internacional de voleibol, o ciclo de palestras internacional que promoveram agora de Portugal; o ano passado teve o curso internacional também lá no Paraná. Aqui tem o Silvio Forti¹³⁶ e ele faz um trabalho de base e faz um curso pela Unisport¹³⁷, aí eu participei também, e acho que é constante a

¹³⁶ Treinador de voleibol atuando por mais de trinta anos no Pinheiros e com mais de cem títulos no currículo.

¹³⁷ A Unisport Brasil é uma empresa especializada em conteúdo, estudo, cursos, treinamentos e projetos focados na área esportiva.

capacitação, o conhecimento. A gente tem aqui também na região o pessoal que trabalha com “Data Volley” e a gente também teve acesso ao curso de como trabalhar com o “Data Volley”. Vai aparecendo, a gente vai vendo as informações, e essa pandemia, vamos ver pelo lado positivo, está cheio de curso “online”, porque talvez a gente não tivesse acesso, por exemplo, eu acho que seria muito difícil eu ir para Portugal fazer o curso, então eles divulgaram, e pelo lado positivo também as “lives”, estão sendo extremamente de um crescimento e de agregar muito, pelo menos para mim agrega demais: você assiste um pouquinho de uma, assiste um pouquinho de outra, e aí você vai conduzindo legal a forma que você gostaria de trabalhar. Estes cursos, estas “lives” que vão aparecendo a gente vai aproveitando a oportunidade: hoje às dezenove horas e trinta minutos vai ter a do Marcelo Mendez¹³⁸, do pessoal do À beira da quadra¹³⁹, aí a gente vai aproveitando.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

P.C. – Eu trabalho desde 2006 no clube Fonte em São Paulo: é um clube que para mim abriu muitas portas; sou muito grata a tudo o que eu passo e passei lá já; dentro do clube fui estagiária, assistente, me tornei técnica e hoje eu tenho a possibilidade de orientar aquelas pessoas que estão chegando para estagiar e para ser assistente; tenho a sorte também de ter as pessoas que vem me auxiliar e consegue se encaminhar para o mercado de trabalho, e isto para mim é muito gratificante, porque significa que a gente está fazendo um bom trabalho, e além de estar fazendo um bom trabalho estou conseguindo ser um bom exemplo e conseguindo encaminhar estas pessoas para o mercado de trabalho: sai do estágio e vai para algum clube ou uma equipe. Eu sou também técnica do Sub-17 do Vôlei Renata¹⁴⁰ que é a parceria que tem, sou assistente técnica do infante, sub-19; tive a honra de ser convidada pela seleção paulista em 2018: fui assistente da seleção sub-19 e fomos vice-campeão brasileiro; foi muito legal, foi um feito muito bacana para a geração. De trabalho em clubes são estes: eu tenho a sorte de estar em um clube desde 2006 até hoje; estou no projeto aqui em Campinas desde que ele começou, desde 2010, indiretamente a gente não tinha categoria ainda participando, mas eu já estava envolvida,

¹³⁸ Marcelo Rodolfo Mendez, técnico da equipe de vôlei masculino do Sada Cruzeiro e da Seleção Argentina.

¹³⁹ Canal no YouTube destinado à produção de conteúdo sobre voleibol. Pode ser acessado através do link: <https://www.youtube.com/c/%C3%80BeiradaQuadra/featured>.

¹⁴⁰ Time brasileiro de voleibol profissional, sediado em Campinas, São Paulo, que disputa a Superliga masculina.

em 2014 foi quando a gente realmente ingressou em uma parceria um pouco mais firme, onde os meninos que eram sub-17 podiam subir para o sub-19 e aí ficou bem legal, então desde 2014 a gente está nesta parceria. E eu trabalho com a iniciação esportiva dentro de um colégio aqui em Campinas que eu acho muito bacana, é outro universo, mas trabalho também já desde 2010 neste colégio.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

P.C. – Trabalho todos os dias. De manhã em algumas oportunidades eu tento acompanhar o adulto do projeto: hoje está um pouquinho mais difícil pela disponibilidade; estou com uma nenezinha pequena – mas pretendo voltar em breve. Trabalho todos os dias à tarde no clube: eu entro doze horas e trinta minutos até as quatorze horas que é quando iniciamos com bola, eu tento fazer os meus planejamentos e meus estudos, faço toda a parte de planejamento, aí às quatorze horas subo para o ginásio e já faço toda a parte de ajuste da parte física com o que a gente vai precisar usar de material, já deixo tudo organizadinho porque é uma categoria atrás da outra, se ficar parando muito acaba que eles acabam perdendo muito tempo de aula; das quatorze horas e trinta minutos até as dezenove horas e trinta minutos a gente vai numa balada só: vamos embora [riso] e aí eu saio em alguns dias e vou para o colégio para trabalhar com a iniciação esportiva, com a iniciação do voleibol no colégio. E aos finais de semana a gente tem jogos, a gente tenta priorizar para deixar os jogos aos finais de semana, para a gente conseguir trabalhar durante a semana, ter a semana cheia de treinamento, mas é óbvio que isto nunca acontece, mas é o que a gente almeja.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

P.C. – Não, no momento só o de treinadora.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

P.C. – Eu gostaria, está dentro de alguns dos projetos que eu tenho para mim, gostaria muito e é uma parte que me interessa, eu acho que preciso buscar capacitação para determinada área, mas no momento não.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

P.C. – Tem alguns, eu acho que quando eu comecei a trabalhar, quando me foi dada a responsabilidade de trabalhar como técnica, de acompanhar o feminino para jogos foi para mim muito importante, eu acho que é um marco que a gente tem que você está conseguindo depois de tanto esforço; em 2014 quando a gente foi participar do campeonato paulista, e eu até conversei muito com os atletas: todos eles de 2013 para 2014 nós conseguimos fazer com que eles continuassem dentro do clube, foi um projeto muito legal, e a gente entrou no campeonato e foi vice-campeão, sendo para mim muito gratificante, porque todo mundo olhava para o time do interior do tipo: “Que saco, a gente vai para o interior viajar”, que fica muito ali na capital, e uma técnica mulher - naquele ano fui a primeira técnica mulher que estava participando - que estava ali dentro. No Torneio Início foi muito legal, porque eu cheguei no universo que eu sou apaixonada e a gente foi vice-campeão também, e as pessoas já começaram a olhar com outros olhos para a nossa equipe, então isto foi muito bacana, 2014 foi um ano excelente, que marcou com certeza. Em 2015 foi um ano muito bacana também que os meninos começaram a ser chamados novamente para as seleções estaduais que há muitos anos a gente não estava mandando ninguém para a seleção estadual; e quando a gente teve um escopo do projeto, do que eu queria, eu tinha muito isto na ideia, de mandar os meninos para a seleção estadual, e dando um passo de cada vez a gente conseguiu inserir os meninos de novo na seleção estadual e isto é muito importante para a visibilidade do clube, para a visibilidade de nosso trabalho; em 2016 a gente foi coroados mandando um menino para a seleção de base, então querendo ou não o trabalho teve uma continuidade que para mim é muito gratificante. Muitas vezes a gente fala só de conseguir resultado, de alcançar resultados, mas o trabalho a longo prazo que a gente faz com estes meninos para mim é extremamente gratificante e o que coroa realmente é ver eles alcançando os sonhos deles, que é estar em uma seleção brasileira mesmo que de base. E em 2018 foi quando eu fui convocada para ser assistente da seleção paulista, então foram marcos que eu não consigo nem descrever, foi muita alegria. A partir destes anos que a gente começou a de novo enviar meninos para as seleções, para os laboratórios, a gente não parou mais, então eu fico muito feliz com isto.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

P.C. – Já enfrentei algumas, dificuldade para a gente dar continuidade ao trabalho por falta de investimento, por falta de poder aquisitivo; esta foi uma dificuldade e querendo

ou não está tudo interligado: se eu quero continuar trabalhando a gente precisa ter um suporte, então esta dificuldade algumas vezes a gente enfrentou e algumas vezes até de dúvida mesmo, de entender da capacidade, como eu disse anteriormente: “Mas uma técnica jovem?”. Depois em 2016, eu lembro até os anos, minha cabeça ainda está boa [riso], em 2016 fui questionada: “Mas como que pode uma técnica dirigir uma equipe masculina?”, até hoje eu não consigo entender qual que seria o empecilho, o impedimento, mas fui questionada e meu nome foi levado para a diretoria do clube, e ainda bem que dentro da diretoria do clube tem todo um suporte, então eles nem cogitaram a possibilidade de mudança, e tem a dificuldade na hora que chega esta informação: a gente faz um trabalho tão sério, tão profissional, tenta ter tanta transparência, que quando chega esta informação bate de uma forma que você pensa: “Poxa vida, o que estou fazendo de errado?” foram estas as dificuldades, até de aceitação, de eu entender que não tem nada a ver comigo Patricia, que é uma coisa criada na cabeça das pessoas de que não a Patricia que não tenha competência, mas que a Patricia mulher não teria competência ou capacidade no momento de dirigir a equipe, entendeu, então foi isto, não foi uma fala assim: “A Patricia não tem competência”, mas foi “Uma mulher dirigindo uma equipe masculina não tem cabimento”, e hoje ainda bem que este atleta está muito bem encaminhado, então acho que a técnica mulher fez um bom trabalho.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

P.C. – Olha, eu sou muito feliz, me sinto muito realizada. Nesta pandemia muitas coisas aconteceram e passa na nossa cabeça de objetivo, de sonho mesmo que a gente almeja: em 2018 foi para mim muito gratificante de ter sido convocada, fazia alguns anos que a gente fazia um bom trabalho e ser convocada para a seleção paulista e jogar um campeonato brasileiro foi uma das coisas que eu queria muito; e quem sabe ter a oportunidade de voltar. Em 2019 tive a oportunidade de ser convidada novamente, só que eu já estava grávida, então eu optei pela vida pessoal, mas quem sabe retomar, voltar para fazer o trabalho, fazer um bom trabalho e as portas se abram novamente. Mas quem está lá está fazendo um bom trabalho, então se o time está ganhando a gente não mexe, mas quem sabe ter uma oportunidade de novo. Eu tenho muita vontade de ir para Saquarema, para acompanhar os treinamentos, para ver a linha de trabalho do pessoal que está lá, para ver se a nossa linha de trabalho está condizente com a linha de trabalho de lá, porque não

adianta nada eu ter o projeto de selecionar atletas com possíveis perfis de ir para a seleção de base sem saber como eles estão trabalhando deles, então eu tenho muita vontade de fazer um laboratório exatamente como os meninos fazem, de ir lá, ficar uma semana, pegar meu caderninho e anotar tudo o que eles fazem: “Legal, eles trabalham assim, trabalham assado. Precisamos continuar com isto. Precisamos mudar para isto” então isto é uma das coisas que eu tenho muita vontade de acompanhar, porque a gente mora em um País que tem o voleibol muito forte, a gente precisa aproveitar a oportunidade. As pessoas de fora vêm aqui para ver o trabalho e tentar se espelhar e levar para fora, então a gente tem que aproveitar esta oportunidade. E um sonho que apareceu nesta pandemia maluca aí é de eu me especializar cada vez mais, eu gosto muito, claro que se eu falar para você que eu não tenho vontade de chegar ao alto rendimento eu vou ser hipócrita para você, mas de cada vez mais de me especializar, de dar condições para os atletas que chegam para mim de ter um treinamento a longo prazo, de um desenvolvimento a longo prazo, porque eu trabalho com o sub-14, sub-15 até o sub-17: toda a base está ali comigo, e se eles não tiverem a base é muito difícil eles alcançarem níveis mais altos; então tenho o objetivo de realmente me capacitar o máximo possível, de ter todas as informações e que vem de todos os lados, de captar, absorver e elaborar o melhor plano de treinamento para que eles consigam se desenvolver e dar continuidade na carreira deles. Isto na minha cabeça está muito claro que para este ano é me desenvolver com conhecimentos para poder passar para eles.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

P.C. – Olha, é muito difícil [riso]. Eu estava em uma situação financeira na empresa muito boa quando eles me ofereceram ficar “full-time” com eles e eu optei por ficar com o voleibol, por viver do voleibol, mas para isto hoje eu infelizmente não consigo me dedicar só para um lugar, falar: “Eu trabalho aqui e meu ganha pão vai ser este”, infelizmente eu ainda não consigo, mas tenho planos para que realmente este sonho se concretize. O salário quando eu comecei, *Nossa Senhora*, só de pensar e de voltar no tempo, era uma coisa de louco. Graças a Deus que eu tive o suporte dos meus pais, que estavam toda hora ali atrás caso eu precisasse de alguma coisa, e muitas vezes a gente precisa ser o suporte para os nossos atletas, então mesmo a gente tendo talvez uma condição financeira limitada, mas a gente precisa também exercer o suporte para os nossos atletas, porque

muitos deles às vezes não possuem condição de chegar para o treino, você dá uma ajuda, tirava a cesta básica que eu ganhava e dava para um atleta, a gente vai fazendo estas trocas. Mas hoje graças a Deus eu posso olhar para trás e ver o quanto que eu me desenvolvi, o quanto realmente eu sou feliz e falando de parte financeira lógico que a sempre quer trabalhar para ganhar mais, não vou trabalhar só porque é lindo, tudo maravilhoso, mas conversando com as pessoas que eu me formei eu vejo o quanto positivo isto é para mim, então financeiramente sim, melhorou, até quando eu era solteira eu conseguia sobreviver sim com o meu salário do vôlei, e agora as prioridades mudam e a gente precisa trabalhar mais. Dá para sobreviver do vôlei? Dá, mas vamos trabalhar mais.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

P.C. – Uma pergunta um pouco mais difícil, porque o que acontece é que a gente vê muito quem está no topo, e as vezes a gente esquece do trabalho feito antes de chegar lá em cima. Então é lógico que você ter uma equipe muito bem selecionada você vai conseguir fazer um bom trabalho, no entanto você precisa ser um bom líder para conseguir administrar todas estas peças dentro do grupo. Então eu gosto muito do trabalho do Rubinho¹⁴¹, eu acho que é um trabalho de uma linha muito bacana, e ele é muito instrutivo e você percebe que ele é sempre muito aberto para trocar informações. Eu gosto, vendo a muito tempo atrás e aonde que eu batia na tecla: “Eu quero, eu posso tentar chegar” tem uma técnica que trabalhava em Araraquara, era técnica de vôlei, uma das poucas técnicas de vôlei que eu via, e ela tinha um cabelo bem curtinho, se não me engano era Sandra o nome dela e eu falava: “Caraca, ela tem um poder de controlar a equipe dela muito bacana” então eu ia analisando estas características, vejo que tem o Rubinho que eu acho que ele troca informação com muita clareza, com muita liberdade, você percebe que ele domina muito do assunto e isto faz com que a gente goste ainda mais. A gente vê os treinadores argentinos: a gente tem aqui em Campinas o Horácio¹⁴², no Cruzeiro o Marcelo, aí tem chegando no Taubaté¹⁴³ também, com uma outra linha de trabalho, com uma outra escola de voleibol que também é muito interessante da gente prestar atenção.

¹⁴¹ Roberley Leonaldo, conhecido como Rubinho, foi assistente técnico do Bernardinho na seleção masculina de vôlei e atualmente é treinador da equipe de vôlei feminino do Sesi Bauru.

¹⁴² Horácio Dileo, treinador da equipe de vôlei masculino do Vôlei Renata, participante da Superliga, e Assistente técnico na seleção masculina de vôlei da Argentina.

¹⁴³ O técnico ao qual Patricia faz menção é Javier Weber, treinador da equipe masculina de vôlei de Taubaté, na Superliga A Masculina, Temporada 2020/2021.

Então são pessoas assim que a gente vai vendo, e assim, não tenho contato com outros técnicos, mas o pouco que eu pude ter, são pessoas que eu gosto da linha de trabalho, uma linha em que todos são muito estudiosos, isto daí é inegável, mas são estes técnicos mesmo.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

P.C. – Olha, se eu falar para você que tem alguma diferença [riso], não tem diferença nenhuma. Eu acho assim, quando a gente troca informação não depende do gênero. A gente tem muita liberdade aqui no projeto, acima são todos homens e a gente conversa abertamente: eles me questionam, eu os questiono, elogio, então acho assim, isto é muito claro, muito bom. Tem as treinadoras e a gente se encontra nas competições, também muito legal: as trocas de informações são muito bacanas, então eu não consigo neste ambiente ver uma diferença, é lógico que as diferenças as vezes são de perfil, e as vezes a pessoa não te conheça talvez e te julgue de uma forma diferente até conhecer e as coisas se alinharem, mas com a mulherada aqui da região a relação é muito bacana, com os rapazes também é bem bacana. Eu acho que quando estou na beira da quadra eu tenho uma performance ali que nem sei se o treinador vai bater boca e aí a gente bate boca também, não consigo abaixar a guarda, mas fora da quadra é todo mundo muito parceiro, então acho que é uma relação tranquila. Eu acho assim, é uma relação boa, mas se a pessoa na beira da quadra, como eu poderia dizer, subestimando, a gente vai para cima também, acho que não pode fugir, acho que é este o segredo do negócio, se a gente abaixar a guarda a gente está mostrando alguma fraqueza, então é assim que pelo menos eu encaro e a relação é bem bacana.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

P.C. – Eu acho muito, tenho quase certeza que isso sim. Como eu disse, lá em 2014 quando eu cheguei era um pezinho atrás, porque ninguém conversava comigo, até ver realmente que a competência independe do gênero, e viram o trabalho e você começa a trocar informação, e eu acho que a gente pode ganhar as pessoas realmente mostrando o nosso trabalho, mostrando a nossa competência dentro de quadra. Eu não vou conseguir medir forças fisicamente com nenhum homem, porque eu sou fracota e com certeza vão ganhar de mim [riso], mas acho que fator inteligência, fator competência, isto com certeza

a gente pode medir forças, igualar e até superar muitos deles. Então acho que a chegada de mais mulheres contribui, mas é muito complicado, porque a gente fala sobre a mulher, e nos cursos da CBV que eu fiz se não me engano eram vinte e cinco pessoas, sendo que vinte e dois homens e três mulheres, então se a gente ficar quietinha no nosso canto, com certeza a maioria, não digo nem pela diferença de gênero, mas a grande maioria vai fazer a força, vai ter um pouco mais de palavra, e as mulheres talvez se a gente se unir um pouco mais e ter coragem; hoje eu vejo muitas técnicas aqui na região e isto com certeza auxilia na relação. É um universo muito complicado, o esporte em si, não digo só no voleibol, o esporte é muito masculino, e isto é um problema muito grande, isto a gente vê pelo futebol: a gente teve na Copa do Mundo que as finalistas foram duas mulheres técnicas, e aí hoje a gente tem uma técnica, a sueca que veio para o Brasil e uma técnica mulher, então se a gente tiver mais participantes com certeza a gente vai ter uma aceitação ainda melhor.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

P.C. – Adulta é quase inexistente, acho que quase inexistente não, é inexistente porque tempos atrás teve uma reportagem se não me engano do Globo Esporte mostrando as mulheres na Superliga, e nenhuma equipe masculina ou feminina tinha composição nos cargos de assistente técnica e técnica, e isto é muito ruim. Por que que as mulheres não compõem? Acho que na cabeça das pessoas fica muito estigmatizado que a mulher talvez não tenha pulso firme, talvez não consiga tomar decisões sobre pressão, que seja um sexo frágil, e isto precisa cair, porque a gente vê nas grandes multinacionais, as empresas tendo como “Head Coaches” as mulheres, então por que não uma composição de mulher na comissão técnica ali no escalão de frente? Na minha concepção é o que eu comentei: competência, conhecimento, eu acho que a gente tem e que a gente pode sim se igualar ou senão superar. Hoje em dia é muito triste ver este cenário, e as portas precisam sim começar a se abrir, só que as portas não vão começar a se abrir simplesmente: “Você, venha trabalhar para mim porque eu preciso”, mas a gente precisa lutar por este espaço, mostrando talvez com os resultados, e a gente precisa pontuar muito o que a gente chama de resultado, pois o resultado para mim às vezes é diferente do que é para você, e ir em busca realmente do nosso objetivo. Meu sonho hoje é que eu quero me capacitar totalmente para ser a referência no sub-17, para passar para o sub-19, para passar para o

sub-21, então que os degraus eles sejam alcançados com muita competência, com muito estudo, para que quando a gente chegue lá a gente possa fazer um bom trabalho, não estar lá apenas para compor e ser um número, não, para estar lá e para fazer um bom trabalho, que eu acredito que isto com certeza vai fazer toda a diferença, até a Sandra que era de Araraquara ela foi campeã da Superliga B, ganhando o acesso para a especial, e acabou o patrocínio. É muito louco, e aí você fala assim: “Poxa vida, elas conseguiram o acesso, era uma referência que para nós mulheres iriam ser muito importante, e acabou o patrocínio” e eu acho até que estas coisas de patrocínio estejam ligadas, porque como não tem muita no mercado, ninguém, não é que não tem muita, não tem ninguém lá em cima, como você vai justificar? Eu sou a técnica, eu vou montar uma equipe, mas lá está aquela quantidade de homens, então o que eu vou fazer de diferencial? A gente precisa comprar com o nosso trabalho para chegar lá e falar assim: o meu diferencial está aqui: mostrar e comprovar. Que eu acho que é assim, os números eles dizem muitas coisas, então a gente precisa ter isto ao nosso favor. A gente trabalha e vê muito no voleibol a estatística e realmente é muito importante: tem pessoas que analisam, principalmente os empresários, eles analisam os números, eles não fazem a leitura dos números de uma forma um pouco mais criteriosa, veem nua e crua, é isto daqui e pronto e acabou. Se você tem dez homens e uma mulher, opa, tem alguma coisa errada, então dez homens então eu vou investir em uma equipe que tem homem. Esta é a minha opinião, a minha leitura do cenário. E na base eu acho que está melhorando, está melhorando muito. Eu acho que, por exemplo, talvez as mulheres sejam direcionadas para trabalhar com a base porque o trabalho de formação é muito importante e não tem como não falar: a figura de uma mulher está muito ligada a figura de mãe, isto para os trabalhos com as categorias menores as vezes é fundamental, ter esta dosagem, porque não criticando de jeito nenhum, mas o homem ele é muito quadra, então ele vai se organizar, ele vai preparar as coisas para dentro da quadra, acabou o treino beijo e tchau; não estou generalizando, estou trazendo uma experiência que ao longo dos anos eu pude perceber; e a mulher não, a mulher tem toda uma preocupação, eles até brincam: mas é a mãe, não é a mãe, é uma preocupação que eu acho que o ser humano precisa ter, quanto aos valores, quanto a parte educacional, quanto a parte comportamental, quanto a parte emocional, e muitas vezes a gente trabalha sozinha, a gente que trabalha com a base a gente trabalha sozinha, então a gente precisa ter esta multidisciplinaridade ligada ao nosso trabalho e eu acredito que a mulher tem isto naturalmente: o homem às vezes ele pena um pouco mais para ter, não é tão natural; e a

mulher não, há toda uma preocupação em como você vai chegar, como você vai embora, se você está com blusa de frio ou se você não está, isso é uma coisa natural, e as vezes com a categoria de base isto precisa, é a construção da personalidade do atleta. Vejo esse direcionamento da mulher para as categorias menores muito ligadas a esta figura, mas esta figura ela pode também com certeza alcançar outros patamares dentro do voleibol e é isto que a gente vai buscar daqui para frente.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

P.C. – Tem bastante porque eu já cheguei em alguns clubes que para mim perguntaram: “Cadê o técnico? Mas eu sou a técnica.”, “Não, mas a gente quer um responsável pelos meninos. Mas eu sou a responsável pelos meninos” então eu não entendo esta polarização de que o homem é forte e ele protege, nós também temos esta capacidade, talvez não com força, mas talvez com jeito, então a gente tem sim esta capacidade. Como anteriormente, uma mulher à frente de uma equipe masculina eu não vou usar de força, eu vou usar de conscientização, estou aqui para mostrar, o que eu falo com os atletas: “Estou aqui para dividir o meu conhecimento com vocês. Quem está afim de absorver estes conhecimentos perfeito, quem não estiver afim a gente pede para procurar e até a gente indica outros clubes” só que eu acho que eles precisam ser conscientes de que estamos ali todos por um mesmo objetivo. Eu deixo muito aberto para eles o meu plano de desenvolvimento para o atleta e eles precisam me auxiliar neste desenvolvimento, então é uma conscientização, eu não vou ficar toda hora pegando no pé do que precisa fazer, esta é a construção que a gente leva um pouquinho de tempo na equipe, mas a partir do momento que você consegue ela é muito importante, então eu não entendo o porquê a discriminação, por muitas vezes eu fui braço, quando eu tinha condição física, já fiz braço para os meninos, então assim, esta discriminação acho que é uma coisa que precisa cair por terra porque já está ficando no passado: a gente tem muitas fontes de comunicação, muitas fontes de buscar conhecimento e está aberto a todo mundo, independente do gênero, acho que sim, existe a discriminação, só que não sei se eu aprendi a lidar, eu acabo não vendo, acabo não percebendo. Se você está bem em uma competição ou se você está se desenvolvendo bem ninguém vai falar nada [riso], mas se você encontra uma pedrinha no caminho todo mundo vai criticar e os atletas são a sua ferramenta principal, é com eles que você precisa ter uma relação muito boa, e eles precisam entender todo o objetivo do trabalho: a partir

do momento que eles absorvem eu acredito que você não precisa ficar prestando contas para quem está na arquibancada, então esta relação com os atletas para mim é muito importante. Tive outro caso de um outro pai que sempre me criticou muito, por ser mulher, e de maneira nenhuma eu iria tratar com o filho dele de maneira diferente porque o meu objeto de trabalho é o filho dele, e o filho dele nunca fez absolutamente nada para mim, e eu estou ali para ser profissional e preciso desenvolver o atleta. Então com certeza existe, mas eu acredito que a gente precisa ser profissional e enxergar qual que é o nosso objetivo dentro daquilo e não perder a clareza dos nossos objetivos, a gente precisa ter coragem, a gente precisa enfrentar; se alguma pessoa vier falar, vier me contestar, eu preciso ter todos os meus argumentos e para isto eu tenho todos os meus treinos, toda a parte de desenvolvimento, eu filmo todos os meus jogos, eu tenho todos os meus estudos, sei e os atletas todos sabem de todo esforço que a gente tem dentro e fora de quadra, então assim, eu acho que você diminui as chances de reclamações e de contestações, que é o mais importante, então eu não posso negar que existe discriminação. Chego em diversos lugares, porque o motorista hoje é o mesmo que leva a gente para os lugares, ele chega e já toma conta do lugar, mas eu já estive em uma cidade também que vieram arrumar confusão com os atletas e eu me posicionei como forma de proteção porque estou ali e eu sou a responsável por eles, e se acontecesse alguma coisa, infelizmente aconteceu, assim, comigo, mas eu preciso pensar primeiramente na integridade dos atletas; talvez arrumaram confusão porque fosse uma mulher que estivesse à frente, se estivesse um homem à frente acho que inibiria um pouco mais a atitude. Infelizmente existem estas coisas, mas eu acho que de uma forma assim um pouco mais sutil a gente pode mudar isto, eu tenho muito isto para mim, então isto para mim não fique tão pesado exatamente porque eu encaro desta forma, eu tento encarar como se todo mundo fosse igual e hoje a gente tem pais de atletas que nos procuram exatamente por todo este contexto, de preocupação com os valores, de preocupação com a parte educacional, de ser o exemplo para eles também, eu acho isto muito importante. Já deixo a discriminação de lado, na verdade eu uso isto como um desafio, um ingrediente a mais para eu buscar uns diferenciais, porque a gente precisa ser diferencial, sendo homem ou mulher a gente precisa ser e ter um diferencial para que a gente seja escolhido, acho que é este o ingrediente que eu uso: vai me olhar diferente porque eu sou mulher? Ótimo, é isto que eu vou usar como combustível para que eu ainda vá melhor.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

P.C. – Na verdade eu acho que a mulher ela já está em escassez, e ainda olhando pela discriminação racial fica um pouco mais complicado. Às vezes eu falo mim, que as vezes eu não observo, tento não filtrar estas coisas para que isto não entre na minha cabeça e faça com que eu acredite nisto. Às vezes eu prefiro não observar tanto, eu foco um pouquinho mais. Para te ser sincera, eu acabo nem conseguindo identificar isto, mas agora você trazendo esta pauta, vou fazer um levantamento aqui rápido na minha cabeça de quantas a gente tem, tem sim: aqui na região tem duas negras, mas que eu conheço aqui na região é só. Eu posso até mais para frente fazer um levantamento, fazer uma planilha de quantas técnicas nós temos e de quantas negras a gente compõe. Então para te ser sincera eu nunca parei para observar nesta forma especificamente, eu olho de uma forma mais geral a mulher em si, mas não por raças, por cor. Eu posso fazer esta leitura de uma forma diferenciada, então aqui na região eu tenho no campeonato Paulista a gente tinha uma técnica: era eu e mais uma outra técnica. No campeonato brasileiro era só eu de mulher, então estou tentando fazer rápido tá, um breve resumo aqui, acho assim, se tiver são pouquíssimas que participam, então eu acredito que vá por este mesmo viés, de que: “A não, não é um lugar para mim. Eu vou sofrer preconceito” e se a gente não der o pontapé inicial a gente nunca vai saber se sim ou se não. É aquele negócio: 50% para não e 50% para sim, vamos embora, acho que caminha neste mesmo viés: se as mulheres independentes de raça começarem a aumentar, o número crescer um pouquinho mais, acredito que simultaneamente venham a miscigenação. Hoje a técnica da China, campeã olímpica e é uma mulher, quem sabe. Acho que está muito aberto e acho que a gente precisa abrir a cabeça e ter coragem.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

P.C. – Sim, é gritante. Quando eu comecei, que foram quando eu tive as maiores barreiras, era muito grande. Talvez as outras modalidades incentivaram, acho que veio também o empoderamento feminino com uma pauta muito forte e vem sendo tratada com muito carinho por vários especialistas e a gente vê pessoas como a Verônica¹⁴⁴ que é a Paratleta, ela sempre com depoimentos muito bacanas e incentivando as mulheres, então eu acredito

¹⁴⁴ Verônica Hipólito, velocista campeã mundial e medalhista paralímpica.

que estas mudanças de uns quatro anos para cá, quatro, cinco anos, mudou demais. Um respeito, eu às vezes não sei se é porque talvez eu já conheço as pessoas que eu respeito e eu não perceba mais, mas assim, eu chego nos lugares e não há mais assim aquele susto de você; a gente tem muitos jogos regionais aqui pela região, então quando a gente ia para os jogos regionais antigamente era: “Quem vai de técnica? A Patricia? Mas a Patricia vai de técnica?” não via a equipe que eu estava levando, estavam vendo se era eu que estava, e a gente sempre conseguiu ótimos resultados, só que aí quando você consegue ótimos resultados é sua equipe, você esquece do nome, então de uns tempos para cá eu acho que isto melhorou muito. Estou tentando buscar algumas referências, acredito mais uma vez que estas vindas e visibilidade da técnica da China, de as finalistas de uma Copa do Mundo de futebol feminino serem por coincidência duas mulheres, de depois da Copa do Mundo trazerem para ser técnica uma mulher, acho que isto vai deixando, as pessoas vão aceitando um pouco mais, porque infelizmente é um preconceito, porque conhecimento independe de gênero, então isto eu acho que as pessoas não estão aceitando muito mais e eu acredito também que a vivência vendo grandes mulheres no comando, de empresas multinacionais, as pessoas vão aceitando ou vão se conscientizando um pouco mais que isto é bobeira, que é besteira, isto daí é do século passado. Vai existir barreira? Vai continuar existindo barreiras, mas eu acredito que a gente já está muito mais preparado pelas nossas ancestrais, pelas pessoas que passaram, que já prepararam um terreno um pouco mais confortável para nós, e que nós possamos preparar o terreno ainda mais confortável para aquelas que vão vir. Tenho muitas meninas que foram minhas atletas e é extremamente gratificante ver que estão fazendo educação física e que querem se tornar técnica e que querem fazer estágio comigo; meninas vindo perguntar como que eu fiz para me tornar técnica - não cheguei em lugar nenhum, muito pelo contrário – mas o que eu fiz para sustentar esta posição dentro do clube que eu trabalho por tantos anos. Acho que isto é muito importante e a minha resposta para todos eles são profissionalismo e transparência: acho que estes são pilares que a gente precisa ter em nossa cabeça para não abrir precedente para reclamação, para contestação, e para a gente continuar no mesmo patamar.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribui/u para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

P.C. – Precisa ter um pontapé inicial, precisa ter uma pessoa, e aquilo que o professor faz a pergunta: “Alguém tem alguma pergunta?” enquanto ninguém levanta a mão, não tem nenhuma pergunta, mas aí um levantou tímido o outro já cria coragem e vai indo. Então eu acho que precisa de uma pessoa, como estou falando para você: eu via a Sandra e falava assim: “Poxa vida, que legal! Ela está rompendo uma barreira e eu gostaria de tentar” e hoje ver as minhas atletas chegando para mim também; então a gente precisa. Se eu Patricia consigo incentivar duas, estou falando por mim, a Sandra conseguiu me incentivar, eu Patricia consigo incentivar duas, três, estas duas e três vão então disseminando, vão aumentando esta possibilidade, então acredito sim que indiretamente nós somos exemplos. Se eu tiver uma postura profissional, que incentive e que motive, acho que isto tem tudo para dar certo. Hoje eu vejo aqui na região mais técnicas; eu comecei a jogar com uma técnica, então tive muitos exemplos. Via a Sandra e esta minha outra técnica, e eu achava muito bacana, me espelhava demais nelas e achava todas as condutas muito coerentes, o que elas falavam era o que realmente elas faziam e eu tentei absorver isto para mim e passar hoje para os meus atletas, para as meninas que passam comigo, para as pessoas que me veem, a gente tem muito estagiário de observação que vai no clube e aí eles falam: “Poxa vida, a gente vê que você planeja exatamente igual a gente vê na faculdade”, Putz, eu fico muito feliz, porque realmente estou indo por um caminho muito bacana, e aí vem: "Poxa Patricia, que legal, eu vou assistir seu jogo", você vê as meninas já se sentem empolgadas e eu acho que é uma força sim que a gente só tende a aumentar.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

P.C. – Eu acho que a gente precisa acreditar, mas isto vem de uma barreira que eu vejo até para as atletas: a gente precisa escolher, para nós mulheres é muito difícil. Eu vejo hoje porque eu tenho a neném, se falo assim: “Eu vou trabalhar todo final de semana”, isto para a mulher, a gente infelizmente carrega uma culpa muito grande, e para os homens é uma coisa mais natural, o homem passa a semana trabalhando, volta e está tudo certo, e para a mulher eu acho que talvez possa ser um impedimento, a gente vê as atletas talvez parando para dar um pouco mais de atenção à família, vejo técnicas também mudando porque é uma carga muito grande de trabalho, então a gente volta muito tarde de madrugada, uma hora da manhã, trabalha todo final de semana, viaja, fica final de semana

fora, e são escolhas que a gente precisa fazer, então eu acredito muito na popularização e acho que cada um tem a sua prioridade, e não estou falando que a minha prioridade é profissional, acho que precisa haver um equilíbrio entre as duas partes, mas aí eu acredito que esta barreira é uma barreira que pra mim está sendo a mais difícil, porque pode ter qualquer discriminação, esta aí não tem problema nenhum, ela serve como ingrediente, mas a barreira de priorizar e de como fazer daqui para frente está sendo a mais difícil. Para popularizar mesmo a gente precisa de número, então que mais mulheres busquem os cursos, porque o conhecimento ninguém tira da gente, a gente perde muita coisa aí no meio do caminho, mas o conhecimento isto ninguém tira da gente. E a gente precisa buscar, hoje, nós técnicos, está vindo muito ex-atleta, muito ex-atleta, e a gente precisa ter diferencial porque a gente sabe que o ex-atleta viveu isto a vida inteira, e a gente precisa ter o diferencial: qual o diferencial? Achar qual que vai ser o nosso diferencial e eu acredito muito nas mulheres também; o que que a gente pode ser de diferencial dos homens que a gente consiga alcançar espaços por eles antes ocupados? Então para mim é isto, acho que sim, eu tenho muita esperança, só que eu acho que a gente precisa incentivar mais. Vejo, por exemplo, todo mundo vem me perguntar, diferente do que fizeram comigo que eu perguntava para as técnicas: “A não, não vai fazer educação física não”, eu muito pelo contrário “Vamos lá, você vai fazer educação física. É muito boa”. Mulher que quer virar técnica: “Vamos lá. Se quiser vir comigo, vamos, vamos juntas. O que estiver ao meu alcance e eu puder ajudar, pode contar comigo”, então acho que é desta forma que a gente vai conseguir. Esperar que o mercado fique abrindo as portas, a gente não pode ficar esperando sentada, a gente precisa se mexer, a gente precisa ir em busca do que realmente a gente quer.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

P.C. – Que pergunta difícil, porque [pausa] eu fico vendo muito pelos clubes aqui, a gente faz algumas comparações salariais, mas dentro dos níveis salariais dos clubes, não por gênero, mas assim, vendo a desigualdade entre técnicos que estão no escalão homens e mulheres, nossa, isso daí é uma diferença incrível. A gente vê as estatísticas, são pouquíssimas no mercado, tem diferenças, tem diferenças sim, e o por que é o que a gente fica toda hora se questionando, porque a diferença se são fornecidas as mesmas informações ou até mais informações do que de diferente gênero? Então é complicado, mas assim, estou falando por mim e da realidade que eu vivo. Eu conheço um técnico

homem que ganha o triplo que eu, só que hoje eu vivo uma realidade do clube em que eu trabalho, que é o que eles podem me oferecer, e é isto que eu tento me basear. E aqui em Campinas o teto dos salários é mais ou menos equilibrado, por hora mais ou menos, então se você trabalhar mais você ganha mais [riso], aí você vai equilibrando na quantidade de horas entendeu, mas eu acredito sim que exista, até nas empresas as mulheres que ocupam o mesmo cargo, o homem está ganhando um pouco mais, então acho sim. A gente vê na Superliga a diferença salarial dos homens e das mulheres nas contratações, nas mexidas dos mercados, então falando eu acredito que exista bastante diferença sim.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

P.C. – O que eu gostaria de acrescentar é primeiro agradecer a oportunidade de abrir para que a gente fale de um assunto que para mim é delicado, mas que eu acho que a gente precisa encarar e não dá para ficar: “A se eu fosse”, não, nós nascemos mulheres e a gente precisa ir em busca dos nossos sonhos, e se a gente ficar parado a vida não vai trazer todas as coisas que a gente quer, então a gente precisa se movimentar. E para as mulheres se encorajarem, que tem mercado, eu acho que se a gente buscar e fazer de uma forma profissional, que você diminua que as pessoas fiquem falando e contestando o porquê que você faz, se você faz de uma forma correta eu acredito que tem muito espaço para nós mulheres. O principal de tudo é que a gente precisa ser exemplo para esta molecada que está vindo, para estas meninas que estão vindo, e que muitas vezes vem sem referência nenhuma, e nós mulheres temos um diferencial muito grande que é esta figura, é inevitável, é uma figura que a gente carrega de preocupação que é um jeito natural que a gente tem, e que a gente possa usar isto ao nosso favor e ir embora, não ficar estacionado, porque assim, a gente vê muito os movimentos feministas, e eu acredito que isto tenha facilitado muito a nossa vida, então a gente aproveitar esta avenida que elas estão deixando para a gente de reivindicação e aproveitar esta oportunidade que está muito nítida aí, e a gente ir em busca realmente dos nossos objetivos.

[FINAL DA ENTREVISTA]

APÊNDICE O

ENTREVISTA LAILA SILVA

Figura 15 - Laila Silva em atuação pelo Vôlei Fátima em 2019



Fonte: Acervo pessoal de Laila Cristina Almeida Silva.

Data da entrevista: 10/12/2020

Horário da entrevista (início): 15h00

Horário da entrevista (término): 15h45

Nome da participante: Laila Cristina Almeida Silva

Idade: 26 anos

Naturalidade: Brasília

Etnia autodeclarada: parda

Estado civil: solteira

Tem filh@s? () sim (x) não

Quant@s?

Grau de escolaridade: superior completo em educação física e estou cursando a pós-graduação agora

Profissão(ões): sou professora de educação física na escola e técnica de voleibol também na escola

W.S. - Como foi o início das suas experiências com práticas corporais e esportivas?

L.S. – Desde criança eu sou bem ligada a esporte. Por ter sido uma criança agitada, este era o escape da minha mãe para me fazer ficar mais calma, e aí eu comecei no voleibol aos onze anos, mas antes, aos dez já praticava capoeira e eu fui tentando conciliar isto até onde deu.

W.S. - Você costumava brincar com brinquedos? Qual(is)? Quais brincadeiras praticava? Com quem você brincava?

L.S. – Sim, eram muitos brinquedos. Na minha infância eu não tinha muito disto de brinquedo de gênero, eu brincava de tudo: boneca, carrinho, pipa, biloca chamada na época. Gostava muito destas brincadeiras de rua mais coletivas, enfim, os esportes, vôlei, futebol, basquete; andava de bicicleta, então a minha infância ela foi repleta destas atividades motoras. Eu brincava na maioria acho que com os amigos de rua mesmo, brincava muito na rua; na época era tranquilo brincar na rua, hoje em dia não mais, mas eu brincava muito na rua com os amigos, com as minhas irmãs também, mas a maioria eram amigos mesmo de rua.

W.S. - Quais as suas lembranças sobre as aulas de educação física? Como era sua participação?

L.S. – Eu tinha participação assídua. Como eu estudei a maioria da minha vida escolar em escola pública, não tinham muitas aulas incrementadas, eram aulas que rolavam mais a bola e a gente ia fazendo o que dava. Mas aí quando eu entrei no ensino médio, era uma escola particular, tinha ganhado bolsa para estudar e a assiduidade na educação física era sempre, acho que mais por conta do esporte também.

W.S. - Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência. Como foi esse período?

L.S. – Eu tenho a oportunidade de ter vivido estas etapas principalmente em questão de a rua ter sido uma iniciação esportiva. Eu sou de uma geração que teve a oportunidade de brincar muito na rua desde criança, adolescente também. Eu iniciei na modalidade do voleibol aos onze anos e a partir daí eu nunca mais larguei, então o esporte a partir deste momento ele foi fundamental para minha vida principalmente em relação a educação, respeito aos mais velhos, pai e mãe, ser boa aluna, tirar boas notas, respeitar os mais velhos, os amigos de prática, enfim, da escola também, então eu acho que como criança e adolescente a prática esportiva foi fundamental na minha educação.

W.S. - Como você se aproximou do voleibol? E do cargo de treinadora?

L.S. – Então, eu comecei no voleibol como professora, Marli Paiva¹⁴⁵ minha primeira professora de vôlei e foi a pessoa que me ensinou a jogar, e ela era muito exigente, ela era muito rígida e principalmente com relação a escola e comportamento em casa, e ela

¹⁴⁵ Marli Paiva Ribeiro, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal e professora do Centro de Iniciação Desportiva de Voleibol (CID).

foi minha primeira referência de técnica, de professora mesmo. Aí eu comecei a jogar, participar de campeonatos nacionais, e tive outros professores também, mas ela continuava sendo a única professora aqui no meu Estado neste meio, a única mulher; posteriormente eu tive contato com a Estela¹⁴⁶ que foi minha técnica no Brasília Vôlei¹⁴⁷, tenho nem o que falar, hoje ela é minha amiga pessoal também, e a partir do momento que eu me vi tendo que escolher um curso a educação física foi prioridade, acabei entre educação física e fisioterapia mas optei pela área da educação física, e eu até conciliei a época de estagiária com trabalho em equipes de voleibol, eu era estagiária lá no Brasília Vôlei, mas eu não tinha pretensão em ser técnica de voleibol justamente porque já sabia que a inserção da mulher neste ambiente é muito difícil por ser um ambiente muito masculino, mas a escola onde eu estudei e onde eu joguei acabou ficando com cargo vago, de professor de educação física e de técnico de voleibol, e eles me procuraram, a partir daí eu voltei a pensar nesta área de ser técnica, eu estava afastada um pouco das quadras mas eu me encontrei de novo nesta área: hoje estou buscando me especializar ao máximo dentro da área do voleibol e é isto, estou buscando.

W.S. - O que lhe chamou atenção no cargo de treinadora de voleibol? Como escolheu dedicar-se profissionalmente ao cargo de treinadora de voleibol?

L.S. – O que me chamou a atenção – eu mexo com o feminino e eu fui atleta, e eu sei muitas vezes da dificuldade que é para meninas conversarem com técnicos homens e alguns problemas inerentes deste relacionamento – e me chamava muito a atenção a questão do porquê tem tantos homens mexendo com o voleibol feminino sendo que é muito mais fácil para nós mulheres que sabemos o que acontece com elas, o que elas passam, é muito mais tranquilo para a gente lidar com isto e para elas também; eu tenho relato das minhas atletas de que elas possuem mais abertura e se sentem mais confortáveis, e eu nunca tive esta experiência de trabalhar com homem, eu comecei com mulher, então para mim é muito tranquilo esta troca de relação, e a partir do momento que eu lidei com técnicos homens aí eu notei esta diferença, realmente é bem acentuada, e isto me chamou muito a atenção, dentro do voleibol foi exatamente nesta área, o porquê tinham tantos homens, o que será que acontece com as mulheres? Não sei antes de eu entrar na profissão, não sei na carreira profissional de voleibol, até porque ser técnico de

¹⁴⁶ Maria Estela Junior, é uma ex-jogadora de voleibol brasileira, atuante na posição de levantadora, e que após o término de sua carreira iniciou como treinadora.

¹⁴⁷ Clube de voleibol brasileiro, sediado em Taguatinga, Distrito Federal.

voleibol exige trabalho integral, você tem que estar o tempo inteiro tentando melhorar profissionalmente, se especializar em tudo, porque o voleibol ele muda muito, e lidar com meninas aí é muito mais trabalhoso, digamos, porque elas demandam uma atenção o tempo inteiro. Por este motivo eu me atentei a este lado profissional e na inserção da carreira, o começo para mim foi assim: “Vou começar aos poucos só tentando preencher o cargo que me deram” mas aí eu fui vendo que era muito diferente a forma como eu penso e a forma como no trabalho os homens lidam com as meninas e acho que se tornou um pouco para mim mesmo uma filosofia de vida, ser técnica de voleibol, e principalmente no trato com as meninas, é como eu te disse, essa questão de muitos homens estarem nesse meio, e meio que a gente está deixada um pouco de lado, foi uma questão que para mim foi muito relevante.

W.S. - Alguém te inspirou a tomar a decisão de se tornar treinadora de voleibol? Houve apoio de seus familiares e amigos?

L.S. – Então, inspiração eu tenho algumas, como eu disse a minha primeira professora, a Marli Paiva para mim ela sempre vai ser uma inspiração não só de profissional mas como pessoa e como mulher, a Estela também, foi ex-jogadora profissional e como profissional os times que eu participei com ela eu vi absurdamente a capacidade e a competência; e na minha época de universitária eu joguei contra uma professora em Uniara, eu não vou lembrar o nome dela, acho que o nome dela é Sandra¹⁴⁸, que é uma das poucas equipes que disputou a Superliga com técnicas femininas. Hoje em dia já procurei mais, a gente sabe que a Isabel¹⁴⁹ foi técnica do Botafogo a um tempo atrás, mas a gente não tem muitos relatos nesta questão, então eu procuro me espelhar nestas mulheres que vencem esta barreira, de lidar com um ambiente literalmente masculino. E quando eu optei em ser técnica de voleibol infelizmente eu não tive muito apoio, principalmente da família, principalmente por ser uma profissão dentro da educação física que você trabalha muito e não tem o retorno financeiro que deveria ter, e trabalhando em outros locais, sei lá, fazendo especialização, mestrado, dando aula em faculdade é muito difícil. Aqui em Brasília a gente só trabalha com escolas, são poucos escopos, então é realmente um trabalho em que se trabalha mais e não é tão remunerado financeiramente.

¹⁴⁸ Sandra Mara Leão, treinadora da equipe de voleibol feminino de Araraquara, campeã da Superliga B em 2016.

¹⁴⁹ Maria Isabel Barroso Salgado, ex-atleta e ex-treinadora de voleibol.

Profissionalmente eu estava voltada mais para uma área de concurso público, mas como eu me vi nesta situação de ter que retribuir uma questão que me foi dada na época de escola, e faço isto com todo o amor possível, me encontrei nesta profissão e independente das dificuldades eu acho que é isto que eu tenho para fazer hoje: eu só me vejo como técnica de voleibol.

W.S. - Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por fazer escolha de ser treinadora de voleibol?

L.S. – Sim, primeiro de casa, acho que sempre tem este receio de lidar com um ambiente muito masculinizado e aí quando eu me vi inserida na modalidade, em campeonatos, eu vivi situações que eu nunca esperava viver na minha vida; o fato de eu ser a mais jovem que o habitual também foi um certo preconceito, as pessoas associam a juventude à falta de experiência, enfim, e a questão de ser mulher também foi uma coisa que influenciou, nesta questão de campeonatos me vi diversas vezes na situação de reunião técnica ser só eu de mulher, e as vezes quando você é pedida para manifestar uma opinião não é levada em conta porque o senso comum masculino geralmente fala mais alto, e esta questão de ser mais jovem que a maioria é uma questão que pega muito também, as pessoas geralmente não param para olhar o que você tem para falar, ou as expertises que você já viveu. Ainda existe sim o preconceito de você estar dentro deste meio; é um meio excludente, quando você se vê reunida nos meios dos técnicos você vê que a maioria esmagadora é homem, de certa forma você fica mais de lado mesmo, e isto é uma coisa que nós mulheres temos que lidar com isto.

W.S. - Você realizou algum curso de formação de treinadora pela CBV? Qual(is)?

L.S. – Sim, meu primeiro curso de treinadora pela CBV foi em 2015, eu fiz o nível 2 aqui em Brasília, depois eu fiz o nível 2 novamente em 2019, e em 2020 agora no início do ano eu fiz o nível 3 aqui em Brasília também, fiz o nível 3 também por Minas, e fiz o nível 2 também por Minas. Então eu tenho estes cursos aí. Agora eu vou fazer o nível I de vôlei de praia em Aracaju em janeiro de 2021 e o que aparecer aí a gente está tentando fazer [riso].

W.S. - Você realizou outro(s) curso(s) relacionado(s) ao seu trabalho como treinadora? Qual(is)?

L.S. – Sim, antes de entrar como treinadora especificamente, porque eu era estagiária do Brasília Vôlei, eu procurei fazer bastante curso em preparação física, questão de fisiologia do exercício, eu até comecei a cursar uma faculdade de fisioterapia porque é uma área que me chama muito a atenção, gosto muito, então eu tenho alguns cursos na área de preparação física, reabilitação física também, fiz cursos de psicologia do esporte, é uma área que também me chama muito a atenção; minha pós-graduação está sendo também na área de psicologia do esporte, e dentro da área da educação física é inevitável, eu tenho cursos e especialização em psicomotricidade, que é uma área que eu gosto de trabalhar, já trabalhei muitos anos com natação e hoje eu trabalho com psicomotricidade na escola. Mas hoje dentro do voleibol eu tenho cursos graças a Deus em muitas áreas; tenho o curso de estatística também que dado pela CBV na época que tinha estatística da CBV na Superliga, participei de três temporadas na estatística da CBV; procurei fazer o curso de análise de desempenho com as pessoas do “DataVolley¹⁵⁰” que são representantes aqui no Brasil, mas ainda não deu muito certo, porque não fechou turma, mas estou na lista de espera também.

W.S. - Em qual(is) clube(s) já trabalhou na comissão técnica? Qual(is) cargo(s)? Qual(is) categoria(s)?

L.S. – Eu trabalhei como estagiária no Brasília Vôlei na categoria doze, quatorze anos, quinze, dezesseis, que é a categoria infantil, infante e juvenil, trabalhei como estagiária, membro da comissão técnica nestas categorias no feminino, e depois não mais. Passei dois anos trabalhando nesta categoria como estagiária mas depois que eu formei eu dei uma afastada e aí eu retornei como técnica de voleibol na escola que eu trabalho hoje em dia, que é a escola Franciscano Nossa Senhora de Fátima; e ano passado eu fiz parte da comissão técnica da seleção do Distrito Federal no Campeonato Brasileiro de Seleções, fui auxiliar técnica da seleção.

W.S. - Como é sua rotina de trabalho?

L.S. – Então, de manhã aula na escola como professora de educação física e aí meus treinamentos iniciam a partir de treze horas e trinta minutos e a gente vai até as dezessete horas no treino para categorias diferentes e em dias alternados: geralmente segunda, terça,

¹⁵⁰ Software para computador onde é possível realizar o “scout” do jogo de vôlei por meio da digitação de códigos pré-cadastrados pelo estatístico da equipe ou pelo responsável.

quinta e sexta é a categoria de quinze a dezessete anos, terça, quinta e sexta-feira a categoria de doze a quatorze anos. Geralmente tem alguns jogos durante a semana, mas os jogos são geralmente à noite, aí quando tem jogo a gente trabalha de manhã, dá treino à tarde e joga à noite, e aí vai a semana inteira. Final de semana também tem campeonato, aqui em Brasília a gente tem o que a nossa federação participa também, e na época antes da pandemia a nossa rotina era bem puxada, não ficava em casa não.

W.S. - Você exerce outro cargo profissional além do cargo de treinadora? Qual(is)?

L.S. – Só professora mesmo de educação física, sou professora de psicomotricidade na escola e hoje em dia técnica de voleibol: só os dois.

W.S. - Você realiza alguma atividade acadêmica paralela ao cargo de treinadora? Qual(is)?

L.S. – Estou fazendo a pós-graduação agora, pode ser uma atividade acadêmica, e eu quero muito voltar a fazer a graduação de fisioterapia que eu tranquei: estou no terceiro semestre de fisioterapia e pretendo voltar, vou esperar esta pandemia passar para eu ver como vai ficar a situação e ver se vai dar para conciliar.

W.S. - Qual(is) os episódios mais marcantes de sua carreira?

L.S. – Eu acho que meu primeiro título como treinadora substituindo um antigo técnico que era homem, então com todas as críticas e, enfim, com todos os comentários que nunca são agregadores, o primeiro título foi muito importante. Aqui em Brasília a participação em jogos escolares também, e eu acho que eu tenho algumas situações também não muito legais, que por exemplo, uma vez eu estava em um jogo e acabou que a gente perdeu o jogo, e o pai da menina desceu da arquibancada e começou a me agredir verbalmente, ficou bem exaltado e quase partiu para violência física, mas como a gente estava na escola inibiram a ação dele; mas dentro da minha experiência como técnica os títulos são maioria graças a Deus, de experiências positivas, mas não posso deixar de destacar esta experiência que para mim foi muito marcante.

W.S. - Já enfrentou dificuldade(s) na sua carreira no voleibol? Qual(is)?

L.S. – Já, embora minha carreira no voleibol como técnica seja curta, vão fazer três anos agora, indo para o quarto ano, eu passei por bons bocados: a primeira vez que eu participei de uma reunião técnica por exemplo e só tinha eu de mulher; já ouvi comentários ao

ganhar um jogo, por exemplo, um professor falar que não vai me cumprimentar porque eu sou uma mulher e ele não perde para mulher; já ouvi comentários de que era um cargo muito melhor executado por um homem, que uma mulher nunca vai ser tão excelente quanto um homem, e acho que basicamente a questão de ser minoria é uma coisa que sempre a gente tem que se acostumar em tudo o que a gente fizer, seja curso, palestra, enfim, congresso técnico, nós sempre vamos ser minoria; hoje em dia eu já acostumei, isto para mim é tranquilo, mas quando a gente está chegando no ambiente esse início dá um baque.

W.S. - Qual(is) o(s) objetivo(s) na carreira de treinadora? Você considera que já o(s) atingiu? Se sente realizada pessoal e profissionalmente com sua carreira?

L.S. – Objetivos eu tenho alguns muitos ainda. Me sinto realizada sim, primeiramente como pessoa, acho que ser técnica de voleibol no meio feminino acho que é muito gratificante, você fazer parte do crescimento de meninas, que hoje em dia de tornaram mulheres e você saber que você fez parte do crescimento de uma pessoa. Como técnica eu ainda pretendo fazer bastante curso por aí, pretendo ser nível 4 da CBV, pretendo trabalhar em um clube, um clube grande fora de Brasília porque aqui a gente é muito limitado, então eu vou buscar isto também; fazer parte também das comissões técnicas da seleção de Brasília acho que isto é uma meta importante e depois que eu alcançar estas eu acho que eu vou ter mais outras pela frente, mas por enquanto são estas.

W.S. - Como era o salário no início da sua trajetória e como é hoje em dia? É possível viver do voleibol?

L.S. – Quando eu comecei só de técnica de voleibol na escola onde eu trabalho hoje o salário era x: era um salário que dava para eu pagar a gasolina e algumas contas muito básicas, não dava para fazer nada exacerbado. Hoje conciliando a área de educação física com a área de voleibol, o salário de professora é muito maior do que o de técnica, não é também uma coisa exacerbada; eu conjugo as duas profissões na mesma escola, então melhorou sim, cerca de 5%, 7%, 8% do salário, mas também não é uma coisa assim; eu até procurei saber se o antigo professor ganhava a mesma coisa e não, não ganhava, era bem maior, mas eu não creio que seja uma coisa de gênero, enfim, acho que pode ser uma questão de currículo, mas por enquanto, ainda mais neste momento agora, está tranquilo, é uma coisa que dá para manter mas não dá para viver só de professora de voleibol, não dá, não tem como, você tem que conciliar com outra profissão porque mulher daqui a

pouco a gente tem mais gasto, tem filho, tem casa, tem outras coisas e hoje com o salário que eu tenho não dá para viver como técnica de voleibol, eu tenho que agregar outras funções, mas não sei como vai ser futuramente, por enquanto ainda não.

W.S. - Possui referência(s) profissional(is) no voleibol? Quem?

L.S. – Sim, inevitavelmente o Bernardinho, ele é um cara que é referência, até porque ele trabalha com os dois gêneros, então é uma coisa que tem que ser notada. Hoje, conhecendo alguns profissionais por ter feito curso com eles eu acho que o Luizomar¹⁵¹ é um cara que para mim é referência também, o Zé Roberto inevitavelmente; claro que eu tenho também as minhas professoras, a Marli e a Estela que fizeram parte da minha carreira como atleta, e me inspiro de certa forma neste cargo de técnica de voleibol através delas também; infelizmente não tenho muitas técnicas dentro do Brasil para me espelhar, porque ainda não vimos nenhuma, só a questão lá da professora de Uniara que foi uma vez que ela participou da Superliga, mas a maior referência que eu tenho é a Lang Ping, hoje em dia é a melhor treinadora do mundo. Nos Estados Unidos há uma cultura de trazer ex atletas para dentro da comissão técnica da seleção, o Karch Kiraly¹⁵² faz muito isto, tem uma antiga líbero que faz parte e tem uma psicóloga também. Então mais do que referência, eu procuro enxergar as mulheres neste cargo.

W.S. - Gostaria que você falasse da relação com suas colegas treinadoras mulheres. E como é a relação com os treinadores?

L.S. – A experiência que tive e que tinham mais treinadoras mulheres foi nos Jogos Escolares, em que eu cheguei a enfrentar duas treinadoras. Foi muito tranquilo, acho que a gente se reconhece nas dificuldades e sabe que ser mulher é difícil; eu ainda não tenho filhos, mas conversando com elas a gente sabe que é difícil conciliar a casa, o filho e a profissão, até porque trabalhar como técnica de voleibol requer trabalho integral. Entre os homens e relação é muito tranquila, eu já passei por algumas experiências negativas, mas não são todos, não dá para generalizar; a grande maioria me respeita muito, são bem respeitosos; tem a troca de informações, que para mim acho que é fundamental, você poder conversar com pessoas mais experientes sendo homem ou mulher, mas sempre que

¹⁵¹ Luizomar de Moura, técnico de voleibol da equipe de vôlei feminino do Osasco Voleibol Clube e da seleção do Peru.

¹⁵² Charles Frederick Kiraly, conhecido como Karch Kiraly, é um ex-jogador de vôlei dos Estados Unidos e atualmente treinador da seleção norte-americana de vôlei.

eu pergunto sobre algumas coisas e quero saber algumas questões a maioria é muito aberto, um ou outro que é mais, eu diria que impõe um pouco mais de dificuldade na troca de informações, até porque eu acho que tem um certo tipo de preconceito, como eu já ouvi de mulher não saber fazer tão bem igual o homem, enfim, alguns tem estas preferências, mas no geral é muito tranquila a relação com eles.

W.S. - Você acredita que a chegada de mais mulheres no cargo de treinadoras contribui/u para modificar as relações com os colegas treinadores? Como?

L.S. – É fundamental, porque o homem ele nunca vai entender a mulher como uma mulher se entende uma mulher, e eu falo isto desde as meninas que eu trabalho de doze até os dezoito anos, claro que não dá para generalizar, até porque no Brasil só se vê técnicos homens, mas acho que falta um pouco das mulheres acreditar um pouco mais, buscar um pouco mais da melhora profissional e literalmente colocar o seu lado feminino para trabalhar, porque a gente tem que ser mais sensível, a gente tem que ser mais atenta, a gente tem que tomar conta mais do time como se fosse literalmente mais sensível, mais mulher mesmo, não tão rígidos como os técnicos assim, não que a gente tenha que ser mais flexível que eles, não é isto, mas a gente tem que ter este olhar feminino em relação a ser técnica de voleibol e manter a eficiência de treinamento, de jogos, de filosofia de equipe que os homens têm muito bem. Eu acho que acrescentar mulheres dentro do meio do voleibol contribui e muito, e se você tiver sempre uma mulher dentro da comissão técnica é óbvio que as meninas vão sentir mais abertas a conversar com ela e o técnico vai ter uma relação interpessoal com a menina ou com a atleta muito melhor, vai entender a pessoa, e aí eu tenho a certeza que a atleta vai render muito melhor.

W.S. - Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no cargo de treinadora em categoria de base? E em categoria adulta?

L.S. – Em categoria de base eu acho que vem em uma crescente: na época que eu jogava era muito raro, muito, muito raro ter uma mulher dentro da comissão técnica, ver uma mulher de técnica de voleibol eu nunca vi, mas ver uma mulher dentro da comissão técnica hoje em dia já é mais visto, inclusive a técnica campeã dos Jogos Escolares no ano passado é uma mulher, a Karina¹⁵³ lá de Santa Catarina da equipe de voleibol de Jaraguá do Sul, mas é uma dentre muitas, Santa Catarina tem bastantes técnicas, a gente

¹⁵³ Karina Patrícia de Souza, treinadora da equipe Jaraguá do Sul, Santa Catarina.

sabe que a gente tem algumas referências, tem ela, tem a Vandeca¹⁵⁴. Mas na base é mais habitual até porque concilia a profissão professora com técnica de voleibol. Agora no adulto é muito difícil, geralmente é auxiliar ou fisioterapeuta, psicóloga, mas técnica de voleibol é muito difícil.

W.S. - Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres treinadoras no voleibol?

L.S. – Sim, não só por achar que não somos capazes, que não realizamos as tarefas tão bem quanto os homens, mas por questões de trato com as meninas eles acham que por serem mais rígidos as meninas vão render melhor e eu não concordo com isto, acho muito pelo contrário, quando você trata as meninas não só como atletas mas também como pessoas, elas vão render muito mais do que quando se trata elas apenas como atletas; acho que falta um pouco ainda da gente em se impor em relação aos homens, não da forma agressiva que acontece, mas profissionalmente falando, ter um currículo tão bom quanto o deles, ter o trabalho dando resultados quanto o deles e é só assim que a gente consegue aparecer, é dando resultado, é trabalhando, é estudando, é se especializando, porque aí não tem como contestar. Nas outras características eles são maioria, eles possuem mais resultados, eles possuem mais oportunidades, até porque eu posso citar um exemplo de quando eu viajei para o Campeonato Brasileiro de Seleções: os técnicos ficam nos mesmos quartos, independente de Estado, e eu sendo mulher não poderia ficar no mesmo quarto com outros técnicos, isto já é um problema, e aí se você vai para um campeonato desses que tem que alojar os técnicos nos mesmos quartos, ser mulher é um problema, então se tiver um técnico homem é preferível que ele vá, ou se tiver duas técnicas mulheres para elas ficarem juntas, então este é um empecilho. Dentro dos congressos técnicos acho que também por ser maioria homem a gente quase nunca é ouvida, claro que escutam o que a gente tem para falar, mas daquele jeito, enfim, cabe a nós buscar este espaço profissionalmente falando, se capacitando, se qualificando, dando resultado e aí fala por si só.

W.S. - Como você avalia a presença de mulheres negras nas comissões técnicas de equipes de voleibol?

¹⁵⁴ Vanderlina Maria Tomasoni Ribeiro, conhecida como Vandeca, atualmente é coordenadora de vôlei no projeto de Nova Trento.

L.S. – Caramba, eu nunca vi, de verdade mesmo; é um tema que está muito em alta né por conta do cenário mundial, e assim, eu nunca vi. A Maria e a Estela que para mim são referências elas são morenas, pardas, não dá para se intitular negras, mas enfim, negra mesmo eu nunca vi.

W.S. - Você percebe alguma mudança relacionada a preconceitos e discriminações de gênero na época em que iniciou a carreira com os dias atuais? Qual (is)?

L.S. – Sim, tem três anos que eu comecei, e na minha época de atleta não tinham muitas técnicas, tinham duas e que estão no mesmo cargo até hoje, eu acho que por conta de não terem se especializado um pouco mais, porque é muito difícil a gente ter voz neste meio que é muito masculino, mas eu percebo que nos cursos da CBV que eu faço, por exemplo, no começo do ano eu fiz o curso nível 3 aqui em Brasília e éramos quatro mulheres para vinte e seis homens, então éramos minoria; no de Minas a gente via já mais de dez mulheres para vinte, trinta homens, então já deu uma aumentada; participei do encontro internacional ¹⁵⁵ agora também e já aumentou também o número de mulheres participando, então assim, a gente nunca vai ser uma quantidade igual, mas só o fato da gente estar ali e eles entenderem que eles tem que, por exemplo, prestar atenção nas conversas que eles possuem com os outros porque tem mulher ouvindo, para mim eu já acho isto um ato de respeito e eu acho muito legal; e querendo ou não, acho que eles vendo a gente participar mais destes cenários que são completamente masculinos, eu acho que eles vão pensar: “Poxa, elas estão aí. Elas estão brigando”, não é porque são mulheres que são melhores ou piores, então a gente tem que brigar do mesmo jeito.

W.S. - Você acredita que a sua chegada no cargo de treinadora contribui/u para romper com as desigualdades de gênero nesse campo? De que forma?

L.S. – Sim, bastante, não era uma coisa que eu tinha em mente, mesmo sabendo que não há muitas técnicas, mas achei que o ambiente iria me receber de uma forma até mais tranquila, mas os relatos que eu ouço hoje em dia, principalmente das pessoas que me veem de fora é muito assim: “Obrigado por estar aí. Obrigado por exercer este papel porque a gente não vê, a gente não observa mulheres aí”. Por exemplo, eu tenho três gerações de meninas que hoje estão na faculdade e que de forma alguma pretendiam um dia ser técnica de voleibol ou mexer com voleibol porque já sabiam que iam encontrar

¹⁵⁵ I Encontro Internacional de Voleibol, evento “online” organizado pela Federação Mineira de Voleibol.

um ambiente masculino e sem oportunidade de inserção, entende, e aí hoje estão buscando isto. Eu tenho que o cenário não é uma questão de se impor, é uma questão de ser trabalhado, de mostrar o currículo e ir apresentando resultados tanto quanto eles, é só assim que vamos ser ouvidas. Hoje em dia em ouço muitos comentários, e principalmente de pessoas que eu não conheço, enfim, rede social está aí para isto, parabenizando pela condição da equipe e por estar neste meio, não de deixar abalar pelas dificuldades, e já ouvi relatos muito, muito legais de verdade, de meninas que não tinham esta oportunidade de pensar em assim: sair da escola e fazer uma faculdade e tentar estar neste meio de voleibol por conta deste machismo estrutural que a gente sabe que existe, a gente já sabe da situação toda, e querendo ou não isto influencia nas meninas que estão vendo, e assim, a partir do momento que uma vê que é possível outras também verão, e aí eu acho que a ideia é fazer cada vez mais que todo mundo acredite; se é da vontade de cada uma participar deste meio eu acho que é uma coisa que sempre vem para agregar, então torço só para que a gente trabalhe não só com meninas, mas também com homens; eu já trabalhei com meninos e eu prefiro inclusive, porque eu acho que eles são mais disciplinados, tem mais respeito, não tem tantos problemas extra quadra, mas hoje eu me vejo mais importante no meio feminino, mas espero estar contribuindo para isto de alguma forma, é uma coisa como eu te disse que não era o meu foco, mas hoje eu já abracei a causa e é isto, vou tentar sempre fazer a diferença onde eu estiver inserida.

W.S. - Você acredita na popularização do cargo de treinadora de voleibol para as mulheres? Qual(is) os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?

L.S. – Acredito sim, acho que a gente está em um caminho legal. Eu particularmente vou brigar muito por isto, eu quero muito estar neste meio mais nacional, mas eu sei que eu preciso me qualificar para isto e, enfim, é uma trajetória longa. Acho que a partir do momento que as pessoas virem que existe sim uma mulher que está brigando, não estou falando só de mim, mas há outras aí que já figuram no cenário nacional e já tem um tempo, e a partir do momento que elas forem ouvidas isto vai começar a trazer mais mulheres para dentro. Eu acho muito importante, acho que realmente a gente tem que primeiro procurar a questão da profissionalização, mostrar resultado, até porque dentro do esporte é inevitável o resultado, ele fala mais do que tudo, e continuar, pois acho que a gente tem um caminho muito longo, a gente tem que procurar um trabalho de formiguinha mesmo: é uma de cada vez, é um degrau primeiro para depois ir pensando

na trajetória; é um processo que eu acho que vai ser um pouco demorado, mas assim, principalmente a influência de outros países neste sentido eu acho que vai ajudar muito: você vê a Lang Ping hoje que já é referência, você vê a seleção americana já começando a trazer mulheres para dentro da comissão técnica, então eu tenho certeza que em Tóquio a gente vai ver mais mulheres dentro de quadra, na parte de fora como comissão técnica mesmo, e assim que a gente vai começar a despertar as pessoas para isto.

W.S. - Há diferenças salariais entre treinadoras e treinadores?

L.S. – Sim, creio que sim. Vendo pelo lado profissional eu ainda não entendo, de verdade, porque as pessoas tem que ser, profissionalmente falando, avaliadas pelo seu trabalho, não pelo seu gênero. Mas eu sei que tem, isto é questão de diferença salarial, e já começa pela falta de mulheres, então assim, vamos citar o meu exemplo: se a pessoa me oferece um salário x, que é um salário muito abaixo de que um homem aceitaria, eu vou, porque eu não tenho nem esta noção. Então a gente, nós mulheres, a gente aceita este tipo de situação porque querendo ou não a gente precisa estar lá dentro, precisa estar inserida, e eu acho que é uma situação que já começa de mudança, você vê aí que na semana passada saiu uma nota¹⁵⁶ da CBF falando que vai equiparar os prêmios individuais para homens e para mulheres; eu não sei como que fica isto para dentro do voleibol, mas como é uma situação estrutural da sociedade em si, eu tenho certeza que isto acontece e que a gente realmente tem que brigar por isto, mas de forma profissional, ter um currículo tão pesado quanto o dos caras, e aí a gente vai brigar por estas mudanças. Mas realmente eu acho que existe, é como eu te falei, eu citei a experiência lá da escola, onde o professor recebia muito mais do que eu, mas eu não tinha nem noção, então eu aceitei. Hoje não é uma objeção, mas eu entendo que a partir do momento que eu for crescendo como profissional pode ser que as coisas melhorem.

W.S. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

L.S. – Então, o comentário é de agradecimento mesmo por estar fazendo esta pesquisa que é um assunto que as pessoas tem como polêmico, mas eu não vejo como polêmico, eu vejo como necessário, eu acho que a gente tem que falar muito sobre isto. Não é normal

¹⁵⁶ A nota pode ser consultada através do link: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/presidente-da-cbf-anuncia-equiparacao-das-diarias-pagas-as-selecoes-br>

um ambiente feminino ter tantos homens dirigindo equipes, é como se a gente não se importasse ou se a gente não fosse capaz, e nós somos, sabemos de várias mulheres que possuem capacidade suficiente para estar lá; e acho que a pesquisa em si já gera esta situação de trazer a problematização para dentro do ambiente como um todo. Torcer para que você publique e que chegue ao maior número de pessoas possíveis, que quanto maior o número de pessoas atingir acho que mais vai ser falado. Como eu disse para você, tomara que a pesquisa dê tudo certo e seja um sucesso total, e se Deus quiser você vai conseguir o êxito, e eu vou usar com certeza a sua pesquisa para o nível 4 que eu vou pleitear daqui um tempo se Deus quiser.

[FINAL DA ENTREVISTA]